

Duvel (1867-1925) (G-17) Natural do Rio de Janeiro, 58 anos, solteiro, diretor de bancos na cidade de São Paulo.

onio Machado (1887-1925) (A-46) Natural de Amarante, Portugal, 38 anos, comerciante.

Alfredo Ellis (1850-1925) (G-51) Nascido em São Paulo, 75 anos, casado, lavrador, político. Propagandista republicano, em 1882 era um dos chefes políticos no município do Rio Claro. Com o advento da República, elegeu-se deputado federal várias vezes e depois senador por São Paulo.

wig Rose (1880-1925) (E-31) Nascido em Riga, Letônia, 45 anos, casado, jornalista, redator do Jornal Alemão de São Paulo. Durante a I Grande Guerra foi o pseudônimo de Paulo da Guerra, em seus artigos.

Nagel (1870-1925) (G-162) Brasileiro, 55 anos, casado, comerciante, falecido em Dresden, de onde veio o corpo embalsamado, pelo vapor Weser.

stavo Adolpho Hoff (1866-1925) (B-23) Natural de Joinville, Santa Catarina, 59 anos, viúvo, lavrador.

Rufus King Lane (1873-1926) (G-35) Natural de St. Louis, Estados Unidos, 53 anos; casado, professor, antigo diretor da Escola Americana.

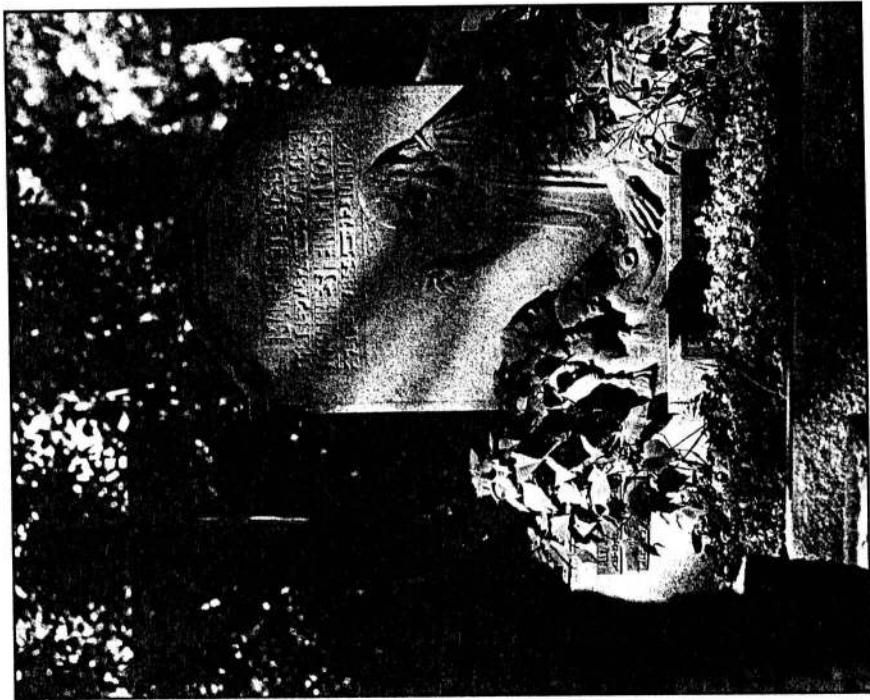
hia Bataillard (1836-1926) (F-52) Natural da Suíça, 90 anos, viúva de Samuel Bataillard, fundador da Empresa Formicida Bataillard. D. Sophia, proprietária desta firma, fez doação em vida de todos os bens constitutivos de sua empresa Igreja Presbiteriana Independente de São Paulo.

Voss (1864-1926) (B-21) Natural da Alemanha, 62 anos, viúvo, comerciante.

José Zacarias de Miranda (1851-1926) (F-39) Natural de Minas Gerais, 75 anos, viúvo. Era alfaiate e músico de profissão. Com dificuldade, sustentando numerosa família, estudou para o ministério e lecionou na Escola Americana pastor em Brotas, Sorocaba, São Paulo e Campinas. "Falava e escrevia com muita correção"; foi redator da Revista das Missões Nacionais, foi polemista, escreveu livros e publicou folhetos.

ed Simeon Boyes (1887-1926) (G-28) Natural de Sorocaba, Estado de São Paulo, 39 anos, casado, industrial, sócio da firma S. Boyes & Cia. de São Paulo racicaba.

é Charles Vanorden (1881-1927) (H-21 e 22) Natural do Rio Grande do Sul, 46 anos, casado, negociante, diretor da sociedade anônima Casa Vanorden,



MEMORIAL DA FAMÍLIA VOSS

- 188) **Oscar Friedenreich** (1862-1929) (G-174) Natural de Blumenau, Santa Catarina, 67 anos, casado, desenhista. No ano de 1916 era desenhista do Escritório Técnico da Secretaria da Agricultura. Comércio e Obras Públicas.
- 189) **Dr. Giles William Lane** (1867-1929) (A-46) Natural do Rio de Janeiro, 62 anos, casado, engenheiro.
- 190) **Theodoro Augusto Busch** (1855-1929) (A-20) Natural da Alemanha, 74 anos, casado, proprietário. Nascido na Pomerânia.
- 191) **Dr. Alfredo Senior** (1866-1929) (F-113) Natural da Holanda, 63 anos, casado, dentista, veio de Nova York, primeiro para o Rio de Janeiro e depois São Paulo. O jornal de 1911 trazem anúncio seu, intitulando-se dentista norte-americano com consultório à rua São Bento nº 51. Era de origem judaica e foi secretário no Clube Internacional de São Vicente, em 1900.
- 192) **Max August Paul Leonhardt** (1859-1929) (G-206) Natural da Alemanha, 70 anos, casado. Morou 23 anos no Rio de Janeiro. Em São Paulo, foi proprietário de armazém de gêneros do país e molhados a varejo à rua Conselheiro Nébias nº 22-B. Foi também comissário com casa de comissões e consignações à rua do Triunfo nº 49. Em 1891 constava da lista dos principais habitantes de São Paulo.
- 193) **Carlos Guilherme Braune** (1886-1930) (G-198) Natural de São Paulo, 44 anos, solteiro, negociante.
- 194) **Augusta Off Haitzinger** (1865-1930) (G-135) Natural de Joinville, Santa Catarina, 65 anos, viúva, proprietária.
- 195) **João Dierberger** (1869-1931) (G-126) Natural da Alemanha, 62 anos, casado, comerciante e horticultor. A firma Dierberger Agrícola Ltda., fundada em 1893 por João Dierberger, em Limeira, tornou-se o maior horto mundial de viveiros de pés de café. Proprietário de floricultura e horticultura à rua da Consolação, em São Paulo, onde negociava sementes e plantas. Foi responsável pela arborização do Largo São Bento, no ano de 1889.
- 196) **Otto Hentschel** (1874-1932) (G-199) Natural do Rio de Janeiro, 58 anos, casado. Durante 27 anos foi auxiliar da Casa Hugo Heise, que negociava artigos sanitários, lustres de cristal da Boêmia e de bronze, em São Paulo.
- 197) **Eduardo Freyestebeim** (1866-1932) (G-26) Natural da Áustria, 66 anos, viúvo, antigo auxiliar da firma Machado-Kawall & Cia., desta praça.
- 198) **Paulo Witte** (1900-1932) (G-66-A) Natural de São Paulo, 32 anos, casado, pro-

dada pelo falecido pai e ampliada pelos filhos no bairro da Mooca-Brás. Era presa de impressão, gravação, fazendo todo o trabalho das estradas de ferro, com empresas inglesas, com movimento bastante importante. Por ocasião da aquisição do terreno do Cemitério Redentor. René colaborou ativamente com a sociedade Cemitério dos Protestantes.

berto Fraendorff (1859-1927) (H-9 e 10) Natural da Alemanha, 68 anos, casado, comerciante e dois anos depois, para São Paulo, em 1887. Era comerciante e foi co-fundador da Escola Alemã de Vila Mariana. Foi ainda presidente da sociedade de Canto Lyra.

nothy Tinton (1839-1927) (G-178) Natural da Inglaterra, 88 anos, casado, fabricante. Veio para São Paulo, cerca de 50 anos antes, a convite do coronel José Rodovalho, para fundar e dirigir a Companhia Cantareira, iniciadora dos serviços de água e esgotos de São Paulo. Era engenheiro e aparelhador. A firma estabelecida que negociava encanamentos para águas e esgotos.

red Henry Holland (1886-1927) (G-96) Natural da Inglaterra, 41 anos, casado, lavrador domiciliado na Fazenda Cocuis, em Santa Cruz do Rio Pardo. Era representante da Santa Cruz Coffee Company Limited.

rios Frederico Asbahr (1865-1927) (B-13) Natural de São Paulo, 62 anos, casado, comerciante em São Paulo; foi antigo auxiliar da Casa Bromberg & Cia.

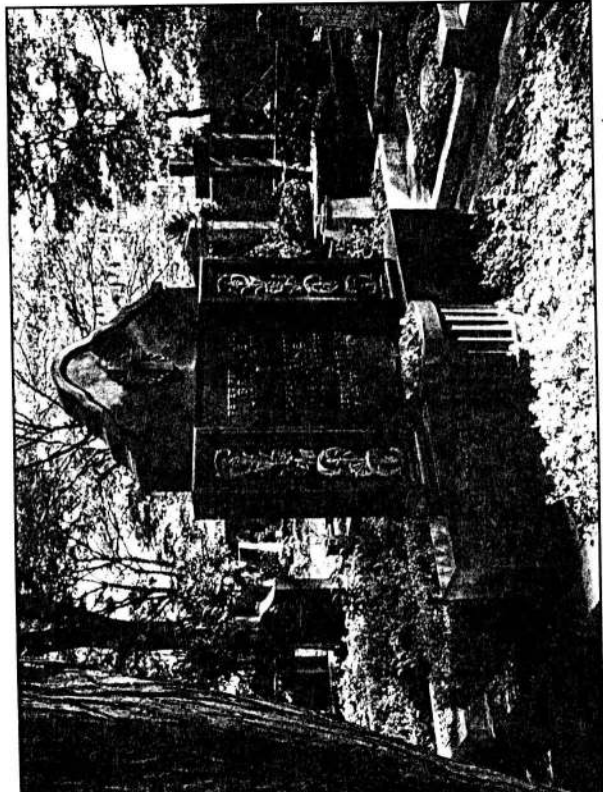
varo Peixoto (1870-1928) (H-1-2) Natural do Estado do Rio de Janeiro, 58 anos, casado, negociante aqui estabelecido.

Bernardo Frederico Diederichsen (1905-1928) (G-122) Natural de São Paulo, 23 anos, solteiro, filho do industrial Ernesto Diederichsen.

rique Book (1874-1928) (G-114) Natural da Alemanha, 84 anos, casado, residente no Almanaque de São Paulo como proprietário de um depósito de madeira à rua Vitória, no ano de 1884.

raão Amzalak (1855-1929) (G-157) Nascido em Lisboa, Portugal, 73 anos, casado. Era corretor de fundos públicos no Rio de Janeiro e preposto de um sobrinho Maurício Henschel. Sócio titular de Amzalak & Cia., no Rio de Janeiro. Sua importância na comunidade judaica ficou evidenciada pelo fato de ter sido um "dos seis eminentes israelitas que publicaram um apelo em nome dos judeus perseguidos na Rússia" dirigido à população carioca, em julho de 1891.

602



MEMORIAL DA FAMÍLIA BRAUNE

- prietário de casa comercial na cidade do Rio de Janeiro.
- 199) **Adolpho Wurgler** (1879-1932) (G-196) Natural da Suíça, 58 anos, casado, veio para o Brasil na infância. Por longos anos exerceu atividades como industrial em São Paulo. Era também fazendeiro na cidade de Rincão, Estado de São Paulo.
- 200) **Wilhelm Rupp** (1873-1933) (G-129) Natural de Bretten, Alemanha, 60 anos, casado. Veio para São Paulo em 1892 e fez carreira rápida no *Brasilianische Bank Fuer Deutschland*, depois Banco Brasileiro Alemão. Fundou em Porto Alegre e na Bahia filiais da matriz de Hamburgo. Voltou para São Paulo como diretor do Banco Alemão Transatlântico. Quando faleceu era diretor da fábrica de produtos alimentícios Vigor.
- 201) **Joaquim Alves Corrêa** (1864-1933) (G-72) Natural de João Pessoa, Paraíba, 69 anos, casado. Inscreveu-se no funcionalismo público e em 1890 começou a trabalhar para a Caixa Econômica Federal; galgou todos os postos até o cargo de gerente, que ocupou até falecer. Foi presbítero da 1ª Igreja Presbiteriana Independente de São Paulo, vigoroso polemista, um dos fundadores do jornal *O Estandarte* em 1893.
- 202) **Theodoro Hennies** (1869-1933) (G-38) Natural da Alemanha, 64 anos, casado, estabelecido com a Tipografia Hennies, Irmão & Cia. Pessoa importante na comunidade alemã, organizou uma lista dos cartões de visitas que fazia. Foi presidente da Escola Alemã de Vila Mariana.
- 203) **Arthur Normanton** (1875-1934) (F-43) Natural de Campinas, Estado de São Paulo, 59 anos, engenheiro da Light & Power. Em seu túmulo há a inscrição "—Ao Chefe Amigo— Os Empregados da Transmissão e Distribuição The S.P.L.P.O Ltda".
- 203) **William Hoffmann** (1870-1934) (G-32) Natural da Alemanha, 64 anos, casado, negociante nesta praça.
- 205) **John Snape** (1872-1934) (G-85) Natural de Leningrado, Rússia, de nacionalidade inglesa, 62 anos, viúvo, antigo corretor em São Paulo.
- 206) **Julio Adolpho Birle** (1878-1934) (D-31) Natural de Pernambuco, 56 anos, viúvo, joalheiro como Adolpho Birle, seu falecido pai.
- 207) **Charles James Williams** (1854-1934) (A-46) Natural de Londres, Inglaterra, 80 anos, casado, dentista.
- 208) **Dr. Mario Gravenstein Borges** (1896-1935) (D-25) Natural do Rio de Janeiro, 39 anos, casado, engenheiro civil, filho do Dr. José Maria Borges e Elisabeth Gravenstein Borges.

orge Bagott (1848-1935) (G-83) Nascido em Suffolk, Inglaterra, 86 anos, proprietário fundador da Casa The English Store, no ano de 1886, à rua que de Caxias nº 35. A firma, progredindo, transferiu-se em 1911 para armazéns maiores na mesma rua. Negociava com toda a sorte de comestíveis finos, artigos para toalete, ferragens, artigos finos de manufatura estrangeira e artigos fabricação nacional.

ilhelm Rieckmann (1866-1935) (G-213) Nascido em Wiesen, Alemanha, 69 anos, veio para o Brasil com 20 anos de idade. A princípio empregado, depois abeleceu-se por conta própria em Campinas. Em 1906, formou a firma Rieckmann & Cia., que já existia desde 1891, sob outra razão. Importadores de produtos dos portos brasileiros de Mossoró e Macau, importadores de ferragens, porcelanas e outros, firma importante pelo vulto de seus negócios.

luardo Pinto de Almeida (1874-1936) (G-104) Natural do Rio Grande do Sul, 62 anos, casado, comerciante.

elena Zerrenner (1865-1936) (G-88) Nascida em Striegan, Alemanha, naturalizada brasileira, 71 anos, viúva do industrial Antonio Zerrenner, viveu no Brasil mais de 40 anos. Teve participação ativa nas empresas do falecido marido, principalmente na Companhia Antártica Paulista e na Companhia Cafeteira de São Paulo. Tomou parte nos movimentos de caráter beneficente em São Paulo.

luardo Avé-Lallement (1889-1936) (D-18) Natural de São Paulo, 47 anos, lteiro, comerciante.

opolido Schmidt (1881-1936) (G-190) Natural de Joinville, Santa Catarina, 55 anos, casado, comerciante, sócio da Casa Rosenhain.

illiam Holland (1858-1936) (G-108) Natural de Londres, Inglaterra, 78 anos, casado, funcionário aposentado da São Paulo Railway Company.

edro de Melo Souza Jr. (1851-1936) (G-137) Nascido em Capivari, Estado de São Paulo, 85 anos, viúvo, arquiteto e construtor, com escritório à rua São Paulo nº 24. Seu nome consta do Almanaque de São Paulo de 1895.

elena Betencourt (1912-1936) (F-46) Natural de São Paulo, 24 anos, solteira, professora, noiva de Roberto Weidt, professor da Escola Alemã de Vila Mariana.

osé Domingos Corrêa (1868-1936) (G-67-A) Natural de Portugal, 68 anos, casado, comerciante.

- 219) **Oscar Rossi** (1906-1936) (C-105) Brasileiro, 30 anos, casado, pintor.
- 220) **Emílio Riedel** (1864-1937) (C-93) Natural de Leipzig, Alemanha, 73 anos, casado, negociante, fundador e proprietário da fábrica de clichês E. Riedel & Ltda.
- 221) **Germano Kellner** (1877-1937) (G-48) Natural do Estado de Santa Catarina, 60 anos, casado, negociante.
- 222) **João Kurth** (1859-1937) (B-5) Natural de São Paulo, 78 anos, solteiro, proprietário. Filho do falecido Wilhelm Kurth.
- 223) **João Kuck** (1851-1937) (G-27) Natural da Alemanha, 86 anos, viúvo, negociante.
- 224) **Dr. Pedro Lameira de Andrade** (1881-1938) (E-32) Natural do Rio de Janeiro, 57 anos, casado, advogado.
- 225) **José Gomes Martins** (1871-1938) (A-18) De nacionalidade portuguesa, 67 anos, casado, proprietário.
- 226) **Dr. Arthur Gillum Krug** (1863-1938) (G-17) Natural de Fresno, Califórnia, Estados Unidos, 75 anos, casado, engenheiro civil. Durante muitos anos prestou serviços ao governo do Estado de São Paulo em obras públicas, em obras particulares e na Cia. Paulista de Estradas de Ferro, principalmente no ramal de Ribeirão Bonito. Quando moço, fez todo o levantamento da estrada que devia partir de Taubaté até Ubatuba.
- 227) **George Harrah Ralston** (1866-1938) (G-42) Natural do Rio de Janeiro, de nacionalidade canadense, 72 anos, casado, general canadense.
- 228) **João dos Santos** (1869-1938) (C-108) Nascido em São João Del Rey, Minas Gerais, 69 anos, casado, farmacêutico. Estabelecido à rua São Bento, com a Farmácia e Drogaria Santos. Foi diácono da 1ª Igreja Presbiteriana Independente de São Paulo, durante trinta anos.
- 229) **Julius Carlos Boepple** (1866-1938) (A-12) Natural de Holstein, Alemanha, 71 anos, casado, chapelheiro.
- 230) **Dr. William Alfred Wadell** (1862-1939) (G-112) Nascido em Bethel, Nova York, Estados Unidos, 77 anos, casado. Engenheiro formado pela Universidade de Union, Schnectady, e pastor formado pelo Seminário de Princeton, Estados Unidos. Foi missionário na Bahia, diretor de escola em São Paulo. Diretor do Curso Universitário José Manoel da Conceição. Foi deão e presidente do Colégio Mackenzie.
- 231) **Emílio Wysling** (1873-1939) (G-122) Natural da Suíça, brasileiro naturalizado,

anos, casado, corretor oficial de câmbio na cidade de Santos.

Augusto Ferdinando Frick (1878-1939) (D-28) Natural de Lyusnarberg, na Alemanha, 62 anos, casado, escultor. Morou 26 anos em São Paulo. Foi professor no Instituto Profissionalizante Masculino de São Paulo.

Paul Drechsler (1878-1939) (B-4) Natural da Alemanha, 61 anos, casado, senista. Trabalhou como desenhista para a fabricação de rendas, em São Paulo. Foi sócio da Turnerschaft von 1890, em São Paulo.

v. Robert Frederic Lenington (1871-1939) (G-111-B) Natural de Rio Claro, estado de São Paulo, 68 anos, viúvo, filho do missionário Robert Lenington, leido em 1903. Fez estudos teológicos nos Estados Unidos e ordenou-se em 1906. Seu campo de ação foi o Sul do país, principalmente o Estado do Paraná. Foi professor do Curso José Manoel da Conceição. Desde 1932, foi professor no Seminário de Campinas, pastorando igrejas também.

v. Vicente do Rego Themudo Lessa (1874-1939) (F-99) Natural de Palmares, Pernambuco, 65 anos, casado, pastor evangélico. Um dos sete ministros organizadores da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil, em 31-7-1903. Evangelizador, viajou muito pelo país. Professor, historiador evangélico, jornalista, colaborador de O Estandarte. Arquivista, legou-nos precioso acervo e a importante obra: *Anaes da 1ª Igreja Presbiteriana de São Paulo* entre 1863 e 1903, além de outros livros de sua autoria.

Guilherme Wessel (1863-1940) (C-41) Natural de Concepción del Uruguay, república Argentina, 77 anos, casado, comerciante. Fundador e proprietário da fábrica de cartões e passe-partouts Guilherme Wessel, fundada em 1900. Egoiciava cartão especial para quadros e passe-partout de todos os tamanhos e formatos.

neodor Jorge Ludovico Carlos Weber (1900-1940) (G-144) Natural da Alemanha, 40 anos, solteiro, industrial. Fundador e colaborador de S/A Instituto de Farmacêuticos Reunidos, Labofarma, também do Instituto Purissimus e do Instituto Selecter, de São Paulo.

ugo Moebius (1867-1940) (A-12) Natural da Alemanha, 73 anos, casado, comerciante.

ev. Manoel Antonio de Menezes (1849-1941) (A-32) Natural da Ilha da Madeira, Portugal, 92 anos, casado, brasileiro naturalizado. Fez estudos em Lon-

dres, foi pastor da Igreja Presbiteriana de Lisboa até 1886. Cooperou na hinologia portuguesa; há muitos hinos de sua autoria em nossos hinários. Pastoreou aqui em diversas igrejas, tanto no Estado de São Paulo como em Minas Gerais. Lecionou na Escola Americana. Esteve na Europa diversas vezes.

240) Stanislaus Hermann Ottomar Pachur (1872-1941) (G-122) Natural de Berlim, Alemanha, 69 anos, casado, comerciante. Procurador da firma Theodoro Wille & Cia., em Santos. Desde 1936 até seu falecimento, foi cônsul da Alemanha na cidade de Santos.

***241) Ludwig Horeysek** (1889-1941) (G-53) Natural da Alemanha, 52 anos, casado, importador. Diretor da firma Stahlunion Limitada de São Paulo.

242) Claudio Cardo (1896-1941) (H-13-14) Natural de São Paulo, 45 anos, casado, "deixa filhos menores e bens". Era chefe dos escritórios da Companhia de Gás de São Paulo.

243) Robert Warda (1898-1941) (G-44-45) Natural da Alemanha, brasileiro naturalizado, 43 anos, casado, comerciante.

244) Mary Carolina Zacrisson (1883-1941) (E-7) Natural da Suécia, 58 anos, casada, professora de línguas.

245) Dr. William Gordon Speers (1875-1941) (D-1) Nascido em São Paulo, 66 anos, solteiro, médico, operador e parteiro. Estudou na Inglaterra, cursou o St. Mary's Hospital, da Universidade de Londres, e habilitou-se pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Médico do Hospital Samaritano, da São Paulo Railway Company e outros, com consultório particular à rua São Benedito nº 63.

246) Carlos Kruss (1871-1942) (G-76) Natural de São Paulo, 71 anos, solteiro, proprietário.

247) Dra. Marie Renotte (1852-1942) (B-44) Natural de Wandre, Bélgica, 90 anos, solteira, médica. Tomou parte na Diretoria da Cruz Vermelha Brasileira e idealizou a fundação de um hospital para crianças em 1912. Em dezembro de 1919, o Hospital foi inaugurado no bairro de Indianópolis, em São Paulo.

248) Franz Augusto Carlsson (1865-1943) (H-19-20) Natural de We, Suécia, 78 anos, casado, arquiteto.

249) Laura Annesley Chamberlain Wadell (1868-1943) (G-112) Natural de São Paulo, 75 anos, viúva, filha do Rev. George W. Chamberlain e de Mary Annesley

berlain, missionários presbiterianos e fundadores da Escola Americana, e es-
a do Rev. Dr. William Wadell, presidente do Colégio Mackenzie, todos falecidos.
Iter Krausse (1879-1943) (F-82) Nascido na Saxônia, Alemanha, natura-
do brasileiro, 64 anos, casado, comerciante.
mann Robert Johann Müller (1891-1943) (G-154) Natural da Alemanha,
anos, casado, engenheiro.

é de Barros (1916-1943) (G-120) Natural de Baependi, Minas Gerais, 27
s, casado, piloto militar, residente na Base Aérea do Galeão. Sua morte foi
sada por acidente.
lhelm Richers (1852-1943) (G-144) Natural de Lüneburg, Alemanha, 91
s, casado, comerciante desde 1877. Trabalhou com o importador Gustavo
:kheuser e desde 1909 foi sócio da firma Schmidt, Trost & Cia. Escreveu as
iniciências de sua vida e escreveu sobre o Cemitério Evangélico em Santos.
Dr. Bento Ferraz (1866-1944) (H-20) Natural de Araraquara, Estado de
Paulo, 78 anos, viúvo, pastor evangélico, advogado e professor. Um dos sete
nistros organizadores da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil em 1903.
i dos fundadores do jornal O Estandarte. Jornalista, polemista, professor, seu
istério foi longo, 53 anos pregando nas cidades de São Paulo e de Campinas
n outros Estados também.

Eliezer dos Santos Saraiva (1879-1944) (D-3) Natural de São José, San-
Catarina, 65 anos, casado. Engenheiro civil formado pelo Colégio de
ckenzie. Foi assistente chefe do Instituto Astronômico e Geográfico de
o Paulo. Diretor-superintendente das Escolas Dominicais da Igreja
sbitariana Unida de São Paulo. Secretário geral da União Sul-Americana
Esforço Cristão.

imi Meytre (1889-1944) (F-118) Natural de Genebra, Suíça, 55 anos, soltei-
professora.

mar Le Mang (1901-1944) (G-123) Natural da Austrália, 43 anos, solteiro,
fessor.

lliam James Crook (1880-1945) (E-24) Natural de Filadélfia, Estados Uni-
i, naturalizado brasileiro, 65 anos, casado, dentista. Anunciava nos jornais de
l seu consultório à rua São Bento, nos altos da Casa Fretin, intitulando-se
uista norte-americano.

259) Henrique Hennies (1865-1945) (G-67-A) Natural da Alemanha, 80 anos, casa-
do, trabalhando como tipógrafo em São Paulo desde 1914. Era sócio de Theodoro
Hennies, seu irmão, na firma Tipografia Hennies, Irmão & Cia.

260) Georg Paul Hermann Friese (1880-1945) (F-122) Natural da Alemanha,
brasileiro naturalizado, 65 anos, viúvo, comerciante, trabalhava com escritório
de representações, comissões e consignações, à rua São Bento nº 100. Foi ídolo
do futebol e do atletismo paulista durante longos anos. Representou o Brasil nos
Jogos Olímpicos de 1907, em Montevideu, saindo vencedor das corridas de sua
especialidade: 800 e 1.500 metros.

261) Gustavo Edwall (1862-1946) (G-78) Natural da Suécia, 84 anos, viúvo. Escre-
veu "Ensaio para uma sinonímia dos nomes populares das plantas indígenas do
Estado de São Paulo", que foi publicado pela Comissão Geográfica e Geológica
de São Paulo, Boletim nº 16, no período presidencial do Dr. Jorge Tibiriçá,
em 1906.

262) Carlos Wigando Kohler (1877-1947) (B-16) Natural de Joinville, Santa Catarina,
70 anos, casado, comerciante.

263) Dr. João Paulo Martinho Lehfeld (1870-1947) (G-137) Natural de Hamburgo,
Alemanha, brasileiro naturalizado, 77 anos, casado, advogado e lavrador. Iniciou
estudos superiores na Europa, concluiu-os na Faculdade de Direito do Largo São
Francisco, em São Paulo. Foi redator do jornal Deutsche Zeitung. Foi várias vezes
presidente da Sociedade Germânia, que se dedicava ao auxílio social ao imigrante
alemão.

264) Herbert James Singleton Boyes (1881-1947) (G-219) Nasceu em Swinton,
Manchester, Inglaterra, brasileiro naturalizado, 65 anos, casado, industrial. Estu-
dou na Universidade de Manchester. Fabricante de tecidos, e presidente da Soci-
edade Anônima Boyes. Falecido a bordo em viagem para os Estados Unidos, de
onde o corpo veio embalsamado para sepultamento.

265) Dr. Frederico Luiz Dulley (1873-1947) (C-71-A) Natural de São Paulo, 74 anos,
casado, filho de Charles D. Dulley e Anna Luiza Dulley. Em 1922, era o diretor
do Colégio Dulley em São Paulo.

266) Emilio Franz Egenhardt Bamberg (1866-1948) (G-211) Natural de São Paulo,
82 anos, casado, pastor luterano e professor. Ele celebrava os ofícios religiosos
no recinto da Escola Alemã, já há um ano, quando em fins de 1892 foi chamado

606

ocupar o cargo de diretor da escola. "Homem de grande experiência pedagógica", sua direção trouxe inovações para a referida escola.

lieb Habesch (1879-1948) (G-164) Natural de Straboniec, Checoslováquia, casado, industrial. Em 1914, trabalhava com ferro no ramo de serralheria.

s Henry Barthelemy (1889-1948) (F-41) Natural da França, naturalizado americano, 59 anos, casado, engenheiro.

avo Frederico Backheuser (1881-1948) (F-31) Natural do Rio de Janeiro, 67 anos, casado, comerciante. Figurava na lista das pessoas mais importantes de São Paulo, no ano de 1891, como importador instalado à rua José Bonifácio nº 43.

ardo João Pülschen (1869-1949) (G-216) Natural de Valparaíso, Chile, 80 anos, desquitado, comerciante. Era sócio da firma Rieckmann & Cia., importador de artigos de borraça, a partir de 1921 ampliou os edifícios para a manufatura de artigos de borraça, a ebonite, borraça boa para a manufatura de artigos variados.

rique Carlos Hennies (1897-1949) (G-38) Natural de São Paulo, 52 anos, filho de Theodoro Hennies. Com a morte de seu pai, a firma Hennies & Hennies — Tipografia a Vapor, organizou-se sob nova razão social como Hennies & Hennies, no ano de 1934 e ele ficou sendo um dos 3 sócios solidários, saindo em 1946. No ano de 1946 era acionista da Intercâmbio Eletro-Mecânico IEM — Indústria e Comércio S.A., na cidade de São Paulo.

y de Morais Corrêa (1914-1949) (G-67-A) Natural de São Paulo, 35 anos, professora.

Fernando Braga Pereira da Rocha (1894-1949) (C-153) Natural de São Paulo, 55 anos, casado, advogado. Filho do Dr. Inácio Pereira da Rocha.

esto Diederichsen (1877-1949) (G-132) Natural de São Paulo, 72 anos, casado, industrial. Diretor presidente e organizador de grande número de indústrias, como o Cotonificio Adelina, Argos Indústria S.A., Fiação para Malharia

Indiana, etc. Foi sócio e chefe da extinta firma Theodor Wille & Com. Figura de destaque nos meios econômicos.

276) David Mosser (1887-1950) (E-47) Natural de Leslem, Áustria, 83 anos, viúvo, engenheiro civil.

277) Friedrich Carl Bergfeld (1889-1950) (E-48) Natural da Alemanha, 61 anos, solteiro, industrial.

278) Carlos Germano Corner (1885-1950) (A-5) Natural do Estado de São Paulo, 65 anos, desquitado, industrial. Gerente do Moinho Paulista, em São Paulo. Há em seu túmulo a placa com a inscrição "Homenagem do Sindicato da Indústria do Trigo do Estado de São Paulo".

279) Charles John Dullely (1868-1950) (G-168) Natural de São Paulo, 82 anos, viúvo, engenheiro. Filho de Charles Dullely e Ana Fox Dullely.

280) Milda Francisca Poetzsch Kugler (1875-1950) (H-1-2) Natural de Reichenback, Alemanha, 75 anos, viúva, parteira.

281) Dr. Arthur Ravache (1877-1950) (B-19) Nascido em São Paulo, 73 anos, casado, advogado e banqueiro. Estudou no Colégio São Luís, em Itu, cursou a Escola Politécnica de São Paulo e a Faculdade de Direito de Niterói. Foi diretor, por 30 anos, do Banco Brasileiro Alemão e do Banco Noroeste do Estado de São Paulo. Demitindo-se das atividades bancárias, dedicou-se à advocacia. Sócio nº 1 do Sport Club Germânia, pertenceu a várias diretorias deste clube.

282) Altina Rodrigues de Albuquerque Freitas (1869-1951) (F-29) Natural de Indaiatuba, Estado de São Paulo, 82 anos, viúva, professora aposentada.

283) Jairo Bueno de Camargo (1883-1951) (B-12) Natural de São Paulo, 68 anos, casado. Foi professor da Escola Normal da Praça da República. Na 1ª Igreja Presbiteriana Independente de São Paulo, exerceu o cargo de diácono.

284) Alberto Cristiano Wilhelmsen (1913-1951) (G-110) Nascido em São Paulo, 38 anos, industrial, deixou dois filhos. Sócio da Artefatos de Madeira Willo Ltda. Há em seu túmulo a placa: "Ao seu inesquecível Diretor e amigo — Homenagem de seus colegas da União Brasileira de Aviadores Civis".

285) Francisco Frauentorf (1890-1952) (D-87) Natural de São Paulo, 62 anos, casado. Diretor presidente da S.A. Fábricas Orion e um dos diretores da Tecelagem e Fiação Saturno.

Adolph Buckup (1866-1952) (D-18) Natural de Altona, Alemanha, 86 anos, casado, comerciante estabelecido com a firma P. Buckup & Cia.
Avio Hennies (1908-1952) (G-68-A) Nascido em São Paulo, 44 anos, casado, do falecido Henrique Hennies. Em 1938, foi admitido como sócio solidário de Hennies & Cia., permanecendo a firma sob a mesma razão social e no mesmo endereço da rua Riachuelo e saindo 3 dos 4 sócios anteriores.
nora Elisabeth Malfatti (1866-1952) (C-21) Nascida em Fresno, Califórnia, Estados Unidos, 86 anos, viúva, pintora e professora de línguas. Foi esposa do Samuel Malfatti, engenheiro italiano, e filha do Dr. Guilherme Krug, radicados em Campinas. Estudou pintura com o pintor Carlo De Servi e, como ele, participou da Exposição Nacional de 1908, no Rio de Janeiro, sendo premiada. Mãe da ora Anita Malfatti e figura fundamental em sua iniciação artística.
ncisca Leme Themudo Lessa (1874-1952) (F-98) Natural de Areias, Estado de São Paulo, 78 anos, viúva do Rev. Vicente Themudo Lessa, professora.
ert Schwab (1952) (G-140) Nascido em Stuttgart, Alemanha, idade ignorada. Proprietário do Hotel Albion, no ano de 1929, que ficava nas proximidades da estação da Luz e da Sorocabana. Seu nome consta da Lista de Judeus nos arquivos do Brasil Republicano. (*)
Hermann Neuberger (1892-1952) (A-19) Natural da Alemanha, 60 anos, casado, fundador e proprietário das Máquinas Neuberger Indústria e Comércio Limitada.
rique Roberto Max Beck (1877-1953) (E-40) De nacionalidade alemã, 77 anos, casado, negociante.
ira Boyes (1866-1953) (G-219) Nascida em São Paulo, 87 anos, viúva de Robert J. Singleton Boyes, falecida na Inglaterra, de onde veio o corpo embalsamado. Presidente da Companhia Industrial e Agrícola Boyes.
n Harrison (1905-1954) (G-125) Natural de São Paulo, filho de ingleses, 49 anos, casado, trabalhava na firma Chiclete Adams Limitada.
Is Holger Wilhelmson (1880-1954) (G-110) Natural da Dinamarca, 74 anos, casado, fundador da Artefatos de Madeira Willo Ltda.

Albert Schwab não está registrado nos livros de sepultamento, como acontece em vários casos. Consta da lista da ACP, com o ano de falecimento e o número do túmulo. O livro acima mencionado, contra a lista de judeus, é de autoria de Egon e Frieda Wolff.

- 296) **Henrique Schiefferdecker** (1883-1954) (G-54) Nascido em São Paulo, 71 anos, casado. Estudou na Escola Alemã, industrial, chefe da firma individual H. Schiefferdecker. Era diretor presidente da Fiação S. Leopoldo S/A, da Fábrica Fi-El Ltda., da Linharte S/A e da Cia. Agro Pecuária e Industrial de Itaiç-Capital. Era ainda membro do Conselho Consultivo de Porcelana Real S/A, da Porcelana Schmidt S/A e da Porcelana, Steatita e Magnésia S/A.
297) **Walter Kaltenbach** (1908-1955) (F-38) Natural da Alemanha, brasileiro naturalizado, 46 anos, casado, comerciante. Diretor da Casa Rosenhain S/A, Indústria e Comércio.
298) **Henrique Sindt** (1882-1955) (G-82) Natural de Prasdorf, Alemanha, 73 anos, casado, comerciante, trabalhou na firma Bromberg, Hacker & Cia., em São Paulo, especializado em "toda a espécie de instalações industriais, usinas elétricas e hidráulicas, fábricas de fiação, cervejarias", etc.
299) **Antonio Diedericksen** (1875-1955) (G-122) Natural de São Paulo, filho de Bernardo Diedericksen, 80 anos, solteiro, industrial e comerciante que muito contribuiu para o desenvolvimento da cidade de Ribeirão Preto, onde faleceu.
300) **Iliones Percival Speers (Thomas)** (1879-1956) (D-1) Natural de São Paulo, 77 anos, viúvo, um dos antigos diretores da São Paulo Railway Company, hoje Estrada de Ferro Santos-Jundiá. De 1928 até 1931, ele toma parte no Conselho de Administração da São Paulo Railway Company Ltda.
301) **Dr. Paul Oswald Seifert** (1883-1956) (G-39) Natural da Alemanha, 73 anos, viúvo. Engenheiro-chefe da Torque S/A Indústria e Comércio de Máquinas Elétricas, de Araras, Estado de São Paulo.
302) **Emil Schneider** (1893-1956) (B-3) Nascido em Kassel, Alemanha, 63 anos, solteiro, professor. De 1923 a 1926, percorreu a Inglaterra, Bélgica e Itália. Veio para o Brasil, lecionou em Blumenau e depois de 1934, já em São Paulo, foi professor de uma pequena escola alemã no bairro da Lapa.
303) **Albert Edward Holland** (1884-1956) (G-94) Natural de São Paulo, 72 anos, casado. Estudou no colégio Anglo-Brasileiro em São Paulo. Engenheiro gerente da Fábrica de São Paulo Gás Co. Ltda. desde 1922.
304) **Dr. Roberto Schmidt** (1878-1957) (C-152) Nascido em Joinville, Santa Catarina, 79 anos, casado, dentista em São Paulo.
305) **Arthur Bose** (1873-1957) (A-30) Natural de Leipzig, Alemanha, 84 anos, viúvo, brasileiro naturalizado. Veio para São Paulo em 1913 e montou uma oficina me-

- ca e elétrica. Depois foi funcionário e diretor da Bender & Wolter Ltda.
- erto Koch** (1885-1957) (G-46) Natural de Eisleben, Alemanha, brasileiro naturalizado, 72 anos, casado, filho do falecido Otto Koch. Proprietário do Hotel desta, na cidade de Poços de Caldas, fundado em 1952.
- omas Frederich Harrison** (1901-1957) (G-125) Nascido em São Paulo, filho de ingleses, 56 anos, casado, comerciante. Estudou no Colégio Mackenzie. Foi gerente da General Tire & Rubber Co. of Brazil, com escritório à rua 24 de Maio.
- t Gallenkamp** (1882-1957) (G-191-A) Natural da Alemanha, 75 anos, casado. Foi procurador do Banco Germânico da América do Sul até o seu fechamento em 1942. Antes trabalhou na firma R. Woehrl, agência de turismo.
- org Albert Opitz** (1879-1958) (G-1) Natural da Alemanha, 79 anos, casado, comerciante em São Paulo. Estudou no real Ginásio de Zwickau, comercializou no têxtil e participou da I Grande Guerra na Alemanha. Vindo para o Brasil, trabalhou na firma Mercansul S/A, importadores, em 1920. Em 1940 era agente da Companhia Internacional de Seguros.
- lexandre Walter Sempke** (1920-1958) (C-37) Natural de São Paulo, 38 anos, casado, funcionário da S/A Moinho Santista Indústrias Gerais. Há uma placa no túmulo: "A Alexandre Walter Sempke — Homenagem de seus colegas e companheiros de trabalho"
- iano Schmidt** (1900-1958) (C-63) Natural de Joinville, Santa Catarina, 58 anos, casado. Fundador e primeiro presidente da Fundação Tupy S/A, fundada em 1938, tem seu nome vinculado ao desenvolvimento de Joinville. De início a pequena forjaria com 60 funcionários, em meio século transformou-se na maior fundição independente da América Latina.
- to Paul Martin Fröhlich** (1904-1958) (F-104) Natural de Dresden, Alemanha, 54 anos, casado. Foi professor de música na Escola Alemã, atual Colégio sconde de Porto Seguro.
- uardo Pereira de Magalhães** (1908-1959) (F-127) Natural de São Paulo, 51 anos, casado, comerciante. Estudou no Curso José Manoel da Conceição e no Seminário Unido do Rio de Janeiro e, por vários anos, exerceu o ministério evangélico. Dedicou especial atenção à mocidade, através de escritos em livros e em artigos no jornal O Estandarte.
- 313) Ida Eloise Kolb** (1890-1959) (G-111-D) Natural do Estado da Bahia, filha do Rev. John Benjamin Kolb e Keziah B. Kolb, 69 anos, solteira, professora. Lecionou na Escola Americana de Curitiba, onde também foi diretora. Em São Paulo, foi diretora do Internato Feminino do Mackenzie e diretora da Escola Americana. Foi homenageada dando nome a uma avenida.
- 314) Max Engelhardt** (1875-1959) (B-46) Nascido na Alemanha, 84 anos, casado, comerciante. Em 1913 era sócio solidário da Casa Alemã, que negociava fazendas, modas e costuras e possuía instalações e vitrines luxuosas e até elevadores, inaugurada em 1910. As mercadorias eram todas importadas da Europa. Foi homenageado dando nome a uma rua.
- 315) Friedrich Bruno Karl Wehner** (1876-1959) (G-159) Natural de Breslau, Alemanha, 83 anos, solteiro, cartógrafo.
- 316) Josué Bueno de Camargo** (1882-1959) (G-74) Natural de São Paulo, 77 anos, solteiro, engenheiro. Filho de José Bueno de Camargo, falecido.
- 317) Dr. Kenneth Chamberlain Wadell** (1898-1959) (G-112) Natural de Feira de Santana, Bahia, 61 anos, casado, médico e engenheiro. Coursou a Escola de Engenharia Mackenzie e nos Estados Unidos, o Albany Medical College. Foi docente em ginecologia no Albany Hospital e docente em cirurgia no Henry Hospital de Detroit. No Brasil, clinicou na Bahia, em Belém do Pará e no Rio de Janeiro, onde, desde 1946, estabeleceu clínica particular. Autor de teses e de trabalhos.
- 318) Maria Elsa Koecher** (1879-1959) (G-184) Natural da Alemanha, 80 anos, solteira, professora.
- 319) Sylvia Izabel Schoeler** (1887-1960) (G-43-B) Natural de São Paulo, 73 anos, solteira, enfermeira.
- 320) José Roberto Augusto Ennor** (1874-1960) (G-107) Natural da Inglaterra, 86 anos, viúvo, corretor.
- 321) Herculano Penteado** (1877-1960) (B-18) Natural de Campinas, Estado de São Paulo, 83 anos, desquitado, corretor, filho de Diogo Leite Penteado e Maria Salles Penteado.
- 322) Luiz Gonzaga de Rezende** (1886-1960) (G-102) Natural de São Bento do Sapucaí, Estado de São Paulo, 74 anos, casado, farmacêutico.
- 323) João Keller** (1887-1960) (G-48) Natural da Alemanha, brasileiro naturalizado, 73 anos, casado, litógrafo.

Isaac da Costa Mesquita (1877-1960) (G-158) Natural de São Paulo, 83 anos, casado, advogado em São Paulo, filho do falecido Dr. Samuel da Costa Mesquita. Consta da Lista de Judeus nos Primórdios do Brasil Republicano.

337) Nilio Roberto Edmundo Ahrens (1885-1960) (F-104) Natural de Hamburgo, Alemanha, brasileiro por título declaratório, 75 anos, casado, industrial. Fundador da firma Edmund Ahrens & Cia. e pai de seus titulares.

338) Werner Carlsson (1896-1960) (H-19-20) Natural de São Paulo, 64 anos, casado, engenheiro arquiteto.

339) Frederico William Schmidt (1880-1960) (G-63) Natural de West Point, Estados Unidos, 80 anos, viúvo, engenheiro.

340) Jörg Steiner (1901-1960) (G-53) Natural de München, Alemanha, 59 anos, pintor.

341) Ricardo Frederico Brautigam (1878-1961) (C-141) Natural da Alemanha, 83 anos, casado, proprietário.

342) Hans Gustav Leheld (1889-1961) (C-93) Natural de Hamburgo, Alemanha, 72 anos, casado, proprietário.

343) Ederico Witte (1891-1961) (G-66-A) Natural de São Paulo, 70 anos, solteiro, mercante aposentado.

344) Almut Drechsler (1907-1961) Natural de Plauen, Alemanha, 54 anos, casado, industrial. Foi diretor-gerente da firma Frigor Eder S/A.

345) Guilherme Stephano Augusto Rehder (1877-1961) (G-113-114) Natural de Santa Bárbara do Oeste, 84 anos, viúvo, comerciante. Fundador da Igreja Luterana em São Paulo. Presidente dos cemitérios dos Protestantes da Consolação e do Sdentor. Fundador da Escola Alemã, atualmente com o nome de Colégio Visconde de Porto Seguro. Durante 50 anos foi diretor da Sociedade Hospitalar maritano, do qual era também presidente honorário.

346) Iolpo Eisendecker (1891-1961) (E-27) Falecido aos 70 anos. No ano de 1937, proprietário da firma Adolpho E. & Cia., casa de fazendas, armazéns e lojas, na cidade de São Paulo.

347) Michael Bitchmaya (1869-1962) (F-63) Natural da Armênia, 93 anos, casado, pastor presbiteriano radicado em São Paulo desde fins de 1924. Conhecedor de várias línguas, pregou em igrejas do Oriente e da Europa. Dedicou sua vida à evangelização. Publicou vários livros, sendo os mais conhecidos: O Reino

de Deus — Parte Visível e o Reino de Deus — Parte Invisível.

- 336) Pedro Teso** (1907-1962) (C-2) Natural de São Paulo, 55 anos, casado, comerciante.
- 337) Benjamin Harris Hunnicutt** (1887-1962) (G-10) Natural de Turin, Georgia, Estados Unidos, 75 anos, casado, professor. Estudou na University of Georgia e no Colorado State College of Education, bacharel e mestre em ciências agrícolas. Diretor da Escola Agrícola de Lavras, reitor do Instituto Gammon e presidente do Instituto Mackenzie. Editou várias publicações sobre assuntos agrícolas.
- 338) Germano Guilherme Beckert** (1868-1962) ("H-1"-19) Natural da Alemanha, 94 anos, casado, lavrador.
- 339) Dr. Carlos Pereira de Magalhães** (1881-1962) (F-126) Natural de Lorena, Estado de São Paulo, 81 anos, casado, advogado, filho do Rev. Eduardo Carlos Pereira. Na mocidade foi à Europa e a Glasgow, Escócia, onde fez estudos teológicos. No Brasil cursou a Faculdade de Direito de São Paulo. Estabeleceu-se em Anápolis, Goiás, e foi pessoa atuante na área evangélica, na hospitalar e na área da educação.
- 340) Rodolpho März** (1894-1962) (C-10) Natural de São Paulo, 68 anos, casado, industrial. Consócio da Companhia Antartica Paulista. Diretor presidente da Companhia Progresso Nacional. Foi o 1º Provedor da Mesa Administrativa da Fundação Antonio e Helena Zerrener.
- 341) Augusto Henrique Frederico Faust** (1886-1962) (A-11) Natural de São Paulo, 76 anos, casado, comerciante aposentado.
- 342) Alfredo Ernesto Becker** (1896-1962) (G-148) Natural de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 66 anos, desquitado, engenheiro arquiteto, diplomado pela Escola Politécnica Federal Suíça de Zurique. Estabelecido com firma individual de construções Alfredo E. Becker. Publicou trabalhos e artigos em jornais e revistas, sobre arquitetura e medicina.
- 343) Dr. Herbert Ernst Fritz Oltrogge** (1917-1962) (G-90) Natural de Odeyen, Alemanha, 45 anos, casado, médico. Veio para o Brasil depois da II Guerra Mundial. Era médico especializado em reumatologia.
- 344) João Müller Júnior** (1886-1963) (B-26) Natural de São Paulo, 77 anos, viúvo, proprietário.
- 345) Gustavo Eugênio Carlsson** (1899-1963) (H-19-20) Natural de São Paulo, 64 anos, viúvo, lavrador, residente na capital paulista.

o **Riedel** (1912-1963) (G-73) Nascido em Curitiba, Paraná, 51 anos, casado, engenheiro civil.

o **Guilherme Christoffell** (1885-1963) (G-181) Natural de São Paulo, 78 anos, casado, médico. Fez seus estudos em Berlim, Bonn e München. Foi o 1º assistente em diversos hospitais na Alemanha. Foi diretor do Hospital Mandaqui, em São Paulo. Proprietário de clínica médica e fisioterápica, especialista em doenças digestivas, em São Paulo. Publicou assuntos de sua especialidade.

o **aximiliano Cifuentes Contreras** (1887-1963) (F-102) Natural de Bogotá, Colômbia, 76 anos, casado, engenheiro.

o **Guilherme Gustavo Corner** (1896-1963) (A-5) Natural de São Paulo, 67 anos, casado, filho do Dr. Carlos H. Corner, falecido. Engenheiro em São Paulo.

o **Argarida Guilhermina Alvina Schoeler Rosenberg** (1876-1963) (G-43-B) Natural de Berlim, Alemanha, 87 anos, viúva, professora.

o **Mathias Demer** (1882-1963) (B-21) Natural de Stetten, Alemanha, brasileiro, naturalizado, 81 anos, casado, professor, doutor em filosofia. Foi diretor da Escola Alemã de Vila Mariana.

o **Artin Myczkowski** (1902-1963) (A-20) Natural de Viena, Áustria, 61 anos, casado, comerciante.

o **Bert Klainguti** (1897-1963) (G-124) Natural da Suíça, 66 anos, divorciado, agricultor, domiciliado e residente em São Paulo.

o **Ice Magalhães Monteiro** (1911-1963) (F-127) Natural de São Paulo, 52 anos, casada, professora. Filha do Dr. Carlos Pereira de Magalhães e Gertrudes de Barros Magalhães.

o **Rge João Roberto Griesbach** (1913-1963) (C-89-A) Natural de São Paulo, 50 anos, casado, industrial. Diretor de laboratório da firma S/A Orion.

o **Nocenzo Bordano** (1896-1963) (G-204-B) Natural de Turim, Itália, 67 anos, industrial.

o **Alter de Camargo Schützer** (1922-1963) (G-50) Natural de São Carlos, Estado de São Paulo, 40 anos, casado, professor. Bacharel e licenciado em Física pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP. Assistente de Mecânica Racional e Celeste e depois de Física Teórica e Matemática na Universidade de São Paulo - USP. Dois anos na Universidade de Princeton e recebeu o grau de "Master of Arts" em 1948. Doutor em Ciências (USP-1950) e livre-

docente (1958) de Física Teórica e Matemática, cadeira que ocupou interinamente desde agosto de 1957 até o fim de sua vida.

358) **Maria Rosa Terral** (1886-1963) (F-60) Natural de Guarapuava, Paraná, 77 anos, solteira, professora.

359) **Henrique Emilio Luiz Lemcke** (1874-1964) (A-28) Nascido na Alemanha, brasileiro naturalizado, 90 anos, casado, comerciante. Fez estudos em sua terra natal e iniciou carreira como balconista na Suíça, Alemanha e Inglaterra. Vindo para São Paulo, foi balconista na Galeria Paulista de Modas. Foi fundador e diretor da Casa Lemcke S.A., desde 1902.

360) **Alfredo Frederico Kauschus** (1884-1964) (G-23) Natural de São Paulo, 80 anos, solteiro, engenheiro mecânico.

361) **Curt Hermann Le Mang** (1899-1964) (G-103) Natural da Austrália, 65 anos, casado, engenheiro.

362) **Henrik Losonczy** (1892-1964) (G-194) Natural da Hungria, 72 anos, casado, comerciante.

363) **Alfredo Watzke Machado** (1917-1964) (A-46) Falecido aos 47 anos, casado, industrial.

364) **Paulo Schwarzer** (1905-1964) (A-6) Natural de São Paulo, 59 anos, solteiro, comerciante.

365) **Manoel Fernandes dos Santos** (1900-1964) (G-134) Natural de Portugal, 64 anos, casado, comerciante.

366) **Robert Frehls** (1887-1964) (E-51) Natural de Hamburgo, Alemanha, 77 anos, casado, comerciante.

367) **Walter Jeffery** (1881-1964) (G-99) Natural de São Paulo, 83 anos, casado, dentista.

368) **Amrita Catarina Malfatti** (1889-1964) (E-21) Natural de São Paulo, 74 anos, solteira, pintora. Estudou no Colégio Mackenzie, na Escola de Belas Artes de Berlim e nas Academias Livres de Paris e Nova York. Foi a iniciadora do movimento da Arte Moderna no Brasil. Lecionou desenho na Escola Americana, no Mackenzie College e em cursos particulares de São Paulo. Grande Medalha de Prata do Salão de Belas Artes de São Paulo. Expôs em Paris em salões oficiais de 1923 a 1928.

369) **Huberto Ratto** (1899-1964) ("H-1"-28) Natural de Santos, Estado de São Paulo, 65 anos, casado, engenheiro. Diretor vice-presidente da Indústrias Villares S.A.

- Grosso. Em 1939, veio para o Seminário de Campinas, onde foi professor, e quando aposentou-se voltou para Mato Grosso definitivamente.
- 382) Maria José Portugal Lane** (1876-1966) (G-35) Natural de São José dos Campos, 90 anos, viúva, professora.
- 383) Wolfgang Klee** (1900-1966) (B-25) Nascido na Alemanha, brasileiro naturalizado, 66 anos, desquitado, industrial. Diretor presidente da Metalúrgica Exacta S/A e da Ouciço S/A Indústria e Comércio.
- 384) Amélia Augusta Correia** (1903-1967) (G-67-A) Natural de São Paulo, 64 anos, desquitada, dentista.
- 385) Alberto Schmolz** (1900-1967) (E-8) Natural da Alemanha, 67 anos, casado, industrial. Diretor presidente da Fábrica de Pianos Albert Schmolz.
- 386) Humberto Bertoni Rodrigues** (1910-1967) (G-25) Natural de Santos, 57 anos, casado, comerciante.
- 387) Helmut Paulo Krug** (1912-1967) (C-89) Natural de Campinas, 55 anos, casado, engenheiro agrônomo graduado pela Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, de Piracicaba. Perito em reflorestamento, estagiou nos Estados Unidos. Trabalhou para o Serviço Florestal do Estado de São Paulo com árvores de madeira mole. Diretor técnico da Krug & Costa Ltda. Articulista de O Estado de S. Paulo sobre arborização e ajardinamentos.
- 388) Antonio Furtado** (1886-1967) (e-150) Natural de São Paulo, 81 anos, casado, comerciante.
- 389) Edeltraut Gudrun Ursula Brendgen** (1920-1967) (G-112) Natural de Villach, Alemanha, 47 anos, casada, pianista.
- 390) Carlos George Bruggemann** (1891-1967) (C-5) Nascido na Alemanha, 76 anos, desquitado, comerciante.
- 391) Hans Aman** (1887-1967) (G-13) Natural da Alemanha, 80 anos, casado, comerciante. Foi conselheiro e sócio da Casa Lemecke S/A — Roupas de Cama, Mesa e Banho.
- 392) Jan Frederik Huil Fonkert** (1922-1967) (C-19) Nascido na Holanda, 45 anos, corretor.
- 393) Frida Ana Maria Hoffmann** (22-5-1967) (G-33) Natural de São Paulo, idade ignorada, solteira, química.
- 394) Carl Jarosch** (1895-1967) (E-14) Natural da Áustria, 72 anos, casado, comerciante. Sócio fundador de Carl Jarosch & Cia.

- philo Oswald Pereira e Souza** (1877-1965) (G-155) Natural de Parati, Rio de Janeiro, 88 anos, casado, engenheiro civil aposentado.
- Fraendorf** (1884-1965) (E-50) Natural de Halle, Alemanha, 81 anos, casado, proprietário. Foi um dos diretores da Fábrica Orion e da Tecelagem e Fiação Saturno.
- nifred Margareth Gardiner** (1911-1965) (G-94) Natural de São Paulo, 54 anos, desquitada, secretária. Filha de Albert Edward Holland.
- lieb Habesch Filho** (1910-1965) (G-164) Natural de São Paulo, 55 anos, casado, industrial.
- o Ji Namba** (1901-1965) (C-29) Natural do Japão, 64 anos, casado, comerciante.
- Roberto Maldonaldo Loureiro** (1906-1965) (H-22-23) Natural de Jaú, Estado de São Paulo, 59 anos, casado, desembargador em São Paulo.
- Johan Anders Scheiby** (1893-1965) (D-5) Natural da Dinamarca, 72 anos, casado, comerciante.
- ard Richter** (1898-1965) (G-31) Natural de São Paulo, 67 anos, casado, diretor da Empresa Rilo de Cinemas e Hotéis S/A. Diretor da Construtora Richter Otufu S.A. e Diretor da Empresa Rilo S/A — Imobiliária e Incorporadora.
- s Frederico Ludwig Rieckmann** (1895-1966) (G-213) Natural de Campinas, Estado de São Paulo, 71 anos, desquitado, comerciante, filho de Wilhelm Rieckmann, falecido. Sócio e diretor da Casa Rieckmann Ind. e Import. S.A., por 50 anos. Foi membro da diretoria da ACP, responsável pela construção do Cemitério da Paz.
- odoro Eggers Júnior** (1886-1966) (H-12) Natural de Santa Catarina, 80 anos, casado, comerciante.
- l Hermann von Lanzenuer** (1890-1966) (G-139) Natural de Naunburg, Alemanha, 76 anos, casado. Veio para o Brasil em 1913 e residiu por um tempo, com a família, no Estado do Ceará, onde foi agrônomo. Em 1944, veio para São Paulo e foi professor de línguas e tradutor de livros alemães.
- Philippe Landes** (1883-1966) (G-87) Natural de Botucatu, Estado de São Paulo, 83 anos, casado, pastor presbiteriano e missionário, filho do Rev. George Landes, missionário também. Em meados de 1915, o Rev. Philippe chegou a São Paulo com a esposa e desde então decidiu-se à obra presbiteriana de Mato

herme **Frederico Watzke** (1889-1967) (A-46) Natural de São Paulo, 78 anos, solteiro, industrial.

Ing. Johannes Teicher (1898-1968) (G-221-A) Natural da Alemanha, 70 anos, casado, químico. Foi diretor técnico da S/A Gordinho Braune — Indústrias de Papel, em Ermida, município de Jundiá. Escreveu e fez palestras sobre papel. Uma delas é "Fabricação da matéria-prima para a indústria do papel e suas possibilidades no Brasil".

Ing. Gustaf Stal (1888-1968) (G-64) Natural de Smedjebacken, Suécia, 80 anos, casado. Foi cônsul da Suécia e da Letônia. Foi diretor presidente da Aços e Siderurgia S.A. Indústria e Comércio e da Fagersta do Brasil S.A. Indústria e Comércio.

Dr. Gennaro E. Stanzione (1907-1968) (E-5) Natural de São Paulo, 61 anos, desquitado, fotógrafo, foi um dos pioneiros da aerofotogrametria.

Dr. Klein (1893-1968) (G-187) Natural de Stuttgart, Alemanha, 75 anos, casado, engenheiro em São Paulo.

Dr. Hintermann (1898-1968) (B-24) Natural da Alemanha, 70 anos, viúvo, engenheiro.

Dr. Gratz (1896-1968) (E-44) Natural da Itália, 73 anos, viúva, industrial.

Dr. Ito Nunes Muniz (1898-1969) (C-104) Natural de Minas Gerais, 70 anos, casado, farmacêutico.

Dr. Elvino Riedel (1899-1969) (G-79) Nascido na Alemanha, 70 anos, casado, industrial.

Dr. Ulisses Belluzzo (1907-1969) (E-46) Natural de Bauru, Estado de São Paulo, 62 anos, casado, professor e engenheiro. Foi professor da Universidade de São Paulo, lecionando as matérias de Topografia e de Desenho Topográfico, na Escola de Engenharia. Foi diretor do Colégio Mackenzie.

Dr. Smits (1904-1969) (G-52-A) Natural de Riga, Letônia, brasileiro naturalizado, 65 anos, casado, industrial.

Dr. Bomeisel (1890-1969) (B-13) Natural de Rio Claro, 79 anos, viúvo, industrial. Foi publicista e tradutor em São Paulo. Diretor de Cultura Perpétua da Indústria.

Dr. Pao Giannoni (1896-1969) (D-15) Natural de Lucca, Itália, 73 anos, casado, industrial.

408) Eugen George (1892-1969) (G-86-A) Natural de Potsdam, Alemanha, 77 anos, casado, comerciante.

409) Dr. Genésio Candido Pereira (1885-1969) (G-102) Nascido em Santana do Sapucaí, Minas Gerais, 84 anos, casado, juiz de Direito.

410) Gertrud Guessefeld (1901-1969) (D-21) Natural de Hamburgo, Alemanha, 68 anos, solteira, enfermeira.

411) Otto Thiele (1880-1970) (G-27) Natural da Alemanha, 90 anos, casado, industrial.

412) Haidée Camargo de Campos (1907-1970) (B-12) Brasileira, 63 anos de idade, casada, professora.

413) Fides Horsbach (1894-1970) (G-172-A) Natural de São Paulo, 76 anos, viúva, professora.

414) Dr. Alberto Paulo Schützer (1897-1970) (G-50) Natural de Leme, Estado de São Paulo, 73 anos, casado, dentista. Foi presidente da Fundação Walter Schützer.

415) Gustav Peter Wilhelm Richers (1890-1970) (G-143) Natural de Santos, Estado de São Paulo, 80 anos, viúvo, industrial. Trabalhou na firma Oscar Flues & Cia. Ltda., onde foi gerente e depois foi sócio gerente da firma Couros Osco Ltda.

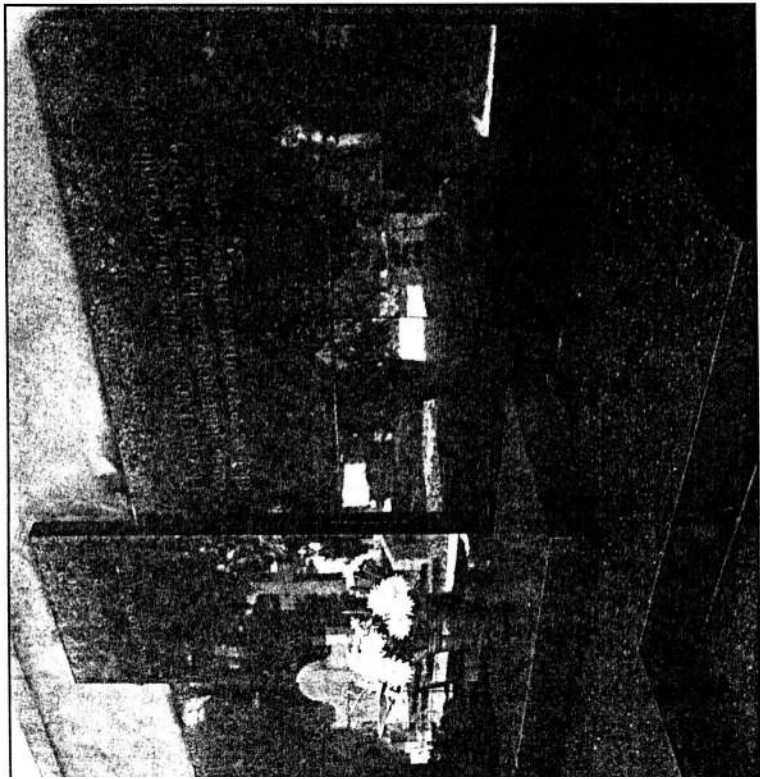
416) Horácio Manley Lane (1905-1970) (G-111-F) Natural de São Paulo, 65 anos, casado, fazendeiro. Filho do Dr. Laurinston Job Lane.

417) Vicente Solana Plana (1892-1970) (G-11 e 12) Natural de Barcelona, Espanha, 78 anos, casado, editor de livros. Estabelecido com a editora Edições e Publicações Brasil à rua da Liberdade nº 704. Lançador da Coleção Didática Nacional Série Brasil, entre outras publicações.

418) Florence Margaret Holland (1907-1970) (G-93) Natural de São Paulo, 63 anos, solteira, professora.

419) Eduardo Pulschen (1899-1970) (G-216) Natural de São Paulo, 71 anos, desquitado, engenheiro.

420) Curt Egon Reichert (1902-1971) (A-4) Natural de São Paulo, 69 anos, viúvo, advogado. Estudou no Ginásio São Bento e graduou-se pela Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo (Largo São Francisco). Foi diretor da Máquinas Excelsior Indústria e Comércio S.A. e da Metalúrgica Planeta. Foi diretor da Reichert & Cia. Publicou monografias sobre assuntos jurídicos, especialmente sobre o estudo da adoção através da história.



MEMORIAL DA FAMÍLIA DE ALBERTO PAULO SCHÜTZER

- 421) **Izordino Rodrigues Chagas** (1900-1971) (E-49) Natural de Minas Gerais, 71 anos, desquitado, farmacêutico.
- 422) **Alois Bretzel** (1908-1971) (C-6) Natural da Alemanha, 63 anos, casado, comerciante.
- 423) **Jack Skinner** (1905-1971) ("H-1"-3) Natural da Grã-Bretanha, 65 anos, casado, contador.
- 424) **Henriqueta Themudo Lessa** (1908-1971) (F-98) Natural de São Luís, Maranhão, 63 anos, solteira, secretária. Exerceu o cargo de secretária no Colégio Mackenzie e quando aposentou-se era a responsável pelo departamento pessoal.
- 425) **Dr. Fernando Ramos de Araújo** (1891-1971) (G-43-C) Natural de São Paulo, 80 anos, casado, advogado, filho de Cesário e Ernestina de Araújo.
- 426) **Dr. Walter de Castro** (1918-1972) (G-218) Natural de Sorocaba, Estado de São Paulo, 54 anos, desquitado, advogado e delegado de polícia.
- 427) **Alfredo Ernesto Geve** (1908-1972) (C-67) Natural de Dresden, Alemanha, 64 anos, casado, agrônomo.
- 428) **João dos Santos Filho** (1900-1972) (G-142) Natural de São Paulo, 72 anos, casado, engenheiro.
- 429) **Corina Fernandes Dulley** (1886-1972) (C-21) Natural de São Paulo, 86 anos, viúva, professora.
- 430) **Sylvio De Breyne Hyland** (1919-1972) (G-189) Natural de Santos, Estado de São Paulo, 53 anos, casado, engenheiro. Foi diretor comercial da firma Atma Paulista S/A.
- 431) **Alfredo Eduardo Corbett** (1885-1972) (G-123) Natural de São Paulo, 87 anos, viúvo, engenheiro aposentado.
- 432) **Otto Singer** (1898-1972) (G-9) Natural da Checoslováquia, brasileiro naturalizado, 74 anos, casado, comerciante.
- 433) **Ronaldo Krueder** (1944-1972) (E-1) Natural de São Paulo, 28 anos, casado, administrador de empresas.
- 434) **Guilherme Asbahr Netto** (1897-1973) (B-13) Natural de Araras, 76 anos, casado, industrial.
- 435) **Carlos Perl Junior** (1915-1973) (A-39-40) Natural de Santos, Estado de São Paulo, 58 anos, casado, comerciante. Foi comodoro do Yacht Clube Santo Amaro.

as Rudolfo Borchers (1908-1973) (B-5) Natural do Rio de Janeiro, 65 anos, comerciante.
on Antunes de Oliveira (1885-1973) (C-52) Natural de Salvador, Bahia, 88 anos, casado, comerciante.
Hee (1923-1973) (G-78-A) Natural de São Paulo, 50 anos, casado, industrial.
Iuy Bennaton Prado (1910-1973) (E-57) Nascido em Leme, Estado de São Paulo, 63 anos, casado, advogado. Foi, entre outras atividades, oficial de gabinete retário do ministro da Justiça, Vicente Rao. Foi membro suplente do Conselho da Companhia Antarctica, membro efetivo do Conselho Fiscal da DuBar e membro efetivo do Conselho Fiscal da Companhia Progresso Nacional.
e Rieckmann (1896-1973) (G-213) Natural de Campinas, Estado de São Paulo, 77 anos, viúvo, engenheiro arquiteto e construtor. Estudou na Technische Hochschule Stuttgart de 1914 a 1918. Filho do falecido Wilhelm Rieckmann.
ando José D'Almeida (DAL) (1892-1973) ("H-1"-3) Natural de Portugal, 81 anos, casado, perito-contador. Foi sócio da firma Moore, Cross & Cia. — Contadores. Recebeu condecorações do governo de Portugal a Cruz Vermelha de Dedicção e do governo inglês, a Ordem de Império Britânico.
er Curt Fritz Frauendorf (1898-1973) (F-23-24) Natural de São Paulo, 75 anos, casado, industrial.
ovíco Myczkowski (1924-1973) (A-20) Natural de São Paulo, 49 anos, viúvo, comerciante.
race P. Kolb (1891-1974) (G-111-D) Natural do Estado da Bahia, 83 anos, professora de piano no Colégio Mackenzie.
s Heinrich Luttmer (1926-1973) (A-41) Natural de Hannover, Alemanha, 47 anos, casado, publicitário. Recebeu o título de comendador.
usto Sonksen (1892-1973) (A-21) De nacionalidade alemã, 81 anos, viúvo, empresário para São Paulo em 1912. Juntou-se aos parentes na firma Christian Sonksen. Mais tarde fundou a Fábrica de Chocolates Sonksen, em São Paulo, à rua 100, nº 100.
is Erich Bernhard (1905-1974) (G-174) Natural da Alemanha, 69 anos, industrial.
Raul Jordão de Magalhães (1882-1974) (G-120) Natural de São Paulo, 92 anos, viúvo, advogado, filho de Ernesto Henrique Pereira de Magalhães.

448) Otto Hugo Kistemann (1900-1974) (G-182) Natural de São Paulo, 74 anos, casado, engenheiro.
448-A) Ruth D. Kolb (1896-1974) (G-111-D) Natural do Estado da Bahia, 78 anos, solteira, foi professora de Português na São Paulo Graded School, durante 50 anos.
449) Germano Braune (1883-1974) (G-198) Natural de São Paulo, 91 anos, casado, industrial.
450) Pastor Karl Gustav Busch (1937-1975) (F-13) Natural de Juiz de Fora, Minas Gerais, 38 anos, casado, pastor luterano. O Conselho Deliberativo da Igreja Evangélica Luterana de São Paulo lembrou a sua pessoa no culto de domingo próximo a seu falecimento.
451) Magarete Pohl (1913-1975) (G-95-A) Natural da Alemanha, 62 anos, solteira, secretária.
452) Pearl Eileen Stark (1923-1975) (G-111-D) Natural dos Estados Unidos, 52 anos, solteira, enfermeira missionária. (Túmulo da Missão Presbiteriana)
453) Morek Kollender (1902-1975) (F-26) Natural da Polônia, brasileiro naturalizado, 73 anos, casado, engenheiro.
454) Dr. Herbert Gustav Ottomor Klein (1894-1975) (G-43-D) Nascido em Ludwigsburg, Alemanha, 81 anos, casado, agricultor, proprietário da Fazenda São Francisco, em Amparo, onde faleceu.
455) Roberto Sidney Hal (1922-1975) (G-87) Natural de São Paulo, 53 anos, desquitado, engenheiro.
456) Heinz Voelckers (1898-1975) (E-32) De nacionalidade alemã, 77 anos. Participou da I Grande Guerra na Alemanha. Em São Paulo, foi viajante a partir de 1935. Foi da diretoria do Colégio Imperatriz Leopoldina em Santana e por mais de 20 anos esteve na diretoria da Igreja Evangélica Luterana de São Paulo.
456-A) Otto Livonius (1886-1977) (C-75) De nacionalidade alemã, 89 anos, viúvo, professor. Na Alemanha foi "Rittmeister", capitão de cavalaria, e deu aulas de equitação. Em 1932, fundou em São Paulo uma escola de equitação.
457) Otto Melchior Boisserée (1901-1975) (B-1) Natural da Alemanha, brasileiro naturalizado, 74 anos, desquitado, industrial. Diretor financeiro da Companhia Melhoramentos de São Paulo — Indústrias de Papel, dez anos depois era diretor vice-presidente da mesma companhia.
458) Rodolpho Gunther Rose (1920-1975) (E-31) Natural de São Paulo, 54 anos,

ido, vendedor. Estudou no Colégio Visconde de Porto Seguro. Era representante de pequenas indústrias. Colaborador e procurador do grupo Olivebra — o Alegre, era o gerente da filial de São Paulo do mesmo grupo Olivebra.

Ar Bertoni (1924-1975) (G-49) Natural de Chavantes, Estado de São Paulo, 84 anos, casado, economista.

cello Edward Holland (1897-1975) (G-108) Natural de São Paulo, 78 anos, engenheiro.

rs Ferraz Figueiredo (1890-1976) (H-1) Natural de Socorro, Estado de São Paulo, 86 anos, casado, proprietário.

los Rudge Miller (1907-1976) (G-55) Nascido em São Paulo, 69 anos, casado, comissário de transportes. Estudou no Colégio Dulley, em São Paulo, e no Madalen College School, em Oxford, Inglaterra. Foi vice-presidente executivo da empresa de Transportes Aerovias Brasil S.A. entre 1946 e 1947. Foi sócio da Miller Goddard Cia. Ltda.

Alexander Georg Foldes (1911-1976) (G-82-A) Natural da Hungria, 65 anos, engenheiro. Foi co-fundador técnico da Sunbeam do Brasil Anti-Corrosão S/A. Foi diretor da ABTG — Associação Brasileira de Tecnologia Galvânica e tratamentos de Superfície.

João Ricardo Galli (1885-1976) (G-19) Nascido em Capivari, Estado de São Paulo, 90 anos, casado, guarda-livros aposentado. Trabalhou na firma Loporini Comércio e Indústria.

Antim Golker (1912-1976) (G-4) Natural da Áustria, 64 anos de idade, viúvo, tradutor. Trabalhou na secretaria do Colégio Benjamin Constant, na Philips do Brasil Ltda. e depois exerceu Contadoria, particularmente com a firma Maria Golker.

I Gustav Adolf Nutzler (1907-1976) (G-14) Natural de Berlim, Alemanha, 69 anos, casado, engenheiro.

Antonio Campos Pereira Valiengo (1922-1976) (C-36) Natural de São José do Rio Preto, Estado de São Paulo, 54 anos, casado, advogado.

taivo Zieglitz (1889-1976) ("H-1"-1-2) Natural de Curitiba, Paraná, 87 anos, aposentado. Foi proprietário da Empresa Cinematográfica Pathé, na capital paulista.

ed Anders Anderson (1878-1976) (G-128) Natural de Wastergontland, Suécia, 98 anos, viúvo, professor.

470) Reynaldo Dierberger (1900-1977) (G-126) Natural de São Paulo, 77 anos, desquitado, paisagista, filho de João Dierberger. Estudou na Escola Alemã e depois em Dresden, Alemanha, especializando-se em arquitetura de jardins e paisagismo. Foi diretor-gerente da seção de Paisagismo da firma Dierberger & Cia. Foi responsável por trabalhos no Parque do Museu Ipiranga (Museu Paulista), Orquidário do Jardim Botânico, Parque da Água Branca e jardins em Araxá, Caxambu, São Pedro, Poços de Caldas e de parques particulares em fazendas.

471) Affonso Solana Plana (1924-1977) (G-11-12) Natural de São Paulo, 53 anos, casado, comerciante, filho do falecido Vicente Solana Plana.

472) Francisco de Paula Oliveira (1885-1977) (F-66) Natural de São Roque, Estado de São Paulo, 92 anos, viúvo, comerciante aposentado.

473) Armando Asbahr (1893-1977) (B-13) Natural de Araras, Estado de São Paulo, 84 anos, casado, industrial.

474) Julieta Corrêa Antunes (1909-1977) (A-36) Natural de São Paulo, 68 anos, casada, professora.

475) Ann Mary Kolb (1990-1977) (G-111-D) Natural de Salvador, Bahia, 77 anos, solteira, professora, filha do missionário John Benjamin Kolb.

476) Pastor Dr. Vitez Josef Kadicsfalvy Gulvas (1906-1977) (F-13) Natural do Chile, 71 anos, casado, pastor luterano.

477) Alcina Bueno de Camargo Paciane (1900-1977) (G-74) Natural de São Paulo, 77 anos, viúva, educadora sanitária.

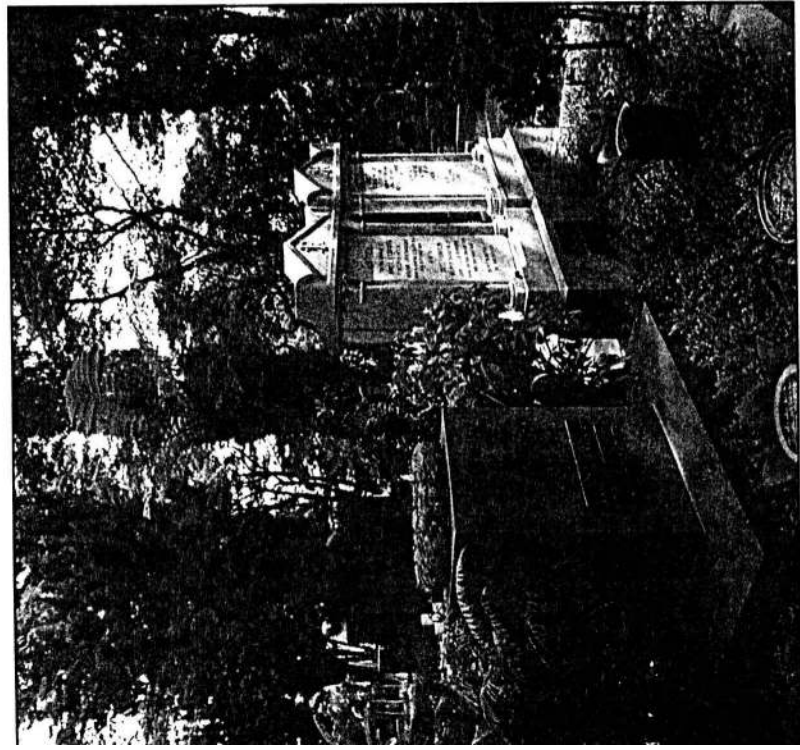
478) Carlos Augusto Busch (1900-1977) (A-20) Natural de São Paulo, 77 anos, viúvo, tradutor público juramentado. Em 1958 era intérprete comercial pela Junta Comercial de São Paulo.

479) Chen Hong Ben (1928-1977) (C-77) Natural da China, 49 anos, casado, comerciante.

480) Dr. Orlando Carneiro (1893-1977) (G-147) Natural de Piracicaba, Estado de São Paulo, 84 anos, viúvo, engenheiro e professor.

481) João Schönfelder (1894-1978) (H-3-4) Natural de São Bento do Sul, Santa Catarina, 84 anos, viúvo, fotógrafo.

482) Thereza Margarida Klein (1908-1978) (G-43-D) Natural do Rio de Janeiro, 70 anos, viúva, fazendeira agropecuária, proprietária da Fazenda São Francisco, em Amparo, onde faleceu.



MEMORIAL DA FAMÍLIA DIERBERGER E HARRISON

- 483) **Luiz de Araújo Lima** (1892-1978) (C-55) Natural de São Paulo, 86 anos, casado, professor.
- 484) **Boris Shuravel** (1911-1978) (G-131) Nascido em Windau, Estônia, 66 anos, casado, brasileiro naturalizado. Engenheiro civil e agricultor. Foi administrador das obras de Byington & Cia., desde a década de 30. Foi gerente da mina Santa Rita e auxiliar técnico do Departamento de Engenharia da firma Byington & Cia.
- 485) **Dr. Gunther Paulo Furbringer** (1932-1978) (C-101) Natural de Santos, Estado de São Paulo, 46 anos, casado, advogado.
- 486) **Maestro Mayer Reiningger** (1897-1978) (E-13) Nascido na Romênia, nacionalidade brasileira, 81 anos, viúvo, músico aposentado.
- 487) **Helena Alice Cullen Santos** (1891-1978) (F-103) Natural de Santa Bárbara, Estado de São Paulo, 87 anos, viúva, professora aposentada.
- 489) **Dr. Rubens Escobar Pires** (1907-1978) (C-1) Natural de São Paulo, 71 anos, casado, médico. Formado pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, clinicou nesta cidade. Convidado em 1938 pela Associação Evangélica Beneficente para dirigir a Policlínica. Trabalhou nessa instituição durante 40 anos, atendendo o meio evangélico da capital e do interior. O nome escolhido por ele foi Policlínica Bom Samaritano. Foi diácono da 1ª Igreja Presbiteriana Independente de São Paulo.
- 490) **Benno Rodolfo Luiz Schoeler** (1909-1978) (A-5) Natural de São Paulo, 69 anos, casado, importador.
- 491) **Dr. Gunther Adolf Kedor** (1940-1979) (G-82) Natural de São Paulo, 39 anos, casado, advogado. Foi assessor jurídico da Associação Cemitério dos Protestantes durante muitos anos, até seu falecimento. Tomou parte na diretoria da Fundação Marcus. Dava orientação à Sociedade Filarmônica Lyra.
- 492) **Adolpho Hermann Borchers** (1900-1979) (B-5) Natural de São Paulo, 79 anos, viúvo, industrial. Procurador e diretor de seção da firma Funtimod S.A. — Fundação de Tipos Modernos. Trabalhou na Sociedade Técnica Bremeensis.
- 493) **Dr. Nathanael Evangelista de Oliveira** (1906-1979) (E-55) Natural de Araraquara, Estado de São Paulo, 73 anos, viúvo, dentista aposentado.
- 494) **Dr. Luiz Dumont Villares** (1900-1979) (G-200) Natural do Porto, Portugal, pais brasileiros, 79 anos, casado. Engenheiro electricista formado pela "École Polytechnique Federale" de Zurique, Suíça, em 1922. Iniciou carreira na Pirie,

ares & Cia., primeira construtora de elevadores no Brasil, depois Elevadores S.A. e posteriormente Indústrias Villares S.A., da qual foi presidente. Presidente do Colégio Visconde de Porto Seguro durante o período de 1942 a 1952.

Dr. Augusto Weber (1908-1979) (G-40) Natural de Santos, Estado de São Paulo, 71 anos, casado, contador aposentado.

Dierberger Júnior (1897-1979) (G-126) Natural de São Paulo, 82 anos, agricultor. Curso o ginásio em São Paulo e fez curso superior de agricultura na Europa. Foi diretor presidente da Dierberger Agro-Comercial Ltda., Dierberger Agrícola S/A e da Dierberger Óleos Essenciais S/A. Foi diretor presidente do Cemitério dos Protestantes.

João Domingos Correia (1912-1980) (G-67-A) Nascido em São Paulo, 67 anos, casado, médico.

Lio Witte (1904-1980) (G-66-A) Natural de São Paulo, 76 anos, casado, comerciante.

Edo D'Orta (1894-1980) (B-23) Natural de Guaratinguetá, Estado de São Paulo, 86 anos, viúvo, agricultor.

Raul Ramos de Araújo (1886-1980) (G-43-C) Natural de São Paulo, 94 anos, viúvo, advogado.

Hermes Rehder (1902-1980) (C-15) Natural de São João da Boa Vista, Estado de São Paulo, 78 anos, casado, agricultor.

Tavares Rebimbas (1899-1980) (G-68-A) Natural de Portugal, 81 anos, casado, proprietário.

Lemcke (1911-1980) (A-28) Nascido em São Paulo, 69 anos, casado, filho do Sr. Henrique Lemcke, engenheiro e comerciante. Estudou no Colégio Visconde de Porto Seguro, fez curso secundário na Alemanha e no Colégio Mackenzie em São Paulo. Formado pela Escola Nacional de Engenharia na Universidade do Brasil (1934). Trabalhou como desenhista mecânico e químico no Brasil e na Alemanha. Diretor da fundição e Indústrias de Armas Lerap. Ltda. Depois foi diretor-geral da Casa Lemcke S.A., passando para o ramo do comércio.

Benjamin Kolb (1893-1980) (G-7) Natural dos Estados Unidos, 87 anos, casado, engenheiro, filho do missionário presbiteriano John B. Kolb.

Leon Kistemann (1928-1981) (G-182) Natural de São Paulo, 53 anos, casado, engenheiro industrial.

506) Henrique Frank (1892-1981) (D-26) Natural da Alemanha, 89 anos, casado, contador aposentado.

507) Dr. Ignácio de Abreu (1913-1981) Natural de Pirassununga, 68 anos, casado, advogado.

508) Benedicta de Rezende Graciotti (Eugênia Sereno) (1913-1981) (G-102) Natural de São Bento do Sapucaí, Estado de São Paulo, 67 anos, casada com o Dr. Mário Graciotti. Escreveu o livro *O Pássaro da Escridão* — romance antigo de uma cidadezinha brasileira, que no caso é o lugar em que a autora nasceu e que na ficção tomou o nome de Mossoró-Mirim. Em 1984, o livro foi editado em quinta edição, em convênio com o Instituto Nacional do Livro — Fundação Nacional Pró-Memória para "integrar os acervos de todas as bibliotecas públicas".

509) Ellen Fortlage Luedemann (1911-1981) (F-102) Nascida em São Paulo, 70 anos, viúva, professora.

510) Alice Paulina Trebitz (1919-1981) (G-15) Natural de São Paulo, 62 anos, desquitada, obstetra.

511) Hans Dieter Schmidt (1932-1981) (A-2) Natural de Joinville, Santa Catarina, 49 anos, casado, industrial e empresário. Foi presidente da Fundação Tupy S.A. Na presidência, inaugurou a Escola Técnica Tupy para alunos de metalurgia e mecânica, conseguindo do governo alemão uma doação para o equipamento da mesma. Era secretário de Estado do governo catarinense quando faleceu em acidente aéreo.

512) Anna Else Gallenkamp (Anneliese) (1922-1982) (G-191) Natural de Augsburg, Alemanha, 59 anos, solteira, filha de Kurt Gallenkamp, falecido. Foi secretária da Igreja Evangélica Luterana de São Paulo.

513) Dr. Vicente de Paula Lemos Romano (1901-1982) (G-67-A) Natural de Caminha, Minas Gerais, 81 anos, viúvo, dentista aposentado.

514) Dr. Flaminio Fávero (1896-1982) ("H-1"-21-22) Natural de São Paulo, 86 anos, casado, médico e professor. Formado na primeira turma da Faculdade de Medicina de São Paulo em 1918. Professor catedrático de Medicina Legal da USP de 1923 a 1955 e da Faculdade de Direito do Mackenzie, até 1975. Entre outros cargos, foi diretor da Penitenciária do Estado, fundador e diretor do Instituto Oscar Freire. Publicou diversas obras, entre elas Medicina Legal, que foi premiada. Escritor e colaborador de revistas e jornais, homem profundamente religioso.

618

ne **Meyer Barbosa** (1908-1982) ("H-1"-25) Natural de São Paulo, 74 anos, engenheiro civil aposentado.

. **Déia Ferraz Fávero** (1897-1982) ("H-1"-21-22) Natural de Poços de Caldas, 85 anos, viúva do Dr. Flaminio Fávero e filha do Rev. Bento Ferraz, todos médicos. Era médica.

William Albert Jones (1918-1982) (E-24) Natural de Jundiá, Estado de São Paulo, 64 anos, casado, industrial.

João Antônio Corrêa Antunes (1946-1983) (A-36) Natural de São Paulo, 37 anos, desquitado, jornalista.

João Rossi Jr. (1944-1983) (C-32) Natural de São Paulo, 39 anos, casado, jornalista.

Eduard Buckup (1903-1983) (D-18) Nascido em Santos, Estado de São Paulo, 80 anos, casado, comerciante. Estudou em Hamburgo, Alemanha. Em São Paulo, foi diretor da Indústria Cerâmica Americana. Foi sócio das firmas Ipamentos Técnicos e Científicos ETC Ltda., São Paulo, e Adolph Trommel, Hamburgo, Alemanha. Foi membro da diretoria da Câmara de Comércio Teuto-sileira. Em 1955, foi presidente do Clube Transatlântico, em São Paulo.

Enio Bueno de Camargo Pereira (1911-1983) (F-74) Natural de São Paulo, 72 anos, casado, desenhista.

Caio Williams Castro (1928-1983) (F-52) Natural de São Paulo, 55 anos, médico.

Jorge Rudge Ramos de Araújo (1905-1984) (G-43-C) Natural de São Paulo, 78 anos, desquitado, médico.

. **Carmen Escobar Pires** (1897-1984) (C-1) Natural de Santa Rita do Itaipava, Quatro, Estado de São Paulo, 85 anos, solteira, médica. Graduada em Medicina pela Faculdade de Medicina de São Paulo, foi cirurgiã-obstetra e assistente de nascimentos no país. Foi chefe de clínica médica na Santa Catarina e livre-docente da faculdade onde se formou. Prestou serviços médicos em São Paulo por mais de 30 anos. Foi presidenta da Associação Paulista de Medicina do Colégio de Cirurgiões do Brasil. Uma das primeiras diaconisas eleitas em São Paulo.

Erwin Waldemar Rathsam (1914-1984) (G-113-114) Natural de São Paulo, 70 anos, viúvo, médico veterinário formado pela Escola Paulista de Medicina

Veterinária em 1936. Por quase 50 anos, atendeu clínica e cirurgicamente grandes e pequenos animais, no seu consultório no Alto da Boa Vista, na capital paulista. Foi médico veterinário da Companhia Antártica, da Brahma e da Progresso. Fundador da Sociedade Paulista de Cães Pastores Alemães, foi seu presidente durante dois mandatos.

- 526) Abel da Silva** (1950-1984) (G-29) Natural de Lídice, Rio de Janeiro, 34 anos, casado, industrial. Transladado em 20 de outubro de 1984.
- 527) Otto Max Dittrich** (1907-1984) (G-195) Natural da Alemanha, 77 anos, viúvo, industrial.
- 528) Telos Bueno de Camargo** (1911-1985) (F-97) Natural de São Paulo, 74 anos, divorciado, consultor de empresas.
- 529) Lothario Lienert** (1901-1985) (F-36) Natural de São Paulo, 84 anos, casado, farmacêutico. Foi membro do Conselho Fiscal da Porcelana Mauá S.A.
- 530) Dr. Miguel Abul Hiss** (1909-1985) (G-132) Natural de Santos, Estado de São Paulo, 76 anos, casado, médico otorrinolaringologista e também do estômago, formado pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. Ainda cirurgião-dentista pela Faculdade de Farmácia e Odontologia de São Paulo e Condições de Trabalho pelo Colégio Anglo-Brasileiro. Foi premiado com trabalhos no estrangeiro: em Londres (1936) e em Paris (1938).
- 531) Orlando Trad** (1913-1985) (C-102) Natural de Ituverava, Estado de São Paulo, 72 anos, casado, professor.
- 532) Mario Augusto Monteiro da Silva** (1932-1986) (E-25) Natural de São Paulo, 54 anos, viúvo, comerciante.
- 533) Christian Tronbjerg (Chris)** (1908-1986) ("H-1"-10-11) Natural de Copenhague, Dinamarca, brasileiro naturalizado, 78 anos, casado, industrial. Iniciou seu trabalho como aprendiz, estagiário, estudante, vendedor, inspetor de montagem, até atingir o posto de procurador da VW (diretor de vendas da Vemag). Foi gerente-procurador da Volkswagen do Brasil S.A. Recebeu da Câmara Municipal de São Paulo o título de Cidadão Paulistano (nome de rua)
- 534) Armando Ramacciato** (1927-1986) (B-20) Natural de São Paulo, 59 anos, casado, ourives.
- 535) Alberto Hermann Theodor Lundgren** (1909-1986) (G-46-47) Natural da Alemanha, 77 anos, casado, industrial. Estudou na Suíça e depois na Inglaterra. Foi

tor-presidente da firma Arthur Lundgren Tecidos S.A. — Casas
ambucanas. Comerciante também.

Josés Domingos Corrêa (1900-1986) (G-67-A) Natural de São Paulo, 86
, casado, dentista.

avo Carlos Alexandre Stal (1917-1986) (G-63-64) Nascido em Niterói,
de Janeiro, 69 anos, casado, engenheiro. Filho de Gustav Stal, falecido.

orto Dietrich (1899-1986) (G-183) Natural de São Paulo, 87 anos, casado,
erciante.

Romeu Caspari (1917-1986) (C-4) Natural de São Paulo, 69 anos, casado,
resário. Graduiu-se pela Escola Politécnica, na Alemanha. Foi gerente da
rúrgica de Barra Mansa Rio de Janeiro e chefe de manutenção da Siderúrgi-
: Volta Redonda, também no Rio. Depois, assumiu a gerência da Cia. Atlantic
etróleo, em São Paulo.

ia de Campos Ferreira (1933-1986) (F-33) Natural de Tanabi, Estado de
Paulo, 53 anos, casada, professora.

ildo Marciano da Silva (1955-1987) (G-37) Natural de Belo Horizonte,
as Gerais, 32 anos, solteiro, auxiliar de Gabinete.

Fernando Pereira da Rocha Filho (1918-1987) (C-108) Natural de São
o, 69 anos, casado, advogado. Foi secretário da Faculdade de Ciências Eco-
icas da Universidade de São Paulo. Trabalhou com o Dr. Francisco Morato,
:critório de advocacia, durante muitos anos. Tinha seu próprio escritório,
: dava assessoria jurídica.

on Muller (1922-1987) (B-26) Natural de Joinville, Santa Catarina, 65 anos,
iro, engenheiro.

Ion Fox Rule (1899-1987) (G-51) Natural de São Paulo, 88 anos, casado,
ador. Foi diretor da Melhoramentos — Norte do Paraná.

tes Sica (1911-1987) (G-31) Natural de São Paulo, 76 anos, casado, gerente
iação, Tecelagem e Estamparia Jafet no Ipiranga.

Marques Santos (1926-1987) (G-75) Natural de Caldas do Cipó, Bahia, 61
, casado, comerciante.

ique Gustavo Koelsch (1911-1987) (B-22-22-A) Natural de São Paulo, 76
, solteiro, chefe da seção de fitas. Foi acionista da Helios S.A. — Indústria e
ércio de Fitas, Papéis e Carbonos, em São Paulo.

548) Wilhelm Walter Hans Roland Porr (1928-1987) (G-54) Natural da Alemanha,
59 anos, casado, corretor de imóveis.

549) Broder August Sonksen (1930-1987) (C-96) Natural da Alemanha, 57 anos,
casado, comerciante. Foi presidente da Fábrica de Chocolates Sonksen e mais
tarde proprietário da Broder's Bomboniere. Foi um dos diretores da Associação
Cemitério dos Protestantes.

550) Alfons Schmolz (1906-1987) (C-32) Natural da Alemanha Ocidental, 81 anos,
, casado, industrial.

551) Helmuth Hermann Heinninger (1915-1987) (G-156) Natural de São Paulo, 72
anos, casado, industrial. Foi diretor fundador do grupo INBRA: Inbra S/A Indús-
tria Química, Mecanoplast S/A Indústria e Comércio e Diadema Indústrias Quí-
micas Ltda. Foi 1º vice-presidente da Diretoria Executiva e Conselho Curador da
Fundação Antônio Prudente.

552) Synesto Leite (1927-1988) (G-68-A) Natural do Rio de Janeiro, 61 anos, casado,
corretor.

553) Cacilda de Cerqueira Leite Filha (1897-1988) (D-25) Natural de São Pau-
lo, 91 anos, solteira, professora. Formada aos 16 anos, foi professora auxiliar
na Escola Americana. Depois, foi professora primária do governo, na cidade
de Brotas, durante 10 anos. Retornando a São Paulo, lecionou no Itaim, na
Mooca e no Grupo Marechal Floriano, na Vila Mariana, onde se aposentou,
após 33 anos de magistério público. Filha do presbítero Remígio de Cerqueira
Leite.

554) Olga Daumichen Guimarães (1903-1988) (C-61) Natural de São Paulo, 85 anos,
casada, obstetra aposentada.

555) Dr. Renan Azzi Leal (1914-1988) (G-145) Natural de Casa Branca, 74 anos,
casado, médico.

556) Walter Ahrens (1911-1988) (A-34-35) Natural de Hannover, Alemanha, 76 anos,
casado, corretor de imóveis. Estudou em Hamburgo e veio para o Brasil em
1924, naturalizando-se brasileiro em 1933. Foi presidente da Câmara de Valores
Imobiliários de São Paulo. Foi membro diretor do Conselho Regional dos Corre-
tores Imobiliários de São Paulo e diretor do Sindicato dos Corretores de Imóveis
de São Paulo. Diretor do Colégio Benjamin Constant em 1955. Membro funda-
dor e presidente da Sociedade Bandeirante de Orquídeas, editor da Revista Bra-

a de Orquídeas. Fundador e vice-presidente do Clube Transatlântico em São Paulo.

Herme Wiemann (1856-1927) (F-18-19) Natural de Goslar, 71 anos, casado, responsável pela adega do Grande Hotel São Paulo. Por ocasião da morte de D. Pedro II a São Paulo, serviu-lhe pessoalmente o vinho. Fundador de várias associações, clubes e sociedades alemãs em São Paulo.

Harold Brantingham (1877-1961) Natural de Leipzig, Alemanha, 84 anos, esportista em madeira (com vários trabalhos no Museu do Ipiranga, em São Paulo, e no Museu do Rio). Trabalhou muitos anos no Banco Brasileiro Alemão - seção de contabilidade.

Antônia Themudo Lessa (1906-1988) (F-99) Natural de São Paulo, 82 anos, professora formada pela Escola Normal do Brás. Lecionou em escolas públicas e deu aulas particulares. Era filha do Rev. Vicente Themudo Lessa.

Alves Corrêa Lotufo (1903-1988) (G-72) Natural de São Paulo, 85 anos, médico, professora. Formada pela Escola Normal Padre Anchieta, foi professora do antigo Grupo Escolar São Paulo, atual E.E.P.G. Profa. Marina Cintra, da Consolação. Foi uma das fundadoras do Centro do Professorado em São Paulo.

Arthur Bruckhorst (1953-1988) (B-10) Natural de São Paulo, 35 anos, solteiro, jornalista.

Carlos Eugênio Catta Preta (1916-1989) (C-108) Natural do Rio de Janeiro, 73 anos, casado, diplomata aposentado. De família tradicional de advogados estudaram Direito em São Paulo, o avô era o Dr. Eugênio de Valladão Catta Preta e o pai, Dr. Eugênio Gracie Catta Preta. O Dr. Carlos Eugênio seguiu a carreira diplomática. Seu último cargo antes de aposentar-se foi o de ministro no Brasil.

Cláudio Botelho de Carmarg Schützer (1896-1989) (G-50) Natural de São Carlos, Minas Gerais, viúva, professora aposentada. Formada em Sociologia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (USP), foi da turma de diplomandos (1935). Na mocidade foi colaboradora do jornal O Estado de São Paulo. "Escreveu inúmeros artigos de cunho religioso e publicou duas biografias, uma de D. Josefina Anderson e outra de seu filho Walter, físico teórico e nome internacional falecido aos 40 anos".

564) Ibaê Cunha Alves Corrêa (1906-1989) (G-72) Natural de São Paulo, 83 anos, casado, funcionário público aposentado, Trabalhou na Caixa Econômica Federal, na Secretaria da Fazenda e foi escriptorário do Tribunal de Contas, onde aposentou-se. Filho de Joaquim Alves Corrêa.

NOTAS DE RODAPÉ E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Página 2

Referência Bibliográfica nº 3A

(3-A) — Clarival do Prado Valladares — "Arte e Sociedade nos Cemitérios Brasileiros — Volume I — pg. 151.

Página 1 do índice de nomes

(*) Os nomes assinalados com asterisco são de pessoas contribuintes das duas listas de "Subscrição para as Obras no Cemitério Protestante" (abril e agosto de 1868)

Página 8

Página 1 da Lista por Ordem Cronológica

(*) A frase entre aspas é da ata de 8 de agosto de 1869 do Presbitério do Rio de Janeiro. In: Lessa, Vicente Themudo — "Annaes da 1ª Igreja Presbyteriana de S. Paulo" (1863-1903)

Página 2

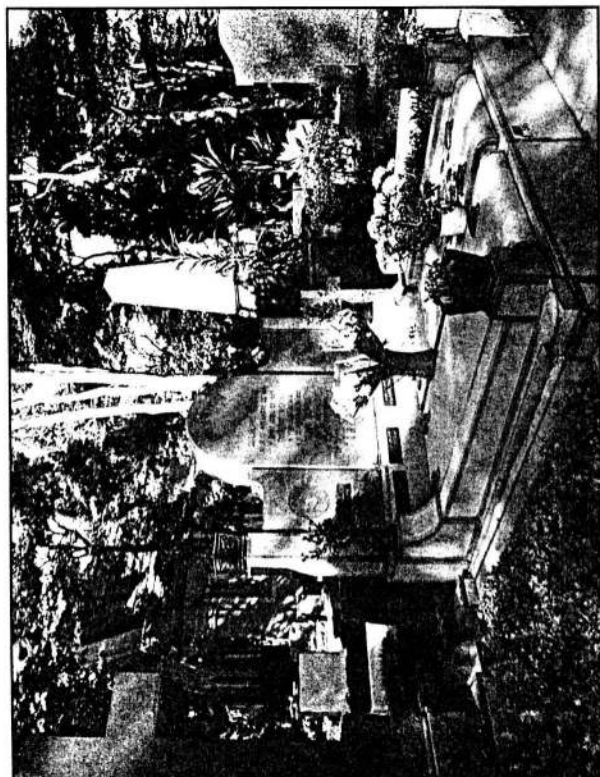
(*) Nos primeiros tempos sepultava-se na Quadra para Adultos e na Quadra para Crianças. Restavam as sepulturas hereditárias ou perpétuas — que parece evidenciar o nível económico ou de importância da pessoa falecida. A letra -G- indica essas sepulturas e, eventualmente, uma ou outra letra poderá indicar também.

Página 3

(*) O Livro de Sepultamentos dessa época pouco registra a profissão do falecido. De 1884 a 1887 — só neste período — aparece com certa frequência o artista — que aí indica artesão, indivíduo que exerce por conta própria uma arte.

Página 5

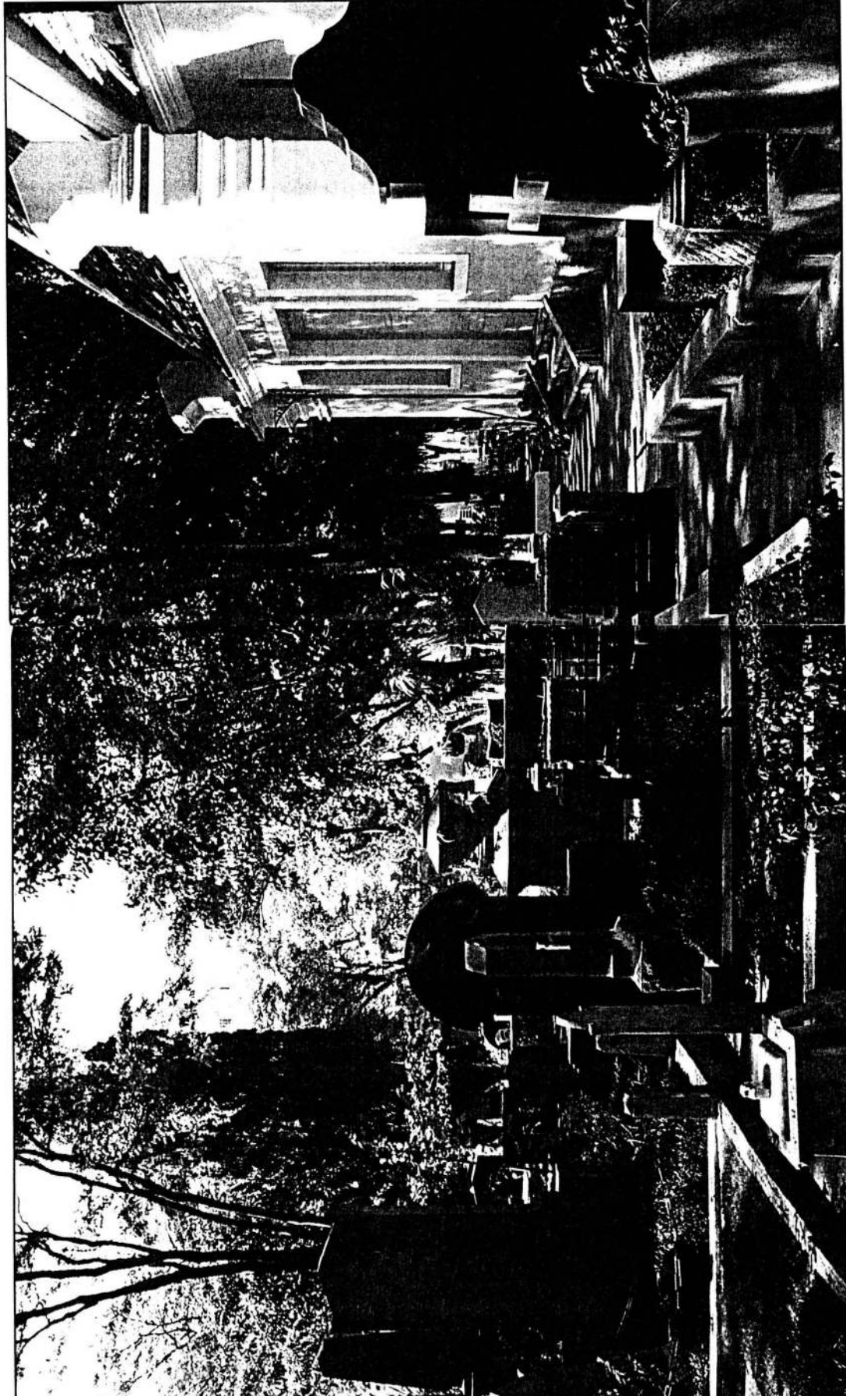
(*) Se no 1º Livro de Registros há poucos informes sobre as profissões, a partir de fevereiro de 1888, com a administração de Luiz Bamberg, os informes cessam de vez. No ano seguinte o registro fica mais abreviado, de uma só linha, com o nome e a idade do falecido (nas linhas intermediárias vem a data do falecimento).

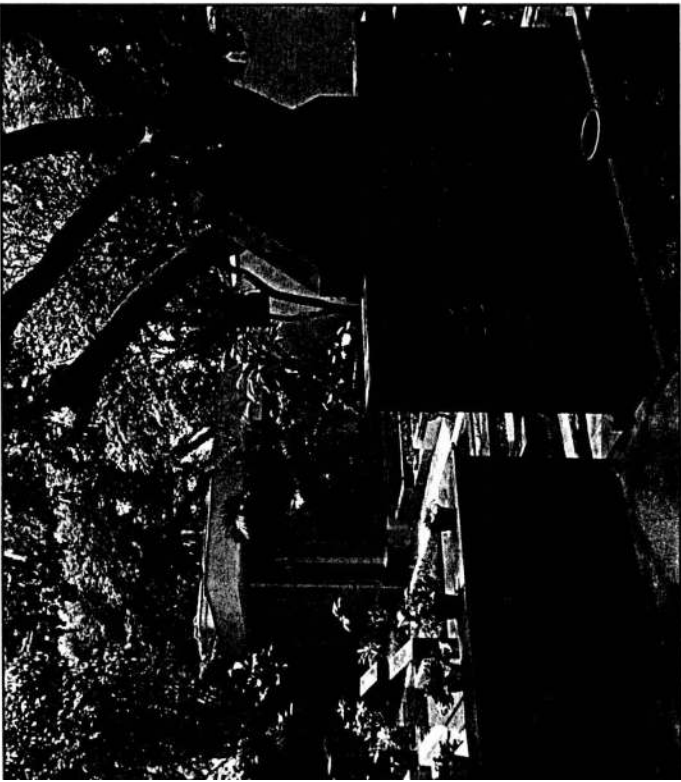


MEMORIAL DA FAMÍLIA WIEMANN

623

VISTA LATERAL DA CAPELA





AO FUNDO VISTA DO PRÉDIO DA ADMINISTRAÇÃO

DIRETORIA

Diretor Presidente	Flávio Severo Pereira de Magalhães
Diretor Vice-Presidente	Franz Schmidt
1ª Secretária	Martha Schützer de Magalhães
2ª Secretária	Roger Douglas Bird
1º Tesoureiro	Hans Gerhard Richter
2º Tesoureiro	Melchor Campo Agraz

CEMITÉRIO DA PAZ

Diretor Superintendente	Flávio Severo Pereira de Magalhães
Diretor Assistente	Paulo Bernardo Tavares de Lucca

CEMITÉRIO DOS PROTESTANTES

Diretora Superintendente	Selma Luiza Sönksen
Diretora Assistente	Verônica Kedor

CEMITÉRIO DO REDENTOR

Diretor Superintendente	Franz Schmidt
Diretor Assistente	Hans Heinrich Kedor
1º Vogal	Arialdo Germano
2º Vogal	Edgar Maurice de Camargo
3º Vogal	Gerhart Sajonc

e24

CONSELHO FISCAL

Irma Mager
Otávio Pereira de Magalhães
Horst Theobald Dürr

Efetivos

João Ernesto Dierberger
Ernest Erwin Haake
Roberto Vicente Cruz Themudo Lessa

Suplentes

Cemitério dos

Protestantes:

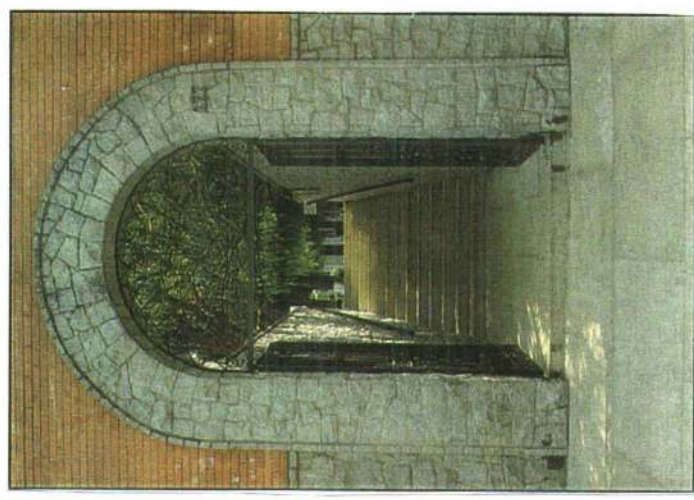
Levantamento

Iconográfico



Cemitério dos Protestantes
Rua Sergipe
Data: 17/10/2002
Foto: Daisy de Camargo





Cemitério dos Protestantes
Portal de entrada
Fonte: *Cemitério dos Protestantes. Repouso de Ilustres, Associação Cemitério dos Protestantes, s/d.*





Cemitério dos Protestantes

Memorial da Família de Alberto Paulo Schützer

Fonte: *Cemitério dos Protestantes. Repouso de Ilustres*, Associação Cemitério dos Protestantes, s/d.





Cemitério dos Protestantes

Memorial da Família Dierberger e Harrison

Fonte: *Cemitério dos Protestantes. Repouso de Ilustres*, Associação Cemitério dos Protestantes, s/d.





Cemitério dos Protestantes
Memorial da Família Wiemann

Fonte: *Cemitério dos Protestantes. Repouso de Ilustres*, Associação Cemitério dos Protestantes, s/d.





Cemitério dos Protestantes

Memorial do Reverendo Eduardo Carlos Pereira

Fonte: *Cemitério dos Protestantes. Repouso de Ilustres*, Associação Cemitério dos Protestantes, s/d.





Cemitério dos Protestantes
Memorial da Família Voss

Fonte: *Cemitério dos Protestantes. Repouso de Ilustres*, Associação Cemitério dos Protestantes, s/d.





Cemitério dos Protestantes
Memorial da Família Braune

Fonte: *Cemitério dos Protestantes. Repouso de Ilustres*, Associação Cemitério dos Protestantes, s/d.



635



Cemitério dos Protestantes
Detalhe

Fonte: *Cemitério dos Protestantes. Repouso de Ilustres*, Associação Cemitério dos Protestantes, s/d.





Cemitério dos Protestantes
Detalhe

Fonte: *Cemitério dos Protestantes. Repouso de Ilustres*, Associação Cemitério dos Protestantes, s/d.





Cemitério dos Protestantes

Memorial do reverendo Simonton

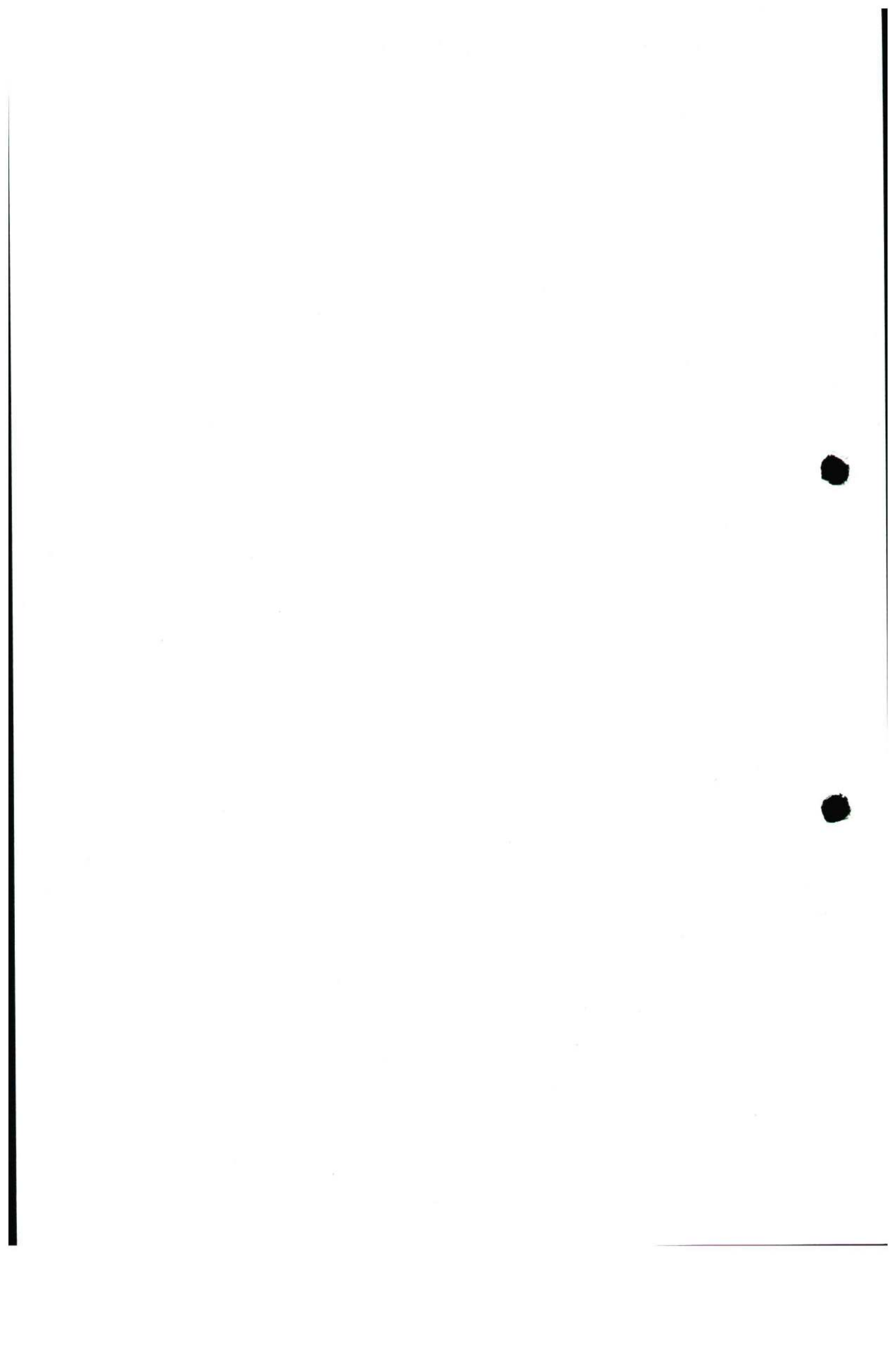
Fonte: *Cemitério dos Protestantes. Repouso de Ilustres*, Associação Cemitério dos Protestantes, s/d.





Cemitério dos Protestantes
Memorial da Família Diedericksen

Fonte: *Cemitério dos Protestantes. Repouso de Ilustres*, Associação Cemitério dos Protestantes, s/d.





Cemitério dos Protestantes
Vista lateral da capela

Fonte: *Cemitério dos Protestantes. Repouso de Ilustres*, Associação Cemitério dos Protestantes, s/d.





Cemitério dos Protestantes
Alameda de entrada

Fonte: *Cemitério dos Protestantes. Repouso de Ilustres*, Associação Cemitério dos Protestantes, s/d.





Cemitério dos Protestantes
Vista geral

Fonte: *Cemitério dos Protestantes. Repouso de Ilustres*, Associação Cemitério dos Protestantes, s/d.





Cemitério dos Protestantes

Capela construída em meados do século XIX

Fonte: *Cemitério dos Protestantes. Repouso de Ilustres*, Associação Cemitério dos Protestantes, s/d.





Cemitério dos Protestantes

Ao fundo vista do prédio da administração

Fonte: *Cemitério dos Protestantes. Repouso de Ilustres*, Associação Cemitério dos Protestantes, s/d.





Cemitério dos Protestantes

Vista lateral

Fonte: *Cemitério dos Protestantes. Repouso de Ilustres*, Associação Cemitério dos Protestantes, s/d.



Informações sobre Cemitérios protegidos por institutos de tombamento

(Obs: ver também fls. 483-493, informações
sobre cemitérios tombados pelo Instituto Estadual
do Patrimônio Cultural do Estado do Rio de
Janeiro)

Cemitérios tombados pelo

Instituto do Patrimônio

• Histórico e Artístico

Nacional/ IPHAN

FONTE: Site

• www.iphan.gov.br

647

IPHANSobre o
IphanBens
CulturaisBanco de
Dados

Notícias

Legislação

Parcerias e
Premiação

Calendário

Cursos e
EventosPáginas
PatrimoniaisLoja do
Iphan

Intranet

Bens Tombados

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

Resultado da Pesquisa

BA - Cachoeira - 1024 - Casa da Ordem 3ª do Carmo
 BA - Cachoeira - 1029 - Igreja da Ordem 3ª do Carmo
 BA - Mucugê - 1072 - Conjunto arquitetônico e paisagístico, especialmente o cemitério, da cidade de Mucugê.
 BA - Salvador - 1129 - Igreja do Pilar
 CE - Icó - 2787 - Conjunto Arquitetônico e Urbanístico na Cidade de Icó, com a seguinte descrição da área de tombamento: "Inicia-se no PONTO A, na interseção do eixo da Rua Frutuoso Agostinho com o eixo do canteiro central da Rua Senhor do Bonfim, seguindo pelo eixo desta última Rua até o PONTO B, na confluência com o eixo da Rua Sete de Setembro. Neste ponto deflete à direita e persegue o eixo desta Rua até o PONTO C, no encontro com a primeira pista da Rua Dr. Inácio Dias, correspondente ao lado par (excluído), e, defletindo à esquerda, prossegue pelo eixo desta pista da Rua Doutor Inácio Dias até o PONTO D, no cruzamento com a Rua Benjamin Constant. Neste ponto deflete ligeiramente à direita, de modo a acompanhar o canteiro triangular ali existente (incluído) e continua pelo eixo da primeira pista da Rua Doutor Inácio Dias, fazendo leve deflexão para atingir o PONTO E, na interseção com o alinhamento do imóvel de n.º 1912 (mil novecentos e doze) a 1924 (mil novecentos e vinte e quatro), que avança sobre esta Rua. Neste ponto deflete à esquerda, percorrendo a linha da divisa lateral direita deste imóvel (incluído) até o PONTO F, na confluência com a linha da divisa de fundos do mesmo imóvel e, defletindo à direita, acompanha a linha de divisa de fundos deste imóvel e dos imóveis situados à sua esquerda na mesma quadra, do n.º 1906 (mil novecentos e seis) ao n.º 1842 (mil oitocentos e quarenta e dois) (incluídos), continuando pelo prolongamento da linha de divisa de fundos deste último imóvel até o PONTO G, no encontro com o eixo da Rua Regente Feijó. Neste ponto deflete à direita e segue pelo eixo desta Rua até o PONTO H, no cruzamento com a primeira pista da Rua Doutor Inácio Dias, onde, defletindo à direita, prossegue pelo eixo desta Rua até o PONTO I, na interseção com a continuação da Rua Regente Feijó. Neste ponto deflete à esquerda, percorrendo o eixo desta Rua até o PONTO J, na confluência com a outra pista da Rua Doutor Inácio Dias, correspondente ao lado ímpar (incluído), onde, defletindo à esquerda, observa o eixo desta pista da Rua Doutor Inácio Dias para logo se defrontar com o PONTO K, no encontro com o prolongamento da linha da divisa lateral direita do imóvel de n.º 1837 (mil oitocentos e trinta e sete) desta Rua. Neste ponto deflete à direita e, prossequindo pelo prolongamento desta linha de divisa, alcança a linha de divisa deste imóvel (incluído) e o contorna até atingir a linha da divisa lateral esquerda do imóvel de n.º 1854 (mil oitocentos e cinquenta e quatro)* da Rua General Piragibe, prossequindo o prolongamento da linha de divisa deste imóvel (incluído) até o PONTO L, no cruzamento com o eixo da Rua General Piragibe. Neste ponto deflete à esquerda, seguindo ao longo do eixo desta Rua (excluída) até o PONTO L1, na interseção com a Rua do Rosário, onde, defletindo à esquerda, percorre o eixo desta Rua até o PONTO L2, na confluência com o prolongamento do alinhamento dos imóveis da Travessa do Rosário. Neste ponto deflete à direita e prossegue o alinhamento destes imóveis (excluídos) até o PONTO L3, no encontro do trecho final desta Travessa com o prolongamento da prumada posterior da Igreja Nossa Senhora do Rosário, onde, defletindo

Bens
TombadosSítios
UrbanosSítios
ArqueológicosBens
ProcuradosAcervo
Iconográfico

Bibliotecas

posterior desta Igreja, por esta prumada e por novo prolongamento desta prumada até o PONTO L4, no cruzamento com o alinhamento dos imóveis deste trecho da Rua General Piragibe. Neste ponto deflete mais uma vez à direita e, seguindo pelo alinhamento destes imóveis (excluídos), passa pelo PONTO L1 já referido, abarcando assim a Igreja de Nossa Senhora do Rosário, o adro desta Igreja e as vias que a circundam (incluídos), e prossegue pelo eixo da Rua General Piragibe (excluída) até o PONTO L anteriormente mencionado. Neste ponto deflete vivamente à esquerda, de modo a atingir o PONTO M, na interseção com a linha de divisa lateral esquerda do imóvel de n.º 1840 (mil oitocentos e quarenta) da Rua Ilídio Sampaio, e acompanhando a divisa lateral esquerda deste imóvel (incluído), continua pelo prolongamento desta linha de divisa, atravessando a Rua Ilídio Sampaio até o PONTO N, na confluência com o alinhamento dos imóveis do lado ímpar da Rua Ilídio Sampaio. Neste ponto deflete à direita, acompanhando o alinhamento destes imóveis do lado ímpar da Rua Ilídio Sampaio (excluídos) até o PONTO O, no encontro com o eixo da Rua Benjamin Constant, onde, defletindo à esquerda, persegue o eixo desta Rua até o PONTO P, no cruzamento com o prolongamento da linha de divisa de fundos do imóvel de n.º 2007 (dois mil e sete) da Rua Ilídio Sampaio. Neste ponto deflete à direita, acompanhando o prolongamento da linha de divisa de fundos deste imóvel (incluído), esta divisa de fundos e a dos imóveis situados à sua esquerda na mesma quadra, do n.º 2013 (dois mil e treze) ao n.º 2081 (dois mil e oitenta e um) (incluídos), prosseguindo pelo prolongamento da divisa de fundos deste último imóvel até o PONTO Q, na interseção com o eixo da Rua Dom Pedro II. Neste ponto deflete à esquerda e segue pelo eixo desta Rua (excluída), atravessando a Rua Francisco Maciel e Silva e a Avenida Nogueira Acioly (excluídas) e prossegue, fazendo ligeira deflexão para alcançar o PONTO Q1, na confluência com o prolongamento da linha externa do canteiro na Avenida Nogueira Acioly que se volta para o prédio do Mercado, onde, defletindo à esquerda, percorre essa linha até o PONTO Q2, no encontro com o prolongamento da linha externa do canteiro na Rua Benjamin Constant voltado para o Mercado. Neste ponto deflete à direita e prossegue por esta linha até o PONTO Q3, no cruzamento com o prolongamento da linha externa do canteiro na Avenida Carlota Távora, onde, defletindo novamente à direita, continua por esta linha até o PONTO Q4, na interseção com o prolongamento do canteiro na Rua Dom Pedro II. Neste ponto deflete mais uma vez à direita, e seguindo por esta linha, retorna ao PONTO Q1 já referido, abrangendo desta forma o prédio do Mercado, suas vias mais próximas e os quatro canteiros que o circundam (incluídos), e, defletindo ligeiramente à esquerda, prossegue pelo eixo da Avenida Dom Pedro II (excluída) até o PONTO Q mencionado anteriormente. Neste ponto deflete à esquerda, de modo a atingir o prolongamento da linha de divisa de fundos do imóvel de n.º 2097 (dois mil e noventa e sete) da Rua Ilídio Sampaio, e percorre o prolongamento da linha de divisa deste imóvel (incluído), esta divisa de fundos e a dos imóveis à sua esquerda na mesma quadra, do n.º 2105 (dois mil cento e cinco) ao n.º 2213 (dois mil duzentos e treze) (incluídos) até o PONTO R, na confluência com a divisa lateral esquerda deste último imóvel. Neste ponto deflete à direita e prossegue pela linha de divisa lateral esquerda deste último imóvel até o PONTO S, no encontro com a divisa de fundos do imóvel sem número contíguo ao n.º 2213 (dois mil duzentos e treze), onde, defletindo à esquerda, continua pela divisa de fundos deste imóvel sem número (incluído) e pelo prolongamento desta linha de divisa até o PONTO T, no cruzamento com a Rua Sete de Setembro. Neste ponto deflete à direita, percorrendo o eixo da Rua Sete de

649

da linha de divisa lateral esquerda do imóvel sem número contíguo ao Teatro da Ribeira dos Icó (incluído), e, defletindo à esquerda, prossegue pela divisa lateral esquerda deste imóvel sem número (excluído) até o PONTO V, na confluência com a linha de divisa de fundos do imóvel na Rua Desembargador José Bastos contíguo ao Teatro da Ribeira dos Icó. Neste ponto continua pela divisa de fundos deste e dos demais imóveis situados no lado ímpar da Rua Desembargador José Bastos entre as Ruas Sete de Setembro e Frutuoso Agostinho (incluídos) e continua pelo prolongamento da linha de divisa de fundos do imóvel situado na esquina com a Rua Frutuoso Agostinho até o PONTO W, no encontro com o eixo desta última Rua. Neste ponto deflete à direita e segue pelo eixo da Rua Frutuoso Agostinho até o PONTO X, no cruzamento com o canteiro central da Rua Desembargador José Bastos, onde, defletindo à esquerda, observa o eixo do canteiro central desta Rua (excluída) até o PONTO X1, na interseção com a Rua Piquet Carneiro, defletindo novamente à esquerda e prosseguindo por esta Rua (excluída) até o PONTO X2, na confluência com o eixo da Rua Projetada 17 (dezessete). Neste ponto deflete à direita e continua pelo eixo da, digo, desta Rua até o PONTO X3, no encontro com a divisa da Vila do Cemitério, onde, defletindo à direita, prossegue pela divisa desta Vila (excluída) e pelo prolongamento desta divisa até o PONTO X4, no cruzamento com o prolongamento da prumada lateral esquerda da Igreja de Nossa Senhora da Conceição do Monte. Neste ponto deflete à esquerda e segue pelo prolongamento desta prumada até o PONTO X5, na interseção com a prumada posterior da Igreja de Nossa Senhora da Conceição do Monte e, defletindo à direita, prossegue por esta prumada até o PONTO X6, na confluência com a prumada lateral esquerda da mesma Igreja. Neste ponto deflete à esquerda e percorre esta prumada da Igreja e o prolongamento desta prumada até o PONTO X7, no encontro com o eixo da Rua Piquet Carneiro, cingindo desta maneira a Igreja de Nossa Senhora da Conceição do Monte, o cemitério contíguo e o talude que lhe confere destaque ao alto (incluídos). Neste ponto deflete novamente à esquerda e continua pelo eixo da Rua Piquet Carneiro (excluída), passando pelos PONTOS X2 e X1 já referidos (trechos excluídos), onde deflete à direita, perseguindo a Rua Desembargador José Bastos (excluída) até o cruzamento com o PONTO X anteriormente mencionado. Neste ponto deflete à esquerda e acompanha o eixo da Rua Frutuoso Agostinho até deparar-se com o eixo do canteiro central da Rua Senhor do Bonfim, retornando ao ponto inicial desta poligonal.

MG - Caeté - 1282 - Igreja Nossa Senhora do Rosário
MG - Diamantina - 1307 - Igreja Matriz de Sant'Ana
MG - Lagoa Santa - 1317 - Túmulos do Dr. Peter Wilhen Lund e de seus colaboradores : Pedro Andreas Brandt, Guilherme Behrens e João Rodolfo Müller, e mais o pequeno cemitério em que se acham situados.
MG - Mariana - 1322 - Igreja de São Francisco da Confraria
MG - Ouro Preto - 1353 - Capela de Nossa Senhora das Dores
MG - Ouro Preto - 1372 - Igreja Nossa Senhora das Mercês e Misericórdia
MG - Ouro Preto - 1373 - Igreja de Nossa Senhora das Mercês e Perdões
MG - Ouro Preto - 1374 - Igreja de Nossa Senhora do Monte do Carmo
MG - Ouro Preto - 1378 - Igreja de São Francisco de Assis
MG - Ouro Preto - 1380 - Igreja de São José
MG - Sabará - 1410 - Capela de Santo Antônio do Pompeu
MG - Sabará - 1418 - Igreja de Nossa Senhora do Carmo
MG - São João Del Rei - 1441 - Igreja Matriz do Pilar
MG - Serro - 1447 - Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição

650

Sra. da Soledade
PI - Campo Maior - 1601 - Cemitério do Batalhão
RJ - Cabo Frio - 1624 - Convento e Igreja de Nossa Senhora dos Anjos, cruzeiro em frente, capela e cemitério da Ordem 3ª de São Francisco
RJ - Niterói - 1640 - Capela e Cemitério de Maruhy
RJ - Rio de Janeiro - 1741 - Igreja de São Francisco da Penitência, cemitério e Museu de Arte Sacra, ambos anexos à Igreja, bem como todos os seus pertences.
RN - Arez - 1817 - Portão do Cemitério de Arez
RS - Entre-íjuis - 1835 - Ruínas do Povo de São João e respectivos remanescentes
RS - São Luiz Gonzaga - 1859 - Ruínas do Povo de São Lourenço e respectivos remanescentes onde se encontraram
SC - Joinville - 1878 - Cemitério Protestante

Número de bens tombados encontrados: 28

651

IPHANSobre o
IphanBens
CulturaisBanco de
Dados

Notícias

Legislação

Parcerias e
Premiação

Calendário

Cursos e
EventosPáginas
PatrimoniaisLoja do
Iphan

Intranet

Bens Tombados

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

Casa da Ordem 3ª do Carmo

Cachoeira

BA

A Ordem Terceira foi instituída em 1691, funcionando inicialmente em uma das capelas da igreja do Carmo. Só em 1702 os irmãos terceiros, começam a construção da sua igreja em terreno doado pelo Gel. João Rodrigues Adorno. Edifício com estrutura de paredes auto-portantes de alvenaria mista de pedra e tijolo que suportam os assoalhos e telhados. Seu programa é típico das grandes sedes dos terceiros - capela, sala da mesa, claustro e cemitério. A casa de oração é elemento de ligação entre a igreja da Ordem Terceira e a igreja do Carmo, e caracteriza-se arquitetonicamente pelo frontispício com galeria superpostas "loggia", ambas formadas por arcos abatidos e sustentados por colunas toscanas de seção octogonal.

Arquitetura Civil

Registrado no Livro das Belas-artes

Volume	Folha	Inscrição	Data
1	037	212	22/8/1938

Registrado no Livro Histórico

Volume	Folha	Inscrição	Data
1	019	104	22/8/1938

Bens
TombadosSítios
UrbanosSítios
ArqueológicosBens
ProcuradosAcervo
Iconográfico

Bibliotecas

652

IPHANSobre o
IphanBens
CulturaisBanco de
Dados

Notícias

Legislação

Parcerias e
Premiação

Calendário

Cursos e
EventosPáginas
PatrimoniaisLoja do
Iphan

Intranet

Bens Tombados

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

Igreja da Ordem 3ª do Carmo

Cachoeira

BA

Edifício com estrutura de paredes auto-portantes de alvenaria mista de pedra e tijolo que suportam os assoalhos e telhados. Seu programa é típico das grandes sedes dos terceiros, - capela, sala da mesa, claustro e cemitério. O conjunto é recuado com relação ao Convento e, precedido de um adro separado da praça por grade de ferro. O claustro é o elemento polarizador do conjunto. A capela é do princípio do séc. XVII e conserva o espírito clássico do século anterior. Sua planta, permanece fiel às primeiras capelas jesuíticas - uma só nave e capela-mor. Sua simplicidade externa, contrasta com a refinada decoração barroca do seu interior, que é totalmente revestido de azulejos figurados e possui talha dourada de épocas diferentes. A fachada da capela é do tipo templo, com portada em dua ordens de pilastras, sustentando um frontão no estilo de voluta partida.

Arquitetura Religiosa

Registrado no Livro das Belas-artes

Volume	Folha	Inscrição	Data
1	037	211	22/8/1938

Registrado no Livro Histórico

Volume	Folha	Inscrição	Data
1	019	105	22/8/1938

Bens Tombados
Sítios Urbanos
Sítios Arqueológicos
Bens Procurados
Acervo Iconográfico
Bibliotecas

653

IPHANSobre o
IphanBens
CulturaisBanco de
Dados

Notícias

Legislação

Parcerias e
Premiação

Calendário

Cursos e
EventosPáginas
PatrimoniaisLoja do
Iphan

Intranet

Bens Tombados

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

Conjunto arquitetônico e paisagístico, especialmente o cemitério, da cidade de Mucugê.

Mucugê

BA

O cemitério de Santa Isabel implanta-se na encosta rochosa da Serra do Sincorá, a noroeste da cidade de Mucugê. Sua construção foi iniciada em 1854 pela Câmara Municipal, e concluída em 1886, quando uma epidemia assola a Vila. A escolha deste sítio deveu-se provavelmente à existência de terrenos planos fáceis de escavar e próximos da cidade. O cemitério está dividido em duas partes: uma plana murada, situada sobre os terrenos de aluvião do vale, onde estão as covas rasas, e a outra, constituída por um conjunto de mausoléus, implantado sobre a encosta rochosa da serra. Os mausoléus brotam da rocha nua, como a vegetação, numa integração similar às "locas" ou "tocas", habitação dos garimpeiros que na região se instalavam. O arranjo paisagístico integra os mausoléus, como forma, à rocha em decomposição, concorrendo para tal os elementos arquitetônicos empregados. A distinção é promovida pela cor dos mausoléus, constituídos em pedra e/ou tijolos, revestidos de reboco, caiados. Muitos terminam em arco ornamentais, coroados quase sempre por pináculos, outros tantos, são miniaturas de igrejas e capelas.

Registrado no Livro das Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico

Volume	Folha	Inscrição	Data
24	081	26/9/1980	

Bens Tombados
Sítios Urbanos
Sítios Arqueológicos
Bens Procurados
Acervo Iconográfico
Bibliotecas

IPHANSobre o
IphanBens
CulturaisBanco de
Dados

Notícias

Legislação

Parcerias e
Premiação

Calendário

Cursos e
EventosPáginas
PatrimoniaisLoja do
Iphan

Intranet

Bens Tombados

654

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

Igreja do Pilar

Salvador

BA

A Irmandade do Pilar é instituída na Bahia em 1718, mas a edificação de sua igreja só tem início em 1756, recebe autorização para o desmonte da encosta do terreno que lhe era fronteiro para a construção do adro da igreja. Completa o conjunto arquitetônico o cemitério, edificado em 1799, num nível mais elevado do terreno, em feições neoclássicas. A igreja caracteriza-se por possuir planta alongada, comum na arquitetura mineira, onde os corredores laterais à nave com coro são suprimidos e reduzidos, na capela-mor, a estreitas ligações com a sacristia transversal. Sua fachada apresenta portas e janelas coroadas por frontões retilíneos e curvilíneos sem entablamento, de tendência neoclassicizante, que não vingou na Bahia. O corpo central apresenta, contudo, frontão de tratamento rococó e torre lateral com terminação à Mansard. No seu interior, destaca-se a talha neoclássica e as inúmeras pinturas em tela, atribuídas a José Joaquim da Rocha - Séc. XVIII. Destaque também para as pinturas do forro atribuídas a José Teófilo de Jesus.

Arquitetura Religiosa

Registrado no Livro das Belas-artes

Volume	Folha	Inscrição	Data
1	023	128	17/6/1938



Bens Tombados
Sítios Urbanos
Sítios Arqueológicos
Bens Procurados
Acervo Iconográfico
Bibliotecas

IPHANSobre o
IphanBens
CulturaisBanco de
Dados

Notícias

Legislação

Parcerias e
Premiação

Calendário

Cursos e
EventosPáginas
PatrimoniaisLoja do
Iphan

Intranet

Bens Tombados

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

Conjunto Arquitetônico e Urbanístico na Cidade de Icó, com a seguinte descrição da área de tombamento: "Inicia-se no PONTO A, na interseção do eixo da Rua Frutuoso Agostinho com o eixo do canteiro central da Rua Senhor do Bonfim, seguindo pelo eixo desta última Rua até o PONTO B, na confluência com o eixo da Rua Sete de Setembro. Neste ponto deflete à direita e persegue o eixo desta Rua até o PONTO C, no encontro com a primeira pista da Rua Dr. Inácio Dias, correspondente ao lado par (excluído), e, defletindo à esquerda, prossegue pelo eixo desta pista da Rua Doutor Inácio Dias até o PONTO D, no cruzamento com a Rua Benjamin Constant. Neste ponto deflete ligeiramente à direita, de modo a acompanhar o canteiro triangular ali existente (incluído) e continua pelo eixo da primeira pista da Rua Doutor Inácio Dias, fazendo leve deflexão para atingir o PONTO E, na interseção com o alinhamento do imóvel de n.º 1912 (mil novecentos e doze) a 1924 (mil novecentos e vinte e quatro), que avança sobre esta Rua. Neste ponto deflete à esquerda, percorrendo a linha da divisa lateral direita deste imóvel (incluído) até o PONTO F, na confluência com a linha da divisa de fundos do mesmo imóvel e, defletindo à direita, acompanha a linha de divisa de fundos deste imóvel e dos imóveis situados à sua esquerda na mesma quadra, do n.º 1906 (mil novecentos e seis) ao n.º 1842 (mil oitocentos e quarenta e dois) (incluídos), continuando pelo prolongamento da linha de divisa de fundos deste último imóvel até o PONTO G, no encontro com o eixo da Rua Regente Feijó. Neste ponto deflete à direita e segue pelo eixo desta Rua até o PONTO H, no cruzamento com a primeira pista da Rua Doutor Inácio Dias, onde, defletindo à direita, prossegue pelo eixo desta Rua até o PONTO I, na interseção com a continuação da Rua Regente Feijó. Neste ponto deflete à esquerda, percorrendo o eixo desta Rua até o PONTO J, na confluência com a outra pista da Rua Doutor Inácio Dias, correspondente ao lado ímpar (incluído), onde, defletindo à esquerda, observa o eixo desta pista da Rua Doutor Inácio Dias para

Bens Tombados
Sítios Urbanos
Sítios Arqueológicos
Bens Procurados
Acervo Iconográfico
Bibliotecas

655

656

Logo se defrontar com o PONTO K, no encontro com o prolongamento da linha da divisa lateral direita do imóvel de n.º 1837 (mil oitocentos e trinta e sete) desta Rua. Neste ponto deflete à direita e, prosseguindo pelo prolongamento desta linha de divisa, alcança a linha de divisa deste imóvel (incluído) e o contorna até atingir a linha da divisa lateral esquerda do imóvel de n.º 1854 (mil oitocentos e cinquenta e quatro)* da Rua General Piragibe, perseguindo o prolongamento da linha de divisa deste imóvel (incluído) até o PONTO L, no cruzamento com o eixo da Rua General Piragibe. Neste ponto deflete à esquerda, seguindo ao longo do eixo desta Rua (excluída) até o PONTO L1, na interseção com a Rua do Rosário, onde, defletindo à esquerda, percorre o eixo desta Rua até o PONTO L2, na confluência com o prolongamento do alinhamento dos imóveis da Travessa do Rosário. Neste ponto deflete à direita e prossegue o alinhamento destes imóveis (excluídos) até o PONTO L3, no encontro do trecho final desta Travessa com o prolongamento da prumada posterior da Igreja Nossa Senhora do Rosário, onde, defletindo novamente à direita, continua pelo prolongamento da prumada posterior desta Igreja, por esta prumada e por novo prolongamento desta prumada até o PONTO L4, no cruzamento com o alinhamento dos imóveis deste trecho da Rua General Piragibe. Neste ponto deflete mais uma vez à direita e, seguindo pelo alinhamento destes imóveis (excluídos), passa pelo PONTO L1 já referido, abarcando assim a Igreja de Nossa Senhora do Rosário, o adro desta Igreja e as vias que a circundam (incluídos), e prossegue pelo eixo da Rua General Piragibe (excluída) até o PONTO L anteriormente mencionado. Neste ponto deflete vivamente à esquerda, de modo a atingir o PONTO M, na interseção com a linha de divisa lateral esquerda do imóvel de n.º 1840 (mil oitocentos e quarenta) da Rua Ilídio Sampaio, e acompanhando a divisa lateral esquerda deste imóvel (incluído), continua pelo prolongamento desta linha de divisa, atravessando a Rua Ilídio Sampaio até o PONTO N, na confluência com o alinhamento dos imóveis do lado ímpar da Rua Ilídio Sampaio. Neste ponto deflete à direita, acompanhando o alinhamento destes imóveis do lado ímpar da Rua Ilídio Sampaio (excluídos) até o PONTO O, no encontro com o eixo da Rua Benjamin Constant, onde,

657

defletindo à esquerda, persegue o eixo desta Rua até o PONTO P, no cruzamento com o prolongamento da linha de divisa de fundos do imóvel de n.º 2007 (dois mil e sete) da Rua Ilídio Sampaio. Neste ponto deflete à direita, acompanhando o prolongamento da linha de divisa de fundos deste imóvel (incluído), esta divisa de fundos e a dos imóveis situados à sua esquerda na mesma quadra, do n.º 2013 (dois mil e treze) ao n.º 2081 (dois mil e oitenta e um) (incluídos), prosseguindo pelo prolongamento da divisa de fundos deste último imóvel até o PONTO Q, na interseção com o eixo da Rua Dom Pedro II. Neste ponto deflete à esquerda e segue pelo eixo desta Rua (excluída), atravessando a Rua Francisco Maciel e Silva e a Avenida Nogueira Acioly (excluídas) e prossegue, fazendo ligeira deflexão para alcançar o PONTO Q1, na confluência com o prolongamento da linha externa do canteiro na Avenida Nogueira Acioly que se volta para o prédio do Mercado, onde, defletindo à esquerda, percorre essa linha até o PONTO Q2, no encontro com o prolongamento da linha externa do canteiro na Rua Benjamin Constant voltado para o Mercado. Neste ponto deflete à direita e prossegue por esta linha até o PONTO Q3, no cruzamento com o prolongamento da linha externa do canteiro na Avenida Carlota Távora, onde, defletindo novamente à direita, continua por esta linha até o PONTO Q4, na interseção com o prolongamento do canteiro na Rua Dom Pedro II. Neste ponto deflete mais uma vez à direita, e seguindo por esta linha, retorna ao PONTO Q1 já referido, abrangendo desta forma o prédio do Mercado, suas vias mais próximas e os quatro canteiros que o circundam (incluídos), e, defletindo ligeiramente à esquerda, prossegue pelo eixo da Avenida Dom Pedro II (excluída) até o PONTO Q mencionado anteriormente. Neste ponto deflete à esquerda, de modo a atingir o prolongamento da linha de divisa de fundos do imóvel de n.º 2097 (dois mil e noventa e sete) da Rua Ilídio Sampaio, e percorre o prolongamento da linha de divisa deste imóvel (incluído), esta divisa de fundos e a dos imóveis à sua esquerda na mesma quadra, do n.º 2105 (dois mil cento e cinco) ao n.º 2213 (dois mil duzentos e treze) (incluídos) até o PONTO R, na confluência com a divisa lateral esquerda deste último imóvel.

658

Neste ponto deflete à direita e prossegue pela linha de divisa lateral esquerda deste último imóvel até o PONTO S, no encontro com a divisa de fundos do imóvel sem número contíguo ao n.º 2213 (dois mil duzentos e treze), onde, defletindo à esquerda, continua pela divisa de fundos deste imóvel sem número (incluído) e pelo prolongamento desta linha de divisa até o PONTO T, no cruzamento com a Rua Sete de Setembro. Neste ponto deflete à direita, percorrendo o eixo da Rua Sete de Setembro até o PONTO U, na interseção com o prolongamento da linha de divisa lateral esquerda do imóvel sem número contíguo ao Teatro da Ribeira dos Icós (incluído), e, defletindo à esquerda, prossegue pela divisa lateral esquerda deste imóvel sem número (excluído) até o PONTO V, na confluência com a linha de divisa de fundos do imóvel na Rua Desembargador José Bastos contíguo ao Teatro da Ribeira dos Icós. Neste ponto continua pela divisa de fundos deste e dos demais imóveis situados no lado ímpar da Rua Desembargador José Bastos entre as Ruas Sete de Setembro e Frutuoso Agostinho (incluídos) e continua pelo prolongamento da linha de divisa de fundos do imóvel situado na esquina com a Rua Frutuoso Agostinho até o PONTO W, no encontro com o eixo desta última Rua. Neste ponto deflete à direita e segue pelo eixo da Rua Frutuoso Agostinho até o PONTO X, no cruzamento com o canteiro central da Rua Desembargador José Bastos, onde, defletindo à esquerda, observa o eixo do canteiro central desta Rua (excluída) até o PONTO X1, na interseção com a Rua Piquet Carneiro, defletindo novamente à esquerda e prosseguindo por esta Rua (excluída) até o PONTO X2, na confluência com o eixo da Rua Projetada 17 (dezessete). Neste ponto deflete à direita e continua pelo eixo da, digo, desta Rua até o PONTO X3, no encontro com a divisa da Vila do Cemitério, onde, defletindo à direita, prossegue pela divisa desta Vila (excluída) e pelo prolongamento desta divisa até o PONTO X4, no cruzamento com o prolongamento da prumada lateral esquerda da Igreja de Nossa Senhora da Conceição do Monte. Neste ponto deflete à esquerda e segue pelo prolongamento desta prumada até o PONTO X5, na interseção com a prumada posterior da Igreja de Nossa Senhora da Conceição do Monte e, defletindo à direita, prossegue por esta prumada

659

até o PONTO X6, na confluência com a prumada lateral esquerda da mesma Igreja. Neste ponto deflete à esquerda e percorre esta prumada da Igreja e o prolongamento desta prumada até o PONTO X7, no encontro com o eixo da Rua Piquet Carneiro, cingindo desta maneira a Igreja de Nossa Senhora da Conceição do Monte, o cemitério contíguo e o talude que lhe confere destaque ao alto (incluídos). Neste ponto deflete novamente à esquerda e continua pelo eixo da Rua Piquet Carneiro (excluída), passando pelos PONTOS X2 e X1 já referidos (trechos excluídos), onde deflete à direita, perseguindo a Rua Desembargador José Bastos (excluída) até o cruzamento com o PONTO X anteriormente mencionado. Neste ponto deflete à esquerda e acompanha o eixo da Rua Frutuoso Agostinho até deparar-se com o eixo do canteiro central da Rua Senhor do Bonfim, retornando ao ponto inicial desta poligonal.

Icó CE

Cidade

Arquitetura Civil

Registrado no Livro Histórico

Volume	Folha	Inscrição	Data
2	040	551	3/12/1998

Registrado no Livro das Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico

Volume	Folha	Inscrição	Data
1	091	118	3/12/1998



660

IPHAN

- Sobre o Iphan
- Bens Culturais
- Banco de Dados
- Noticias
- Legislação
- Paróquias e Premiação
- Calendário
- Cursos e Eventos
- Páginas Patrimoniais
- Loja do Iphan
- Intranet

Bens Tombados

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

Igreja Nossa Senhora do Rosário

Caeté MG

A igreja é anterior a Matriz de Nossa Senhora do Bonsucesso e está implantada no alto de uma elevação com adro murado que contorna toda a edificação, servindo de cemitério, inclusive com túmulos à porta principal. Sem torres, possui planta em partido simples composta por nave, capela-mor, corredores laterais e sacristia transversal aos fundos. A nave, que se trata de reconstrução, é em alvenaria de pedras, com cunhais, enquadramento dos vãos e guarnição do frontão em cantaria. O restante da construção é em taipa, com enquadramento dos vãos em madeira. O forro da nave, em abóbada facetada, tem pintura que remonta provavelmente ao período final do ciclo rococó de pintura perspectivista mineira. A composição é feita por muro-parapeito sinuoso ao longo das paredes laterais, incluindo varandas nos eixos transversais e figuras dos santos dominicanos. No medalhão central encontra-se representada Nossa Senhora Mãe dos Homens, acolhendo sobre o manto figuras ajoelhadas de homens e mulheres, e um rosário de execução posterior, diferindo totalmente do restante da composição. Destacam-se os altares do arco-cruzeiro, sob a invocação dos santos pretos da Irmandade do Rosário, São Benedito e Santa Efigênia, caracterizados pelo estilo nacional português, o mais antigo da região de Minas. Gerais. O altar-mor apresenta estrutura semelhante, mas permaneceu inacabado.

Arquitetura Religiosa

Registrado no Livro das Belas-artes

Volume	Folha	Inscrição	Data
1	073	363	9/5/1950



Bens Tombados
Sítios Urbanos
Sítios Arqueológicos
Bens Procurados
Acervo Iconográfico
Bibliotecas

661

IPHANSobre o
IphanBens
CulturaisBanco de
Dados

Notícias

Legislação

Parcerias e
Premiação

Calendário

Cursos e
EventosPáginas
PatrimoniaisLoja do
Iphan

Intranet

Bens Tombados

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

Igreja Matriz de Sant'Ana

Diamantina

MG

Inhai

Sant'Ana de Inhai foi um dos primeiros povoadamentos surgidos em consequência da exploração do diamante na região. Erguido à margem do rio Caethé-mirim, a sua fundação remonta à segunda década do século XVIII, mas já na metade daquele século apresentava sinais de decadência em virtude do declínio da produção diamantífera. No início do século XIX o povoado sobrevivia graças ao cultivo de cereais e à atividade pecuária. Especialistas, apoiados tão somente na análise estilística, atribuem as pinturas dos forros, tanto na capela-mor quanto na nave, ao Guarda-mor José Soares de Araújo, supondo-se que tenham sido executadas no final do século XVIII, época em que o artista trabalhou em Diamantina. Situada no centro de espaçosa praça, a igreja é cercada por um muro baixo de alvenaria que delimita pequeno cemitério ajardinado. Apresenta planta composta de nave, capela-mor, duas sacristias laterais anexas às paredes da capela-mor, e uma pequena capela abrindo-se para a nave, do lado direito, ao que tudo indica de construção mais recente. Do lado oposto, está o púlpito com acesso pelo exterior. As paredes foram construídas em alvenaria de adobe, com cunhais em madeira, cobertura em duas águas, arrematadas por beirais em cachorros. Na fachada está grande porta almofadada, ladeada na altura do coro por duas porta-sacadas com balaústres de madeira torneada e encimada por óculo. Acima da empena e em ligeiro recuo, situa-se a torre única, com cobertura de telhas e grimpa constituída por esfera armilar e cruz de ferro. As janelas apresentam vergas de arco pleno e vedação em veneziana, indicativos de posterior construção. A pintura do forro da capela-mor segue o padrão adotado habitualmente por José Soares de Araújo, composto por densas perspectivas arquitetônicas, pintadas em grisalha azulada, com realces de vermelho rosado (guirlandas) e marrom. No medalhão central, figura a cena dos Esponsais da Virgem e São José, aparecendo ainda, além dos noivos e do sacerdote, cinco personagens secundários, dispostos em planos paralelos. A pintura da nave, por sua vez, adota um partido de composição diferente. No quadro central está representada Sant'Ana Mestra, sentada em imponente cadeira de estilo D. José I, e abraçando a Virgem menina. Enquadrando o tema central, observam-se rocalhas, guirlandas de flores, vasos, estruturas arquitetônicas e figuras de anjos, bem ao gosto do estilo rococó.

Arquitetura Religiosa

Registrado no Livro das Belas-artes

<http://www.iphan.gov.br/bancodados/benstomb.../mostrabenstombados.asp?CodBem=130> 24/04/02

Bens Tombados
Sítios Urbanos
Sítios Arqueológicos
Bens Procurados
Acervo Iconográfico
Bibliotecas

662

Volume	Folha	Inscrição	Data
1	050	408	16/11/1952

Registrado no Livro Histórico

Volume	Folha	Inscrição	Data
1	050	298	16/11/1952



663

IPHANSobre o
IphanBens
CulturaisBanco de
Dados

Notícias

Legislação

Parcerias e
Premiação

Calendário

Cursos e
EventosPáginas
PatrimoniaisLoja do
Iphan

Intranet

Bens Tombados

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

**Túmulos do Dr. Peter Wilhen Lund e de seus
colaboradores : Pedro Andreas Brandt, Guilherme
Behrens e João Rodolfo Müller, e mais o pequeno
cemitério em que se acham situados.**

Lagoa Santa

MG

Arquitetura Funerária

Registrado no Livro Histórico

Volume	Folha	Inscrição	Data
1	055	331	9/5/1960

Bens
TombadosSítios
UrbanosSítios
ArqueológicosBens
ProcuradosAcervo
Iconográfico

Bibliotecas

664

IPHANSobre o
IphanBens
CulturaisBanco de
Dados

Notícias

Legislação

Parcerias e
Premiação

Calendário

Cursos e
EventosPáginas
PatrimoniaisLoja do
Iphan

Intranet

Bens Tombados

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

Igreja de São Francisco da Confraria

Mariana

MG

Coube à Arquiconfraria do Cordão de São Francisco, fundada em 1760, a construção da primitiva capela, provavelmente transformada em capela-mor do templo definitivo, cuja construção se deu a partir de 1784, data em que a Arquiconfraria foi constituída formalmente. A inexistência de documentação no arquivo da Igreja relativa à sua época de construção, impossibilita o devido esclarecimento sobre os artistas que ali trabalharam, bem como as etapas de evolução e conclusão das obras. Pode-se, todavia, a partir de estudos comparativos, suspeitar da participação dos artistas Romão de Abreu, José Antônio de Brito e Manuel da Costa Athaide nos trabalhos da igreja. Em 1843, diante da necessidade de reedificação do templo, a Assembléia Legislativa Provincial autorizou a concessão de duas loterias para a realização das obras. Estas, entretanto, parece que só tiveram início em 1853, conforme indica o Livro de Receita e Despesa da Arquiconfraria. Pelo mesmo documento, pode-se inferir que as obras se prolongaram até 1874/75 e compreenderam a reforma do frontispício, reconstrução da torre, obras na capela-mor, no coro e nos corredores, telhado, forro, assoalho e grades. De acordo com o levantamento feito pelo IPHAN, em 1949, todas as paredes da capela-mor são de alvenaria, com as cimalthas em pedra lavrada do arco-cruzeiro para cima. A nave é de adobe, até o telhado, com as cimalthas de madeira, marcos e folha de caixotões, com vidraças nas partes externas. A capela, o corredor direito e a dependência dos fundos são assoalhados, enquanto a sacristia e o corredor esquerdo são em cimento e ladrilhos. Os marcos da sacristia são em pedra e folha de almofada, o mesmo ocorrendo com a capela do Santíssimo, enquanto a capela-mor apresenta óculos de pedra com vidros. O arco-cruzeiro é todo de madeira. A torre, também de adobe e com os pés direito em madeira, é encimada por uma cruz de ferro. Quanto à pintura, a capela apresentava as seguintes características à época do levantamento : as paredes externas amarelas, a cal e ocre; as internas da nave e corredores brancas, a cal; a capela -mor com pintura a óleo, imitando mosaicos; marcos, folhas e barras a óleo, em cores variadas; altar- mor dourado a purpurina; altares laterais brancos, com fundo azul claro; capela do Santíssimo com teto branco e paredes a óleo, já desbotadas. Segundo o historiador Salomão de Vasconcelos, esta capela é a única de Mariana que obedece ao tipo especializado de frontispício quebrado em três planos, a exemplo de Sabará, Santa Bárbara, Caeté, Catas Altas, Conceição do Serro e outras cidades mineiras. Apresenta interior simples, com altares compostos de colunas retas,

Bens
TombadosSítios
UrbanosSítios
ArqueológicosBens
ProcuradosAcervo
Iconográfico

Bibliotecas

... , capitéis e colunas acompanhando o eixo das colunas. Verifica-se, entretanto, distinção entre o desenho dos altares, podendo-se supor, ou que foram executados em épocas diversas, ou obedeceram ao gosto particular de cada Irmão a quem tenha sido confiada a decoração. O altar-mor é composto por bela talha e abriga uma imagem antiga de Nossa Senhora dos Anjos. Nos nichos laterais encontram-se imagens igualmente antigas de São Francisco e São Domingos. Na sacristia, pintura a óleo de excelente qualidade retratando Nossa Senhora. Cabe destacar ainda, quadro bastante expressivo, pela concepção e execução artística, representando São Francisco na meditação e no êxtase, junto ao símbolo da Sagrada Paixão e Morte de Cristo. Ao lado direito e esquerdo da Igreja fica o cemitério, onde estão enterrados os Irmãos pertencentes à Irmandade. Em 1954, a Capela de Nossa Senhora dos Anjos constava do Plano de Obras do IPHAN, prevendo-se para aquele ano consertos generalizados no forro, portas e janelas, revisão do telhado, reparos no piso de campas, limpeza e pinturas gerais. O monumento foi objeto de tombamento individual pelo IPHAN, conforme Processo nº 75 - T Inscrição nº 264 - Livro de Belas Artes, Fl 45, em data de 8 de setembro de 1939.

665

Arquitetura Religiosa

Registrado no Livro das Belas-artes

Volume	Folha	Inscrição	Data
1	045	264	8/9/1939

666

IPHANSobre o
IphanBens
CulturaisBanco de
Dados

Notícias

Legislação

Parcerias e
Premiação

Calendário

Cursos e
EventosPáginas
PatrimoniaisLoja do
Iphan

Intranet

Bens Tombados

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

Capela de Nossa Senhora das Dores

Ouro Preto

MG

Situada no bairro de Antônio Dias, a primitiva Capela de Nossa Senhora das Dores foi construída por iniciativa da Irmandade de Nossa Senhora das Dores e Calvário, constituída em 1768, na Matriz de Antônio Dias, de acordo com a provisão datada de 31 de janeiro de 1775. A entidade construtora e patrocinadora foi uma confraria que em 1862 passou a Ordem Terceira. Erguida no mesmo local da atual capela, porém um pouco mais recuada, a primitiva capela de Nossa Senhora das Dores foi construída por volta de 1780 em lugar onde anteriormente havia um cemitério. Mas a capela que hoje vemos, tendo toda a sua estrutura em pedra, data de 1835. Entretanto, foi entre os anos de 1845 e 1850 que a sua construção avançou até a fachada atual. Foi nesse período que surgiu a sineira inserida no frontão, em substituição ao antigo campanário existente ao lado da capela. Diante da falta de documentação, desconhece-se a autoria do projeto, e a responsabilidade de sua execução. Sabe-se apenas que em 1855, o governo provincial concedeu verbas para obras na capela. No século XX, os primeiros registros documentais referem-se aos anos de 1914 e 1915, e indicam a construção de um cemitério ao lado direito da capela. Outras referências datam de 1954 e 1964 e relacionam-se respectivamente a pequenos serviços generalizados e restauração do telhado da nave. A capela de Nossa Senhora das Dores apresenta em seu frontispício dois elementos ornamentais de forma piramidal, óculo recortado em curvas e contracurvas, e nas laterais, duas janelas envidraçadas e em arco pleno, possivelmente do século XX. O frontão é curvilíneo, contendo um nicho para colocação de um sino. A cimalha do frontispício é encurvada ao centro, em torno do óculo, solução adotada em grande parte das igrejas mineiras. Encimando a verga da porta principal aparece elemento decorativo em massa de gesso, simbolizando as dores de Nossa Senhora. O corpo da capela é dividido em arcadas que exercem a função de tribunas onde são guarnecidas por balaustradas de madeira recortada, até a altura do coro. O arco-cruzeiro é arrematado em madeira. Internamente, é constituída apenas pelo altar-mor, de madeira lisa com lambrequins nos nichos e recortes no camarim, e sacrário de forma chanfrada. Ao lado, abrigados sob os dosseis dos nichos duas imagens de roca, trajando o hábito da Ordem de São Felipe e São Julião. Ao fundo, uma imagem de Nossa Senhora das Dores, originária da cidade portuguesa de Braga. Complementam a ornamentação uma banquetta com seis castiçais de talha dourada e duas mesas D. João V utilizadas para os ofícios divinos. O monumento foi objeto de

Bens
TombadosSítios
UrbanosSítios
ArqueológicosBens
ProcuradosAcervo
Iconográfico

Bibliotecas

667

75-T Inscrição nº 254 - Livro de Belas Artes, Fl. 44, em data de 8 de setembro de 1939.

Arquitetura Religiosa

Registrado no Livro das Belas-artes

Volume	Folha	Inscrição	Data
1	044	254	8/9/1938

Texto extraído de : Fundação João Pinheiro. Dossiê de Restauração. Plano de Conservação, Valorização e Desenvolvimento de Ouro Preto e Mariana. 1973/1975.



IPHANSobre o
IphanBens
CulturaisBanco de
Dados

Notícias

Legislação

Parcerias e
Premiação

Calendário

Cursos e
EventosPáginas
PatrimoniaisLoja do
Iphan

Intranet

Bens Tombados

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

Igreja Nossa Senhora das Mercês e Misericórdia

Ouro Preto

MG

A Irmandade de Nossa Senhora das Mercês foi instituída em Vila Rica entre os anos de 1740 e 1754 e funcionou primeiramente na Capela de São José, onde permaneceu por cerca de 20 anos. Tão logo decidiu a construção do seu próprio templo, obteve a licença eclesiástica em 8 de outubro de 1771, iniciando-se no ano seguinte as obras de construção. Estas foram arrematadas por Henrique Gomes de Brito e embora tivessem evoluído rapidamente, apenas pequena parte da igreja encontrava-se concluída por ocasião da trasladação da imagem de Nossa Senhora das Mercês da Igreja de São José para a nova capela, em fins de 1773. No início de 1774, Henrique Gomes de Brito arrematava a obra nos telhados da nave e em 1782, o carpinteiro Inácio Pinto Lima foi contratado para fazer o risco do arco-cruzeiro, pregar o forro e assentar os altares. No ano seguinte, o artista Manuel Francisco de Araújo assume a execução de dois dos seis altares previstos. O historiador Cônego Raimundo Trindade relacionou uma extensa lista de artistas e oficiais que trabalharam na edificação da Igreja das Mercês. Contudo, diante das lacunas da documentação arquivística, não há como compor uma cronologia rigorosa de sua construção, tornando sua história um pouco obscura. Segundo Furtado de Menezes, antes mesmo da conclusão das obras, uma parte da construção ameaçava ruína, determinando a sua reconstrução. Ao que parece, estas obras tiveram início em princípios do século XIX e se estenderam por mais de 60 anos. Nesta fase construtiva, o projeto inicial foi alterado, advindo dessa mudança a substituição por torre única central. O cemitério anexo foi construído em 1828. Embora construída na segunda metade do Século XVIII, a Igreja de Nossa Senhora das Mercês assemelha-se às construções do início do século, pela rígida marcação de seu volume arquitetônico, dividido em dois blocos quadrangulares compostos pela nave e capela-mor. Os corredores laterais, ao longo da Capela-mor, são encimados por tribunas de grande simplicidade. A particularidade da fachada reside na torre única central, edificada no século XIX, que Paulo Ferreira Santos em "Arquitetura Religiosa em Ouro Preto" caracteriza como tipo evoluído das capelas com estrutura de esteios de madeira, a exemplo de Nossa Senhora do Ó, em Sabará, Mercês e Arquiconfraria de São Francisco em Mariana, Santana e Rosário dos Pretos em Conceição do Mato Dentro. A adoção da torre única em Nossa Senhora das Mercês, provocou total reformulação da fachada primitiva, que pode ser constatada pela mutilação do coro. Quanto à ornamentação, merece referência especial o medalhão da portada, executado em

Bens
TombadosSítios
UrbanosSítios
ArqueológicosBens
ProcuradosAcervo
Iconográfico

Bibliotecas

669

1910, apresentando as características formais do estilo Aleijadinho, ao qual foi atribuída a autoria durante muito tempo. Os altares da nave estão sob a invocação de Santa Catarina de Alexandria, Santo Antônio, São Lourenço e Nossa Senhora da Saúde. No altar-mor encontram-se a primitiva imagem de Nossa Senhora das Mercês e as imagens de São Pedro Nolasco e São Raimundo Nonato. Os altares laterais, em número de quatro, são peças de grande simplicidade, assim como os dois púlpitos de madeira. O monumento foi objeto de tombamento individual pelo IPHAN, conforme nº 75-T - Inscrição nº 243-T Livro de Belas Artes, fls. 42, em data de 8 de setembro de 1939.

Arquitetura Religiosa

Registrado no Livro das Belas-artes

Volume	Folha	Inscrição	Data
1	042	243	8/9/1939



670

IPHANSobre o
IphanBens
CulturaisBanco de
Dados

Notícias

Legislação

Parcerias e
Premiação

Calendário

Cursos e
EventosPáginas
PatrimoniaisLoja do
Iphan

Intranet

Bens Tombados

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

Igreja de Nossa Senhora das Mercês e Perdões

Ouro Preto

MG

A primitiva capela do Bom Jesus dos Perdões foi edificada no ano de 1742, pelo padre José Fernandes Leite, que nela exerceu as funções de capelão e administrador, até o ano de 1760, segundo informações de cônego Raimundo Trindade. A partir desta data, a capela foi doada à Irmandade de Nossa Senhora das Mercês, advindo daí a denominação de Capela de Nossa Senhora das Mercês e do Bom Jesus dos Perdões, mais tarde simplificada para Capela de Nossa Senhora das Mercês e Perdões. A Irmandade de Nossa Senhora das Mercês existia desde 1743, quando foi fundada na Matriz de Nossa Senhora da Conceição de Antônio Dias, mas sua elevação à dignidade de Ordem 3ª data de 1823. Já a Irmandade das Mercês do bairro de Ouro Preto, só se tornou Ordem 3ª em 1837. Com a transferência da Irmandade de Nossa Senhora das Mercês da Matriz de Antônio Dias para a Capela do Bom Jesus dos Perdões, realizou-se uma série de consertos para adaptação da velha capela às suas novas funções, cujas obras parecem datar de 1769-1772. Desta forma, foi encomendado a Antônio Francisco Lisboa, autor do projeto da igreja vizinha de São Francisco de Assis, o risco para a nova capela-mor, em 1775. Em 1777, as obras foram arrematadas por Amaro José Nunes, sob a supervisão de Antônio Francisco Lisboa, que executou também, para esta igreja, as imagens de roca de São Pedro Nolasco e São Raimundo Nonato. Em princípios do século XIX, a edificação sofreu mudanças radicais, incluindo a substituição das paredes de taipa por alvenaria de pedra, mas estas reformas não abrangeram a construção das torres da fachada. Na ocasião, foi construída provisoriamente uma única torre em taipa, do lado direito, para as necessidades do culto. A segunda torre foi construída na segunda metade do século, através de verbas do Governo Provincial. A data de 1872, inscrita no portão de ferro do cemitério, construído nos mesmos moldes dos de São Francisco de Assis e Carmo, parece indicar a sua conclusão. À época de seu tombamento em 1939, o IPHAN empreendeu uma restauração geral na edificação, que incluiu a substituição de todo o encaibramento do telhado e de algumas peças na parte do Arco-cruzeiro e Sacristia, além de caiação e pintura externa. Outras pequenas obras foram realizadas no decorrer do deste século, com vistas à sua conservação. A fisionomia atual da igreja de Nossa Senhora das Mercês muito se difere da primitiva construção do século XVIII. A reedificação do século XIX, além da substituição da taipa por alvenaria de pedra e construção de um novo frontispício, implicou em total reformulação do jogo de volumes, pela mudança de

Bens
TombadosSítios
UrbanosSítios
ArqueológicosBens
ProcuradosAcervo
Iconográfico

Bibliotecas

671

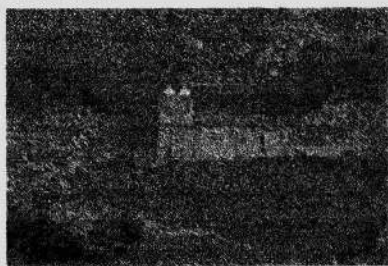
...Matriz de Antônio Dias, mas em termos de planta apresenta uma diferença significativa, que é a ausência de corredores laterais ao longo da nave. Uma curiosidade à parte, são as pinturas simulando janelas com almofadas e bandeiras, nas paredes laterais desta igreja, cuja origem poderia estar ligada à mudança de orientação do edifício, verificada em princípios do século XIX. No que se refere aos trabalhos de talha, os quatro altares laterais, sob a invocação de Santa Catarina, Santo Antônio, São Lourenço e Nossa Senhora da Saúde, seriam procedentes de uma igreja incendiada em Rio das Pedras, sabendo-se que o altar-mor data de 1890. A Igreja de Nossa Senhora das Mercês e Perdões conserva em seu interior um rico acervo de imaginária, merecendo destacar as três peças atribuídas ao Aleijadinho: São Pedro Nolasco, imagem de roca, do altar-mor, São Raimundo Nonato e um crucifixo, cuja imagem foi atribuída ao Aleijadinho e segundo Germain Bazin, deve ser situada em período anterior ao dos Cristos de Congonhas. O monumento foi objeto de tombamento individual pelo IPHAN, conforme Processo nº 75- T - Inscrição nº 242 - Livro de Belas Artes, fls.42, em data de 8 de setembro de 1939.

Arquitetura Religiosa

Registrado no Livro das Belas-artes

Volume	Folha	Inscrição	Data
1	042	242	8/9/1939

Texto extraído de: Fundação João Pinheiro- Plano de Conservação Valorização e Desenvolvimento. Ouro Preto. Mariana.



672

IPHANSobre o
IphanBens
CulturaisBanco de
Dados

Notícias

Legislação

Parcerias e
Premiação

Calendário

Cursos e
EventosPáginas
PatrimoniaisLoja do
Iphan

Intranet

Bens Tombados

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

Igreja de Nossa Senhora do Monte do Carmo

Ouro Preto

MG

Inicialmente, os irmãos terceiros da Ordem do Carmo do Rio de Janeiro, moradores em Vila Rica, reuniam-se na capela dedicada a Santa Quitéria, situada no alto do morro que separava os arraiais de Ouro Preto e Antônio Dias. Em 1751, já constituídos como irmandade autônoma, cogitaram da construção de seu próprio templo, cujo risco ficou a cargo de Manuel Francisco Lisboa, irmão da Ordem. Em 1756, foram iniciadas as obras de construção, arrematadas por José Pereira dos Santos, as quais foram interrompidas por diversas vezes, diante de desentendimentos com a Irmandade de Santa Quitéria, no que diz respeito às condições de cessão do terreno. Nos arquivos da Ordem encontra-se exaustiva pesquisa de Francisco Antônio Lopes, onde o autor relaciona detalhadamente a cronologia das etapas de construção da Igreja do Carmo, bem como a relação das técnicas e materiais empregados, conforme definido em contrato, com o arrematante João Alves Viana. Ao início efetivo das obras de construção, precederam importantes serviços de terraplanagem, os quais, em 1767, achavam-se bastante adiantados, permitindo inclusive o levantamento dos alicerces da nova Igreja. Entre 1767 e 1769, João Alves Viana executou grande parte da obra de alvenaria comum e cantaria de portas e janelas. A construção foi iniciada pela capela-mor, conservando-se provisoriamente a primitiva capela de Santa Quitéria para as necessidades do culto. Em 1769 concluíram-se os serviços de alvenaria da capela-mor e em 1771 o madeiramento e demais obras de carpintaria, quando provavelmente foi demolida a primitiva capela de Santa Quitéria. A construção da nave prolongou-se até 1779, época em que foi concluído seu madeiramento. Finalmente, em 1780, toda a parte arquitetônica foi concluída com a arrematação das obras de escultura do pórtico, lavatório da Sacristia e arcos do coro por Francisco de Lima Cerqueira. A decoração interna iniciou-se pela arrematação dos altares laterais (seis) e púlpitos, com Manuel Francisco de Araújo, em 1784. O risco original dos altares, datado de 1779, e de autoria desconhecida, foi alterado posteriormente por João Nepomuceno Correia e Castro. Em 1789 é adotado para esses altares um risco traçado em tamanho natural, o qual ainda se encontra na parede interna do consistório. Quanto aos púlpitos, foi adotado o projeto de João Gomes. Em 1795, foram concluídos apenas os altares de Santa Quitéria e Santa Luzia, próximos ao arco-cruzeiro. Os dois seguintes, São João e Nossa Senhora da Piedade, foram executados pelo Aleijadinho e seus oficiais entre 1807 e 1809 e os restantes, juntamente com os púlpitos, por seu discípulo Justino Ferreira

Bens
TombadosSítios
UrbanosSítios
ArqueológicosBens
ProcuradosAcervo
Iconográfico

Bibliotecas

673

pintados e dourados por Manuel da Costa Athaíde, em 1813. Manuel da Costa Athaíde é também autor do risco do altar-mor, cuja talha foi ajustada com Vicente da Costa, em 1813. Este, entretanto, foi concluído somente em 1824, sendo dourado no ano seguinte por Manuel da Costa Athaíde. A pintura dos forros da nave e capela-mor é obra do pintor italiano Ângelo Clerici, que a executou entre 1908/1909. O cemitério anexo (de catacumbas), teve sua construção iniciada em 1824 sob a direção do arquiteto Manuel Fernandes da Costa, substituído posteriormente por João Miguel Ferreira. Em 1861, foi adotado novo projeto de autoria do engenheiro Henrique Gerber, tendo sido concluído em 1868. As construções anexas ao cemitério, o sobrado e a casa térrea, são contemporâneas à edificação da igreja. O sobrado foi construído em 1753 para abrigar a "Casa do Noviciado", como era tradicionalmente conhecida, e guardar a o acervo da Ordem. Em 1942, servia de moradia ao sacristão da Igreja. A casa térrea contígua, é uma construção de pau-a-pique, sendo de pedra somente a parte da frente. Destinada também a abrigar pertences da Ordem, foi construída em 1755. A planta da Igreja do Carmo foi um dos últimos trabalhos realizados por Manuel Francisco Lisboa, datando de 1766, ano anterior ao de sua morte. Após sofrer várias alterações em seu projeto original, podemos situá-la no seu aspecto atual à fase rococó da arquitetura colonial mineira, não se descartando a hipótese da participação do Aleijadinho nas modificações introduzidas posteriormente no risco de Manuel Francisco Lisboa. Apresenta amplo frontispício, dado pela localização das torres, colocadas nas extremidades da nave, pela parte de fora, como dois apêndices salientes. Estas apresentam base se secção quadrangular, adquirindo forma quase circular na parte superior, e coroamento em forma de sino, arrematado por pequena pirâmide em obelisco como na igreja de São Francisco. A parte central do frontispício, constituída pela rica portada, óculo e portas-sacadas do coro, caracteriza-se pelas formas onduladas, conferindo maior leveza à composição. As fachadas laterais apresentam uma sucessão de janelas de vergas alteadas encimadas por óculos, distribuídos de forma desigual, ou seja, quatro óculos para cada cinco janelas. Através de estudos comparativos com outras portadas de autoria do Aleijadinho, a exemplo da portada de São Francisco da mesma cidade e as das Ordens Terceiras de São João Del Rei, a monumental portada do Carmo é também a ele atribuída. Nesta, o motivo central é constituído pelo brasão da Ordem do Carmo, ladeado por dois querubins esvoaçantes e encimado pela cabeça de um terceiro, sustentando a coroa da Virgem. Germain Bazin assinala a participação de um segundo artesão na execução das ombreiras, dos ornamentos concheados do óculo e das cabeças de querubins na chave e empostas. Internamente, apresenta partido em nave ampla, simplesmente decorada pelos retábulos, colocando em relevo o arco-cruzeiro em

674

pedra. O altar-mor, desenhado por Manuel da Costa Athaide em 1813, conforme já assinalado, constitui interessante exemplo da talha rococó em Minas Gerais, de estilo diferente do introduzido pelo Aleijadinho, que, segundo Germain Bazin, filia-se ao rococó das cidades de Braga e Porto, ambas em Portugal. Nos altares de São João e Nossa Senhora da Piedade, Aleijadinho procurou respeitar o estilo dos precedentes, adotando, entretanto, as colunas caneladas, envolvidas por guirlanda em espiral e capitéis em rocaille. As urnas desses dois altares apresentam relevos esculpidos que constituem talvez os últimos trabalhos de Aleijadinho no gênero. O do altar de São João representa o profeta Jeremias na prisão e o de Nossa Senhora da Piedade a paciência de Jó. Ambos os relevos são cercados por inscrições alusivas ao tema. Cabe destacar, a incorporação das sanefas introduzidas pelo Aleijadinho em todos os demais altares da nave. Quanto à imaginária, a grande maioria é composta por imagens de roca, como as imagens laterais do altar-mor (Santo Elias e Santa Teresa) e as seis imagens colocadas nos nichos dos altares da nave. Belíssimos painéis de azulejos decoram os registros inferiores das paredes da capela-mor, ilustrando temas relativos à iconografia da Ordem do Carmo. No decorrer do século XX, o monumento passou por obras de restauração que se concentraram ora nas fachadas principal e laterais, ora no adro, na antiga Casa do Noviciado e no cemitério. Nesse último, data de 1965 a substituição do muro de alvenaria pelas grades de ferro, como também a realização da primeira parte do ajardinamento pelo professor José Zanine. O monumento foi objeto de tombamento pelo IPHAN, conforme Processo nº 110 - T, Inscrição nº 33 - Livro de Belas Artes, Fl 7, em data de 20 de abril de 1938. Texto extraído de: Fundação João Pinheiro. Dossiê de Restauração. Plano de Conservação, Valorização e Desenvolvimento de Ouro Preto e Mariana. 1973/1975.

Arquitetura Religiosa

Registrado no Livro das Belas-artes

Volume	Folha	Inscrição	Data
1	007	033	20/4/1938



675

IPHANSobre o
IphanBens
CulturaisBanco de
Dados

Notícias

Legislação

Parcerias e
Premiação

Calendário

Cursos e
EventosPáginas
PatrimoniaisLoja do
Iphan

Intranet

Bens Tombados

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

Igreja de São Francisco de Assis

Ouro Preto

MG

Coube à Ordem Terceira da Penitência de São Francisco de Assis a iniciativa da construção da capela de São Francisco, obtendo-se em 1771 a licença régia necessária para a edificação do templo. Antes mesmo, porém, já em 1765, foram iniciadas as obras de terraplanagem e em 27 de dezembro de 1766 foi arrematada a obra de alvenaria pelo mestre pedreiro Domingos Moreira de Oliveira., obedecendo ao risco de Antônio Francisco Lisboa. As indicações sobre as técnicas e materiais que seriam empregados na construção, foram minuciosamente detalhados no ato de arrematação.

Como de costume no período, sua construção iniciou-se pela capela-mor, estando a mesma praticamente concluída em 1771. A abóbada foi construída entre 1772 e 1774, época em que foi também realizada sua ornamentação em talha e estuque, sob a direção do Aleijadinho. No mesmo período o artista concluiu os púlpitos em pedra-sabão inseridos no arco-cruzeiro. O retábulo do altar-mor, em função do qual foi organizada toda a decoração da capela, só seria executado entre 1790 e 1794. Concluída a capela-mor, os administradores da obra optaram em seguida pela execução do frontispício, cuja portada, arrematada em 1744, teve seu risco executado por Aleijadinho. Em 1787, as torres sofreram um acréscimo e no ano seguinte foram feitos os telhados do templo. Finalmente, em 1794, Domingos Moreira de Oliveira conclui a obra de alvenaria. Entretanto, quase toda a parte de douramento e pintura, assim como a execução da talha dos altares da nave ainda estava por fazer. A Manuel da Costa Athaide coube a pintura e douramento da capela-mor, a pintura do forro da nave e dos painéis a óleo da nave e capela-mor, as quais se realizaram entre 1801 e 1812. A construção dos altares da nave, também projetados por Aleijadinho, se estendeu de 1829 a 1890, tendo Lourenço Petricio concluído o douramento do último da série. O cemitério da Ordem foi construído entre 1831 e 1838 por Manuel Fernandes da Costa e José Ribeiro de Carvalho. A Igreja de São Francisco de Assis é considerada pelos especialistas como a obra-prima da arte colonial brasileira. A singularidade da planta reside na supressão dos corredores da nave e maior integração dos corredores da capela-mor ao conjunto, como também na posição das torres, que fecham-se para trás no corpo da igreja, projetando o frontispício. A novidade se manifesta ainda nas formas circulares das torres, até então sem precedentes, coroadas por flechas de proporções audaciosas. O frontispício, de grande efeito arquitetural, concentra o efeito ornamental na portada e no medalhão superior. Germain Baziin considera a portada da

Bens Tombados
Sítios Urbanos
Sítios Arqueológicos
Bens Procurados
Acervo Iconográfico
Bibliotecas

676

igreja de São Francisco, a sua porta de entrada, à esquerda do espectador, sua ornamentação consiste em um anjo sustentando uma cruz ornada, circundada por uma glória, e à direita, outro anjo, com os braços estendidos, aponta para a composição central. Nessa, dois brasões trazem as armas franciscanas e as do reino de Portugal. Ornando o medalhão superiormente, a Virgem, de mãos postas. Entre os brasões e o medalhão vê-se o braço estigmatizado de São Francisco e o braço do Cristo. O conjunto é encimado pela coroa de espinhos. Os brasões são arrematados por asas de anjos, flores de girassol e rosas, atributos de Maria. Outra inovação de Aleijadinho em São Francisco de Assis reside no vedamento do óculo, o qual assume função puramente ornamental. Nele está representada a visão de São Francisco no Monte Alverne. Vista de perfil, a igreja mostra a disposição distinta de cada corpo do edifício, verificando-se que a concepção do projeto arquitetônico beneficia o monumento como um todo. Da mesma forma, todo o interior é composto para um efeito de conjunto. Na nave, contornada por cornija de pedra, os seis altares laterais, executados tardiamente em meados do século XIX, funcionam apenas como complemento da decoração das paredes laterais. Germain Bazin considera difícil reconhecer o desenho do Aleijadinho nesses altares, que, segundo ele, foram provavelmente simplificados para maior facilidade de execução. As imagens que guarnecem os nichos dos altares são quase todas de roca. O arco-cruzeiro assume função monumental, constituindo-se no ponto de junção do edifício. Nele foram incorporados os púlpitos de pedra, enquadrados por duas pilastras com arquitraves altas e de perfil, dispostas obliquamente. Assim, os arcos, o altar, os púlpitos, formam uma composição. Esses púlpitos constituem as primeiras obras documentadas do Aleijadinho enquanto escultor de baixos-relevos em pedra-sabão, servindo de base aos estudiosos para o estudo das características de seu estilo. A concepção geral do lavabo da Sacristia é atribuída ao Aleijadinho, embora fuja ao seu estilo habitual. Trata-se de obra possivelmente executada a partir de um risco mais antigo, dentro dos padrões do barroco D. João V. A decoração da capela-mor consiste em um projeto unitário do Aleijadinho, cuja proposta se concretiza de forma perfeita com a introdução de figuras em relevo na ornamentação do forro. Verifica-se, entretanto, através de diferenças nítidas de qualidade, a participação de auxiliares, notadamente na execução dos quatro medalhões da abóbada, com as figuras de Santo Antônio de Pádua, São Conrado, São Boaventura e Santo Ivo. O retábulo apresenta a forma concebida para o altar-mor da Fazenda do Jaguará. O Tema Celeste da Coroação é aí mais rico e a Trindade completa-se com a Visão da Virgem da Imaculada Conceição. O início do arco é demarcado por dois anjos em adoração, projetados para fora, equilibrando-se sobre fragmentos de entablamento enrolado com volutas. O coroamento do arco é complementado por dois anjos nus voando. Quanto à pintura, merece destacar a

677

pintura do torro em abobada, de autoria de Manuel da Costa Athaíde, onde o artista empregou duas técnicas diferentes: a têmpera para os elementos de arquitetura ilusionista e o óleo para o medalhão central, onde está representado o tema da Glorificação da Virgem. Nos quatro cantos figuram em púlpitos os doutores da igreja. São também de Manoel da Costa Athaíde a série de painéis a óleo que decora os quatro chanfros da nave e paredes da capela-mor, assim como as barras de pintura simulando azulejos, com episódios alusivos à vida de Abraão, no registro inferior das paredes da capela-mor. O registro mais antigo encontrado sobre obras de restauração refere-se ao lajeamento do adro e demolição da antiga escada de acesso, em fins do século XIX. No decorrer do século XX, a edificação passou por sucessivas obras de conservação levadas a efeito inicialmente pela antiga Inspetoria de Monumentos Nacionais e posteriormente pelo IPHAN, assinalando-se a construção de um cemitério anexo à capela-mor em 1935, e a reconstrução do mesmo em 1946/47 pelo IPHAN. O monumento foi objeto de tombamento pelo IPHAN, conforme Processo nº 111 T - Inscrição nº 106 - Livro de Belas Artes, Fl 19, em data de 4 de junho de 1938.

Arquitetura Religiosa

Registrado no Livro das Belas-artes

Volume	Folha	Inscrição	Data
1	019	106	4/6/1938

Texto extraído de : Fundação João Pinheiro. Dossiê de Restauração. Plano de Conservação, Valorização e Desenvolvimento de Ouro Preto e Mariana. 1973/1975.



678

IPHAN

Sobre o
IphanBens
CulturaisBanco de
Dados

Notícias

Legislação

Parcerias e
Premiação

Calendário

Cursos e
EventosPáginas
PatrimoniaisLoja do
Iphan

Intranet

Bens Tombados

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

Igreja de São José

Ouro Preto

MG

A Irmandade do Patriarca São José dos bem-casados foi formalmente constituída por provisão de 16 de fevereiro de 1730, na Matriz de Nossa Senhora do Pilar, tendo funcionado anteriormente na Matriz de Nossa Senhora da Conceição de Antônio Dias. Mas já em 1726, construía capela própria no bairro do Pilar, em local e consignado pela Câmara de Vila Rica. Por volta de 1744 os irmãos de São José cogitavam da construção de um novo templo, o que se verifica através de petição enviada a D. João V, solicitando confirmação do terreno concedido pela Câmara. O risco da Igreja foi encomendado em 1746, e tem autoria de Francisco Branco de Barros Barriga. As obras de arrematação foram contratadas com José Pereira dos Santos, mas parecem ter tido início efetivo em 1753, conforme a data do primeiro recibo a ele concedido. Em 1761 foi concedida a bênção da igreja, data também da visita canônica, supondo-se que as obras deviam então estar bem adiantadas já que a visita veio atender um pedido antigo da Irmandade. Como indica o último recibo concedido a José Pereira dos Santos, a nave foi concluída por volta de 1759, iniciando-se no ano seguinte a construção da capela-mor, arrematada por Antônio Rodrigues Falcato, cujas obras se estenderiam até 1764. Em 1772 Aleijadinho foi contratado pela Irmandade para executar os riscos da torre, que não chegou a ser executado, e o risco do retábulo da capela-mor, cuja obra de talha foi realizada por Lourenço Rodrigues de Sousa entre 1775 e 1778. Finalmente foi contratada a pintura do forro da capela-mor, obra de Manuel Ribeiro Rosa, executada no período 1779-1783 e remonta em princípios deste século. O medalhão central emoldurado em quadro móvel foi doado a D. Helvécio Gomes de Oliveira, arcebispo de Mariana e encontra-se numa das salas do Seminário Maior da Arquidiocese. O frontispício atual é uma construção de princípios do século XIX, iniciada em 1810 por Miguel Moreira e concluída no período 1828-1829 por José Veloso Carmo e segundo parece obedeceu ao risco executado em 1801 por João Machado de Sousa e não ao risco do Aleijadinho de 1772. Em reunião da mesa da Irmandade, em 21 de setembro de 1799, ficou decidido dotar a fachada de São José de uma única torre central, o que acarretou modificações no projeto original que previa a construção de duas torres. A Igreja de São José passou por sucessivas obras de conservação no decorrer do século XIX, que consistiram, entre outros serviços, no reparo do adro, telhado, pintura do corpo da capela, ampliação do cemitério, como ainda douramento e pintura da capela-mor em 1885, por Ângelo Clerici. Em 1954, serviços empreendidos pelo

Bens
TombadosSítios
UrbanosSítios
ArqueológicosBens
ProcuradosAcervo
Iconográfico

Bibliotecas

consertos generalizados, limpeza, pinturas gerais, retirada de goteiras e escoramento da tesoura junto à torre. A Igreja de São José filia-se ao partido adotado pela arquitetura religiosa mineira na segunda metade do século XVIII, dividido em nave, capela-mor e sacristia, com acesso pelos corredores ao longo da capela-mor. Sua originalidade reside na torre única, a qual emerge do terraço que a circunda, situado ao nível do segundo pavimento, inaugurando um partido absolutamente singular entre os frontispícios das construções religiosas do período. No frontispício, a cimalha, à altura do segundo pavimento, parece ter sido modificada, uma vez que não inclui as mesmas molduras apuradas da fachada lateral. Quanto à torre, observa-se com visível nitidez a diversidade de tratamento empregado a partir do nível do coro, o que vem comprovar as sucessivas etapas de construção. Neste, as pilastras que os suportam são de massa, e desse nível para cima em cantaria. Embora suas formas e proporções se ressintam de algumas falhas, Paulo F. Santos considera a fachada da Igreja de São José, com seu terraço arredondado, ornado de bela balaustrada de pedra-sabão e sua graciosa torre arrematada por pirâmides, como uma das mais significativas de Ouro Preto. No que se refere ao campo da talha, cabe destacar a participação de Aleijadinho na execução do risco do altar-mor em 1772, registrando sua importância como primeira obra documentada do Mestre nesse campo. A obra é simples, porém bem ordenada, tendo o artista utilizado o risco do tipo "romano" da época de D. Pedro II, ao apresentar de perfil o arco de enquadramento do altar. Ele reforça esse arco com duas chaves salientes diagonais, e realça a sua delimitação através de dois ornamentos concheados e duas figuras de anjos dispostos nas empostas do mesmo. Duas colunas retas externas conferem maior rigidez ao conjunto, que é amenizada, entretanto, pelos quartelões colocados no vão da tribuna. A ornamentação dispensa os elementos antropomorfos, reduzindo a figuração ao elemento iconográfico (os dois anjos). O monumento foi objeto de tombamento individual pelo IPHAN, conforme Processo nº 75-T- Inscrição nº 244 - Livro de Belas Artes, fls. 42, em data de 8 de setembro de 1939.

Arquitetura Religiosa

Registrado no Livro das Belas-artes

Volume	Folha	Inscrição	Data
1	042	244	8/9/1939

Texto extraído de: Fundação João Pinheiro - Plano de Conservação, Valorização e Desenvolvimento Ouro Preto-Mariana- 1973/1975.



680



IPHANSobre o
IphanBens
CulturaisBanco de
Dados

Notícias

Legislação

Parcerias e
Premiação

Calendário

Cursos e
EventosPáginas
PatrimoniaisLoja do
Iphan

Intranet

Bens Tombados

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

Capela de Santo Antônio do Pompeu

Sabará

MG

A localidade de Pompeu é uma das mais antigas da área sabarense, tendo suas minas pertencido ou ao paulista Padre Guilherme Pompeu de Almeida, falecido em 1713, ou ao sertanista José Pompeu. Desconhece-se, entretanto, documentação referente à construção da capela, sabendo-se que a mesma já existia em 1731, conforme indica registro de batizado ali realizado naquele ano. Ignora-se ainda a autoria da ornamentação da capela, que deve ter ocorrido em princípios do século XVIII, uma vez que seu único altar possui talha característica da primeira fase do barroco em Minas. Este, em alguns aspectos assemelha-se ao da igreja do Ó e, em outros, aos primeiros altares laterais da matriz da Conceição. Visitando-a em 1898, Diogo de Vasconcelos encontrou a capela em mau estado de conservação, mas chamou-lhe a atenção a pintura em quadros das paredes e teto, as antigas imagens do altar e as pias de batismo e de água-benta, em belo trabalho de madeira esculpida. A capela de Santo Antônio apresenta planta em duas secções retangulares, sendo a primeira correspondente à nave e a segunda, transversal, a capela-mor. Lateralmente à esta, encontram-se as sacristias. Possui cobertura de telhas curvas, em duas águas, e beirais em cachorros. O adro é cercado em muro de pedra, com cemitério e sineira em suporte de madeira. A fachada é composta por porta almofadada, duas janelas à altura do coro, uma delas com pequeno sino, enquadramento dos vãos em madeira, e pequeno óculo sob o ângulo da cumeeira. Internamente a nave é bastante despojada, com púlpito e coro rústicos de madeira, este, com balaústre torneado. O forro, é em esteira caiada e o arco-cruzeiro em madeira esculpida com anjos e motivos florais, destituído, entretanto, de policromia e douramento. A riqueza da ornamentação é reservada à capela-mor, cujo retábulo se sobressai não só pela riqueza dos elementos decorativos, como também pela policromia em dourado, azul e vermelho. O estilo do retábulo remonta à primeira fase do barroco em Minas Gerais, mas já apresentando sinais de evolução. É constituído por colunas torsas e arquivoltas concêntricas, centrado por belo medalhão, ostentando na decoração pelicanos, folhas de parreira e cachos de uvas, e figuras de anjos em relevo. O trono do padroeiro se destaca por seu vulto e intensa policromia. Sylvio de Vasconcelos observa a influência orientalizante, particularmente na pintura da talha e na feição dos anjos. A igreja mostra ainda nos caixotões emoldurados do teto e nos painéis das paredes laterais, pinturas de forma primitiva, , alusivas à vida de Santo Antônio. Apresentam ainda interesse um artístico lavabo de

Bens
TombadosSítios
UrbanosSítios
ArqueológicosBens
ProcuradosAcervo
Iconográfico

Bibliotecas

632

...
monumento foi objeto de tombamento pelo IPHAN,
conforme Processo nº 547-T, Inscrição nº 445, Livro Belas
Artes, Fl 83, em data de 8 de setembro de 1958. Texto
extraído de: Barroco 8.

Arquitetura Religiosa

Registrado no Livro das Belas-artes

Volume	Folha	Inscrição	Data
1	083	445	8/9/1958



IPHANSobre o
IphanBens
CulturaisBanco de
Dados

Notícias

Legislação

Parcerias e
Premiação

Calendário

Cursos e
EventosPáginas
PatrimoniaisLoja do
Iphan

Intranet

Bens Tombados

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

Igreja de Nossa Senhora do Carmo

Sabará

MG

Deve-se à Ordem Terceira do Carmo a iniciativa da construção da igreja, cujas obras foram contratadas com o mestre Tiago Moreira, autor do risco, sendo a pedra fundamental lançada a 16 de junho de 1763. Quatro anos depois, procedeu-se a entronização da imagem de Nossa Senhora do Carmo. Entretanto, em 1768, a Ordem decidiu modificar o projeto original do frontispício, assinando mais tarde, em 1771, novo contrato com o mesmo Tiago Moreira para introdução de modificações na fachada., que consistiram no emprego da pedra de cantaria nos pilares das torres ,cunhais e enquadramento dos vãos As obras compreenderam o período de 1771/74 e contaram com a participação de Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho, a quem se atribui a autoria dos trabalhos de escultura que ornamentam o frontispício, especialmente a portada. As obras de talha dos altares foram contratadas com Francisco Vieira Servas, datando de 1778 o ajuste do segundo retábulo do arco-cruzeiro (Santo Elias) e de 1806, o do altar-mor, o qual contou com a colaboração de Joaquim Fernandes Lobo. Antônio Francisco Lisboa e seus oficiais foram responsáveis também pelos trabalhos de escultura dos púlpitos, coro e balaustradas, conforme documentos datados de 1779 e 1781, sendo igualmente de sua autoria as imagens de São João da Cruz e São Simão Stock, concluídas em 1779. Quanto à pintura e douramento, deve-se sua autoria ao pintor Joaquim Gonçalves da Rocha, que executou inclusive o painel do teto da nave, conforme ajustes datados de 1812 e 1816. Em 1828, foi feito o desaterro de área próxima ao templo, que se achava ameaçado por infiltração de água. Decidiu-se no mesmo ano a construção das catacumbas, cuja benção ocorreu em 1847. A igreja do Carmo apresenta partido retangular, com planta composta em duas secções. A primeira corresponde à nave, alargada na fachada pelas bases das torres laterais, e a secção posterior à capela-mor, sacristia e consistório, estes dois últimos projetando-se lateralmente, à maneira de corredores. Trata-se de uma construção em alvenaria de pedra, com torres quadradas, encimadas por cúpula de alvenaria e arremates em forma piramidal, com cunhais, pilares das torres e enquadramento dos vãos em cantaria (quartzito). A fachada é constituída por porta principal em madeira almofadada, destacando-se no frontão esculturas ornamentais em pedra-sabão azulada, portada e sobreverga das janelas do coro. Todos os trabalhos ornamentais em pedra-sabão ali executados são atribuídos ao Aleijadinho e seus oficiais, verificando-se, entretanto, que os ornatos da cimalha e das sobrevergas das janelas não

Bens Tombados
Sítios Urbanos
Sítios Arqueológicos
Bens Procurados
Acervo Iconográfico
Bibliotecas

684

Nesta, os anjos laterais e o querubim central dão excepcional realce à composição central. Supõe-se ter Aleijadinho executado pessoalmente a portada, cabendo-lhe apenas a autoria do risco nos demais elementos ornamentais. Internamente, tanto a nave como a capela-mor apresentam piso em campas e forros curvos, de tabuado liso, com pintura decorativa. Estas são separadas por grades de madeira torneada, de desenho modulado, que se repetem na balaustrada do coro., de autoria de Aleijadinho. O arco-cruzeiro é em pedra de cantaria. A sacristia e o consistório possuem pisos e forros em tabuado liso, estes com pintura decorativa. O coro, de autoria de Aleijadinho, chama atenção pela sua concepção arrojada, cujas linhas moduladas, acentuam o efeito de profundidade e monumentalidade. É guarnecido por bela balaustrada em madeira torneada, com colunas e ornatos dos suportes de gosto rococó. Destacam-se lateralmente duas expressivas esculturas de atlantes. Também de autoria do Aleijadinho, os púlpitos possuem enquadramento das portas e suportes em pedra trabalhada e tambores em madeira com superfícies onduladas, com esculturas em baixo-relevo reproduzindo cenas do Novo Testamento nas faces centrais. Dos três altares existentes, os dois do arco-cruzeiro caracterizam-se pela boa qualidade da talha e decoração de gosto rococó. Já o altar-mor, executado somente em 1806, embora sob o risco do mesmo autor dos anteriores, o entalhador Francisco Vieira Servas, não apresenta o mesmo apuro técnico. No campo da pintura, o painel central do teto da nave, emoldurado por muro parapeito, representa o episódio de Santo Elias sendo transportado para o céu num carro de fogo. No teto da capela-mor, painel representando Nossa Senhora entregando o escapulário a um santo da Ordem., emoldurado por muro parapeito onde se salientam figuras religiosas., e nas paredes, painéis em barra pintada, simulando azulejos. No arco-cruzeiro, pintura com a figura da Virgem sentada sobre nuvens e no teto da sacristia, pintura simbólica, tendo ao centro o Espírito Santo. As pinturas principais são de autoria de Joaquim Gonçalves da Rocha, existindo, porém, indícios de acréscimos e repinturas. No conjunto de imagens, destacam-se as de São João da Cruz e de São Simão Stock, alojadas nos altares do arco-cruzeiro, esculpidas pelo Aleijadinho. A igreja de Nossa Senhora do Carmo e o cemitério fronteiro foram objeto de tombamento pelo IPHAN, conforme Inscrição nº 116 - Livro Belas Artes - Fl 21, em data de 13 de junho de 1938. Texto extraído de: Barroco - 8.

Arquitetura Religiosa

Registrado no Livro das Belas-artes

Volume	Folha	Inscrição	Data
1	021	116	13/6/1938



685



686

IPHANSobre o
IphanBens
CulturaisBanco de
Dados

Notícias

Legislação

Parcerias e
Premiação

Calendário

Cursos e
EventosPáginas
PatrimoniaisLoja do
Iphan

Intranet

Bens Tombados

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

Igreja Matriz do Pilar

São João Del Rei

MG

A iniciativa de construção da atual Igreja Matriz de Nossa Senhora do Pilar foi tomada pela Irmandade do Santíssimo Sacramento, através de licença datada de 12 de setembro de 1721, com a finalidade de substituir a primitiva Capela do Pilar, edificada no Morro da Força, incendiada alguns anos antes, durante a Guerra dos Emboabas. Reconstruída no mesmo local da primitiva capela, em setembro de 1732 já se achavam concluídas as paredes mestras, os portais, altares e capela-mor. No mesmo ano vieram da Corte, em Portugal, ouro em folha, gessos, óleos, tintas e mais aprestos destinados à capela-mor, além dos dois painéis a "Mesa do Senhor" e "O Senhor na Casa do Fariseu", que lá se encontram Segundo consta, no mesmo período faltava forrar a igreja, além da colocação de lâmpadas, torre e sinos. No ano de 1750, a edificação já se encontrava praticamente concluída e ornada. como se infere da descrição feita por José Alvares de Oliveira, em sua "História do Distrito do Rio das Velhas" escrita no mesmo ano. Em princípio do século XIX, a Irmandade decidiu ampliar o corpo da igreja, em função do crescimento da vila e, portanto, ao crescimento do número de fiéis. O risco do novo frontispício foi idealizado pelo mestre Manoel Victor de Jesus, no ano de 1817, em substituição à fachada projetada por Francisco de Lima Cerqueira.. As obras somente tomaram impulso em 1824, por ocasião da chegada do novo vigário da Paróquia de São João Del Rei, José Dias Custódio. Entre os anos de 1850 a 1863, foram concluídos vários trabalhos da igreja, como o forro, assoalho, pintura do coro (1850/53), paredes da sacristia (1859), além do novo cemitério (1859/63). Não há referência documental sobre a época e autoria das obras de pintura da matriz. O forro da nave deve datar de princípios do século XIX, pois o viajante europeu John Luccock, quando esteve em São João Del Rei em 1817, descreveu-o com detalhes, dizendo ter sido recentemente pintado por um artista local, fazendo alusão também a outras pinturas também existentes na igreja. O edifício é todo construído em alvenaria de pedra, dentro da linha neoclássica. É precedido por um pequeno adro pavimentado de pedra, acessível por escadaria e fechado por grades de ferro, com pilastras de cantaria e portão abrindo no eixo da porta central de entrada. A fachada é composta por cinco portas de entrada, sendo a central mais larga e mais alta, cinco janelas rasgadas ao nível do coro com balcões e guarda-corpo de ferro. Todos os vãos são em verga curva O corpo central é enquadrado por pilastras que sobem até o enquadramento acima do qual assenta o frontão clássico triangular, em cujo tímpano encontra-se a figura em relevo do

Bens
TombadosSítios
UrbanosSítios
ArqueológicosBens
ProcuradosAcervo
Iconográfico

Bibliotecas

687

...eleva-se a cruz. As torres, de secção quadrada, possuem sineiras e sinos e a da esquerda um relógio colocado em 1905. São arrematadas por cúpulas em forma de pirâmide. Os coruchéus do portão e torres têm a forma de urnas.

Internamente, a nave é composta por magnífico conjunto de talha pintada e dourada São seis altares, constituídos por rica talha barroca, com decoração fitomorfa, concheados, figuras de anjos, consolos e volutas, obedecendo ao mesmo padrão, embora com algumas diferenças. Os púlpitos colocados entre os altares laterais, são igualmente trabalhados em talha rica O forro da nave, em arco abatido sobre a cimalha, apresenta pintura a têmpera composta por medalhão central, cercado por ornamentação barroca em concheados e enrolamentos, onde se vê a representação da Virgem com o Menino, ambos coroados, envoltos por nuvens e querubins. Sobre o muro-parapeito, que se desenvolve logo acima da cornija, encontram-se as figuras dos Doutores da Igreja. A capela-mor é o ponto alto da igreja., sendo a decoração esculpida e dourada de grande riqueza. As paredes laterais são constituídas r por duas grandes telas, vindas de Portugal em 1732, representando "A Última Ceia" e "Jesus em Casa de Simão". Tratam-se de obras de carácter erudito, executadas dentro do espírito barroco. Apresentam rica moldura dourada e são ladeadas por pilastras esculpidas, de onde saem figuras de anjos aladas. O altar-mor apresenta colunas torsas e ornamentação profusa, com figuras de anjos e dominada pela imagem do Pai Eterno, a Pomba do Divino Espírito Santo, formando a Santíssima Trindade com o Crucificado no altar Sobre o trono do altar encontra-se a antiga imagem da padroeira. O forro da capela-mor é em forma de cúpula sobre pendentes, com as arestas marcadas por molduras trabalhadas e os panos da abóbada com painéis ornamentados. No cruzamento das arestas há uma grande rosácea esculpida e dourada. O monumento foi objeto de tombamento pelo IPHAN, conforme Processo nº 404-T, Inscrição nº 328, Livro Belas Artes, Fl 69, em data de 29 de novembro de 1949. Texto extraído de: Arquivo Museu Regional. SOUZA, Wladimir Alves de Guia dos Bens Tombados: Minas Gerais. 1984.

Arquitetura Religiosa

Registrado no Livro das Belas-artes

Volume	Folha	Inscrição	Data
1	069	328	29/11/1949



688



IPHANSobre o
IphanBens
CulturaisBanco de
Dados

Notícias

Legislação

Parcerias e
Premiação

Calendário

Cursos e
EventosPáginas
PatrimoniaisLoja do
Iphan

Intranet

Bens Tombados

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição

Serro

MG

Ao que indica a antiga Vila do Príncipe, atual cidade do Serro, teve duas matrizes anteriores à atual. A primeira delas era uma simples capelinha coberta de palha e dedicada a Santo Antônio. Provavelmente, por volta de 1713 já estava em construção a segunda igreja que serviria de matriz, fato que por certo justificou a elevação, através de carta régia datada de 26 de fevereiro de 1724, da paróquia à categoria de colativa. Desta segunda matriz tem-se notícias através de alguns documentos de 1725 e 1737, que a ela se referem sem maiores comentários, apenas indicando a existência de um adro agregado à sua planta. A atual matriz é, portanto, a terceira que ali se construiu. Sua edificação foi iniciada posteriormente ao ano de 1776, ano em que o vigário Simão Pacheco deixa em testamento tudo o que lhe era devido em cômguas para se construir a nova matriz. Em 1796 a igreja já mostrava sinais de desgaste e deterioração pois, em 14 de julho daquele ano, os irmãos do Santíssimo Sacramento apontavam a necessidade da reedificação da capela-mor - em estado de ruína - bem como da nave. Registros efetuados no Livro de Receita da citada irmandade, atestam que entre os anos de 1796 a 1799, muitos materiais foram adquiridos para a obra e vários pagamentos foram efetuados a Manuel Fernandes Leão, embora não tenham sido especificados os trabalhos ali realizados. Concomitantemente à construção do templo eram realizados os trabalhos de decoração interna. Alguns nomes foram resguardados, permitindo-se, assim, conhecer alguns artistas que ali trabalharam: em 16 de dezembro de 1792 foi ajustado com Bartolomeu Pereira Diniz, a confecção do retábulo da capela-mor, trabalho este que ainda não estava concluído em dezembro de 1795. Nos anos de 1799 a 1800, foram efetuados diversos pagamentos a Joaquim Gonçalves de Aguiar por tornear as colunas para o retábulo novo da Igreja Matriz, aos entalhadores Bento André Pires e Francisco Pereira Diniz e ao pintor e dourador Manuel Fernandes Leão, que entre 1807/1808 seria encarregado da pintura do "cofre de exposição do Senhor no Trono" e do "Sudário e Verônica", bem como do risco para modelo das portas da igreja. certamente em 1802, a matriz já estava em condições de servir ao culto pois, neste ano, para ali foi trasladado o Santíssimo Sacramento, depositado provisoriamente na hoje demolida Igreja da Purificação. Entretanto, muito ainda restava a fazer pois segundo relato de dom frei José da Santíssima trindade, bispo de Mariana, nos registros que fez em seu livro de Visitas Pastorais (1821/1826), a matriz de Nossa Senhora da Conceição da Vila do Príncipe se encontrava desprovida de tudo, com

Bens Tombados
Sítios Urbanos
Sítios Arqueológicos
Bens Procurados
Acervo Iconográfico
Bibliotecas

690

... os retábulos por madeira e apenas uma imagem, a da padroeira, no trono do altar-mor, sendo que os demais altares tinham as imagens dos oragos pintadas em tábuas lisas (informação datada de 27 de agosto de 1821). Quatro anos depois, segundo consta no citado livro, já se trabalhava na conclusão dos retábulos, faltando ainda o forro do corpo da igreja. O assoalho e campas encontravam-se em condições precárias e o adro e cemitério ainda por fazer. Já em 1843, através do Termo de Concordata datado de 26 de março, foi contratado o empreiteiro Severo Sebastião de Gouveia que, seguindo o plano e risco do arquiteto João Jorge Mayer, encarregou-se da restauração do frontispício e das torres. Em 1850, o presidente da Província José Ricardo de Sá Rego registrou em seu relatório as condições precárias da matriz, fazendo ressalva à capela-mor, supostamente edificada em época posterior. Duas placas de bronze, fixadas em cada lado da porta principal, trazem inscritas as datas de 1872 e 1877 que, provavelmente, referem-se à época de obras ali realizadas. Diversas obras de conservação foram realizadas na segunda metade do século XIX e ao longo do século atual, já agora sob a orientação do IPHAN. Apesar de construída no último quartel do século XVIII, pertence ao partido tradicional das matrizes mineiras construídas na primeira metade do Setecentos, incluindo, apenas, duas particularidades características da segunda metade daquele século: torres destacadas em relação ao corpo da igreja e a insinuação de paredes curvas nos anexos laterais ao longo da nave. A sua estrutura é em madeira e taipa, com reforços posteriores em alvenaria de tijolos e cimento, cunhais e enquadramento dos vãos em madeira, vergas em arco abatido e cobertura em duas águas. A fachada, restaurada em meados do século XIX com a construção de alicerces em pedra, apresenta torres quadrangulares, com cobertura em quatro águas, com duas portas-sacadas inseridas, empena lisa e óculo de formato caprichoso. No frontispício estão três portas-sacadas com parapeitos de ferro batido. Internamente apresenta pisos em campa e tabuado largo, forros abobadados em tabuado liso com pinturas decorativas, sendo que a da nave, datada de 1888, é atribuída a Manuel Antônio da Fonseca. O retábulo-mor, como já se referiu anteriormente, de autoria dos irmãos Bartolomeu e Francisco Pereira Diniz, conhecido como Chico Entalhador, demonstra em sua estrutura e ornamentação, nítida inspiração do altar-mor da igreja de São Francisco de Assis de Ouro Preto, de autoria de Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho. Os quatro altares laterais, em estilo rococó, são menos elaborados e estão sob a invocação de Nossa Senhora do Rosário, Ecce Homo e Sant'Ana.

Arquitetura Religiosa

Registrado no Livro das Belas-artes

Volume	Folha	Inscrição	Data
1	052	233-A	22/7/1941

Texto extraído de: Inventário Nacional de Bens Móveis e

Integrados. VITAE/IPHAN.

691



692

IPHAN

Sobre o Iphan

Bens Culturais

Banco de Dados

Notícias

Legislação

Paróquias e Premiação

Calendário

Cursos e Eventos

Páginas Patrimoniais

Loja do Iphan

Intranet

Bens Tombados

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

Convento e Igreja de Nossa Senhora dos Anjos, cruzeiro em frente, capela e cemitério da Ordem 3ª de São Francisco

Cabo Frio

RJ

Arquitetura Religiosa

Registrado no Livro das Belas-artes

Volume	Folha	Inscrição	Data
1	082	436	17/1/1957



Bens Tombados
Sítios Urbanos
Sítios Arqueológicos
Bens Procurados
Acervo Iconográfico
Bibliotecas

e93

IPHANSobre o
IphanBens
CulturaisBanco de
Dados

Notícias

Legislação

Parcerias e
Premiação

Calendário

Cursos e
EventosPáginas
PatrimoniaisLoja do
Iphan

Intranet

Bens Tombados

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

Cemitério do Batalhão

Campo Maior

PI

Em 07-03-1990 o Cemitério do Batalhão foi declarado Monumento Nacional, pois ali esto enterrados os mortos da Batalha do Genipapo, de 1823. Ali existe um marco comemorativo, sem nenhum valor artístico, com o seguinte dizer: "Homenagem aos heróis da Batalha do Genipapo. Independência do Brasil. Primeiro Centenário. Interditado em 12-01-1937". As sepulturas são indicadas por tosca cruzeiras de madeira, e algumas delas estão protegidas com cerca de jaleima.

Arquitetura Funerária

Registrado no Livro das Belas-artes

Volume	Folha	Inscrição	Data
1	040	232	30/11/1938

Registrado no Livro Histórico

Volume	Folha	Inscrição	Data
1	020	113	30/11/1938

Bens
TombadosSítios
UrbanosSítios
ArqueológicosBens
ProcuradosAcervo
Iconográfico

Bibliotecas

694

IPHAN

- Sobre o Iphan
- Bens Culturais
- Banco de Dados
- Noticias
- Legislação
- Parcerias e Premiação
- Calendário
- Cursos e Eventos
- Páginas Patrimoniais
- Loja do Iphan
- Intranet

Bens Tombados

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

Capela e Cemitério de Maruhy

Niterói

RJ

Arquitetura Religiosa

Registrado no Livro das Belas-artes

Volume	Folha	Inscrição	Data
1	037	214	23/8/1938

Registrado no Livro Histórico

Volume	Folha	Inscrição	Data
1	042	248	12/1/1948

Bens Tombados
Sítios Urbanos
Sítios Arqueológicos
Bens Procurados
Acervo Iconográfico
Bibliotecas

- Sobre o Iphan
- Bens Culturais
- Banco de Dados
- Notícias
- Legislação
- Parcerias e Premiação
- Calendário
- Cursos e Eventos
- Páginas Patrimoniais
- Loja do Iphan
- Intranet

Capela e Cemitério de Maruhy

Niterói

RJ

Arquitetura Religiosa

Registrado no Livro das Belas-artes

Volume	Folha	Inscrição	Data
1	037	214	23/8/1938

Registrado no Livro Histórico

Volume	Folha	Inscrição	Data
1	042	248	12/1/1948

Bens Tombados
Sítios Urbanos
Sítios Arqueológicos
Bens Procurados
Acervo Iconográfico
Bibliotecas

697

IPHAN

- Sobre o Iphan
- Bens Culturais
- Banco de Dados
- Notícias
- Legislação
- Parcerias e Premiação
- Calendário
- Cursos e Eventos
- Páginas Patrimoniais
- Loja do Iphan
- Intranet

Bens Tombados

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

Igreja de São Francisco da Penitência, cemitério e Museu de Arte Sacra, ambos anexos à Igreja, bem como todos os seus pertences.

Rio de Janeiro RJ

Largo da Carioca
Arquitetura Religiosa

Registrado no Livro das Belas-artes

Volume	Folha	Inscrição	Data
1	028	161	8/7/1938

Registrado no Livro Histórico

Volume	Folha	Inscrição	Data
1	014	075	8/7/1938

Bens Tombados
Sítios Urbanos
Sítios Arqueológicos
Bens Procurados
Acervo Iconográfico
Bibliotecas

IPHANSobre o
IphanBens
CulturaisBanco de
Dados

Notícias

Legislação

Parcerias e
Premiação

Calendário

Cursos e
EventosPáginas
PatrimoniaisLoja do
Iphan

Intranet

Bens Tombados

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

Portão do Cemitério de Arez

Arez

RN

Elevada à categoria de Vila de Ares em 1760, fora anteriormente aldeia indígena onde se instalaram os jesuítas. O frontispício do cemitério de Arês foi considerado obra bastante expressiva no Barroco. Datada de 1822, sua construção fora atribuída ao capuchinho Frei Herculano, quando esteve em Arês. Considerada a peça mais sugestiva de todo o estado, com seus ornamentos do Barroco, como decoração mural, segundo Câmara Cascudo, possui frontispício de composição simétrica, com cinco divisões feitas por colunas compósitas. Na divisão central, em arco pleno e frontão em forma de sino encimado por cruz, existe seu vão de acesso. Duas divisões ornadas por motivos florais, ladeando o arco. Nichos em arco pleno cercado por ornatos, vazam as duas divisões extremas. Motivos florais nas bases e no rodapé. Pináculos em forma de lótus fechados sobre a cornija, coroando as colunas.

Arquitetura Civil

Registrado no Livro Histórico

Volume	Folha	Inscrição	Data
1	057	351	23/8/1962

CARRAZONI, Maria Elisa. Guia dos bens tombados. 2ª edição. R. J. Expressão e Cultura. 1987. SOUZA, Oswaldo Câmara de. Acervo do patrimônio histórico e artístico do Rio Grande do Norte. Natal. Fundação José Augusto. 1981.



Bens Tombados
Sítios Urbanos
Sítios Arqueológicos
Bens Procurados
Acervo Iconográfico
Bibliotecas

699

IPHANSobre o
IphanBens
CulturaisBanco de
Dados

Notícias

Legislação

Parcerias e
Premiação

Calendário

Cursos e
EventosPáginas
PatrimoniaisLoja do
Iphan

Intranet

Bens Tombados

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

Ruínas do Povo de São João e respectivos remanescentes

Entre-ijuís

RS

São João Batista foi fundada em 1697 pelo padre alemão Antônio Sepp, com famílias provenientes de São Miguel Arcanjo. Quarenta anos depois alcançou a uma população de 4 500 habitantes. Com grandes conhecimentos científicos e artísticos, o Padre Sepp iniciou a metalurgia nas missões. Extraia o ferro que era utilizado na fabricação dos sinos pelo aquecimento da pedra itacurú, que era abundante na região. No local, hoje podemos identificar os remanescentes da Igreja, cemitério e colégio além de estruturas complementares como olarias, barragem, estradas. Uma mostra com achados arqueológicos e histórico da redução e uma trilha eco-cultural complementam o roteiro de visita.

Registrado no Livro Histórico

Volume	Folha	Inscrição	Data
1	069	423-A	22/1/1970

Bens Tombados
Sítios Urbanos
Sítios Arqueológicos
Bens Procurados
Acervo Iconográfico
Bibliotecas

700

IPHANSobre o
IphanBens
CulturaisBanco de
Dados

Notícias

Legislação

Parcerias e
Premiação

Calendário

Cursos e
EventosPáginas
PatrimoniaisLoja do
Iphan

Intranet

Bens Tombados

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

Ruínas do Povo de São Lourenço e respectivos remanescentes onde se encontraram

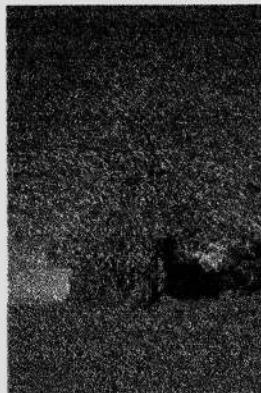
São Luiz Gonzaga

RS

São Lourenço Mártir foi fundada em 1690, pelo Padre Bernardo de la Vega, com população proveniente da redução Argentina de Santa Maria, a Maior. Sua população ultrapassou a 6 400 habitantes em 1731. Na igreja havia uma grande imagem de São Lourenço, seu padroeiro, provavelmente a que hoje se encontra no Museu das Missões, em São Miguel. No sítio arqueológico é possível visitar remanescentes da Igreja, cemitério, colégio e a quinta da antiga redução, parcialmente encobertos pela vegetação, além de exposição sobre os resultados das pesquisas arqueológicas.

Registrado no Livro Histórico

Volume	Folha	Inscrição	Data
1	069	426-A	18/3/1970

Bens
TombadosSítios
UrbanosSítios
ArqueológicosBens
ProcuradosAcervo
Iconográfico

Bibliotecas

701

IPHANSobre o
IphanBens
CulturaisBanco de
Dados

Notícias

Legislação

Parcerias e
Premiação

Calendário

Cursos e
EventosPáginas
PatrimoniaisLoja do
Iphan

Intranet

Bens Tombados

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

Conjunto Paisagístico do Cemitério de N. Sra. da Soledade

Belém

PA

A epidemia de febre amarela, em meados do século XIX, tornou necessária a construção de um novo cemitério na cidade de Belém. Pois, o antigo, no Largo da Campina, só era utilizado por escravos e desvalidos, preferindo os de melhores condições continuar enterrando dentro das igrejas (apesar da proibição). Então, em janeiro de 1850, foi inaugurado o novo cemitério, com capela de Nossa Senhora da Soledade construída pelo Capitão Joaquim Vitorino de Sousa Cabral.

"Capela neoclássica, com sineira serrada, posterior, em largo arco, no oval elementos de sobrevivência formal barrôco-pombalina se ajustam a uma base bem clássica". No entanto, a nova necrópole apresentava vários problemas, como a localização em área no centro da cidade, pequena extensão, além de problemas higiênicos. Em dezembro do mesmo ano, passou o cemitério para a Santa Casa de Misericórdia, ficando à cargo desta as obras de acabamento. O pórtico e o portão tem desenho do arquiteto-engenheiro Pezerat, sendo talhado em cantaria de pedra-de-lioiz, lavrada e escoada. O gradeamento de ferro foi importado da Inglaterra. As obras de melhoramento ficaram prontas em 1854. Em 1863, o cemitério passou por várias transformações. O arvoredado de cabuarina foi derrubado, as grades de madeira foram substituídas por parapeitos de tijolinhos côncavos, e a capela retalhada e caiada. Em 1880 os sepultamentos foram encerrados. Entre os monumentos funerários de maior destaque está o jazigo do General Hilário Maximiliano Antunes Gurjão. Construído nas oficinas de Lombardi, na Bréscia, com trabalho de escultura feito pelo professor Allegretti, do Instituto de Belas Artes de Roma. Entretanto, apesar de desativado, o cemitério de Soledade é ainda muito procurado. Tanto por famílias de pessoas sepultadas, quanto pelo dia das almas (segunda-feira). Portanto, se faz necessária a recuperação da Capela e demais áreas de uso comunitário.

Arquitetura Religiosa

Registrado no Livro das Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico

Volume	Folha	Inscrição	Data
1	07	029	23/1/1964

Bens Tombados
Sítios Urbanos
Sítios Arqueológicos
Bens Procurados
Acervo Iconográfico
Bibliotecas

702

IPHANSobre o
IphanBens
CulturaisBanco de
Dados

Notícias

Legislação

Parcerias e
Premiação

Calendário

Cursos e
EventosPáginas
PatrimoniaisLoja do
Iphan

Intranet

Bens Tombados

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

Cemitério do Batalhão

Campo Maior

PI

Em 07-03-1990 o Cemitério do Batalhão foi declarado Monumento Nacional, pois ali esto enterrados os mortos da Batalha do Genipapo, de 1823. Ali existe um marco comemorativo, sem nenhum valor artístico, com o seguinte dizer: "Homenagem aos heróis da Batalha do Genipapo. Independência do Brasil. Primeiro Centenário. Interditado em 12-01-1937". As sepulturas são indicadas por tosca cruzeiras de madeira, e algumas delas estão protegidas com cerca de jaleima.

Arquitetura Funerária

Registrado no Livro das Belas-artes

Volume	Folha	Inscrição	Data
1	040	232	30/11/1938

Registrado no Livro Histórico

Volume	Folha	Inscrição	Data
1	020	113	30/11/1938

Bens Tombados
Sítios Urbanos
Sítios Arqueológicos
Bens Procurados
Acervo Iconográfico
Bibliotecas

703

IPHAN

Sobre o
Iphan

Bens
Culturais

Banco de
Dados

Notícias

Legislação

Parcerias e
Premiação

Calendário

Cursos e
Eventos

Páginas
Patrimoniais

Loja do
Iphan

Intranet

Bens Tombados

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

Cemitério Protestante

Joinville

SC

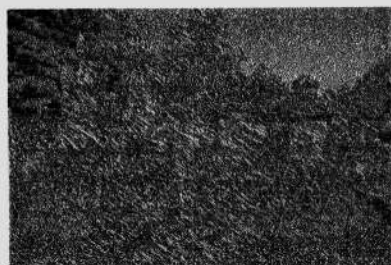
Arquitetura Religiosa

Registrado no Livro Histórico

Volume	Folha	Inscrição	Data
1	058	354	9/11/1962

Registrado no Livro das Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico

Volume	Folha	Inscrição	Data
1	08	033	9/11/1962



Bens Tombados
Sítios Urbanos
Sítios Arqueológicos
Bens Procurados
Acervo Iconográfico
Bibliotecas

IPHAN

- Sobre o Iphan
- Bens Culturais
- Banco de Dados
- Notícias
- Legislação
- Parcerias e Premiação
- Calendário
- Cursos e Eventos
- Páginas Patrimoniais
- Loja do Iphan
- Intranet

Bens Tombados

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

Cemitério Protestante

Joinville

SC

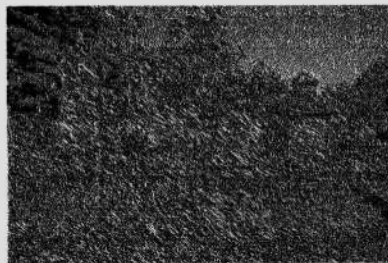
Arquitetura Religiosa

Registrado no Livro Histórico

Volume	Folha	Inscrição	Data
1	058	354	9/11/1962

Registrado no Livro das Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico

Volume	Folha	Inscrição	Data
1	08	033	9/11/1962



Bens Tombados
Sítios Urbanos
Sítios Arqueológicos
Bens Procurados
Acervo Iconográfico
Bibliotecas

• Cemitério Père-Lachaise,
Paris

•

707

PLAN ET HISTOIRE DU PÈRE-LACHAISE

MAP AND HISTORY OF PÈRE-LACHAISE

Vincent de Langlade



Éditions Vermet



HISTOIRE ET PLAN
DU
PÈRE-LACHAISE

Éditions Vermet

UNE VILLE SAINTE

Nous le savons, Paris, entouré de sept collines : le mont Martre, le mont Souris, le mont Parnasse, le Mesnil-Montant, la colline du Gros-Caillou dite aujourd'hui de Chaillot, la Butte-aux-Cailles et Champ-l'Évêque, Paris, donc, pour cette raison, était « ville sainte ». Enfin, on le prétendait.

Champ-l'Évêque, comme son nom l'indique, était une terre qui appartenait à l'évêque et qui couvrait la presque totalité de la commune de Charonne, commune vouée au culte de Saint-Blaise, le patron des cardeurs. Sur le versant sud, on cultivait la vigne, et nous savons aussi que longtemps Charonne était le plus important fournisseur de vin de la capitale. Au sommet, sur le plateau qui domine la colline, les céréales poussaient à profusion.

UN SAINT HOMME

Le plus célèbre des évêques qui se sont succédés en qualité de propriétaires de cette colline était natif d'Auxerre, où il est d'ailleurs inhumé dans la crypte d'une abbaye. Il se prénommaient Germain. Élu par le peuple et le clergé, il fut nommé gouverneur par Honorius, et devint évêque en 418. On sait son rôle important dans le relèvement de l'Église armoricaine. On sait aussi que pour lutter contre l'hérésie pélagienne, il fut appelé en Grande-Bretagne en 429.

UNE RENCONTRE HISTORIQUE

Les historiens, pas toujours d'accord, sont unanimes cette fois, pour situer quelques jours avant son départ outre-Manche, la rencontre insolite s'il en fût, mais d'une importance considérable, que fit Germain l'Auxerrois visitant ses terres de Champ-l'Évêque. C'est au cours de cette visite, en effet, qu'il y rencontra une petite fillette paraissant avoir environ six à sept ans. L'enfant se promenait en compagnie de ses parents.

TRIPLE BÉNÉDICTION

Imaginons la scène...

Le prélat, apercevant la fillette, s'en approche et, démarche facile à comprendre chez un ecclésiastique : il la bénit.

Mais voici que, la bénissant, il se rend compte que l'enfant est aveugle. Cette découverte provoque en lui un choc émotionnel d'une rare intensité. La surprise est si forte qu'il ne sait quoi faire, qu'il ne sait quoi dire. Presqu'inconsciemment, il la bénit une seconde fois, cela fait toujours gagner un peu de temps. Puis, probablement emporté par son élan, il la bénit une troisième fois.

Est-ce le fruit de cette triple bénédiction ? Toujours est-il que l'enfant va recouvrer la vue et devenir, plus tard, sainte Geneviève, la patronne de Paris.

Champ-l'Évêque est donc une colline chargée d'Histoire, et nous savons que partout où l'Histoire passe, elle marque les lieux de son empreinte ineffaçable...

LE MONT-AUX-VIGNES

Saint-Germain l'Auxerrois meurt à Ravenne, en Italie, au cours d'un voyage qu'il y effectue en 448.

Et puis le temps passe... les prélats se désintéressent de leurs terres de Charonne et, petit à petit, les laissent aux soins et bénéfices des paysans.

Champ-l'Évêque, dans l'esprit du peuple, devient de plus en plus, le « Mont-aux-Vignes ».

Jusqu'au jour où...

LA FOLIE-REGNAULT

Dans le courant du XIV^e siècle, Regnault de Wandonne, un très riche épicier, mais à cette époque, les épiciers sont rares et tous extrêmement riches, Regnault de Wandonne donc, tire grand profit de la vente d'épices qu'il fait lui-même venir de pays lointains.

Désirant jouir de sa fortune le plus agréablement du monde, il se fait construire sur le Mont-aux-Vignes, une petite maison de villégiature blottie sous le feuillage : une « feuillue », comme l'on disait alors. C'est par déformation de langage que, de nos jours, on dit : « folie ». Il ne s'agit donc en aucun cas d'une petite maison dans laquelle on viendrait y faire des folies...

La rue de la Folie-Regnault, dans l'actuel 11^e arrondissement de Paris, rappelle la proximité de cette feuillue...

LES JÉSUITES

C'est le 11 août 1626 que, longtemps après la mort de l'épicier, les jésuites de la maison professe de la rue Saint-Antoine deviennent à leur tour les propriétaires du terroir de la Folie-Regnault. Très vite, ils décident d'y élever une maison de retraite pour prier et pour à la fois bénéficier du calme et du bon air. Une résidence secondaire en quelque sorte.

LE ROI ET LE CARDINAL

Un matin de juillet 1652 : c'est la Fronde. Le jeune roi Louis XIV, encore un enfant, vient sur les pentes de la colline, accompagné de son Premier ministre le cardinal de Mazarin, afin d'y suivre, de loin, à la longue-vue, une bataille que devait livrer ses troupes contre les Frondeurs sur l'emplacement de l'actuelle rue de Lyon.

JOIE ET DÉCEPTION

Lorsque les jésuites sont prévenus de la présence du roi sur leur domaine, ils sont agréablement surpris, sans plus. Mais quand ils apprennent que le roi est avec le cardinal, la « donne » n'est plus la même. En effet pour les jésuites, si le roi est bien le roi, il n'est qu'un enfant de 14 ans, tandis que le cardinal c'est autre chose... et très vite leur joie se transforme en déception, car, n'ayant pas été avertis, ils n'ont rien prévu pour accueillir dignement ces royaux visiteurs.

UNE IDÉE

Nous savons que chaque fois qu'un chef d'État se rend en visite quelque part, il s'en retourne toujours les bras chargés de cadeaux. Comme ils n'avaient pas été prévenus de l'arrivée du roi, les jésuites n'avaient préparé aucun présent... Que faire ?

Finalement, ils ont eu une idée. Et qui plus est, une idée de jésuite, si j'ose dire. Une idée, c'est peu de chose, mais comme on le dit dans le jargon populaire, cela peut rapporter gros.

LE MONT-LOUIS

Cette idée est assez inattendue, jugez-en : ils ont débaptisé Champ-l'Évêque, appellation que plus personne n'utilisait d'ailleurs. Et croyez-moi, quand on est jésuite et que l'on a plutôt mission de convertisseur, débaptiser quoi que ce soit : il faut le faire... Eh bien, ils l'ont fait. Et ils ont donné à la colline le nom du jeune monarque ; c'est devenu le Mont-Louis.

IL SE SOUVIENDRA

En 1652, le roi, j'insiste, n'est qu'un enfant. Un enfant gâté comme peut l'être un roi. Un enfant qui ne manque ni de l'essentiel, ni du superflu. Un enfant déjà blasé des cadeaux qu'il reçoit en quantité importante. L'honneur que les jésuites viennent de faire au roi le touche infiniment. Son nom donné à une colline, qui plus est, se trouve être l'une des sept qui entourant Paris faisait dire autrefois qu'il s'agissait d'une ville sainte... Il se dit : « Pas de doute : je suis vraiment le roi. » D'ailleurs, il se souviendra longtemps du geste des jésuites.

UN CONFESSEUR

Plus tard, beaucoup plus tard. Trente-sept ans plus tard, le prestigieux souverain qu'est devenu Louis XIV est désemparé ; son confesseur vient de mourir.

Or, on a beau être roi, on n'en est pas moins homme.

Se souvenant de la gentillesse des jésuites du Mont-Louis, il leur demande de lui désigner un confesseur parmi eux. Ceux-ci vont faire venir spécialement de la région lyonnaise celui d'entre eux que le roi ne pourra pas refuser : il s'agit du petit neveu du révérend père Mouton. Le père Mouton était le confesseur des

rois Henri IV et Louis XIII. Louis XIV accepte donc d'emblée le descendant du confesseur de ses aïeux.

LE PÈRE LACHAISE

C'est à partir de ce jour que le révérend père François de Lachaise d'Aix, à travers les barreaux du confessionnal, tant sa personnalité est débordante, va gouverner le royaume jusqu'à sa mort en 1709.

C'est dans la maison de Mont-Louis que le père Lachaise a rédigé, dans ses moindres détails, cette fameuse révocation de l'Édit de Nantes, dont nous parlons encore tant de nos jours. Et sa notoriété est si répandue qu'aujourd'hui, nous avons presque totalement oublié Champ-l'Évêque, la Folie-Regnault, le Mont-aux-Vignes et Mont-Louis, pour ne désigner ce vaste parc, que du nom de ce confesseur de Louis XIV : le PÈRE LACHAISE.

APRÈS LES JÉSUITES

L'adjudication du 31 août 1763, qui suivit l'expulsion des jésuites, va laisser le domaine de Mont-Louis à un certain sieur Gratin qui le revendra en 1771 aux frères Jacques et Louis Baron-Desfontaines, importants propriétaires terriens d'Ile-de-France, qui seront les derniers occupants avant que ce parc ne devienne cimetière.

1789...

La Révolution française. On tue énormément de monde au cours de cette période trouble et importante de notre histoire et

de l'histoire tout court. Et ce n'est pas pour rien si les quelques années qui ont suivi cette révolution sont venues jusqu'à nous sous cette horrible appellation : la terreur.

Quelques milliers de morts qui, subitement, j'insiste : subitement ; quelques milliers de morts qui, subitement, font leur apparition sur ce que j'appellerai le marché funéraire, dans un Paris géographiquement bien plus petit que celui que nous connaissons de nos jours : c'est énorme...

SPECTACLE AFFLIGEANT

C'est énorme, et ne soyons pas surpris d'apprendre que les personnes qui sont chargées des obsèques se trouvent très vite débordées. Car, en effet, il n'y a pas, comme aujourd'hui, de cercueils en stock. Et on n'a pas le temps d'en fabriquer en quantité suffisante. Voilà pourquoi, alors, on n'enterre plus les morts, mais on les entasse les uns par-dessus les autres dans les petits cimetières qui entourent les églises de la capitale. Cela provoque, vous vous en doutez, non seulement un spectacle affligeant, mais aussi des exhalaisons difficiles à supporter et surtout, des foyers de méphitisme, c'est-à-dire des contagions qui vont encore augmenter le nombre des morts comme si nous en avions besoin. Et ce sont ces morts par contagions qui ont été les plus nombreux et qui ne sont jamais cités dans les manuels scolaires ou dans les statistiques qui viennent jusqu'à nous afin de nous offrir généreusement les chiffres soi-disant exacts des morts « directs » de la Révolution française.

BONAPARTE

Voilà donc la situation, ô combien pénible, non seulement à Paris, mais aussi dans les villes importantes, que trouve le Premier consul Bonaparte.

Alors, il voudrait bien faire quelque chose, mais il ne le peut. Il ne le peut car, si effectivement il est bien le premier, il n'est pas le seul. Et c'est seulement lorsque, d'un seul coup, d'un seul par le truchement d'un coup d'état, devenant Napoléon, il va prendre la décision qui s'impose.

NICOLAS FROCHOT

Il va charger son préfet Nicolas Frochot, de négocier l'achat de quelques territoires « hors la ville » afin d'y aménager de vastes nécropoles modernes et hygiéniques : ce sont les deux mots qui ont été utilisés alors.

Monsieur Frochot, premier préfet de Paris en date, Monsieur Frochot était un homme de terrain, cela tombait bien, me direz-vous. Après avoir battu la campagne, il est séduit par le site exceptionnel que constituent les frondaisons du merveilleux parc dit du Père Lachaise et il s'empresse de s'en rendre acquéreur auprès de Louis Baron-Desfontaines à qui il verse la somme qui lui est demandée pour l'ensemble de ce terrain : 160 000 F selon certains, 180 000 F selon d'autres, sommes que, de toute façon, il m'est impossible de convertir en francs de nos jours. C'étaient des francs-or, c'était une somme importante : ce sont là les seuls renseignements que j'ai pu tirer au téléphone des responsables de la Banque de France qui n'ont donc pu me fournir ce que j'escomptais...

CIMETIÈRE DE L'EST

L'architecte Alexandre Brongniart aménage les lieux en respectant le tracé de certains sentiers au long desquels les jésuites aimaient à se promener... et le nouvel asile funéraire est prêt à ouvrir ses portes le 1^{er} prairial de l'an XII, c'est-à-dire le 21 mai

1804. Sous l'appellation de cimetière de l'Est, il est réservé aux inhumations des habitants de la rive droite de Paris.

Le premier enterrement est celui d'une fillette de cinq ans dont il ne reste aujourd'hui trace qu'à la première ligne du grand registre de la conservation. La deuxième inhumation concerne une femme de 49 ans, Reine Fevez épouse de Monsieur Robert. Au cours d'une promenade commentée intitulée « Le Père Lachaise méconnu », je présente sa pierre tombale encore en assez bon état sur laquelle il est facile de lire les inscriptions gravées ainsi que l'épithaphe :

« En terminant sa vie,
Elle laisse ses bienfaits.
Nos regrets l'ont suivie
Et ne la quitteront jamais. »

INAUGURATION

Au début, les Parisiens ne veulent pas entendre parler d'un cimetière aussi éloigné de leurs domiciles. Ils ne veulent pas marcher longtemps derrière un corbillard. Quelques autres bonnes raisons ajoutées à celles-ci font que les dirigeants de cette nouvelle nécropole se trouvent devant une situation fort critique, car, après avoir investi des sommes assez confortables, il y a lieu, sinon de rentabiliser, tout au moins d'amortir en un premier temps. Quoi faire ?...

En juillet 1807, entre deux campagnes, l'empereur est de passage à Paris. Avec son préfet Frochot, il évoque quelques problèmes puis à « brûle pour point » : « Et l'Est ? » demande-t-il. « Mal, Sire, très mal.

- Mal ? Combien d'inhumations ?
- 106, Sire !
- 106, depuis le début de l'année, pas plus ?
- Non, Sire, 106 depuis l'ouverture.
- 106 en trois ans ! Qu'on prévienne la Cour : dans deux jours, j'inaugure. »

OPÉRATION PUBLICITAIRE

C'est ainsi que Napoléon I^{er}, au cours de l'inauguration du cimetière de l'Est parisien, a non seulement indiqué les futurs lieux d'inhumation de la plupart de ses maréchaux, mais il s'est également choisi un emplacement pour lui-même. Et c'est probablement à cet emplacement qu'il pensait, lorsqu'à Sainte-Hélène, avant de mourir, il a dit : « Je désire que mes cendres reposent au bord de la Seine au milieu de mon peuple français que j'ai tant aimé... »

Mais, si au lieu d'inaugurer, l'empereur avait mangé une pomme, le résultat eût été le même à moindre frais. Il a donc fallu trouver autre chose. C'est alors que l'on a organisé une vaste opération publicitaire. On est allé chercher les restes mortels de personnages célèbres morts depuis longtemps et enterrés ailleurs. On a fait venir les dépouilles de Molière et La Fontaine, d'Héloïse et Abélard, de Beaumarchais, etc. En vain, les Parisiens boudaient toujours.

PERSONNAGES DE ROMANS...

Il a fallu tout le talent d'un écrivain de génie qui a eu l'idée, ô combien intéressante, d'enterrer dans ce cimetière les principaux personnages de ses romans au fur et à mesure qu'il les y faisait disparaître. Et cela a marché ! Cela a marché car il publiait ses romans en feuilletons dans les gazettes. Lorsque dans la semaine il y avait eu un enterrement dans son œuvre : il décrivait si joliment les lieux que les Parisiens, le dimanche, venaient en foule afin de vérifier, de voir en somme si cet écrivain ne les avait pas trompés. Cela a si bien marché qu'il n'est pas rare, encore de nos jours, d'entendre des visiteurs demander où se trouve la tombe du père Goriot... Car vous aviez compris que c'est à Honoré de Balzac que nous devons la renommée mondiale du cimetière-musée du Père-Lachaise.

LE CHOLÉRA

On s'est battu dans ce cimetière. En 1814 contre les Russes qui ont arrêté leur avance au centre de cette nécropole. On s'est battu également au cours des journées révolutionnaires de juillet 1830.

Et puis Paris a connu une terrible épidémie de choléra dont la victime la plus célèbre fut, en 1832, le ministre Casimir Périer, dont le mausolée par les sculpteurs Bosio et Cortot, au centre du carrefour du Grand-Rond, fait l'admiration de tous.

Le choléra n'a épargné personne et si les plus aisés pouvaient dignement enterrer leurs morts, ce n'était pas le cas des plus déshérités. C'est pour eux que l'on a ouvert alors à l'extérieur du cimetière une partie supplémentaire : l'enclave des pauvres où l'on enterrait en tranchées gratuites plus populairement appelées « fosses communes ».

LA FIN DE LA COMMUNE

On s'est battu dans ce cimetière. En 1871, du 21 au 28 mai. Communards contre Versaillais. Les combats particulièrement violents, souvent au corps à corps, se sont terminés dans l'enclave des pauvres où 147 fédérés, les derniers survivants de ce que les historiens ont appelé la « semaine sanglante », ont été fusillés et aussitôt enterrés sur place contre le mur « Est » de l'enclave. Cette enclave des pauvres a été supprimée lors du percement de l'avenue Gambetta. Dans le jardin public qui longe le cimetière, on peut voir un monument construit avec les pierres de l'ancien mur et placé à l'endroit exact de la fusillade. La sculpture est émouvante et due au ciseau talentueux de Paul Moreau-Vauthier.

Le mur dit des fédérés à la 76^e division est un symbole et ne peut en aucune manière être celui contre lequel a eu lieu la fusillade : il n'a été construit qu'après la Commune.

LA CHAPELLE

La chapelle majestueuse qui s'élève au centre du cimetière est rattachée à la paroisse Saint-Germain de Charonne. Elle sert pour certaines commémorations où pour des cérémonies religieuses lors d'obsèques de défunts qui viennent de province ou de l'étranger et qui ont droit à une place dans une sépulture de famille.

Construite en 1823 par l'architecte Godde, elle occupe l'emplacement de l'ancienne maison de retraite des jésuites dont il était question au début de ce propos, et qui fut détruite en 1820.

LE CRÉMATORIUM

C'est en 1889 que le crématorium, œuvre très réussie de l'architecte Formigé, est mis en activité.

La première année, on ne compte que 22 incinérations. Actuellement, c'est une moyenne de 2 300 par an. Mais c'est encore bien peu. En effet, l'incinération n'est pas un procédé très couru en France. La religion catholique ne l'accepte, sans la conseiller, que depuis le concile de 1963. La crémation ne représente sur toute l'étendue de notre hexagone, qu'à peine 2 % de la population générale des défunts. Nous sommes loin par exemple, des 43 % du Danemark, des 50 % de la Suisse, nous sommes encore plus loin des 70 % de la Grande-Bretagne et vraiment très, très loin des 100 % du Japon, mais il s'agit là d'un cas assez particulier.

Le colombarium où l'on entrepose les urnes contenant les cendres des défunts incinérés dispose de 25 400 cases réparties sur deux étages en surface et deux autres en sous-sol.

Si l'incinération de l'acteur Jean Gabin a attiré la grande foule, celle de Pierre Mendès-France fût de loin la plus simple.

FUNÉRAILLES GRANDIOSES

Des cérémonies les plus marquantes qui se sont déroulées au Père-Lachaise, il convient de détacher les funérailles grandioses du poète Jacques Delille, de Gaspard Monge, du général Foy, du chansonnier Béranger, de Balzac, de la reine d'Oude, du président de la république Félix Faure, de Marcel Proust, de Paul Vaillant-Couturier, d'Anna de Noailles, de Colette, de Marcel Cachin, de Maurice Thorez, d'Edith Piaf, de Simone Signoret...

Parmi les plus émouvantes, il y a lieu de citer les obsèques de Bellini, de Chopin, de la comtesse de Castiglione, et plus près de nous, de l'actrice de théâtre et de cinéma Pascale Ogier.

RESPECT DES MORTS

Il est bon de ne pas ignorer le règlement concernant les cimetières de Paris que l'on peut consulter au bureau de la conservation. De toute façon, il faut se conformer toujours aux indications données par le personnel.

Quant à la visite touristique du Père-Lachaise, il ne faut surtout pas oublier que la vocation première de ce merveilleux cimetière-musée est d'accueillir les défunts avec un maximum de décence et de respect, et de ne pas troubler les familles qui viennent se recueillir devant les tombes de leurs morts.

UN SITE CLASSÉ

Le site paysager exceptionnel, insolite certes, que constitue l'aménagement de ce cimetière, a été classé par le décret Malraux de 1962. Le boisement de ce parc avec ses quelques 12 000 arbres nous donne vraiment l'impression d'avoir sous les yeux une

nécropole qui n'aurait pas de limites, qui partirait à l'infini. L'infini... pour un cimetière : quoi trouver de mieux... ?

Lorsque l'on a ouvert le parc du Père-Lachaise aux inhumations, ce fut immédiatement ressenti comme une aubaine par les sculpteurs qui ont pu s'exprimer en travaillant pour des tombeaux. C'est ainsi que l'on peut admirer dans ce plus grand musée en plein air qui soit, des œuvres d'artistes de grand talent comme Cartelier, Bosio, David d'Angers, Pradier, Simart, Préault, Etex, Petitot, Dumont, Lemaire, Seurre, Rude, Dalou, Barrias, Clesinger, Frémiet, Bartholomé, Bouchard, Cogné, Paul Manship, Paul Landowski, etc.



Le cimetière du Père-Lachaise. A colina do cemitério do Pai-Lachaise é o ponto de se encontrar das três aldeias anteriores do 20º precinct: Belleville, Ménilmontant e Charonne. His/her/its apresentam superfície está perto de 44 ha. É o vasto e o mais visitado dos cemitérios Parisienses. His/her/its vegetação abundante, his/her/its ruelas românticas, estatuárias de his/her/its transformam isto, o verão, em um imenso e pitoresco jardim. A pessoa rende finalmente de tudo como muito evocar os anfitriões famosos desta necrópole que descobrir uma parte lá importante do francês estatuário do XIXe s.

Entre o mais famoso dos escultores e arquitetos que trabalharam neste cemitério, mencionemos: Desbaste, Chapu, David de Raivas, Barrias, Garnier, Guimard, Visconti, etc. com o transcurso do passeio a pessoa apreciará a variedade extrema dos enterros, ativo do tumulaire de pedra simples para os mausoléus mais suntuosos, e os entusiastas acharão aqui lá uma soma exemplar dos vários estilos arquitetônicos em voga para o XIXe s.



É necessário saber que as divisões mais velhas estejam próximas da entrada principal; eles ocupam uma terra estragada onde a pessoa circula em numerosas ruelas e caminhos curvilíneos. Esta parte do cemitério foi classificada Monumento histórico em 1962. As mais recentes divisões estão na altura, perto da Avenida Gambetta; eles são oblongos com ruelas diretas, tirado à linha. O cemitério em história.

Para o XIIe s., o lugar era conhecido como Campo do bispo: era a co-propriedade do bispo de Paris que lá tinha instalado sua imprensa. Em 1430, construiu um negociante rico o dele até mesmo casa de país conhecida lá hoje em dia debaixo do nome de loucura de Regnault. Então, vários donos se seguiram disto até o XVIIe s. Em 1626, a colina é comprada pelos Jesuítas e leva o nome de Montar-Louis em honra de São Louis. Depois disso, she/it fica famoso por causa do Reverendo Father de O Chaize, confessor de Louis XIV quem lá residiu entre 1665 e 1709. Depois que morte de his/her/its que o domínio se desmorona, e em 1803, é vendido o perfeito de Paris, Frochot que nomeia para transformar isto em cemitério. 21 de maio de 1804 inaugurado, o domínio de Montar-Louis se torna o cemitério do Leste, um dos três cemitérios muros extra de Paris. Arquiteto Brongniard, carregou organizar o 17 primitives de ha, querido criar um tipo novo de cemitério, enquanto se aliando jardim e enterros. A administração Parisiense ordenou o réinhumation de ossos famosos como esses de Héloïse e Abélard em 1817 ganhar este cemitério novo ao favor do público. Era o começo de uma real obstrução para este cemitério que, aggrandi cronometram e novamente, se tornou um dos lugares mais famosos de Paris. Uma multidão de caráter famosos, velhos e modernos, é enterrado lá.



217

Sommaire > Art Gallery > Quelques peintures > Page 1

Le Cimetière du
Père-Lachaise

Art Gallery

HISTOIRE

ART GALLERY

INFOS

PHOTOGRAPHIES

CARTE

LIENS

CARTE POSTALE

FORUM DES VISITEURS

- Quelques peintures - Page 1 | 2



Père-Lachaise par Heather Mac Cleaf.

J'ai trouvé la reproduction de cette peinture à l'acrylic un peu par hasard, lors de mes recherches sur internet à une adresse qui n'existe malheureusement plus.



Fatale négligence par Pascal Costard (huile sur toile).

Je la trouve magnifique !

Découvrez les autres oeuvres de Pascal Costard sur sa galerie virtuelle à cette adresse : [PEINTURES - paintings](#).



Paris, vu des hauteurs du Père-Lachaise, 1842-1859

Huile sur toile par Louise Joséphine Sarazin de Belmont.

Peinture exposée dans la "[le musée des Augustins](#)" de Toulouse.



Père-Lachaise par Julia Emily Gordon (1810-1896)

Peinture exposée dans la "[Tate Gallery](#)" de Londres.



Dessins réalisés à la plume, encre blanche ou noire, par **Eric Chevaleyre**. Découvrez ses autres oeuvres sur le site de son collectif d'artistes : [Global Gallery](#).



Un couple au Bic



Un bardu au Bic



Monuments aux Morts
(sanguine et pastel)

Ces superbes dessins ont été réalisés par **Olivier Poncet**, ce dernier étant également l'auteur de nombreuses [photos](#) et d'un [site très intéressant sur la](#)

- [SOMMAIRE](#)
- [PLAN DU SITE](#)
- [LIVRE D'OR](#)
- [POUR M'ECRIRE](#)
- [ICQ](#) : #17073244
- [Votez pour mon site au Weborama](#)



A VOIR EGALEMENT...

- [MES DESSINS](#)
Quelques dessins inspirés de mes visites au Père-Lachaise.
- [GRAVURES](#)
Vieilles gravures du Père-Lachaise.
- [PEINTURES](#)
Dessins et peintures du Père-Lachaise que j'ai trouvés sur Internet.
- [LITTERATURE](#)
Extraits de romans et poèmes ayant rapport avec le cimetière.
- [EPITAPHES](#)
Elles ornent les sépultures, des plus connues au moins célèbres.



718

statuaire féminine au Père-Lachaise.

719

Sommaire > Art Gallery > Quelques peintures > Page 2

Le Cimetière du
Père-Lachaise

Art Gallery

HISTOIRE

ART GALLERY

INFOS

PHOTOGRAPHIES

CARTE

LIENS

CARTE POSTALE

FORUM DES VISITEURS

- Quelques peintures - Page 1 | 2


Sébastien Bermes

Encre et Acrylique sur papier, format 30x50

Dessin inspiré de la tombe de Raspail.

D'autres dessins magnifiques vous attendent à l'adresse [suivante](#)

- [SOMMAIRE](#)
- [PLAN DU SITE](#)
- [LIVRE D'OR](#)
- [POUR M'ECRIRE](#)
- [ICQ](#) : #17073244
- [Votez pour mon site au Weborama](#)



A VOIR EGALEMENT...

Voici de très belles peintures que nous devons à **Eric Dever**.Découvrez ses autres réalisations sur sa galerie virtuelle à [cette adresse](#).Famille **BLONDEAU**Félix **VOISIN**Quinton **CRAWFORD**Femme **inconnue**Jean-Baptiste **SAY**Famille **PERLET**Constantin N. **LAHOVARY**Alexandre **COUSCHER**Pour **Pascale**

- [MES DESSINS](#)

Quelques dessins inspirés de mes visites au Père-Lachaise.

- [GRAVURES](#)

Vieilles gravures du Père-Lachaise.

- [PEINTURES](#)

Dessins et peintures du Père-Lachaise que j'ai trouvés sur Internet.

- [LITTERATURE](#)

Extraits de romans et poèmes ayant rapport avec le cimetière.

- [EPITAPHES](#)

Elles ornent les sépultures, des plus connues au moins célèbres.



720

Sommaire > Histoire > Les étapes

Le Cimetière du Père-Lachaise						Histoire	
HISTOIRE	ART GALLERY	INFOS	PHOTOGRAPHIES	CARTE	LIENS	CARTE POSTALE	FORUM DES VISITEURS

- Les étapes de l'histoire du cimetière

- [Champ-l'Evêque et le Mont-aux-Vignes.](#)
- [La Folie-Régnault.](#)
- [L'arrivée des jésuites et Mont-Louis.](#)
- [De Mont-Louis au cimetière de l'Est.](#)
- [Le Père-Lachaise, après son ouverture.](#)
- [Des combats de 1814 aux massacres de la Commune.](#)

- ▶ Introduction

La ville de Paris est entourée de sept collines : **Montmartre**, **Montparnasse**, **Montsouris**, **Ménilmontant** (ou Mesnil-Montant), la colline du Gros Caillou (aujourd'hui appelée **colline Chaillot**), la **Butte-aux-Cailles** et enfin **Champ-l'Evêque**, près de Ménilmontant, sur laquelle est situé l'actuel cimetière du Père-Lachaise.

- ▶ **Champ-l'Evêque et le Mont-aux-Vignes**

Au Moyen-Age, vers le douzième siècle, la colline de Champ-l'Evêque, qui couvrait la presque totalité de la commune de Charonne, appartenait effectivement à l'évêque de Paris. Celui-ci y possédait un pressoir et des terres où l'on cultivait des légumes, des céréales et des vignes. Ces cultures étaient elles-mêmes écoulées directement sur les marchés de Paris. Mais plus le temps passe, plus les terres étaient laissées aux bons soins des paysans. Champ-l'Evêque devint ainsi le "**Mont-aux-Vignes**".

- ▶ **La Folie-Régnault**



▲ Vieille gravure du domaine de la Folie-Régnault

En **1430**, la propriété fut rachetée par un riche commerçant en épices, **Régnault de Wandonne**, qui y installa une somptueuse maison de campagne. Ce domaine hérita rapidement du surnom populaire de "**Folie-Régnault**" (une rue du 11^e arrondissement de Paris située près du cimetière en garde le souvenir). A l'époque, une "folie" désignait une maison d'agrément, de campagne, mais ce terme couvrait également le sens de "feuillue" (petite maison de villégiature blottie sous le feuillage).

- ▶ **L'arrivée des jésuites et Mont-Louis**

Le domaine changea successivement de propriétaires, et ce jusqu'au **11 août 1626**, où il fut acquis par **Marie L'Huillier**, pour le compte des jésuites de la maison professe de Saint-Louis, située dans la rue Saint-Antoine. Le terrain était

- [SOMMAIRE](#)
- [PLAN DU SITE](#)
- [LIVRE D'OR](#)
- [POUR M'ECRIRE](#)
- [ICQ : #17073244](#)
- [Votez pour mon site au Weborama](#)



A VOIR EGALEMENT...

- [MEMOIRE VIVE](#)
Monuments du Père-Lachaise en souvenir des déportés des camps de concentration nazis.
- [LES ETAPES](#)
Des collines de champ-l'Evêque au cimetière de l'Est, en passant par Mont-Louis : les grandes étapes de l'histoire du Père-Lachaise.
- [POUR EN SAVOIR PLUS...](#)
- [Bibliographie](#)
- [Les agrandissements du cimetière](#)

721

alors destiné à recevoir une maison devant servir de lieu de repos et de convalescence aux pères jésuites.

Le **2 juillet 1652**, en pleine Fronde, le **cardinal Mazarin** amena Louis XIV, alors âgé de 14 ans, sur la colline des jésuites. Celui-ci assista aux violents combats qui eurent lieu dans le faubourg Saint-Antoine, opposant les troupes royales sous la conduite de **Condé** et les frondeurs commandés par **Turenne**. L'ennemie du Roi, la Grande Mademoiselle, fit tirer des coups de canon depuis la Bastille, mais ceci resta insuffisant pour remporter la victoire. Ce serait suite à cette visite de circonstance et à cette victoire que les jésuites auraient obtenu du Roi l'accord pour appeler leur domaine "**Mont-Louis**".

A l'emplacement de l'actuelle chapelle du cimetière, la maison de l'épicier Régnault fut reconstruite et surélevée de deux étages par les jésuites. Le **Père de La Chaise** y posséda un appartement lorsqu'il devint, en **1675**, le confesseur du roi, jusqu'à sa mort en **1709**.

Grâce aux libéralités que le roi accordait à son confesseur, Mont-Louis devint un haut lieu de pèlerinage des grands du royaume cherchant à s'attiser les faveurs du Père de La Chaise, dont l'influence sur le roi était considérable.



▲ Le domaine des Jésuites

La propriété des jésuites s'est à la fois agrandie et embellie : des essences rares ont été plantées, les jardins ont été embellis, une orangerie a été aménagée et des pièces d'eau créées. Les fêtes que donnait le frère du père jésuite, le Comte de La Chaise, n'étaient sûrement pas étrangères aux venues des courtisans.

► De Mont-Louis au cimetière de l'Est

En **1762**, la compagnie de Jésus fut obligée de céder le domaine de Mont-Louis, en raison d'une dette non payée par le **Père de Jacy**. Les jésuites furent expulsés et le domaine vendu par adjudication pour payer les créanciers. Le nouveau propriétaire, un certain peintre nommé **Jean-Baptiste Gratin**, le revendit en **décembre 1771** à la famille **Baron**. Le dernier propriétaire, **Jacques Baron**, ruiné par la Révolution et l'empire, céda les 17 hectares de Mont-Louis pour 180 000 francs au préfet de la Seine, **Nicolas Frochot**, au nom de la Ville de Paris, le **9 ventôse an XII**, en vue de sa transformation en cimetière.

Au fil des successions, les jardins avaient été progressivement laissés à l'abandon, jusqu'à leur acquisition par la Ville de Paris. C'est l'architecte **Alexandre Brongniart**, à qui l'on doit le Palais de la Bourse, qui fut chargé de l'aménagement des lieux en cimetière. Celui-ci mêla étroitement jardins à l'anglaise et lieu de recueillement. Les deux immeubles furent rasés, le cours d'eau qui alimentait la colline arrêté, mais les allées de tilleuls, de châtaigniers, ainsi que les vallonements et les sentiers furent conservés tels quels.

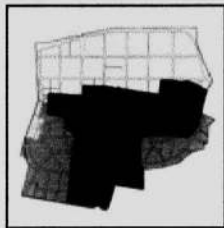
► Le Père-Lachaise, après son ouverture

Pressé par le temps, le préfet Frochot fit ouvrir le cimetière le 1er prairial an XII (**21 mai 1804**). Celui-ci comptait alors 17 hectares. L'appellation administrative officielle du cimetière, le "**Cimetière de l'Est**", n'a jamais réussi à s'imposer au profit de celle du "cimetière du Père-Lachaise".

Avant tout, il était destiné à recevoir les sépultures des parisiens décédés dans l'un des quatre arrondissements de la rive droite (5e, 6e, 7e et 8e d'alors), soit en fosse commune, soit en concession perpétuelle. Mais lors de son ouverture, les

722

parisiens fortunés, "clients" potentiels du cimetière, réagirent très mal. Il était inconcevable pour eux de se faire enterrer si loin de Paris, surtout à l'est, quartier considéré comme pauvre et populaire. Le "lancement" du cimetière fut donc un échec : il comptait 13 tombes en 1804, 44 en 1805, 49 en 1806, 62 en 1807, et 833 au total en 1812, ce qui était insuffisant.



Pour le promouvoir, il fallait faire de la réclame, de la "publicité" : les transferts des restes d'Héloïse et Abelard, de Molière, La Fontaine furent donc effectués en **1817**. A partir de cette date, les chiffres s'envolèrent : en 1830, on dénombra 33 000 tombes. Entre 1824 et 1850, le cimetière fut l'objet de cinq agrandissements successifs.

Le terrain, pour améliorer le service, fut partagé en 97 divisions, délimitées par les allées de l'ancien parc.

A l'époque, l'entrée du cimetière se faisait par celle de l'ancien domaine des jésuites (cf. carte), elle correspond de nos jours à l'entrée de la rue du Repos, à proximité des bureaux de la Conservation. La limite nord était formée par l'allée actuelle des marronniers ; le rond-point, d'où rayonnaient toutes les allées, correspondait au carrefour du Grand Rond où se trouve la tombe de Casimir Périer.

En **1823**, l'architecte **Etienne-Hippolyte Godde** érigea la chapelle funéraire du cimetière, à l'emplacement de l'ancienne maison des jésuites. Il fut aussi l'auteur de l'entrée monumentale (**1825**) que l'on peut toujours admirer aujourd'hui, boulevard de Ménilmontant. Sa création provoqua le dévoiement de la rue de la Roquette vers sa direction ; l'entrée de la rue du Repos fut reléguée au rang d'entrée secondaire (cf. carte).

En **1887**, **Jean-Camille Formigé** fit construire le colombarium ainsi que le crématorium de style néo-byzantin, dont les travaux débutèrent en **1894**.

► Des combats de 1814 aux massacres de la Commune

Mis à part ces quelques détails d'ordre architectural, le cimetière a aussi été le lieu de plusieurs événements, plus ou moins sanglants.

Le **30 mars 1814**, après l'abdication de Napoléon, des étudiants, élèves de l'école polytechnique et de l'école vétérinaire de Maison-Alfort, établissent des lignes de défense dans le mur d'enceinte et mettent en batterie quelques pièces d'artillerie, afin de repousser l'assaut des troupes Russes. L'écart de forces entre les deux camps étant trop élevé, les Russes, chargés d'attaquer ce secteur de Paris, arrivent à déloger les étudiants au troisième assaut et installent leurs bivouacs en plein cimetière, n'hésitant pas à abattre de nombreux arbres pour s'en servir de bois de chauffage...

En **1820**, la tombe du jeune **Lallemand**, tué par la garde royale lors d'une manifestation, devient le lieu de ralliement dominical des libéraux.

En **1871**, entre le **21** et le **28 mai**, le cimetière du Père-Lachaise a été témoin d'une véritable guerre civile; en effet, la colline représente un intérêt stratégique évident. Le 21 mai 1871, les versaillais de Thiers lancent l'assaut contre Paris, tenu par la Commune. Les fédérés installent leur artillerie en plein cimetière. Ces derniers sont petit-à-petit repoussés par les versaillais, plus disciplinés et surtout mieux commandés. Les chapelles servent au passage d'abri pour les soldats. Le 27 mai, les fédérés sont encerclés, car ils ne peuvent plus sortir du cimetière à cause des Allemands postés au Nord (même si ceux-ci n'interviennent pas directement). Les fédérés sont fusillés sur place. Le 28 mai, les 147 derniers survivants sont tués devant un mur que l'on a nommé avec raison "Mur des Fédérés". Avec les 694 autres fédérés morts dans le cimetière même ou aux alentours, rue de la Roquette ou place Voltaire (actuelle place Léon Blum), ce sont **1018** cadavres qui auraient été inhumés, sans la moindre distinction.

Sommaire > Histoire > Mémoire vive

Le Cimetière du Père-Lachaise						Histoire	
HISTOIRE	ART GALLERY	INFOS	PHOTOGRAPHIES	CARTE	LIENS	CARTE POSTALE	FORUM DES VISITEURS

- **Mémoire vive : Monuments rendant hommage aux victimes de la déportation, du fascisme et du nazisme.**

Texte : [Gérard Pellois](#)

Photographies : [Gaëlle Pellois](#)

Au Père Lachaise il est un mur qui symbolise la lutte d'un peuple pour sa liberté et ses idéaux. Ce mur, c'est le **Mur des Fédérés**. Là, le 28 mai 1871, cent quarante-sept fédérés, combattants de la Commune furent fusillés et jetés dans une fosse ouverte au pied du mur.

C'est face à ce mur que sont érigés les monuments rendant hommage aux déportés, martyrs et victimes du fascisme et du nazisme.

De la simple pierre gravée du poème "**La rose de Ravensbrück**", à la statue impressionnante de ce squelette de bronze des déportés **d'Oranienburg-Sachsenhausen**, tous ces monuments rendent hommage à des femmes et des hommes, combattant pour leur idéal de liberté et de paix et qui, pour cette seule raison, furent exécutés dans d'effroyables souffrances que traduisent nombre de ces monuments.



Hommage aux déportés des camps de Buna-Monowitz d'Auschwitz

Monument réalisé avec l'aide de l'Etat et de la ville de Paris.
Sculpteur : **Luis Mittelberg** dit Tim 1992.
Fondeur : **Gilbert Clémenti**.
Marbrier : **Marcel Schmit**.

Hommage aux déportés du camp de Bergen-Belsen



Hommage aux déportés des camps de Auschwitz et Birkenau

Monument réalisé avec l'aide de l'Etat et de la ville de Paris.
Sculpteur : **F. Salmon** 1949
Graveur : **Thomas et fils**

Hommage aux déportés du camp de Buchenwald-Dora

Sculpteur : **L. Bancel**
Fondeur : **E. Godard**



Hommage aux déportés du camp de Dachau

Monument réalisé avec l'aide de l'Etat et de la ville de Paris.
Architectes : **Louis Doco**
Fondeur : **François Spy**
Marbrerie Etb. Ch. Thoreau

Sur un projet de **Jacques Songy**, vice-président de

- [SOMMAIRE](#)
- [PLAN DU SITE](#)
- [LIVRE D'OR](#)
- [POUR M'ECRIRE](#)
- [ICQ](#) : #17073244
- [Votez pour mon site au Weborama](#)

[A VOIR EGALEMENT...](#)

- [MEMOIRE VIVE](#)
Monuments du Père-Lachaise en souvenir des déportés des camps de concentration nazis.

- [LES ETAPES](#)
Des collines de champ-l'Evêque au cimetière de l'Est, en passant par Mont-Louis : les grandes étapes de l'histoire du Père-Lachaise.

[POUR EN SAVOIR PLUS...](#)

Gérard Pellois est l'auteur du site [Mémoire vive](#), consacré aux victimes de la déportation et dans lequel vous trouverez l'ensemble de ces photos, ainsi que les inscriptions portées sur les monuments.



724

l'Amicale des Anciens de Dachau
 Erigé par l'Amicale, inauguré le **1er juin 1985** par **Jean Laurain** (secrétaire d'Etat auprès du Ministère de la Défense chargé des Anciens Combattants et Victimes de Guerre), **Jacques Chirac** (alors Maire de Paris) et le **Colonel Charles Arnoud** (Président de l'Amicale).

Hommage aux élus communistes

Hommage à neuf élus communistes fusillés par les nazis et à quatre collaborateurs du Parti Communiste Français morts en mission.



Hommage aux déportés politiques espagnols

Sculpteurs : **I. et J. Gallo**

Fondeur : **Frances**

Erigé sous le patronage de monsieur le professeur **Charles Richet, Daniel Mayer, Pablo Casals.**

Inauguré le **13 avril 1969.**

Hommage aux femmes communistes

Inauguré le **8 mai 1975** (année Internationale de la Femme) à l'occasion du 30ème anniversaire de la victoire sur l'hitlérisme.



Hommage aux déportés du camp de Flossenburg

Inauguré en **1995.**

Hommage aux dirigeants de la F.N.D.I.R.P.



Hommage aux déportés du camp de Neuengamme

Inauguré le **13 novembre 1949.**

Hommage aux déportés du camp de Mauthausen

Sculpteur : **S. Choain**

Fondeur : **M. Hohwiller**



725

Erigé par l'Amicale des déportés de Mauthausen en mai 1958.



Hommage aux héros et martyrs de la Résistance fusillés par les nazis
Inauguré le 13 novembre 1949.

Hommage aux déportés de Ravensbrück
Sculpteur : **E. Morlaix**.
Le 2 avril 1951 étaient déposées les cendres de déportées de ce camp.



Hommage aux déportés du Travail
Sculpteurs : **I. et J. Galle**
Graveur : **Francès**
Inauguré en 1970.

La rose de Ravensbrück
Un poème de **Marcelle Dudach-Roset** est gravé sur cette pierre toute simple.



Hommage aux déportés du camp d'Oranienburg-Sachsenhausen.

Olivier Poncet a également photographié ce monument très impressionnant





726

Sommaire > Photos > Quelques vues

Le Cimetière du
Père-Lachaise

Quelques photographies

HISTOIRE

ART GALLERY

INFOS

PHOTOGRAPHIES

CARTE

LIENS

CARTE POSTALE

FORUM DES VISITEURS

• Quelques vues

Vue du Carrefour
du Grand RondChapelle Sauvage de
FaverolesUne allée au
Père-Lachaise

Quelques escaliers



Une chapelle

Ci-contre une superbe photo aérienne du Père-Lachaise, réalisé par **Robert Cameron**. Les plus observateurs essaieront de reconnaître les monuments et chemins visibles...



- [SOMMAIRE](#)
- [PLAN DU SITE](#)
- [LIVRE D'OR](#)
- [POUR M'ECRIRE](#)
- [ICQ : #17073244](#)
- [Votez pour mon site au Weborama](#)



A VOIR EGALEMENT...

- [PRISES DE VUES](#)
Allées et chemins du PL
- [TOMBES : 1 | 2](#)
Sépultures des plus connues aux plus discrètes
- [CREDITS](#)
Crédits photographiques et quelques notes sur l'utilisation des photos.
- [DECOUVREZ AUSSI...](#)
Les photos prises par des passionnés du Père-Lachaise :
[Christof Del Nin](#)
[Robert Lenoir](#)
[Olivier Poncet](#)
[Luc Cheffert](#)
[Arrakis](#)
[Nicolas Leste](#)
[Franck Landais](#)



727

FIND A GRAVE



Actions

- [Begin New Search](#)
- [Refine Last Search](#)
- [Cemetery Lookup](#)
- [Add Burial Records](#)
- [FAQ](#)
- [Top Contributors](#)
- [Success Stories](#)
- [Discussion forums](#)
- [Discussion group](#)

Find all **Memorial to the Victims of Sachsenhausens** in:

- [Le Pere Lachaise](#)
- [Paris](#)
- [Find A Grave](#)

[Log In](#)

Find your Ancestors

Revolutionary War Rec
New York City Deaths,
Christ Church Parish, E
Rhode Island Death Re

[Ancestry.com](#) [Click here](#)

You have the power
to make wishes come true. **MAKE-A-WISH.**
Donate now. www.wish.org

Memorial to the Victims of Sachsenhausen

Birth: unknown
Death: unknown

Monument to victims of Sachsenhausen concentration camp.

Burial:
[Le Pere Lachaise](#)
Paris, France

Record added: Jan 6 2001

Photos may be scaled.
Click on image for full size.



Added by: [David Conway](#)

it is still going on
-Anonymous



Added: 4/26/2002

You will not be forgotten. The thought of what you were put through and the horror o it all sickens me. It is terrible that ignorance and evil can cause so



much pain and suffering. May you rest in peace and God Bless You all
- [Marigrace Clonts Swierzynski](#)

Added: 4/15/2002

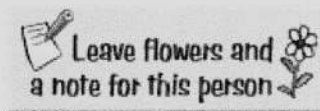
- de j



Added: 2/24/2002



728



There are 4 more notes not showing...

[Click here to view all notes...](#)

Do you have a photo to add? [Click here](#)



[Accuracy and Copyright Disclaimer](#)

729

FIND A GRAVE



Actions

- [Begin New Search](#)
- [Refine Last Search](#)
- [Cemetery Lookup](#)
- [Add Burial Records](#)

FAQ

[Top Contributors](#)

[Success Stories](#)

[Discussion forums](#)

[Discussion group](#)

Find all **Wildes** in:

- [Le Pere Lachaise](#)
- [Paris](#)
- [Find A Grave](#)

[Log In](#)

Find your Ancestors

Revolutionary War Rec ▲

New York City Deaths ▲

Christ Church Parish, E ▲

Rhode Island Death Re ▼

Ancestry.com. [Click here](#)

Oscar Fingall O'Flaherty Wills Wilde

Birth: Oct. 16, 1854
 Death: Nov. 30, 1900

Playwright ('The Importance of Being Earnest'), novelist ('The Picture of Dorian Grey'), poet ('The Ballad of Reading Gaol'), essayist and wit. Lived in exile in France after serving prison sentence for homosexuality. Alleged last words whilst dying in a hotel room - "This wallpaper is terrible - one of us will have to go". (bio by: [David Conway](#))

Cause of death: acute meningitis following an ear infection.

Burial:

[Le Pere Lachaise](#)

Paris, France

GPS (lat/lon): 48.86185, 2.39798

Record added: Jan 1 2001

Photos may be scaled.
 Click on image for full size.



Added by: [Ronald Moody](#)



Added by: [Andy Arnts](#)



Added by: [Marie Ridley](#)

There are 3 more photos not showing...

[Click here to view all images...](#)



730



From the gutter to my
darlig uncle Oscar at the
stars. Ever loving
- Henna

Added: 4/29/2002



Oscar
Your brilliance will
forever be
appreciated,you are truly
missed.
- Rainy

Added: 4/28/2002



thank you for the
inspiration, sleep safely
oscar
- joe devine

Added: 4/19/2002



There are 54 more notes not
showing...

[Click here to view all notes...](#)

Do you have a photo to add? [Click here](#)



[Accuracy and Copyright Disclaimer](#)



- Cemitério da Ricoleta,
Buenos Aires
-

Actualizado 09:13 hs

home

suplementos

especiales

clasificados

servicios

busc

Últimas Noticias

VIERNES | 25 de mayo del 2001

Política

Home | Información General | Nota

Economía

Deportes

Un monumento histórico nacional en abandono

Información General

La historia que buscan los turistas

- > Últimas Noticias
- > Historias Solidarias
- > Crónicas del País
- > Todos los Títulos

Cultura

El Cementerio del Norte fue creado en 1822, en el solar del huerto de la congregación de los monjes recoletos. El entonces presidente, Bernardino Rivadavia, les expropió esas tierras, entonces de escaso valor, para instalar allí la necrópolis que hoy visitan miles de turistas.

Opinión

Espectáculos

Exterior

Ciencia/Salud

Humor

Todos los Títulos

El terreno tiene 12,5 hectáreas y, según lo estimó Carlos Dapelo, titular de la inmobiliaria CD Propiedades, hoy vale entre 95 y 105 millones de pesos, aunque su precio sería más elevado en un futuro.

Tapa Diario

Ed. Anteriores

¿Querés apadrinar un chico?

El ingeniero francés Próspero Catelin fue el encargado de realizar el trazado original del cementerio.

clasificados

Propiedades

Sus límites se fueron ampliando y, pese a la construcción de mausoleos cada vez más suntuosos, de las familias patricias más antiguas, se fue degradando hasta que lo clausuraron en 1875 para efectuar una remodelación del predio.

Empleos

Automotores

Varios

participar

Usted Opina

Lo reabrieron en 1882, luego del trabajo llevado a cabo por el arquitecto Juan Buschiazzo.

Encuestas

Estatuas con vida propia

Foros por temas

Chats por temas

La Recoleta tiene cientos de esculturas en sus importantes bóvedas, pero hay 82 monumentos que pertenecen al patrimonio histórico nacional. Además, hay innumerables obras de interés arquitectónico y artístico.



Mapa del Sitio

Entre unos y otras, se destacan el monumento a Brandsen, por Camilo Romeironi; el sepulcro de la familia Paz, por Jules Coutan; la bóveda de la familia López Lecoube, que luce dos estatuas de la escultora tucumana Lola Mora, cuando firmaba con su apellido de casada, Hernández. Allí descansan los restos del general Mitre, en una bóveda realizada por Edoardo Rubino; se encuentra el monumento a Francisco Muñiz, por Ettore Ximenés, y el sepulcro del general Alvear, por Alejandro Christophersen.

Su Comentario

Contáctenos

Cómo Anunciar

Premios y Distinciones

Pero, sin duda, la tumba más visitada por el público es la de María Eva Duarte de Perón, donde descansan sus restos desde que fueron repatriados al país. Esa bóveda actúa como un imán para los turistas extranjeros, casi el 70 por ciento de quienes se acercan a diario a dejarle una flor.

Es que la Recoleta es considerado uno de los cementerios más importantes del mundo, junto con el de Père Lachaise, en París, y el de Génova, en Italia.

http://www.lanacion.com.ar/01/05/25/dg_307631.asp

LA NACION | 25/05/2001 | Página 14 | Inf. General

[home](#) | [suplementos](#) | [especiales](#) | [clasificados](#) | [servicios](#)

LA NACION

[Suscribirse](#) | [Acerca de LA NACION](#)

Copyright 2001 SA LA NACION | Todos los derechos reservados

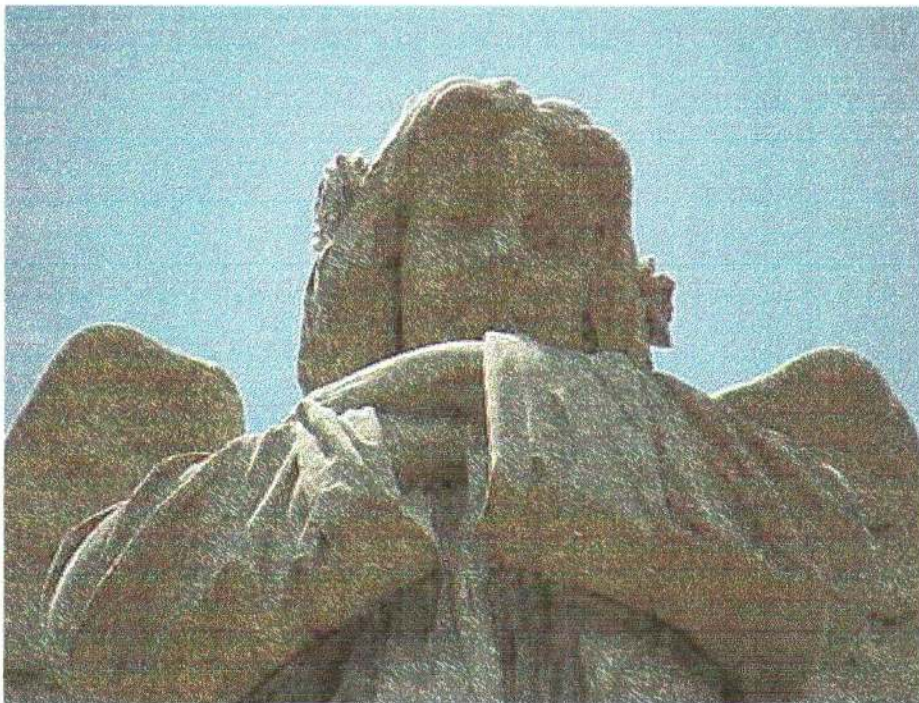
234

■ **Temakel:** [Mitología](#) [Arte y trascendencia](#) [Filosofía y trascendencia](#) [Literatura fantástica](#) [Historia y simbolismo](#) [Recuerdo de lo sagrado](#) [Textos olvidados](#) [Patagonia mítica](#) [Obra solar](#) [Caminata urbana](#) [Geografía sagrada](#) [Viajeros y exploradores](#) [Viaje Sonoro](#) [Links](#) [Este mundo](#)

[Inicio](#) [Volver caminatas urbanas](#) [Libro de visitas](#) [Contacto](#) [Foro de opinion](#)

CEMENTERIO DE LA RECOLETA:

LA VIDA ENTRE LAS TUMBAS



Galería 1: [El ángel, el ala y la altura](#)

Galería 2: [La mujer, la fineza y la adoración](#)

Galería 3: [El tiempo, la cruz y el marino](#)

Entre las tumbas fulgura la vida. La vida de seres angelicales y alados, de mujeres piadosas, de cruces o seres mitológicos. Toda esta vida entre los sepulcros palpita en el Cementerio de la Recoleta, en la Ciudad de Buenos Aires. En 1822,

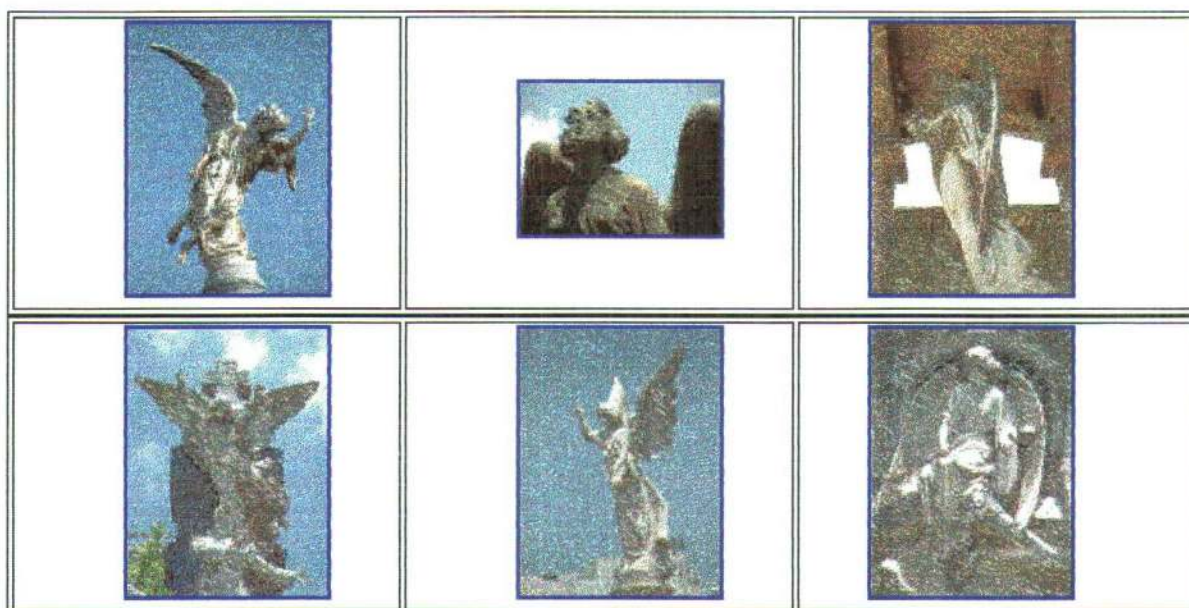


el entonces gobernador Martín Rodríguez dispuso la prohibición de las inhumaciones en Conventos e Iglesias. Para los entierros debía acudirse a lugares públicos. Es así que nace el cementerio que visitaremos. Fue construido en el Huerto de la Iglesia de los Recoletos. Originalmente se llamó Cementerio del Norte. El Ingeniero Felipe Bertres trazó los planos y en 1828, Manuel Dorrego, nuevo gobernador de Buenos Aires, lo hizo ampliar hasta su superficie actual. Años más tarde, Juan Manuel de Rosas encomendó al Ingeniero Próspero Catelin, autor de la fachada de la Catedral, el trazado de calles interiores y divisiones. En el Cementerio de la Recoleta descansan los restos de numerosos personajes ilustres de la historia argentina, como Domingo F. Sarmiento, María Eva Duarte de Perón, Luis Federico Leloir, José Hernández, Luis Piedrabuena, Arturo Illia, y muchos otros. En este nuevo latido de la sección **Caminata Urbana de Temakel** deseamos recuperar, mediante tres galerías con fotografías obtenidas por Andrés Manrique, la riqueza artística que refulge entre lápidas y sepulcros. Una riqueza muchas veces ignorada, no percibida. Una "infinita riqueza abandonada", tal como reza el título de un olvidado poema del notable poeta Edgar Bayley. Frente a esta riqueza podemos detenernos y ensayar un lento y meditativo caminar. Un caminar frente a la vida que perdura entre las tumbas. Un deambular que acaso pueda percibir una fuerza que eleva las cruces. Hacia una altura sin sombras ni muerte.



EL ÁNGEL, EL ALA Y LA ALTURA

(Todas las fotos pueden ser ampliadas mediante un clic)





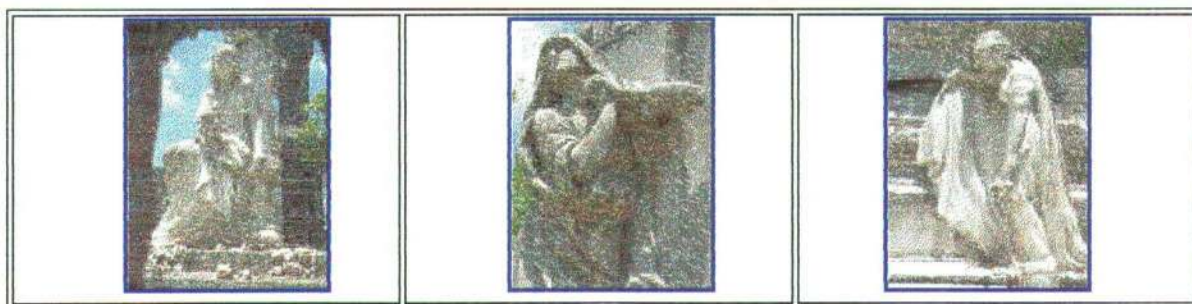


LA MUJER, LA FINEZA Y LA ADORACIÓN



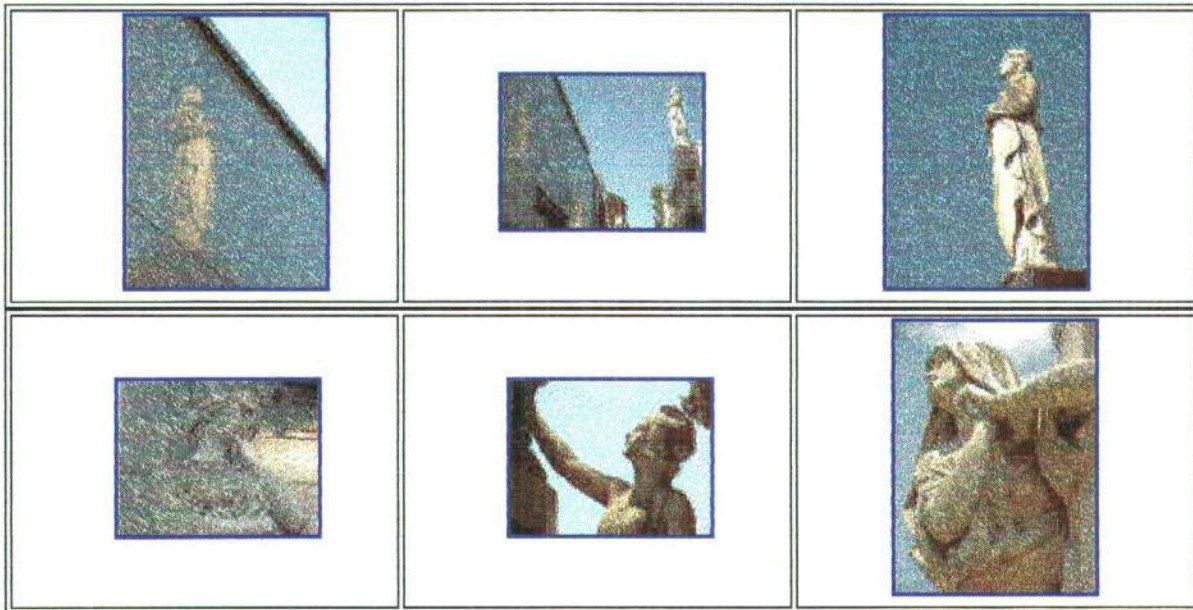
Ampliar con un clic

(Todas las fotos pueden ser ampliadas mediante un clic)





737



EL TIEMPO, LA CRUZ Y EL MARINO



(Todas las fotos pueden ser ampliadas mediante un clic)



738



Todas las fotos de © Andrés Manrique

© [Temakel](#). Por Esteban Ierardo



Vecinales

Este espacio está destinado a las asociaciones vecinales de nuestra ciudad, para que sus tareas y sus inquietudes tengan el amplio medio de difusión que proporciona Internet.

Las asociaciones que deseen utilizarlo deben tomar contacto con nosotros, ya sea por e-mail, dirigido a amigos@amigosciudad.org.ar, o por teléfono llamando al 4326-3920, o por correspondencia a Sarmiento 680, 1º B. OK

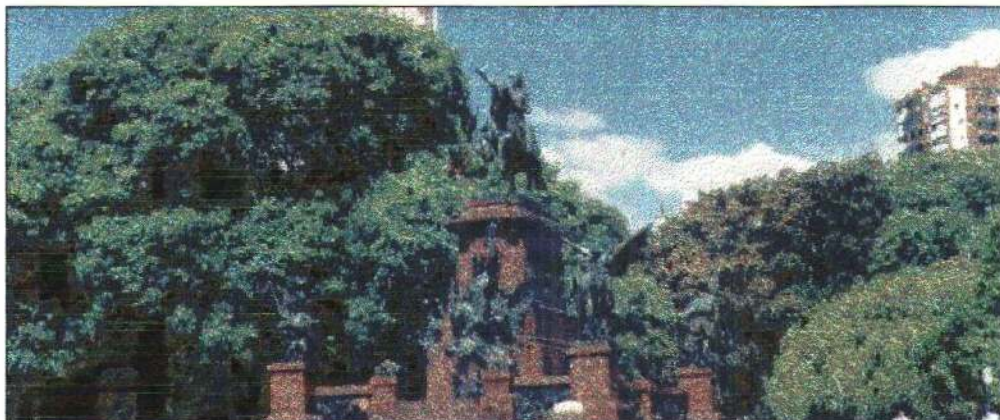
Es requisito indispensable que se trate de organizaciones sin fines de lucro y que nos hagan conocer su objeto social, autoridades, domicilio, teléfono, fax y e-mail, si lo tuvieren.

Los Amigos de la Ciudad se reserva el derecho de publicar o no el material que le sea enviado.

En esta primera edición de nuestra página web damos cabida a las siguientes asociaciones vecinales:

- [Plaza Libertador General José De San Martín](#)
- [Asociación Amigos del Cementerio de la Recoleta](#)
- [Enlaces de Interés](#)

PLAZA LIBERTADOR GENERAL JOSE DE SAN MARTIN



<http://www.amigosciudad.org.ar/vecinales.htm>

25/04/02





En 1942 el Poder Ejecutivo Nacional, mediante el decreto N° 122.096, dictado a instancias de la Comisión Nacional de Museos y Lugares Históricos, declaró **lugar histórico** a la Plaza San Martín.

En el año 1878, en ocasión de celebrarse el centenario del natalicio del prócer, había sido bautizada con su nombre. Pero ya desde 1862 lucía la magnífica estatua ecuestre del general San Martín, obra el escultor Joseph Daumas, ornamentada posteriormente por el escultor prusiano Everlin que enriqueció el basamento con bajos relieves y alegorías en bronce alusivas a las campañas del héroe.

Cabe señalar que es de los pocos casos, si no el único, en que la nomenclatura, la estatuaria y la ubicación urbana guardan estricta coherencia y tienen respaldo histórico: el monumento a San Martín está en la Plaza San Martín y la plaza en el lugar en que el prócer, que recién había regresado a su patria, organizó el Regimiento de Granaderos a Caballo.

En el año 1978, un grupo de vecinos, preocupados por mantener las características de la plaza y su ámbito circundante, creó el **Círculo Amigos Plaza Libertador General San Martín**. Desde entonces, el Círculo, no solo contribuye a mantenerla y mejorarla, sino que dedica sus mayores esfuerzos a preservar la dignidad del entorno. Es así que en 1988, logra que, por Ordenanza Municipal N° 43.882, se proteja ese entorno, integrado por notables exponentes de la arquitectura del primer cuarto del siglo pasado, tales como la mansión de Anchorena, obra del arquitecto Alejandro Christophersen, que en 1936 fue adquirida para sede del Ministerio de Relaciones Exteriores y es conocida como Palacio San Martín, y la mansión Paz, adquirida en 1939 por el Círculo Militar.



El Círculo viene bregando también **por recuperar la unidad e**



integridad física de la plaza que fue cercenada al abrirse una calle de comunicación entre las avenidas Santa Fe y Maipú, calle que la dividió en dos sectores, uno principal, donde está emplazado el monumento y otro, que ha pasado a ser residual.

El Círculo entiende que la preservación histórica y la puesta en valor de un espacio público como el de la Plaza San Martín debe merecer la atención de los poderes públicos, ya que es, sin lugar a dudas, un ámbito singular del paisaje urbano, que en perspectiva, desde lo alto de la barranca, luce una continuidad visual con la Plaza Fuerza Aérea, (ex Británica), y la Plaza Canadá, y es, también, el centro de frecuentes actos de homenaje al Libertador, protagonizados generalmente por dignatarios de países extranjeros.

Restituir a la Plaza San Martín la unidad perdida y lograr continuidad peatonal entre la Cancillería y el monumento al Libertador permitirá reestablecer la fisonomía de un espacio público emblemático por excelencia.



Volver

ASOCIACIÓN AMIGOS DEL CEMENTERIO DE LA RECOLETA

El 12 de mayo de 1997 un grupo de ciudadanos interesados en el patrimonio nacional, constituye una entidad sin fines de lucro bajo la denominación de "**Asociación de Amigos del Cementerio de la Recoleta**". Son sus propósitos contribuir a la conservación, preservación y difusión del patrimonio cultural, histórico, artístico y documental del Cementerio y su entorno.

ADACRE además de interesarse por el acervo del lugar, colabora y secunda las acciones oficiales y/o privadas tendientes a sostener las



792

tradiciones patrias y conservar los testimonios históricos, monumentos y lugares. A través de sus actividades, esta Institución coadyuva con el desarrollo cultural y social del entorno y procura divulgar la riqueza de este Panteón Nacional, no por todos descubierta.

Este grupo de amigos te convoca a participar de una intensa labor basada en el desinterés y la dedicación, asociandote a nuestra Institución

ADACRE:

**Maipú 864 5º A
(1004) Capital Federal**

**Junin 1790
(1113 AAT) Capital Federal
Tel +54-11-4801-1822
Fax +54-11-4314-6720**

E-mail: savhh@fullzero.com.ar

[Volver](#)

Visite los siguientes enlaces:

www.palermonline.com.ar
<http://caballitoenlinea.com.ar>
www.villadelparque.com.ar
www.avenidasantelmo.com.ar
<http://la-recoleta.com.ar>
www.v-crespo.com.ar
www.compraencuencia.com.ar
www.ciudadquilmes.com.ar
www.bellavista.com.ar
www.martinezcitv.com.ar
www.palermoviejo.com
www.mibelgrano.com.ar
www.galeriasur.com.ar
www.avellanedaenlaweb.com.ar

[Volver](#)

743

PROYECTO DE LEY

La Legislatura de la Ciudad Autónoma

de Buenos Aires

SANCIONA CON FUERZA DE LEY:

Artículo 1ro: Incorpórase el párrafo 5.4.12.2 –Distrito APH- al artículo 5.4.12- "Áreas de protección histórica APH" del capítulo 5.4 "Normas específicas para cada distrito" (A.D. 610.19) del código de planeamiento Urbano, el que queda redactado con el siguiente texto:

5.4.12.2-Distrito APH "Recoleta".

1.-Delimitación: El presente distrito comprende el polígono determinado por la zona IV del Distrito U29 Recoleta según plano 5.4.6.30 del Código de Planeamiento Urbano.

2.-Carácter: Zona que por su valor singular es objeto de una normativa particularizada con el fin de preservarla.

3.-Estructura Parcelaria: Se mantendrá la estructura catastral existente sin permitirse ni subdivisión ni englobamiento.

Se mantendrán los anchos existentes en aceras y calzadas.

4.Tipología edilicia: se protegerá el actual paisaje edilicio.

5.Usos: se permitirán los siguientes: Centro Cultural, Cementerio, Templo, respetándose como UP a los espacios verdes libres específicamente consignados en el plano nro. 5.4.6.30.

6.Protección del carácter del área Recoleta:

Se protegerán aquellos rasgos que contribuyen a potenciar su especial carácter como generador de identificación y pertenencia por parte de toda la comunidad.

7.Observaciones: Salvo indicación expresa de este APH, rigen las normas correspondientes al Distrito en que se encuentran.

Art.2do: Incorpórase al Distrito APH "Recoleta" en las planchetas nro. 8 y 13 del Atlas (a.d.610.42) del código de Planeamiento urbano.

Art.3ro: Encomiéndase al D.E. la modificación del Plano nro. 5.4.6.30 incluyendo al Distrito A.P.H. "Recoleta" para ser incorporado al Atlas del código de Planeamiento Urbano (A.D. 610.42) en Normas Específicas para Distritos.

Art.4to: Encomiéndase al D.E. la elaboración y propuesta para su aprobación en la Legislatura de un catálogo de edificios y mobiliarios urbano existentes en el área A.P.H. "Recoleta", consignando los distintos niveles de protección exigida dentro de los ciento ochenta días de aprobación de la presente Ordenanza.

Dicho catálogo deberá completar para la inclusión de los bienes sujetos a protección edilicia o ambiental que los mismos por sus características tipológicas constituyan ejemplos relevantes dentro

749

de su contexto arquitectónico y que contribuya a acentuar la percepción de su singularidad.

Art.5to: Comuníquese, etc.

FUNDAMENTOS

Sr. Presidente:

Visto la Ordenanza 45.517 que incorporó al código de Planeamiento Urbano la Sección diez "Protección Patrimonial" estableciendo los lineamientos generales de aplicación sobre edificios, lugares y objetos considerados de valor histórico, arquitectónicos, simbólicos o ambientales, se ha meritado la inclusión de una zona de la Ciudad, para la protección del patrimonio existente en ese lugar.

Teniendo en cuenta también los antecedentes de un proyecto de ordenanza que no tuvo sanción, presentado por los Concejales Olivera y Mendoza, se merita como necesario abocarnos al estudio de la presente cuestión.

Los antecedentes históricos de la zona son vastísimos, ya que Juan de Garay al fundar Buenos Aires, distribuyó tierras entre sus once acompañantes, correspondiéndole a Rodrigo Ortiz de Zárate la chacra ubicada en donde hoy se encuentra el corazón de la Recoleta.

Ya en 1716 un Capitán de Caballeros de Coraza Valdés e Inclán y su esposa Gregoria Herrera y Hurtado cedió los terrenos de la chacra para la edificación de un convento y la iglesia para los padres Recoletos.

La iglesia se realizó luego del Convento, se estima que data su terminación entre 1724 y 1725.

El templo y el Convento se habían levantado en una zona apartada del poblado central de la Ciudad de Buenos Aires, circundados por un ámbito rural.

La gente comenzó a generalizar el nombre de los frailes Recoletos para terminar denominando a ese solitario paraje como RECOLETA.

Hacia 1775 se instalaron los "Corrales del Norte", un matadero, el cual reunía a gauchos y faenadores. En las adyacencias del convento se ubicaron reñideros de gallo, despachos de bebidas y lugares de juego.

A fines del siglo XVIII ya se realizaban las fiestas patronales desde el 12 hasta el 19 de octubre en homenaje a la Virgen del Pilar.

La iglesia pasó a ser Parroquia a partir de 1830, Basílica en 1936 y en 1942 fue declarada Monumento Nacional.

El Convento prestó diversos servicios, fue utilizado como Hospital en las Invasiones Inglesas, a partir de 1822 se lo utilizó como Lazareto, prisión, cuartel, en 1854 fue convertido en Asilo y como tal perduró hasta 1978. Por último en 1980 la Municipalidad lo remodeló, destinándolo a Centro Cultural, destino que se mantiene actualmente.

En el transcurso del siglo XIX y a pesar del crecimiento acelerado de Buenos Aires, La Recoleta se mantuvo como un paraje marginal y rodeado de quintas, sin embargo un hecho habría de cambiar

745

sustancialmente la fisonomía de la zona, marcándola para siempre.

En efecto, como motivo de la epidemia de la fiebre amarilla ocurrida en 1871, las familias porteñas más pudientes afincadas en el sur de la Ciudad, San Telmo y Barracas, eligieron los alrededores de la recoleta como nuevo afincamiento, escapando de la epidemia, se subdividieron entonces extensas quintas y construyeron importantes residencias. Se nota una marcada influencia francesa.

El primer Intendente de la Ciudad, Marcelo T. de Alvear, trazó los jardines de la Recoleta en las Barracas y El Bajo y posteriormente esta plazas fueron adornadas con bellas obras escultóricas. El Cementerio por su parte cuenta con un importantísimo despliego de arte funerario con grandes bóvedas y obras escultóricas.

El sector urbano identificado como " Recoleta " a nuestro entender reúne ampliamente los condicionantes para ser incluida dentro de esa clasificación y es por tal motivo que proponemos su incorporación dentro de una área de protección específicamente creada y diseñada a tal fin.

En efecto, la zona en cuestión reúne características de belleza inusuales, que motivan no solo que numerosos vecinos de la ciudad concurren permanentemente en horario diurno y nocturno, recorriendo la gran cantidad de lugares de esparcimiento o locales de gastronomía de alta calidad, sino también que sea recorrida por los visitantes extranjeros, no dudando entonces en calificar a la zona como de interés turístico. Nos encontramos hoy día con área de gran movimiento comercial, han aparecido numerosas confiterías, boutiques, boites, hoteles, restaurantes y heladerías, conviviendo este activo mundo, con la majestuosidad y solemnidad del cementerio.

No puede dejar de mencionarse EL PALAIS DE GLACE, lugar donde se hacían bailes importantes, los cines Bijou y Roxi, el teatro del Norte, luego Grand Splendid, la confitería La Biela o el Café de la Paix, que marcan una característica del lugar.

Puede decirse que si consideramos el Barrio como una comunidad vecinal, podemos decir que La Recoleta abarca varios barrios extendiéndose hasta la Avda. Córdoba y hasta la Av. Coronel Díaz, conformando una CIRCUNSCRIPCION territorial con características propias y bien definidas.

Es conveniente entonces, dado los antecedentes históricos señalados y dadas las características del lugar, que se preserve su fisonomía, se respeten los anchos existentes en aceras y calzadas, así como también, la tipología edilicia, manteniendo el actual paisaje edilicio.

Respecto a los usos se permitirán los Centros Culturales, Cementerio de la zona y Templo, preservándose los espacios verdes libres.

Creemos que estas modificaciones apuntan a preservar el rico patrimonio cultural e histórico de la zona, que sin duda puede calificarse como tradicional, en el ámbito de la Ciudad.

Sr. Presidente vista la importancia de lo aquí expuesto, solicitamos la aprobación favorable del presente proyecto, que redundará en la preservación de una zona de características inusuales en el ámbito de la Ciudad.

Por todo lo expuesto solicitamos a los Sres. Diputados, el voto favorable de este proyecto de este proyecto de ley.

Cemitério da Ricoleta
Buenos Aires



747



Cemitério da Ricoleta
Buenos Aires
Foto: Daisy de Camargo
1998



748

FIND A GRAVE



Actions

[Begin New Search](#)
[Refine Last Search](#)
[Cemetery Lookup](#)
[Add Burial Records](#)
[FAQ](#)
[Top Contributors](#)
[Success Stories](#)
[Discussion forums](#)
[Discussion group](#)

Find all **Avellanedas**
in:

- [La Recoleta Cemetery](#)
- [Buenos Aires](#)
- [Find A Grave](#)

[Log In](#)

Find your Ancestors

Revolutionary War Rec
New York City Deaths,
Christ Church Parish, E
Rhode Island Death Re

Ancestry.com. [Click here](#)

Nicolas Avellaneda

Birth: Oct. 3, 1837

Death: Nov. 25, 1885

President of Argentina (1874-1880).

Burial:

[La Recoleta Cemetery](#)

Buenos Aires, Argentina

Plot: # 44

Record added: Mar 3 2001

Photos may be scaled.
Click on image for full size.



Added by: [Sergio Orellana](#)



Dear Nickolas,
none wrote you i'm sry
ok RIP DUDE
- [AlyssaBrown](#)

Added: 12/18/2001



-Anonymous

Added: 9/3/2001



Do you have a photo to add? [Click here](#)



WHEN PEOPLE THINK
LOUIS ARMSTRONG

[Accuracy and Copyright Disclaimer](#)



- Sobre a importância cultural, histórica, documental e turística dos Cemitérios
-

7.50

**estadao.com.br**

O Estado de S. Paulo | Jornal da Tarde | Rádio Eldorado | Listas Oesp | webmail | bate-papo

últimas notícias | economia | finanças pessoais | tecnologia da informação | ciência e meio ambiente | imagens
esportes | maga.zine | divirta-se | turismo | tempo | autos | estadinho | suplementos | classificados | ShopFácil

Terça-feira, 23 de abril de 2002 - 12h46

turismo

escolha a seção

busca no
turismo**Cansou de ficar horas preso
no engarrafamento?****Guia de Compras**
Produtos e Serviços

História e arte a céu aberto

Preciosidades arquitetônicas e jazigos de pessoas ilustres contribuem para a inclusão de cemitérios em roteiros turísticos

São Paulo - Momentos de medo, angústia e terror para uns. Horas de deleite, aprendizado e paz para outros. Poucos lugares despertam sentimentos tão díspares como os cemitérios, que há muito tempo servem de cenário para assustadoras histórias de almas penadas e acontecimentos inexplicados. Alguns desses "campos santos", no entanto, guardam preciosidades arquitetônicas e ilustres habitantes. Um passeio por esses locais vale por uma boa aula de história, incrementada pelo fascínio que covas e túmulos exercem até nos mais temerosos.

Para os curiosos, muitos cemitérios oferecem tours entre anjos de mármore e cruces de bronze. No caminho, em meio ao impressionante silêncio que se impõe nesses lugares - mesmo que a vizinhança seja das mais barulhentas - é inevitável deixar-se levar pelas conquistas e desventuras dos célebres ali enterrados. Do compositor Frédéric Chopin (1810-1849), sepultado no Père Lachaise, em Paris, ao escritor Monteiro Lobato (1882- 1904), enterrado em São Paulo, no cemitério da Consolação, cada local tem sua atração e importância.

Antes de sair de casa, porém, vale a pena dar uma espiada no site www.findagrave.com. Lá, dá para descobrir onde estão enterrados os famosos em várias partes do mundo, inclusive brasileiros. A procura pode ser feita pelo nome e pelo ano da morte. Para saber quais as celebridades enterradas em determinado cemitério, basta procurar pela localidade. Atualizado todos os dias, o site traz ainda uma lista com os nomes mais pesquisados pelos internautas.

Aula - Recheado de suntuosos mausoléus, o cemitério da Consolação guarda muito da história do País. Entre suas arborizadas alamedas, o visitante reconhece os túmulos da pintora Tarsila do Amaral (1886-1973), de Maria Domitília de Castro do Canto e Melo, a Marquesa de Santos (1797-1867), e do ex-presidente Washington Luís (1869-1957), entre vários outros. Mais do que identificar a sepultura de cada um, porém, pode-se admirar famosas esculturas de não menos célebres artistas, como Victor Brecheret (1894-1955), Nicola Rollo (1889-1970) e Francisco Leopoldo e Silva (1879-1948).

No Rio, a prefeitura já trabalha na criação de roteiros específicos por cemitérios. Equipes de pesquisa fazem um mapeamento in loco, para saber onde estão os, digamos assim, maiores atrativos. O professor Milton Teixeira organiza tours e acompanha grupos pelo cemitério São João Batista há quatro anos. "Prefiro os túmulos de anônimos, de gente que pagava caro para ter suas sepulturas enfeitadas", diz.

VITRINE

SIGMA
TURISMO
1ª em Resorts
Expert em ecologiaPRIMA DO FORTÉ
Eco Resort
VERSITE"Fique em Casa!"
US\$80,00 diaHOTEL MOBY DYCK
(12) 465 1353

SERVIÇOS

- Hotéis e Pousadas
- Agências e Operadoras

751

No Père Lachaise, em Paris, peregrinação é o termo mais correto para os ardorosos fãs que vagam durante o dia por suas esquinas. Lá, a visita pode ser feita com ajuda de um guia, que mostra por que este é o mais famoso e visitado cemitério da cidade - apesar de "concorrer" com os de Montparnasse e Montmartre. Longe de mórbidos, esses locais podem ser uma agradável alternativa aos ataques consumistas que a capital francesa provoca nos turistas.

Especialistas - Se a idéia é tornar-se um expert no assunto, para os que estiverem na Europa, também vale a pena passar pelos cemitérios londrinos. Lá, a aposta fica entre o Highgate, que abriga a sepultura de Karl Marx (1818-1883), e o West Norwood, com 64 monumentos listados. Como curiosidade, a dica é o Golders Green Crematorium, cujos mausoléus guardam os restos mortais do pai da psicanálise, Sigmund Freud (1856-1939), e o Brookwood, com tours diferenciados.

Se artistas atraem muita gente a cemitérios, o que falar de políticos carismáticos? Os túmulos de Evita Perón, a grande dama argentina, e do ex-presidente americano John Fitzgerald Kennedy não fogem à regra. Ela está na Recoleta, em Buenos Aires, e ele, em Arlington, a poucos minutos do centro da capital dos EUA, Washington D.C.





Ana Carolina Sacoman



◀ índice de notícias ▶

RadioEldorado.com.br AM

links relacionados

-  fotos do dia
-  imprimir
-  enviar
-  comentário

- ▶ Dois roteiros levam às belezas do Consolação
- ▶ Famosos despertam a curiosidade
- ▶ Prefeitura do Rio investe em passeios gratuitos e guiados
- ▶ Paris reúne maior número de ilustres
- ▶ Em Londres, Karl Marx atrai atenção
- ▶ Recoleta aproveita a fama do bairro portenho
- ▶ Arlington reverencia os combatentes

Copyright © 2002 Agência Estado. Todos os direitos reservados.

752

**estadao.com.br**

O Estado de S. Paulo | Jornal da Tarde | Rádio Eldorado | Listas Oesp | webmail | bate-papo

últimas notícias | economia | finanças pessoais | tecnologia da informação | ciência e meio ambiente | imagens | esportes | maga.zine | divirta-se | turismo | tempo | autos | estadinho | suplementos | classificados | ShopFacil

**Cansou de ficar horas preso no engarrafamento?**

Suplementos | Editorial | Assinaturas | Caderno2 | Cidades | Economia | Esportes | Geral | Internacional | Nacional

Terça-feira, 23 de abril de 2002

VIAGEM

O ESTADO DE S. PAULO

Dois roteiros levam às belezas do Consolação

Entre suas 8.500 sepulturas estão pelo menos 500 com relevância cultural



Paulo Liebert/AE
5/4/2001

Túmulo do poeta Moacir Piza exibe o primeiro nu (1922)

Aos poucos, enquanto caminha-se entre as 8.500 sepulturas do cemitério da Consolação, em São Paulo - pelo menos 500 têm relevância cultural -, o medo dá lugar à curiosidade. No local, pode-se optar por dois tipos de visita guiada: o roteiro histórico, passando pelos túmulos das "celebridades", e o artístico, que leva a esculturas e obras de arte

impressionantes. Quem quiser, pode ainda conhecer somente túmulos de políticos - cerca de dez. Qualquer que seja a escolha, fica a impressão de que é impossível conhecer tudo num único dia.

Inaugurado em 1858, o Consolação foi o primeiro cemitério municipal de São Paulo. Somente depois de sua abertura é que cristãos deixaram de ser enterrados em conventos e igrejas. Em pouco tempo, abastadas famílias passaram a contratar renomados escultores para idealizar os jazigos. Em suas alamedas, entre anjos e Pietás - bastante comuns no local - encontram-se trabalhos de Victor Brecheret e Francisco Leopoldo e Silva, autor do primeiro nu no cemitério, de 1922, esculpido em granito no túmulo do poeta Moacir Piza.

O modernista Brecheret deixou obras memoráveis e que atraem a atenção dos visitantes. Na mais conhecida, finalizada em 1923 para a família Penteado, o artista esculpiu uma Pietá com quatro Marias. A obra, intitulada Sepultamento, ganhou um prêmio especial numa mostra em Paris e, mais tarde, serviu de modelo para o Monumento das Bandeiras, de 1953. Do italiano também consta o jazigo da família Botti - sem data - O Grande Anjo, de feições humanas e asas que parecem separadas do corpo.

Riqueza - Artistas como Galileo Emendábile (1898-1974) e Nicola Rollo são recorrentes nas assinaturas

VITRINE

```
Warning: Failed opening
'/web/bserver2/cliente.php3' for
inclusion
in /web/templates/vitrine/vit_viag.inc
on line 16
```

```
Fatal error: banner is not a class
in /web/templates/vitrine/vit_viag.inc
on line 17
```



753

dos túmulos. Rollo projetou uma das primeiras obras consideradas de temática profana em cemitérios, Orfeu e Eurídice, que remete à mitologia grega, o que não era comum quando foi idealizada, em 1920, para a família Trevisioli.

Duas construções espantam pela imponência e riqueza de detalhes. O mais famoso mausoléu do cemitério, dos Matarazzos, é também o maior da América do Sul: ocupa 150 metros quadrados de terreno e, no ponto mais alto, chega a aproximadamente 20 metros de altura. A obra, feita em Gênova por Luigi Brizzollara (1868-1937) e trazida de navio para São Paulo, homenageia o filho do conde Francisco Matarazzo, Ermelino, que morreu numa corrida de carros em 1925.

Outro que merece uma parada é o mausoléu da família Jafet, de Materno Garibaldi. Construído em 1932 em estilo art déco, tem várias simbologias, como o desenho de duas mulheres segurando uma pira de fogo se apagando, representação da vida indo embora.

Curiosidades - A suntuosidade do Consolação, no entanto, não exclui a simplicidade de túmulos como o do fundador da Universidade de São Paulo (USP), Armando Salles de Oliveira (1887-1945), feito por Bruno Giórgi (1905-1993), um abstracionista. A peça Oração é uma das mais contemporâneas entre as obras de arte e representa apenas duas mãos em prece.

Entre tantos escultores, o cemitério abriu as portas para somente uma mulher mostrar o talento: Nicolina Vaz de Assis (1874-1941), considerada a mais importante escultora de sua época, que idealizou O Selvagem, de 1898, para o túmulo de José Vieira Couto de Magalhães (1837-1898), último presidente da província de São Paulo.

Para o final do roteiro, guarde um tempo para observar uma curiosa construção, da Sociedade Beneficente dos Chapeleiros, de autoria desconhecida e datado de 1880, provavelmente. Lá, estão muitos dos operários da antiga fábrica de chapéus João Alfredo, que ficava no Viaduto do Chá, no centro. Um mosaico mostra o desenho da fábrica ao lado de uma plantação de chá e do córrego Saracura, onde hoje fica o bairro do Bixiga. "Era comum enterrar os funcionários num mesmo mausoléu", afirma a diretora do Projeto Arte Tumular, da Prefeitura, Eliana Queirós. A tumba tem 24 gavetas e o último sepultamento ali ocorreu em 1996. (A.C.S.)


estadão.com.br

O Estado de S. Paulo | Jornal da Tarde | Rádio Eldorado | Listas Oesp | webmail | bate-papo

últimas notícias | economia | finanças pessoais | tecnologia da informação | ciência e meio ambiente | imagens | esportes | maga.zine | divirta-se | turismo | tempo | autos | estadinho | suplementos | classificados | ShopFácil

Que tal experimentar um outro
tipo de transporte?



Suplementos | Editorial | Assinaturas | Caderno2 | Cidades | Economia | Esportes | Geral | Internacional | Nacional

Terça-feira, 23 de abril de 2002

VIAGEM

O ESTADO DE S. PAULO

Famosos despertam a curiosidade

Jazigos como os da Marquesa de Santos e de Tarsila do Amaral recebem muitas visitas.



Vidal Cavalcante/AE
2/7/2001

Recordista: Marquesa de Santos

Fãs ou simplesmente curiosos. Entre as 3 mil pessoas que agendam um roteiro a cada ano pelo cemitério da Consolação, segundo dados da Prefeitura, a maioria quer mesmo é visitar túmulos de famosos, artistas e políticos. E lá existem opções para todas as preferências. Várias personalidades, entre barões do café, médicos, pintores e juristas, estão enterrados no local.

Uma das sepulturas mais visitadas, a da Marquesa de Santos, curiosamente é uma das mais simples do cemitério. Próximo da sede da administração, o túmulo pintado de branco recebe manutenção constante de admiradores. Nenhum escultor assina a obra.

A pintora Tarsila do Amaral, criadora do famoso quadro Abaporu, também está sepultada no Consolação e recebe visitas constantes. Outros participantes do movimento modernista de 22, Oswald de Andrade (1847-1930) e Mario de Andrade (1893-1945) "descansam" entre as alamedas do cemitério de 76.340 metros quadrados. O escritor Monteiro Lobato, crítico contumaz dos modernistas, também divide com eles o mesmo solo do Consolação.

Destaque - Entre os políticos, na quadra 83, o túmulo do ex-presidente Campos Salles (1841-1913), com esculturas à Auguste Rodin, aguarda manutenção e está numa lista de tombamento da Prefeitura. A principal dificuldade, segundo Eliana Queirós, do Projeto Arte Tumular, é com os gastos elevados. "Por estarem há algum tempo sem manutenção, alguns desses túmulos ficam cada vez mais caros para recuperar", diz. Outro ex-presidente, Washington Luís (1869-1957), e o ex-governador de São Paulo Adhemar de Barros (1901-1969) também estão enterrados no Consolação.

Bastante procurado na época da novela global O Rei do

VITRINE

```
Warning: Failed opening
'/web/bserver2/cliente.php3' for
inclusion
in /web/templates/vitrine/vit_viag.inc
on line 16
```

```
Fatal error: banner is not a class
in /web/templates/vitrine/vit_viag.inc
on line 17
```



Gado (1996 e 1997), o túmulo do fazendeiro Geremia Lunardelli, que teria inspirado o escritor de novelas Benedito Ruy Barbosa, pode ser visitado. Considerado o "rei do café" durante muito tempo, ele morreu em 1992.

Tributo - Muito da conservação das histórias do cemitério da Consolação deve-se ao advogado e historiador Délio dos Santos. Apaixonado pelos mistérios de seus "moradores", ele pesquisou com afinco, ao longo de mais de 25 anos, todas as peculiaridades do local. No dia 11, ele foi sepultado na terra à qual se dedicou a estudar. Graças a Santos, a história, os feitos e as curiosidades das celebridades enterradas não se perderam no tempo.

O cemitério fica na Rua da Consolação, 1.660. As visitas guiadas, para até 12 pessoas, são gratuitas e devem ser marcadas com uma semana de antecedência pelos (0-11) 3107-6449 e 3247-7078. O local funciona diariamente, das 9 às 16 horas. (A.C.S.)

**estadão.com.br**

O Estado de S. Paulo | Jornal da Tarde | Rádio Eldorado | Listas Oesp | webmail | bate-papo

últimas notícias | economia | finanças pessoais | tecnologia da informação | ciência e meio ambiente | imagens
esportes | maga.zine | divirta-se | turismo | tempo | autos | estadinho | suplementos | classificados | ShopFácil

Que tal experimentar um outro
tipo de transporte?

Suplementos Editorial Assinaturas Caderno2 Cidades Economia Esportes Geral Internacional Nacional

Terça-feira, 23 de abril de 2002

VIAGEM

O ESTADO DE S. PAULO

Prefeitura do Rio investe em passeios gratuitos e guiados

Equipe encarregada de levantamento técnico tem até agosto para concluir os trabalhos



Fábio Motta/AE

Intenção do diretor de Controle de Cemitérios e Serviços Funerários, Ademir Treichel, é tirar o ar sombrio que geralmente ronda esses locais

CLARISSA THOMÉ

RIO - A prefeitura se prepara para criar um roteiro turístico pelos cemitérios do Rio. No lugar do tradicional passeio na orla, os visitantes serão convidados a conhecer os túmulos de ilustres e famosos que estão enterrados por aqui. O prefeito, Cesar Maia, assinou decreto no início

de fevereiro para formar o grupo de trabalho que vai fazer o levantamento dos monumentos, da arquitetura e das personalidades encontradas em cemitérios particulares e públicos. Segundo o Diretor de Controle de Cemitérios e Serviços Funerários, Ademir Treichel, 600 mortos ilustres estão enterrados no São João Batista e no São Francisco Xavier.

O grupo de trabalho, que tem representantes das secretarias de Cultura, Turismo e Educação, além de Treichel, começou na última semana a catalogar "personalidades" também nos cemitérios da Ordem Terceira da Penitência e da Ordem Terceira do Carmo - ambos do complexo do Caju, na zona portuária. Na Ordem Terceira do Carmo, a equipe de Treichel localizou o mausoléu do Barão de São Gonçalo. "Há outros nobres por aqui", diz o diretor.

A intenção de Treichel é tirar o ar sombrio que geralmente ronda esses locais. Inspirado na cromoterapia, ele já começou a pintar muros, capelas e sedes em tons pêssego. "Dá paz", explica. Para o diretor, cemitérios são como "cidades de mortos". "Tem uma rua principal e as perpendiculares, a administradora é a prefeitura. Como nas cidades, os mausoléus são as mansões chiques; as sepulturas normais, as casas mais simples. Já as gavetas são como conjuntos habitacionais", diz. "Não é um lugar fúnebre, macabro."

A prefeitura não pretende cobrar pelo passeio. Segundo Treichel, a intenção é treinar os funcionários dos cemitérios

VITRINE

```
Warning: Failed opening
'/web/bserver2/cliente.php3' for
inclusion
in /web/templates/vitrine/vit_viag.inc
on line 16
```

```
Fatal error: banner is not a class
in /web/templates/vitrine/vit_viag.inc
on line 17
```



7.57

para monitorar o tour. "No caso de turistas estrangeiros, o próprio guia deles se encarregaria das traduções. Mais tarde teremos monitores bilíngües", afirma Treichel. A equipe encarregada pela pesquisa tem até agosto para terminar o levantamento dos ilustres e das obras arquitetônicas.

Esculturas - Passeios por cemitérios não são novidade na cidade. Há quatro anos o historiador e guia de turismo Milton Teixeira leva visitantes ao São João Batista. Durante mais de uma hora, ele mostra obras de arte, como as 64 esculturas de Rodolfo Bernardelli (1852-1931) - artista formado pela Academia Imperial de Belas Artes -, conta curiosidades, visita as belas sepulturas de desconhecidos e termina o tour no seu próprio túmulo. Fica na quadra 9, número 6181 e tem o nome do professor grafado na lápide. "Serei vizinho de Ana de Assis, mulher de Euclides da Cunha, e do Barão de Saavedra. Terei vizinhos mais ilustres que hoje em dia", brinca.

Teixeira ensina que Carmem Miranda, tão adepta de badulaques quando viva, não quis saber de muitos adornos no túmulo. Nem lápide ela queria. A sepultura traz apenas sua assinatura e uma imagem de Santo Antônio, de quem era devota.

Chamam ainda a atenção o túmulo de Santos Dumont, enfeitado com a figura de Ícaro; o de Nelson Rodrigues, que teve sua imagem e a máquina de escrever reproduzidas numa escultura; e o do cantor Francisco Alves, cujo violão de bronze foi guardado depois que uma fã tentou levá-lo. Teixeira, no entanto, prefere as sepulturas de desconhecidos, que pagavam caro para adorná-las.

Diretoria de Controle de Cemitérios e Serviços Funerários: (0--21) 2589-5522; Milton Teixeira: (0--21) 2527- 9129. Preço para grupos: R\$ 80,00.


estadao.com.br

O Estado de S. Paulo | Jornal da Tarde | Rádio Eldorado | Listas Oesp | webmail | bate-papo

últimas notícias | economia | finanças pessoais | tecnologia da informação | ciência e meio ambiente | imagens | esportes | maga.zine | divirta-se | turismo | tempo | autos | estadinho | suplementos | classificados | ShopFacil



*Cansou de ficar horas preso
no engarrafamento?*

Suplementos | Editorial | Assinaturas | Caderno2 | Cidades | Economia | Esportes | Geral | Internacional | Nacional

Terça-feira, 23 de abril de 2002

VIAGEM

O ESTADO DE S. PAULO

Paris reúne maior número de ilustres

Cemitérios da capital francesa guardam lápides de mestres em diferentes vertentes culturais



Wilson Pedrosa/AE
27/6/98

Cerca de 2 milhões de pessoas visitam todo ano o Père Lachaise, um dos maiores cemitérios de Paris, onde está o disputado túmulo do líder da banda The Doors, Jim Morrison (foto), que reúne diariamente legiões de fãs ao seu redor

capital da França.

Em 1804, um vinhedo de 44 mil metros quadrados na parte leste de Paris cedeu lugar ao Père Lachaise. Desde então, o local passou a ser o destino final de personalidades e, anualmente, é visitado por cerca de 2 milhões de pessoas. Um dos túmulos mais procurados é o do pai do Espiritismo, Allan Kardec (1804- 1869), seguido de perto pelos fanáticos por Morrison.

Em 1995, a professora Marcele Aires, de 27 anos, juntou-se ao numeroso grupo de fãs do roqueiro. "Já que eu estava em Paris, tinha de ver o Jim de qualquer jeito", diz. Quando achou o túmulo – por meio de flechas indicativas desenhadas pelos visitantes – tomou um susto: na sepultura havia cigarros e bebidas. "Fora isso, é um túmulo bem comum, apenas com uma placa e o nome", lembra. Pudera: um busto de bronze de Morrison fora surrupiado por visitantes.

Longe de ser uma amante de cemitérios, Marcele participou de uma cena inusitada. Quando morava em Wisconsin, nos Estados Unidos, a escola em que estudava era vizinha de um cemitério. Surpreendentemente, as aulas de Educação Física eram feitas dentro do local. "Era divertido. Marcávamos o espaço de corrida pelo nome dos mortos", conta. "Corríamos, por exemplo, do John Johnson até Tom

VITRINE

```
Warning: Failed opening
'/web/bserver2/cliente.php3' for
inclusion
in /web/templates/vitrine/vit_viag.inc
on line 16
```

```
Fatal error: banner is not a class
in /web/templates/vitrine/vit_viag.inc
on line 17
```



759

Willians.”

Romance – Quem prefere apenas conhecer e passar somente um dia nesses locais pode, no Père Lachaise, visitar a sepultura de gente como o escritor Honoré de Balzac (1799-1850), do dramaturgo Oscar Wilde (1854-1900), do compositor Bizet (1838-1875), dos atores Sarah Bernhardt (1844-1923) e Yves Montand (1921-1991) – enterrado no mesmo local que a mulher, a atriz Simone Signoret (1921-1985) –, da cantora Edith Piaf (1915-1963) e de Marcel Proust (1871-1922), cujo túmulo é de simplicidade singular. Vale ainda passar pelo túmulo dos amantes Abelard e Heloise, que, separados em vida, foram enterrados juntos.

Ao norte de Paris, fica o cemitério de Montmartre, que conta também com várias celebridades sepultadas e é quase tão famoso quanto o Père Lachaise. Aberto em 1825 com 11 mil metros quadrados, foi fechado e depois reaberto em 1831, com 9 mil metros quadrados a mais. Atualmente, recebe cerca de 500 sepultamentos todo ano e tem cerca de 20 mil pessoas enterradas em sua área. Entre os mortos ilustres, estão os escritores Henri Stendhal (1773-1842) e Émile Zola (1840-1902).

Prestígio – No extremo oposto da cidade, o cemitério de Montparnasse fecha o roteiro. Nos 19 mil metros quadrados inaugurados em 1824 em forma de pentágono, abriga também túmulos de gente famosa. Charles Baudelaire (1821-1867) é seu mais conceituado “morador”, mas ali estão também as sepulturas do colega escritor Guy de Maupassant (1850-1893) e do poeta Eugène Ionesco (1912-1994).

Com exceção do Montmartre (00-33-1-4387-6424), os outros dois cemitérios fazem visita guiada. No Montparnasse, os turistas têm à disposição guias bilíngües, que podem ser contratados pelo (00-33-1) 4410-8650. O serviço custa cerca de US\$ 3,50 por pessoa. No Père Lachaise, a visita guiada sai um pouco mais caro, aproximadamente US\$ 5 por turista e pode ser agendada pelo (00-33-1) 5525-8210. (A.C.S.)

*Père Lachaise: Rue du Repos, 16; metrô: Père Lachaise/Gambetta.
Montmartre: Avenue Rachel, 20; metrô: Blanche. Montparnasse:
Boulevard Edgard Quinet, 3; metrô: Raspail.*

760

**estadão.com.br**

O Estado de S. Paulo | Jornal da Tarde | Rádio Eldorado | Listas Oesp | webmail | bate-papo

últimas notícias | economia | finanças pessoais | tecnologia da informação | ciência e meio ambiente | imagens | esportes | maga.zine | divirta-se | turismo | tempo | autos | estadinho | suplementos | classificados | ShopFacil

**Cansou de ficar horas preso
no engarrafamento?**

Suplementos | Editorial | Assinaturas | Caderno2 | Cidades | Economia | Esportes | Geral | Internacional | Nacional

Terça-feira, 23 de abril de 2002

VIAGEM

O ESTADO DE S. PAULO

Em Londres, Karl Marx atrai atenção



Reuters

Busto de Marx no Highgate

Na imponente lápide, está perpetuada a frase: "Operários de todo o mundo, uni-vos!". Mesmo quem nunca ouviu falar nem leu algo sobre o criador do marxismo, Karl Marx (1818-1883), certamente conhece a convocação, estampada no cemitério Highgate, em Londres. Acima dela, há o busto de Marx, que é um dos mais visitados do local.

VITRINE

```
Warning: Failed opening
'/web/bserver2/cliente.php3' for
inclusion
in /web/templates/vitrine/vit_viag.inc
on line 16
```

```
Fatal error: banner is not a class
in /web/templates/vitrine/vit_viag.inc
on line 17
```

No lugar, destacam-se construções de influência egípcia, que valem por uma aula de história. Para os desavisados, um alerta: o Highgate fecha durante os funerais. Também não é permitida a entrada de crianças de até 8 anos. Os grupos, de no máximo oito pessoas, devem marcar uma visita pelo (00-44-020) 8340-1834.

Aberto em 1837, o West Norwood, tem uma lista de 64 monumentos históricos e arquitetônicos. A área grega reúne 17 sepulturas, listadas pela administração. Entre os famosos está o arquiteto William Burges (1827-1881) - idealizador de várias catedrais no país. Os grupos de visitantes, de até 30 pessoas, devem marcar o tour com antecedência. O ideal é informar-se sobre os horários de funcionamento, que mudam conforme as estações do ano.

Outro tour interessante pode ser feito no cemitério Brookwood, na Grande Londres. Com 148 anos de funcionamento, já foi considerado o maior do mundo. Em 5 de maio, por exemplo, está programada uma visita pelos túmulos dos pilotos da força aérea britânica enterrados no local. As visitas custam cerca de US\$ 3.

Como curiosidade, o crematório Golders Green, também em Londres, guarda os restos mortais de Sigmund Freud (1856-1939), Peter Sellers (1925-1980) e Anna Pavlova (1881-1931). Para grupos de até 60 pessoas, as reservas são feitas pelo (00-44-020) 8455-2374. (A.C.S.)

Highgate: Swain's Lane, (00-44-020) 8340-1834. West Norwood: Norwood Road, (00-44-020) 7926-8030. Brook wood: Cemetery Pales, Woking, Surrey, (00-44-014) 8347-2222. Crematório Golders Green:

<http://www.estado.estadao.com.br/suplementos/viag/2002/04/23/viag020.html>

29/04/02



769


estadao.com.br

O Estado de S. Paulo | Jornal da Tarde | Rádio Eldorado | Listas Oesp | webmail | bate-papo

últimas notícias | economia | finanças pessoais | tecnologia da informação | ciência e meio ambiente | imagens | esportes | maga.zine | divirta-se | turismo | tempo | autos | estadinho | suplementos | classificados | ShopFácil



*Cansou de ficar horas preso
no engarrafamento?*

Suplementos Editorial Assinaturas Caderno2 Cidades Economia Esportes Geral Internacional Nacional

Terça-feira, 23 de abril de 2002

VIAGEM

O ESTADO DE S. PAULO

Recoleta aproveita a fama do bairro portenho

Corpo de Evita Perón esteve na Europa antes de ser enterrado na capital argentina



Enrique Marcarian/Reuters
Evita: reverência popular

Um cemitério que se moldou ao charme e ao burburinho de um tradicional bairro. Assim é o cemitério da Recoleta, no bairro de mesmo nome, em Buenos Aires. Atualmente, o local é parte do circuito turístico da cidade. Famoso por abrigar o túmulo de Eva Maria Duarte, a Evita Perón (1919-1952), é um dos mais visitados da Argentina. Antes de sua abertura, o terreno servia como horta e campo santo para os Recoletos Descalços, companhia de monges instalada no local desde o século 18.

Inaugurado em 1822, foi inicialmente chamado de Cemitério do Norte e ficou abandonado por mais de 40 anos. Somente em 1880 o terreno foi remodelado e ganhou um muro de tijolos. Lá encontram-se os restos mortais das mais tradicionais famílias argentinas, num labirinto de tumbas e mausoléus.

O enterro de Evita é um capítulo à parte na história do Recoleta. Sepultada clandestinamente na Itália, seu corpo voltou ao país somente no começo da década de 70 e permanece na cripta da família Duarte. Com uma fachada comum, de mármore preto, é um dos túmulos menos imponentes do lugar. Os fãs, aliviados com o fim da "peregrinação" da grande dama argentina, mantêm o túmulo sempre florido e bem cuidado.

Lendas – Uma triste história alimenta a imaginação e, até hoje, a piedade dos visitantes. Um dos túmulos traz o nome de Liliana Crociati de Szesziuk (1944-1970), que morreu aos 26 anos junto com o marido numa avalanche nos Alpes durante a lua-de-mel.

Como todo cemitério, o da Recoleta também tem suas histórias misteriosas e lendas. Uma delas conta a façanha de

VITRINE

```
Warning: Failed opening
'/web/bsserver2/cliente.php3' for
inclusion
in /web/templates/vitrine/vit_viag.inc
on line 16
```

```
Fatal error: banner is not a class
in /web/templates/vitrine/vit_viag.inc
on line 17
```



762

um coveiro chamado Aiello, que resolveu construir sua própria sepultura. Ele teria trabalhado muito tempo para juntar dinheiro suficiente para construir o túmulo. No fim do trabalho, teria ficado apaixonado pela própria obra e não titubeou: suicidou-se para, finalmente, ocupar seu lugar no campo santo.

O local abriga também os restos mortais da maioria dos expoentes da política nacional e vários heróis do país. O coronel Ramon Bernable Estomba, herói da guerra de independência, Manuel Dorrego (1787- 1828), ex-governador da província de Buenos Aires, e Nicolas Avellaneda (1837-1885), presidente da Argentina entre 1874 e 1880, são alguns dos ilustres habitantes. Lá também pode ser visitado o Memorial dos Soldados Argentinos, mortos na Guerra do Paraguai (1864-1870).

Chacarita – Ainda em Buenos Aires, outro cemitério bastante procurado pelos turistas é o Chacarita, onde estão enterrados, entre outros, o músico mais famoso do país, Carlos Gardel (1890-1935), e o ex-presidente – e ainda ídolo dos argentinos – Juan Domingo Perón (1895-1974). A área em que se encontra o cemitério foi, no passado, local de férias para estudantes do Colégio Nacional, de orientação jesuíta. O local foi aberto por volta de 1870 para abrigar as vítimas da epidemia de febre amarela. (A.C.S.)

Recoleta: Rua Junín, 1760. Diariamente, das 7 às 17h45. No último domingo do mês, há visitas guiadas. Chacarita: Avenida Guzmán, 780. Diariamente das 8 às 18 horas.

763

**estadão.com.br**

O Estado de S. Paulo | Jornal da Tarde | Rádio Eldorado | Listas Oesp | webmail | bate-papo

últimas notícias | economia | finanças pessoais | tecnologia da informação | ciência e meio ambiente | imagens | esportes | maga.zine | divirta-se | turismo | tempo | autos | estadinho | suplementos | classificados | ShopFacil

**Cansou de ficar horas preso no engarrafamento?**

Suplementos | Editorial | Assinaturas | Caderno2 | Cidades | Economia | Esportes | Geral | Internacional | Nacional

Terça-feira, 23 de abril de 2002

VIAGEM

O ESTADO DE S. PAULO

Arlington reverencia os combatentes de guerra

Perto de Washington, cemitério já serviu até de cenário para 'O Resgate do Soldado Ryan'



Karen Abreu/AE
22/5/2001

Lápide de Kennedy é atração

KAREN ABREU

WASHINGTON - Sempre envolvidos em grandes conflitos mundiais, os Estados Unidos já perderam milhares de soldados no front. Esses oficiais, "mortos em nome da honra e glória do país", que somam nada menos que 230 mil pessoas, estão enterrados no Cemitério de Arlington, localizado na

cidade de mesmo nome, a dez minutos de metrô do centro de Washington D.C.. É certamente um dos cemitérios mais famosos dos EUA, servindo até de cenário para O Resgate do Soldado Ryan, filme de Steven Spielberg.

O lugar onde hoje está o cemitério foi campo militar durante a Guerra de Secessão (1861-1865). Eram tantas as baixas do lado dos confederados que soldados começaram a ser enterrados ali. No fim do conflito, o campo abrigava 5 mil cadáveres. Anos depois, foi vendido para o governo federal, que fez dali um espaço de homenagem a seus heróis.

Por todo o caminho é possível observar lápides relacionadas com as várias guerras em que a terra do Tio Sam esteve metida ao longo do século 20, mas é particularmente comovente andar por entre aquelas que lembram os mortos na Guerra do Vietnã (1964-1975), uma batalha perdida e não muito bem digerida pelos norte-americanos.

Queridinhos da América - A grande atração de Arlington é o túmulo do ex-presidente John Fitzgerald Kennedy (1917-1963), assassinado no auge da Guerra Fria. Ao lado está enterrada sua mulher, Jacqueline.

A área dedicada ao casal, que já foi o mais amado da América, tem as plantas preferidas do presidente e uma pira que fica constantemente acesa, além de vários trechos de discursos de Kennedy escritos em muros ao redor. A homenagem continua no centro de visitantes, onde há várias

VITRINE

Warning: Failed opening
'/web/bsrver2/cliente.php3' for
inclusion
in /web/templates/vitrine/vit_viag.inc
on line 16

Fatal error: banner is not a class
in /web/templates/vitrine/vit_viag.inc
on line 17



764

fotos de seu funeral, como aquela em que o pequeno John-John, filho de Kennedy, bate continência às honras prestadas por oficiais. O senador Robert Kennedy, irmão do presidente e assassinado em 1968, também está enterrado ali perto.

Outro bastante visitado é o Túmulo do Soldado Desconhecido, que homenageia os combatentes mortos na 1.ª Guerra Mundial (1914-1918) que não foram identificados. No ritual, um sentinela da infantaria mantém vigília - ele dá 21 passos em direção ao túmulo, pára por 21 segundos e retorna à posição original.

Na troca de guarda, que até setembro ocorre a cada meia hora, algumas pessoas escolhidas entre o público também participam das reverências militares prestadas ao soldado ali enterrado em 1921. Em seu imponente túmulo estão os dizeres "Aqui jaz em honrada glória um soldado americano conhecido apenas por Deus". O cemitério também presta homenagem a combatentes desconhecidos de outras tantas guerras que se seguiram, como a 2.ª Guerra Mundial, a da Coréia e a do Vietnã.

Cemitério de Arlington: (00--1-703) 695-3250. Abre diariamente, das 8 às 19 horas.

ARQUITETURA E ESCULTURA CEMITERIAL

Menu

Quem sou eu

Contato

Sugestões

Literatura

Arte

Música

Cultura Obscura

São Luís

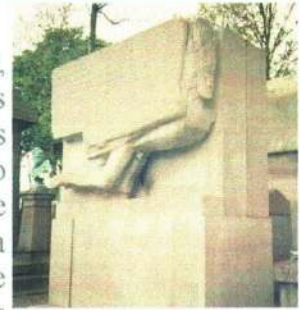
Educação

Busca

Links

Guestbook

Apesar da aparência muitas vezes triste, os cemitérios, principalmente os mais antigos podem guardar ricas surpresas para quem se dispõe a procurar. Alguns constituem verdadeiras galerias de arte a céu aberto sendo até mesmo possível encontrarmos peças e esculturas de artistas famosos. Em países como a França e Argentina alguns cemitérios são até mesmo pontos turísticos que atraem viajantes do mundo inteiro como por exemplo os Cemitérios de Père Lachaise(Paris) e da Recoleta(Buenos Aires).



Eles são concorridos pontos turísticos por terem entre seus “moradores eternos” figuras famosas que fizeram história nas artes ou na política. Mas com certeza a beleza da arte tumulária presente nestes cemitérios contribui e muito para a sua fama.



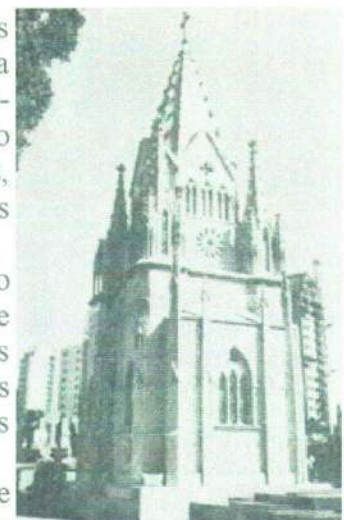
No Brasil também encontramos exemplos magníficos de arte tumulária principalmente nos cemitérios de São Paulo com Consolação, Araçá, Paulista e Morumbi. Também existem importantes acervos de arte tumulária no Rio de Janeiro, na Bahia e em Recife. Entretanto ao contrário do que ocorre em outros países são poucos os que percorrem os cemitérios brasileiros para visitaçã de túmulos ilustres(com exceção do dia de finados) ou que saibam apreciar as obras de arte que estes cemitérios muitas vezes escondem.

Muitos dos jazigos presentes nestes cemitérios foram feitos por artistas europeus com materiais muitas vezes importados, tudo com o objetivo de enaltecer o nome das famílias abastadas. Em cemitérios como o da Consolação em São Paulo é possível encontrar obras de artistas consagrados como Brecheret e Luigi Brizzolari ao lado de outros não tão conhecidos como Eugênio Pratti e Ramando Zago. Muitos artistas italianos de renome deixaram um enorme acervo de peças espalhadas pelos cemitérios brasileiros, principalmente em São Paulo, e muitas destas peças só agora estão sendo identificadas. Para se ter uma idéia, somente no cemitério do Araçá existem cerca de 80 peças catalogadas, de notório valor artístico.

O caráter individualizador do nome da família é uma das preocupações do imigrante europeu no Brasil, a partir da segunda metade do século XIX. Os cemitérios de Vila Verde, Municipal de Curitiba, do Araçá e do Braz de São Paulo formam conjuntos de capelas jazigos familiares, recriando aquela atmosférica doméstica dos bairros tradicionais dos imigrantes.

A comunidade representa-se, então, no todo do divisionismo e nos hábitos das famílias usuárias, que tratam de suas capelas como se fossem prolongamentos de suas próprias casas, levando para os jazigos os mesmos arranjos decorativos que o seu nível cultural lhes permite refletir.

A preocupação do colono europeu na área de enriquecimento imediato era muito tendente a individualizar seu nome, através da exibição de sinais de abundância. O caráter monumental da “última morada” era para muitos fruto de uma ansiedade de se auto





afirmar socialmente.



No estudo dos cemitérios brasileiros os estilos se suceder como nas necrópoles européias, porém com datas defasadas submetidos às razões da disponibilidade dos materiais locais. Há uma certa diferença entre os objetos produzidos no percurso da *belle époque* e os que surgiram logo após, de um estilo diferenciado, denominado *art nouveau*. Nas principais metrópoles européias o início da *art nouveau* tem data certa em 1890. O seu surgimento elege a máquina como instrumento de pluralização de produção artística, capacitada para atender ao consumo da decoração doméstica, trajes, e objetos de uso cotidiano até o nível da pequena burguesia urbana. Os meios de trabalho artístico adquirem soluções mecânicas com instrumental elétrico de maior rentabilidade de tempo e produção. Brocas, serras e polidores elétricos, novos métodos de fundição e metalurgia possibilitam a reprodução de protótipos de objetos de criação artística, ao nível industrial.

Em relação à arte cimiterial, tais possibilidades determinam, em todos os centros urbanos de expressão e riqueza, novas e reconhecíveis características. Até então as construções cimiteriais se valiam do trabalho artesanal e da eventualidade artística. Com o trabalho industrial mecanizado, as fundições passaram a fornecer gradis e portões, cercaduras de ornatos, frisos, cruzes e alegorias pré-moldadas, vigas metálicas, colunatas de estruturas, etc. A estatuária não era mais trabalho do escultor, neste caso entendido como o artista criador do objeto modelado. Estatuário na linguagem do século passado, corresponde ao artesão habilitado a reproduzir em pedra os protótipos encomendados, mediante pantógrafo, brocas elétricas e produção em série.



O traço que distingue a passagem da arte tumulária neoclassicista para a da *belle époque* corresponde, em primeiro lugar à diminuição, e mesmo esvaziamento da simbologia escatológica tradicional. Estas eram freqüentes, quase obrigatórias na fabricação dos marmoristas de Lisboa, tanto na representação do objeto principal como na distribuição dos elementos alegóricos. A *belle époque* se despeja de excessiva carga escatológica e se realiza como uma nova espiritualidade lírica procurando impregnar, até as próprias alegorias, com uma aparência de profundo realismo, de verismo.

Por isso logo transforma a figura alada e assexuada dos anjos da estatuária classicista em novos personagens, em anjos de procissão que parecem existir em nosso cotidiano.

Os anjos da *belle époque* ganham sexo, expressam a idade, brincam como crianças, refletem juventude, mas também sabem assumir quando querem traduzir desolação as atitudes mais teatrais e melodramáticas.



O romantismo das figuras da *belle époque* embora tenha uma apresentação realista não pode ser identificado com os sinais eróticos que se manifestariam depois na arte tumulária.

São igualmente freqüentes na arte tumulária da *belle époque* sinais de referência e de simbolização de fortuna, do prestígio e da propriedade. A presença de alegorias pagãs, como o símbolo do deus Mercúrio (ou Hermes, do Comércio), além de outras figuras mitológicas como ninfas também é constante. A *belle époque* também não foi insensível ao enaltecimento dos produtos



767

industrializados substituindo o bronze pelo ferro em muitas das esculturas.

O final do século XIX e princípio do século XX foi extremamente rico para a arte cimiterial brasileira por reunir ao mesmo tempo famílias com recursos financeiros disponíveis para construir túmulos suntuosos e artistas de grande talento que aqui aportaram, principalmente italianos.

São desse período muitas das peças produzidas por Brecheret, de caráter modernista além de outras peças que denotam sensualidade e monumentalidade, como a do artista Emendabili, Oliani e Nicola Muniz. Todos apresentando uma riqueza de detalhes e leveza surpreendentes. A presença de nus na arte cimiterial é uma grande inovação deste período.

Nos cemitérios brasileiros não é tão fácil distinguir-se essa sucessão cronológica de estilos, comparando a belle époque e art nouveau muitas vezes como mercadoria importadas, imitadas, dispostas e acumuladas ao longo das quadras. Devido à disposição muitas vezes atrofiada de alguns cemitérios até mesmo observar as peças torna-se muitas vezes um grande sacrifício. Outro fator de prejuízo é sem dúvida a má conservação de muitas das necrópoles brasileiras, algumas centenárias e em estado de total abandono. Numa perda irreparável de um belo patrimônio artístico nacional.

Hoje em dia, com o surgimento dos chamados “cemitérios-jardim” a arte da escultura cimiterial praticamente está extinta. Outro fator que leva a presença cada vez mais escassa de túmulos monumentais, é o alto custo dos materiais como o mármore, ferro e bronze, além da quase inexistência de artistas que se dediquem a este tipo de trabalho. Resta-nos portanto lutar para preservar estas verdadeiras obras de arte que ainda subsistem espalhadas pelos cemitérios brasileiros, começando por reconhecer o seu inestimável valor estético.



768



CIT

ANZEIGE



- [▶ Home](#)
- [▼ CityGuide](#)

Lissabon | [Stadtinfo](#)

[Hotels](#) | [Restaurants](#) | [Nightlife](#) | [Shopping](#) | [Kultur](#) | [Sightseeing](#)

▶ **DEUTSCHLAND**

- [Berlin](#)
- [Dresden](#)
- [Düsseldorf](#)
- [Frankfurt](#)
- [Hamburg](#)
- [Hannover](#)
- [Köln](#)
- [Leipzig](#)
- [München](#)
- [Stuttgart](#)

▼ **EUROPA**

- [Amsterdam](#)
- [Barcelona](#)
- [Brüssel](#)
- [Ibiza](#)
- [Kopenhagen](#)

▶ **Lissabon**

- [London](#)
- [Madrid](#)
- [Mallorca](#)
- [Paris](#)
- [Prag](#)
- [Rom](#)
- [Stockholm](#)
- [Wien](#)
- [Zürich](#)

▶ **WELTWEIT**

- [Chicago](#)
- [Kapstadt](#)
- [New York](#)
- [San Francisco](#)

Sammelbox

0 Tipps gesammelt

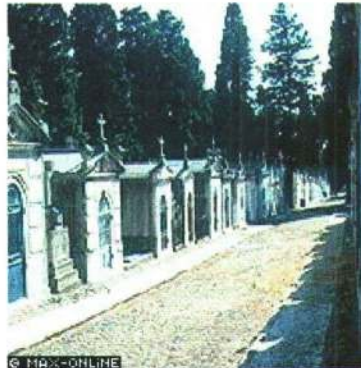
[Inhalt anzeigen](#)

MyMax-

Ihre E-Mail Adresse für unterwegs

Name:

Cemiterio dos Prazeres



Largo dos Prazeres
1293 Lissabon

Tipp merken

vergrößern

Haltestelle: Tram 28 (Prazeres)
Öffnungszeiten: Oktober bis April 9-17 Uhr
 Mai bis September 9-18 Uhr
 Letzter Einlass: 30 Min. vor Schließung

Angeblich stammt der Name des "Friedhof der Vergnügungen" aus Zeiten, als die Lissabonner nachts noch heimlich zwischen den Gräbern feierten. Heute merkt man nichts mehr davon: Nur Vogelzwitschern und die ferne Autobahn stören die Ruhe der marmornen Grabstätten, die sich wie kleine Häuser unter schattigen Zedernalleen aneinander reihen. Links neben dem Eingang befindet sich inmitten eines Blumenmeeres das Grab der berühmten Fadosängerin Amalia, umgeben von Saudade-Bekundungen aus ganz Europa.

[Lissabon](#) > [Sightseeing](#)

▶▶▶ nächster Tipp

MAX Lesermeinungen

Erfahrungen oder Tipps - Ihre Meinung interessiert uns!

Ihr Name:

GO!

Karin Twiefel



769

 Passwort:
 go!

[Hier neuen Account holen](#)

"Schon die Fahrt mit der alten Tram ist ein Vergnügen. Seltsam die überdimensionierte Grabstätte einer Adelsfamilie - man muss zweimal hinsehen, um sie ganz zu erfassen: eine Pyramide mit pompösem Säuleneingang, gekrönt von einem Engel(an der Mauer rechts vom Haupteingang). Hübsch die kleinen Häuschen: Man meint, jedem Moment öffnet sich die Tür und man wird zum Tee gebeten." 19.06.01

helmut schäfer

"ich kenne diese friedhofsanlage und finde diese zauberhaft ,ruhig und zum träumen gemacht, vorrausgesetzt,man läst sich nicht von cen toten stören." 10.05.01

[weitere Meinungen ...](#)

NETWORLD



Bikini-Trends 2002
Der Sommer kann kommen!

NETSHOP



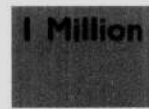
Auch für Nichtschwimmer!

Einfach günstig fliegen
Hier klicken

Einfach günstig fliegen!



Hier klicken!



Das weltweit Karriere-Netz
Hier klicken!

PARTNER

mehr spass

monster.de

ev

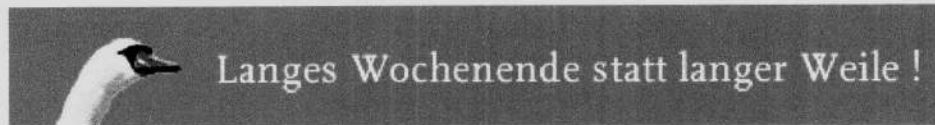
[Mediadaten Online](#) | [Mediadaten Print](#) | [Impressum](#) | [Datenschutz](#) | [Gästebuch](#) | [E-Mail](#)

Entertainment: TV Spielfilm, MAX, AMICA, CINEMA, TOMORROW, FIT FOR FUN, PLAYGROUND, NETWORLD TV
Immobilien NetWorld: BELLEVUE, HOUSE AND MORE

770



[Reisen](#) - [Yahoo!](#) - [Wetter](#) - [Hilfe](#)



[Klicken Sie hier für info!](#)

[Willkommen!](#) | [Daten](#) | [Anreise](#) | [Feste](#) | [Wissenswert](#) | [Unterkunft](#) | [Küche](#) | [Shopping](#) | [Kultur](#) | [Reise-Se](#)

Willkommen Gast

[Anmelden](#)

Yahoo! Reisen

[Reisen](#) > [Europa](#) > [Portugal](#) > [Lissabon](#) >

Sehenswert

- [Castelo de São Jorge](#)
- [Torre de Belém](#)
- [Praça do Comércio](#)
- [Convento do Carmo](#)
- [Cemitério dos Prazeres](#)
- [Mosteiro dos Jerónimos](#)
- [Bairro Alto](#)
- [Aquädukt](#)
- [Palácio dos Marquesses de Fronteira](#)
- [Jardim Gulbenkian](#)

Cemitério dos Prazeres

Parada dos Prazeres, Tram:25, 28, Bus:9,18,74. Der Prazeres-Friedhof ist mit seinen Straßen und monumentalen Gräbern eine wahre Stadt der Toten. Ein Gang über den Friedhof ist auch ein gruseliges Erlebnis, denn so an manchem Grab befindet sich die Aufschrift abandonado, verlassen. Der Blick in die offenen oder eingefallenen Grabstätten führt unweigerlich zu einer Gänsehaut. Hier war auch Fernando Pessoa bestattet, bevor er seinen Platz an der Seite der Großen im Mosteiro dos Jerónimos in Belém erhielt.

[Willkommen!](#) | [Daten](#) | [Anreise](#) | [Feste](#) | [Wissenswert](#) | [Unterkunft](#) | [Küche](#) | [Shopping](#) | [Kultur](#) | [Reise-Se](#)

Copyright © 1994 - 2001 Yahoo! Inc. Alle Rechte vorbehalten.

[Wir über uns](#) - [Hilfe](#) - [Jobs@Yahoo!](#) - [Yahoo!](#) auf Ihrer Homepage

Copyright © 2001 DuMont. Alle Rechte vorbehalten. Trotz sorgfältiger Prüfung kann keine Gewähr auf **Vollständigkeit und Richtigkeit** gegeben werden.

Ausführlicher Copyright Vermerk, Bestellmöglichkeit und weitere Informationen vom Verlag

Considera patrimônio ambiental e declara imunes de corte exemplares arbóreos, situados no Município de São Paulo, e dá outras providências

ORESTES QUÉRCIA, Governador do Estado de São Paulo, no uso de suas atribuições legais, e

Considerando o dever do Poder Público de preservar o meio ambiente ecologicamente equilibrado, essencial à sadia qualidade de vida, incluindo a proteção da fauna e da flora, vedadas as práticas que coloquem em risco sua função ecológica e que provoquem a extinção de espécies, nos termos do artigo 225, inciso VII, da Constituição Federal;

Considerando a competência comum da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios de proteger e preservar o meio ambiente, nos termos do artigo 23, incisos VI e VII, da Constituição Federal;

Considerando a necessidade da conjugação da ação pública estadual e municipal para a proteção, conservação e preservação dos exemplares arbóreos urbanos, especialmente os

situados em áreas de grande densidade populacional como a do município de São Paulo;

Considerando a urgência dessa defesa ambiental em face da acelerada degradação das espécies arbóreas no município de São Paulo, sob a ação de múltiplos fatores antrópicos;

Considerando a necessidade de se concretizar a proteção ecológica, com vistas a integrar medidas singulares com os objetivos da política estadual do meio ambiente;

Considerando a necessidade de defender e preservar os exemplares arbóreos existentes no município de São Paulo, por motivo de sua localização, raridade, beleza ou condição de porta-sementes, nos termos do artigo 7.º, da Lei Federal n.º 4.771, de 15 de outubro de 1965, alterada pela Lei Federal n.º 7.803, de 18 de julho de 1989;

Considerando a convergência dos interesses do Estado e do Município, no exercício da competência comum na defesa e proteção do meio ambiente.

Decreta:

Artigo 1.º — Ficam considerados patrimônio ambiental os exemplares arbóreos classificados e descritos no documento "Vegetação Significativa do Município de São Paulo", que faz parte integrante do presente decreto, encontrando-se seu exemplar depositado e registrado na Seção de Documentação da Secretaria do Meio Ambiente.

Artigo 2.º — São imunes de corte, em razão de sua localização, todas as árvores existentes nos seguintes parques e reservas:

- Reserva Estadual da Cantareira
- Reserva Estadual do Cururuçú
- Parque Anhangüera
- Parque Estadual do Jaraguá
- Parque São Domingos
- Parque Estadual da Capital
- Parque Ecológico do Tietê
- Parque Vila dos Remédios
- Parque Fernando Costa
- Parque da Luz
- Parque Dom Pedro II
- Parque Siqueira Campos (Trianon) e Praça Alexandre de Gusmão

- Parque do Piqueri
- Parque da Previdência
- Parque do Morumbi
- Reserva Ecológica do Morumbi
- Parque da Aclimação
- Parque Ibirapuera
- Parque da Independência
- Parque do Carmo
- Parque Guzarapiranga
- Parque da Conceição
- Parque Estadual das Fontes do Ipiranga
- Parque do Naboço

Artigo 3.º — São imunes de corte, em razão de sua localização, todas as árvores existentes nas seguintes praças e espaços urbanos:

- Parque Domingos Luís (e áreas públicas adjacentes)
- Praça Padre Aleixo Monteiro Mafrá
- Praça sem nome (antigo cemitério de São Miguel)
- Praça E. P. G. Arquireto Luís Saia
- Praça Fortunato da Silveira
- Praça Silva Telles
- Praças Petrolândia, São Ricardo e General Guimarães
- Praça do Maçom
- Praça Constantino P. Rodrigues Junior
- Praça Otávio Perez Velasco
- Praça Monteuro Lobato
- Praça da Igreja Matriz de Nossa Senhora do Ó e Largo da Matriz Velha

- Praça Cívica
- Praça Cornélia
- Praça Drogão do Amaral
- Praça Conde Francisco Marcarazzo Jr
- Praça Tomás Morus
- Praça Benedito Calixto
- Praças do Cemitério e Direcu de Lima
- Praça Marechal Deodoro
- Praça Olavo Bilac
- Praça Princesa Isabel
- Praça Júlio Prestes
- Praça Coronel Fernando Prestes
- Praça Buenos Aires
- Praça Rotary
- Largo do Arouche
- Praça Júlio Mesquita
- Praça da República
- Largo do Passandú
- Praça Roosevelt
- Praça Dom José Gaspar
- Largo da Memória
- Vale do Anhangabaú
- Colina do Pátio do Colégio
- Praça da Se
- Praça João Mendes e Largo Sete de Setembro
- Praça Santo Eduardo e Vias Arborizadas
- Praça General Humberto de Souza Melo
- Praça na Vila Maria Zélia
- Largo da Concordia

- Praça da Biblioteca Infantil Hans Christian Andersen e Biblioteca Camargo Ricardo
- Praça José Gaspar
- Praça Dom Juppino José Sarmento
- Praça Sívio Romero
- Praça Anselmo e Emílio Municipal de 1.º Grau Visconde de Cairó
- Praça José Cardoso de Moraes
- Praça da Estação Itaquera
- Praça Machucado
- Praça Princesa Igreja
- Praça Enecio Boreto
- Praça dos Goianês
- Praça Conselheiro Linneu Gomes
- Praça Bejerubá
- Praça Arborizada
- Conjunto de Praças e entorno da Administração Regional de Campo Limpo

- Praça Santa Cruz, Praça de Teatro Paulo Eiró, Jardim da Escola Municipal Linneu Prestes
- Praça Floriano Peixoto e Salim Farah Mahuf
- Praça Anadê Nunes
- Praça Moróvia, Praça V. Galiléi (e áreas parcialmente ocupada por Viveiro da Administração Regional)

Artigo 4.º — São imunes de corte, em razão de sua localização, todas as árvores existentes nas seguintes áreas institucionais e de uso público:

- Público dos Bandeirantes
- Convento das Meiras das Felippini
- Seminário José Alameiro
- Recanto Nossa Senhora Consolida
- Invernada da Polícia Militar
- Hospital Parque do Manduaqui, Pronto-Socorro e Secretaria da Saúde
- Hospital São Luiz Gonzaga (Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo)
- Instituto Salesiano Pio XI
- Cidade Universitária
- Área da SABESP
- Convento dos Dominicanos
- Complexo Hospitalar, Científico, Educacional e Esportivo (Faculdade de Higiene e Saúde Pública, Faculdade de Medicina da USP, Instituto Adolfo Lutz, Hospital Emílio Ribas, Hospital das Clínicas e Praça de Esportes Oswaldo Cruz)
- Hospital Samaritano
- Monteiro da Luz (Museu de Arte Sacra)
- Santa Casa de Misericórdia de São Paulo
- Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
- Hospital Santa Helena
- Própriedade da SABESP
- Centro Infantil e Casa de Saúde Santa Marcelina
- Instituto Butantã
- Fundação Maria Luiza e Osear Americano
- Museu da Casa Brasileira
- Hospital Oswaldo Cruz
- Institutos Ecológico e do Coração, Divisão de Tratamento da SABESP e DETRAN
- Seminário Maior dos Missionários de São Carlos Escalabrianos João XXIII
- Biblioteca Pública Amadeu Amaral (e escolas municipais)
- Instituto Adventista de Ensino e Indústria de Produtos Superbon
- Fundação Julieta Prado Alves de Lima (e Lar Maria Albertina)

- Eletrópolis — Associação Desportiva
- Escola Cristã Panamericana
- Penitenciária do Estado

Artigo 5.º — São imunes de corte, em razão de sua localização, todas as árvores existentes nos seguintes cemitérios:

- Necrópole da Freguesia do Ó
- Cemitério do Tremembé
- Necrópole do Araçá, Santíssimo Sacramento e do Redentor
- Necrópole São Paulo
- Necrópole da Consolação
- Cemitério de Vila Formosa
- Necrópole do Lajeado
- Cemitério da Paz

Artigo 6.º — São imunes de corte, em razão de sua localização, todas as árvores existentes nos seguintes clubes e áreas de recreação:

- Jaraguá Clube Campestre
- Clube de Regatas Tietê
- Clube São Paulo
- Clube Esportivo da Penha
- Clube Circolo Italiano
- Centro Recreativo Pernambucanas
- Área do Jockey Club
- Jockey Club
- Clube Pinheiros
- Sociedade Hípica Paulista
- Sociedade Japonesa de Educação e Cultura
- Associação Adélica Banco do Brasil
- São Paulo Golf Club
- Recreio "Chuvisco" da Fundação Rubem Berta
- Clube de Campo de São Paulo
- SESC - Centro Campestre José Papa Júnior

Artigo 7.º — São imunes de corte, em razão de sua localização, todas as árvores existentes nas seguintes escolas:

- EEPG Summa de Campos e Biblioteca Municipal
- Parque Estadual Pôrto de Toledo
- EMEI Rodrigues Mendes Garcia de Ribeirão Preto
- EMEI Mariana Ippolito
- EMEI Ricardo Gonçalves
- EEPG Miss Browne e EMEI Sarmos Dumont
- EEPG Professor José Carlos Dias
- Colégio Santa Marcelina
- Scola Panamericana de Arte
- Instituto de Educação Romo Conalli
- Complexo da Universidade Mackenzie, EMEI Gabriel Prestes e Arquivo Histórico Municipal Washington Luís, Educandário São Paulo
- EEPG Professora Mariana de Meilo
- EMEI Vila Santa Isabel
- EEPG Professor Gabriel Pelicciotti
- EMEI Cidade Líder e EEPG Asclínio de Azevedo Carrilho
- EEPG Pedro Taques
- EMEI Rodrigues de Azevedo
- Colégio Nossa Senhora do Morumbi
- Colégio Visconde de Porto Seguro
- Colégio Aclimação
- Colégio Madre Cabrini
- EEPG Pandiá Calógeras
- Faculdades São Marcos
- Colégio Irmãs de Nossa Senhora do Calvário
- EEPG Relício Pagnuolo e EMEI
- Escola Municipal Coronel Mário Rangel

- Escola Municipal Borbo Gato
- Escola Mester Amábilas
- Escola Municipal Leonor Mendes de Barros

Artigo 8.º — São imunes de corte, em razão de sua localização e beleza, todas as árvores existentes nos seguintes logradouros públicos de Bairros-Jardins:

- Av. Luiz Carlos Gemile de Laet (Vila Albertina);
- Lote n.º 34 da Rua Andrea del Sarto (Tremembé);
- Rua Mercedes, praças John Lennon, Sen. J. Roberto L. Penteado, entre as ruas Barão da Passagem, Visconde de Pelotas e Conde de Porto Alegre (Alto da Lapa);
- Av. Pedroso de Moraes, Av. Prof. Fonseca Rodrigues, Av. Antônia Barúfa, Praça Silveira Santos, Av. Prof. Manoel José Chaves, Praças Pinheiros, São Marcos, Barão Pinto Lima (Alto de Pinheiros);
- Av. Queiróz Filho, Av. Pe. Pereira Andrade (Jardim Boa-graça);
- Av. Valentin Gentil, Praça Vicente Rodrigues, Av. Valdemar Pereira, Av. Afrânio Peixoto (junto à Cidade Universitária);
- Praças Horácio Sabino, Gal. Oliveira Alvares e Joanópolis (no Jardim das Bandeiras);
- Praça Ana Gaia Solera (Sumaré);
- Praça Charles Miller e ruas Des. Paulo Passalacqua e Itápolis (Pacembu);
- Praças Vinícios de Moraes, Renato Checchia, Mario Garrero, Mons. Galvão de Souza, rotatórias e canteiros diversos, e a Av. Morumbi (Morumbi);

Todas as ruas e praças do Jardim América, Jardim Europa, Jardim Paulistano, Vila Nova Conceição, Jardim S. Bento, praças Cel. Fernandes Lima e Paul Harris e as ruas do Jardim Novo Mundo;

Todas as ruas do Alto da Boa Vista, Jardins Sto. Amaro, Petrópolis, Corderiro, dos Estados e Brooklin Paulista;

Todas as ruas e praças da Vila Lusitânia (Ibirapuera);

Todas as ruas e praças da Granja Julieta, Chácara Pouso Alegre, J. Hípica e Hípica de Santo Amaro;

Todas as ruas e praças da Chácara Flora;

Todas as ruas de Vila Nova Caledônia;

Todas as ruas do loteamento Interlagos e Sete Praças.

Artigo 9.º — São imunes de corte, em razão de sua localização, todas as árvores existentes nos seguintes bairros e logradouros arborizados:

- Parque Concineiral
- Higienópolis
- Cervejeira César
- Previdência
- Vila Iohã e Jardim Leonor
- Jardim Jusara
- Jardim Londrina
- Brooklin Novo, Campo Belo
- Santa Cruz
- Jardim da Glória
- Planalto Paulista
- Via Anhangüera
- Av. Presidente Altino, Rua Marcelia e Avenida Bolonha
- Av. Pedroso de Moraes
- Av. Pompéia
- Av. Sumaré e Paulo VI
- Av. Dr. Arnaldo
- Av. Erís Leme
- Av. Santos Dumont e Praça Bento de Camargo Barros
- Av. Rio Branco
- Av. Ipiranga
- Av. Nove de Julho
- Av. 23 de Maio
- Rua do Gasometro
- Av. Dom Pedro I

CÓPIA DO DECRETO 30.443 - 20/9/89
- CONSIDERA PATRIMÔNIO AMBIENTAL
E DECLARA IMUNES DE CORTE EXEMPLARES
ARBÓREOS, SITUADOS NO MUNICÍPIO
DE SÃO PAULO, E DAS OUTRAS PROVIDÊNCIAS

Rua ...
Av. Morumbi
Av. Brasil
Av. Sumo Ameno
República do Líbano e Indiarópolis
Vim ...
Av. ...

Artigo 10 — São imunes de corte, em razão de sua beleza e ...
Artigo 11 — São imunes de corte, em razão de sua beleza e ...

Rua Maestro Arcos de Angelis, 190
Rua Américo Ribeiro de Moraes, 304-352
Rua Calandria X Rua José Crispim
Rua Estrologuçu de Ribeira, 126 e Rua Barcelona, 513
Av. Jaguaré, 717
Rua João Ramalho, 1.321
Rua Doutor Albuquerque Lima, 804 e 818
Rua Armando Álvares Penteado X Rua Alagoas X Rua Ceará

Av. Paulista e Cerqueira César
Rua Major Diogo, 353
Av. Aguias de Haza X Rua Nelson Tavares X Rua Majorie
Av. Professor Francisco Morato X Rua Alfredo Mendes da Silva X Av. Doutor Guilherme D. Villares
Av. Morumbi, 3.594
Rua Malvinas, 150
Rua Doutor Mário Ferraz X Rua Arthur Ramos
Rua Santa Cruz X Rua Capitão Rosendo Ipiranga
Rua Consolida Rodrigues Pereira, 15 e 19
Rua Fernão de Castanheira, 20
Rua Bem-Aventurança, 109
Av. Doutor Francisco Ranieri, 25
Atual sede da T.F.P. — Rua Conselheiro Pedro Luiz, 13
Av. Angélica, 995.

Artigo 12 — São imunes de corte, em razão de sua localização e beleza, as árvores que compõem agrupamentos de vegetação nas seguintes ruas e lotes

Rua Maria Amália Lopes de Azevedo — Escola Júlio de Mesquita Filho
Rua Prof. José Soares de Mello, 64
Av. Rio Branco, 1.269
Rua Guianazes, 1.112
Rua Guianazes, 1.149
Rua Coronel Ribeiro da Silva, 180
Rua Vitorino Carmilo, 621
Rua Cons. Nébias, 1.355
Al. Nothmann, 526
Al. Barão de Limeira, 1.379
Rua Guianazes, no trecho entre a Al. Nothmann e Al. Gleite.

Artigo 13 — São imunes de corte, em razão de sua localização e beleza, as árvores que compõem arborização em trechos das seguintes ruas:

Rua dos Ingleses
Praça Amadeu Amaral, ao longo das Represas de Guarapiranga e Billings.
Artigo 14 — São imunes de corte, em razão de sua localização, as árvores existentes nas seguintes Glebas não ocupadas no Município da Capital:
Gleba Reflorestada entre as Ruas José Correia Picarço, J.J. de Almeida, Alamar e Osório de Miranda Ribeiro. Conjunto de Glebas da Sabesp, Ipesp e particular entre a Av. Nova Cantareira e a Rua dos Mártires Armênios.
Gleba parcialmente florestada na encosta em direção da estrada de Campo Limpo e da estrada dos Mirandás.
Gleba à estrada de Campo Limpo, 6.056.
Rua Comendador Elias Assi e Rua Ana Simões de Oliveira.

Trechos da Gleba existente à Marginal Pinheiros (antiga Chácara Tanarará) já identificados botanicamente como de preservação para parque

Artigo 15 — São imunes de corte, em razão de sua localização, as árvores existentes nas seguintes chácaras localizadas no Município da Capital:
Rua Doutor Cândido Motta Filho, Rua Professor Astolfo Tavares, Rua Guido Mazzoni, Rua Lopes Portana e Estrada das Cachoeiras, Rua Sabbado d'Angelo, 437 e 657, Rua José Otacica Filho X Rua Álvaro de Mendonça.
Em área urbanizada, entre a Estrada da Fazenda e a Rua São Teodoro (Vila Carmosina):
Rua Antônio João de Medeiros;
Estrada de Campo Limpo, 3.965.
Rua Manoel Jacinto; Rua Thea Dutra e Rua Nilza Medeiros Martins

Praça Cataguá, s/n.º;
Avenida Carlos Lacerda, 678;
Estrada do Uberajara, próx. n.º 1203;
Estrada do Alves;
Rua Camargo Borelli;
Av. Rio Bonito, 1699;
Rua José Paulino dos Santos, 146;
Estrada do Jaraguá, s/n.º;
Estrada do Paraventi X Estrada de Parelheiros;
Parque da Primavera;
Chácara adjacente à Estrada do Alvaronga.

Artigo 16 — São imunes de corte, em razão de sua beleza e raridade, os seguintes exemplares isolados:

Palmeira imperial (Rua Antonio Maia, 552);
Guapuruvu (Rua Manoel B. da Cruz X Rua Inácio de Toledo);
Paineira (Av. Cristo Rei, 101);
Paineira (Av. Dep. Cândido Sampaio, 389);
Jatobá (Rua Dep. Fernando Ferrari, 240);
Figueira-benjamina (Praça Venceslau);
Ipê-roxo (Av. Tenente Júlio Prado Neves, 822);
Guapuruvu (Av. Tenente Júlio Prado Neves, 120);
Cumaru (Rua Luiz Corro, 19);
Paineira (Av. José Artur Nova, 650);
Cedro (Rua Serra de Luiz Gomes, 159);
Paineira (Rua Cândido Portinari);
Figueira-benjamina (Av. Engenheiro Billings X Av. Presidente Altino);
Guapuruvu (Av. Raimundo Pereira de Magalhães);
Pau-Brasil (Rua dos Zaporás, 98);
Figueira (Av. Casa Verde, 2621);
Eucalipto (Rua Casa Verde X Rua Margarido da Silva X Francisca Biriba);

Embutiçu (Rua Conselheiro Brotero, 1.316);
Tipuana (Av. Angélica X Alameda Barros);
Figueira (Alameda Gleite X Rua Guianazes);
Marmelo-do-campo (Alameda Jaú, próx. Alameda Campinas);

Pau-Brasil (Rua Frei Caneca);
Figueira (Rua Ministro Rocha Azevedo, 56);
Guapuruvu (Rua Márcio de Souza X Estrada da Conceição);

Seringueira (Rua Francisco Melchiori, 31);
Ipê-roxo (Rua Antônio Samanna, 120);
Aroeira-mansa (Rua Maria Teresa Assunção, entre os n.ºs 441 e 471);

Paineira (Rua Fernandes Pereira, 590);
Jatobá (Rua Rio Iburana, 15);
Guapuruvu (Estrada de São Miguel, 6.993);
Jaracandá-mimoso (Rua Irmãos Murgel, próxima à Rua Carvalho de Araújo);

Abiu (Rua Paulo da Silva X Estrada de Bussocaba);
Anona (Rua Eugênio Bettarello, nas proximidades da Rua José Jannarelli);
Jatobá (Rua Caminho do Engenho X Rua Santa Eufrásia);
Açotea-cavalo (Rua Manoel Antônio Pinto X Rua Piracicaba);

Pau-ferro (Av. Rebouças, 3.115);
Pau-ferro (Canteiro Central entre as ruas Laerte Assunção e Desembargador Mamede);
Figueira-dos-pagodes (Praça Antônio Duarte do Amaral);

Figueira-de-bengala (Rua Haddock Lobo, 1.738);
Aldrago (Rua México X Av. Brasil);
Aranibá (Canteiro central entre as Ruas Laerte Assunção e Desembargador Mamede);

Mulungu (Rua Sofia X Rua Suíça X Rua Polônia);
Copaíba (Rua Presidente Correia, 68);
Melaleuca (Rua Madame Poços de Leitão, 4);
Tapiá (Rua das Açucenas, s/n.º);

Canafístula (Rua das Açucenas X Av. Amarilis);
Jenipapeiro (Rua Capanema X Rua Texas);
Ipê-branco (Rua Arandu, 907);
Cedro (Rua Álvaro Rodrigues X Rua João Amaro);
Açotea-cavalo (Av. Morumbi X Rua João Amaro X Rua Baltazar Fernandes);

Paineira (Rua Portugal, 1.269);
Seringueira (Rua Princesa Isabel);
Figueira-benjamina (Rua Barão de Jacuaguá, 1.140);
Figueira-benjamina (Av. Paulista, 901);
Guapuruvu (Av. República do Líbano, 1.828);
Aroeira-mansa (Rua Maurício F. Klabin);
Palmeira-sabal (Rua Alvorada do Sul X Rua Luiz Dib Zogaib);

Figueira-benjamina (Estrada das Lágrimas, 521);
Paineira (Rua Salvador Pires de Lima, 636);
Guapuruvu (Praça Diogo de Aguiar, 33);
Mangueira (Rua das Baunilhas X Rua das Giestas);
Paineira (Praça Santo Dias da Silva);
Mata-pau (Rua General Roberto Alves de Carvalho Filho, 612)

Jequitibá (Estrada de Guarapiranga, 1.912);
Flambovante (Rua Laplace, 560);
Chichá (Rua Grania Julieta, 92);
Abacateiro (Av. Taquanduba, 247);
Paineira (Rua Varsóvia, altura do n.º 19);
Cinamomo (Rua João Franco de Oliveira);
Açotea-cavalo (Rua Gregório de Oliveira);
Chichá (Rua Mackenzie, 100);

Jatobá (Rua das Perpétuas, próximo ao n.º 949);
Paineira (Rua Córrego Azul, 501);
Passuaré (Estrada da Varginha, 891);
Mandioxão (Estrada da Varginha, 1.370);
Jabuticabeira (Rua s/nome — Engenheiro Marsilac);
Copaíba (Rua Guaratuvás, s/n.º)

Artigo 17 — O regime de proteção dos exemplares mencionados neste decreto é o definido pela legislação municipal competente, sem prejuízo da observância do disposto nos artigos seguintes.

Artigo 18 — O corte em caráter excepcional e devidamente justificado dos exemplares arbóreos citados neste decreto dependerá de prévio exame da Secretaria do Meio Ambiente, a qual emitirá o parecer pertinente, considerada a legislação ambiental vigente.

Artigo 19 — Os proprietários das imóveis onde esteja localizada os exemplares arbóreos mencionados neste decreto ficam responsáveis por sua conservação, devendo tomar as medidas pertinentes, inclusive comunicando a Secretaria do Meio Ambiente sobre quaisquer ocorrências que possam comprometer a integridade dos referidos exemplares arbóreos.

Parágrafo único — Para a conservação mencionada no "caput" deste artigo, os proprietários dos imóveis onde estejam localizados os exemplares arbóreos citados neste decreto deverão, mediante solicitação escrita, assinar a técnica prevista na Secretaria do Meio Ambiente, através do Instituto Botânica e Instituto Florestal.

Artigo 20 — O descumprimento das disposições deste decreto sujeitará os infratores às sanções previstas na Lei Federal n.º 4.771, de 15 de setembro de 1965 (Código Florestal alterada pela Lei Federal n.º 7.803, de 18 de julho de 1989).

Artigo 21 — Este decreto entrará em vigor na data de sua publicação.

Palácio dos Bandeirantes, 20 de setembro de 1989.
ORESTES QUÉRCIA
Joãoir Reisnaldo Machado,
Chefe de Gabinete, respondendo pelo expediente da Secretaria do Meio Ambiente
Roberto Valle Rollemberg, Secretário do Governo
Publicado na Secretaria de Estado do Governo, aos 20 de setembro de 1989.

772

- Relação de Túmulos do
Cemitério da Consolação
-

Alguns esclarecimentos sobre a feitura da listagem que se segue:

Essa listagem foi elaborada a partir de pesquisa e cruzamentos de dados em várias fontes, a saber:

Orientações e curso de arte tumular proferido pelo especialista Dr. Délio Freire dos Santos, com visita *in loco.*, no Cemitério da Consolação.

Listagem anexa à planta do Cemitério da Consolação, fornecida pelo Serviço Funerário do Município de São Paulo.

Folder de Visitação do Cemitério da Consolação (Serviço Funerário do Município de São Paulo)

Listagem incorporada junto a esse processo, pelo conselheiro Marcelo Amaral, elaborada por uma comissão do Serviço Funerário do Município de São Paulo

Listagem fornecida pelo Departamento de Arte Tumular do Serviço Funerário do Município de São Paulo.

VALLADARES, Clarival do Prado. *Arte e Sociedade nos cemitérios brasileiros*, Rio de Janeiro, MEC, 1972, 2v.

CYMBALISTA, Renato, *Cidades dos vivos (cemitérios no oeste Paulista)*, Memorial de qualificação, Mestrado, FAU/USP, São Paulo, 2000.

RIBEIRO, Josefina Eloísa, *Escultores italianos e sua contribuição a arte tumular paulistana*, Tese de doutorado, USP, São Paulo, 1999.

Legenda:

Os túmulos que agregam grupos escultóricos estão assinalados na cor AZUL.

Os túmulos de personalidades históricas sepultadas estão em cor PRETA.

(P)

RELAÇÃO DOS TÚMULOS DO CEMITÉRIO DA CONSOLAÇÃO

Nome da família ou titular	Grupo Escultórico	Localização	
José da Costa Carvalho (Marques de Monte Alegre)		R. 2 - T. 6	1
Marquesa de Santos	Putino importado	R. 1 - T. 3	2
Major Francisco de Castro Canto e Melo		R. 1 - T.5	3
João da Silva Machado (Barão de Antonina)	Capela em mármore, século XIX, com brasão em bronze.	R. 1 - T. 6	4
Capitão Jaime da Silva Telles		R. 5 - T. 1	5
Dona Margarida Magalhães			8
José Alvares de Cerqueira César	Anjo chorando, adorando com motivos da mitologia germânica, em granito e mármore, cuja autoria é desconhecida	R. 6 - T. 13	9
Família Paim Vieira	Iconografia em azulejo. Encenação de um anjo branco banhando um anjo negro, por Paim	R 29. - T. 31	10
Joaquim Floriano Vanderlei		R. 6 - T. 17	11
Família Brasílio Machado (incluindo Antônio de Alcântara Machado, José de Alcântara e Machado de Oliveira e Joaquim Machado de Oliveira)	Maratona, em bronze, de autoria de Luigi Brizzolara	R. 7 - T. 9-10	12
Família Sampaio Viana	Cristo, em bronze, de Elio de Giusto		13
Família Brunetto	Criança e cachorro, em bronze	Ao lado da administração	14
Família Jafet (incluindo Nami Jafet)	Navio de Mulheres, bronze, art-deco, de autoria de Materno Giribaldi	R. 37 - T. 11/12	15
Família Fauzi/Maluf	De autoria de Antelo Del Debbio, em granito polido e bronze		16
Eduardo da Silva Prado	Coluna quebrada, de Amadeu Zani	Q.10 - T. 5	17
Mausoléu do Chapeleiro - sociedade Beneficente dos Chapeleiros	Imagem esculpida em mármore, de autoria desconhecida	Q.13 - T.21/22	18
Mário Pitombo	De autoria desconhecida, em granilite		19
Família Anna Guilhermina Pompeu do Amaral	Mulher art nouveau de autoria de Nicolina Vaz de Assis	R. 29 - T. 13	20 ←
Família E. Siniscalghi	Jazigo em formato de um templo gótico italiano, em mármore de carrara, por Ocheri & Barrieri	R. 37 - T. 52	22
Sebastião Ferreira	Pietà, em bronze, de autoria de Galileio Emendabili	Q.11 - T.16	23
Família Martin	Capela repleta de símbolos maçônicos		24
Família Rangel Moreira	Senhora Moreira, de granito cinza Mauá, de autoria de Celso Antônio de Menezes	R. 38 - T.2 (?)	25
Família João Rosa	Em bronze, de autoria de E. Bianchi		26
Moacyr de Toledo Piza	Interrogação, em granito cinza, de autoria de Francisco Leopoldo e Silva.	Q. 82 - T.12/13	27
Família Matarazzo (incluindo conde Francisco Matarazzo e Francisco Matarazzo Júnior, condessa Amália Ferreira Matarazzo), condessa Filomena Matarazzo	Guardiães e Pietá, em bronze e mármore, de autoria de Luigi Brizzollara	Q. 82 - T.6/25	28
Antônio de Lacerda Franco	Em mármore	Q.82 - T.13-13a	29
Família Campos Salles (Incluindo Manuel Ferraz de Campos Salles)	Armas da República, em bronze e granito, de autoria de Rodolpho Bernadelli	R. 82 - T - X	30

RELAÇÃO DOS TÚMULOS DO CEMITÉRIO DA CONSOLAÇÃO

P

Nome da família ou titular	Grupo Escultórico	Localização	
Família (Antônio e Arthur) Etzel		Q.81 - T.12/13/15	31
Família Oliveira Borges	Lamento, em bronze de autoria de Júlio Starace.	R.23 - T. 24	32
Família Trevisioli	Orfeu e Euridice, em bronze e granito, de autoria de Nicola Rollo	Q.83 - T.29/33	33
Família Belli	Capela em travertino romano, de autoria desconhecida		34
Loja Maçônica da Amizade	Inscrito com vários símbolos maçônicos, tais como: o olho de deus, o compasso, a esfera, o martelo e o pelicano.		35 ←
Família Siqueira Campos	Anjo chamado, em mármore, de autoria desconhecida	R.35 - T.13/14	39
Olívia Guedes Penteadó	Sepultamento, em granito, de autoria de Victor Brecheret	R.35 - T. 1/2	40
Família Fiaccadori	Anjos, em mármore branco, de autoria desconhecida		41
Família Toledo Piza	Cristo e Maria, em bronze e mármore, de autoria de José Cucé.	R.28 - T.1a	42
Família Siciliano	Guardiã, em mármore de carrara, de autoria de Amadeu Zani	R. 22 - T.3/4	43
Família Alves Camargo	Em mármore, de autoria desconhecida		44
João Batista Libero Badaró		R. 17 - T. 17	45
Oswald de Andrade			47
Chedid Jafet	Em bronze, de autoria de Antelo Del Debbio		48
Miguel Calfat	Pietà, em bronze, de autoria de Antelo Del Debbio		49
João Saad	Em bronze, de autoria de Antelo Del Debbio		50
Monteiro Lobato	Túmulo em granito, por Castellane	Q. 25 - T. 2	51
Família Soubihe	Alegorias, de autoria de Antelo Del Debbio		52
José Prudente de Moraes Barros			53
Demetrio Calfat	Em bronze, de autoria de Antelo Del Debbio		54
Família Botti	O Grande Anjo, em bronze, de autoria de Victor Brecheret	Q. 44 - T.150	55
Família Siqueira Cardoso	Art-decô, Bronze e mármore, de autoria desconhecida		56
Família Martins de Almeida	Art Nouveau, de autoria desconhecida.		57
Família Sestini	Anjo do Juízo Final, em mármore e bronze, de autoria de Frangélico		58

RELAÇÃO DOS TÚMULOS DO CEMITÉRIO DA CONSOLAÇÃO

Nome da família ou titular	Grupo Escultórico	Localização	
Família Teodoretto de Carvalho	Solitude, em Granito, de autoria de Francisco Leopoldo e Silva	R. 30 - T.17 (?)	60 ←
Família Chiaffarelli (Luigi Chiaffarelli)	Euterpe, em bronze de autoria de Nicola Rollo	R. 11 - T. 36	61
Armando de Salles de Oliveira	Prece, em mármore de Carrara, de autoria de Bruno Giorgi	Q. 25 - T. 14	62
Antonieta Rudge (túmulo da Família Horácio Vergueiro)		R. 36 - T. 17	63
Família Victor Morse	Capela com aspectos Art Nouveau		64
Família Sabbado D'Angelo	Cristo crucificado, em bronze de autoria de Vicente de Larroca		65
Família Gonzaga da Fonseca	Em mármore, de Amadeu Zani		66
Família Bernardo de Campos	Em Bronze e Mármore, de autoria de Júlio Starace		67
Roberto Cochrane Simonsen	Prece dos anjos em torno de Cristo, em bronze, por Francisco Leopoldo e Silva	Q.49 - T. 15	68
Família Isola	Em granito, de Celso Antônio de Menezes	R. 38- T.30	69
Família Comparato	Em bronze		70
Adhemar Pereira de Barros		R.7 - T.56	73
Afonso Arinos de Mello e Franco	Jazigo de mármore, cruz em, granito, de autoria de J. Marie Magrou	R. 12 - T. 19/20	74
Afonso de Taunay		Q.13 a - T.2	75
Antoninho da Rocha Marmo		Q.80 - T.16	80 ←
Antônio Caetano de Campos e General Antônio Cândido Rodrigues		R.11 - T.28	82
Antônio Francisco de Paula Sousa		Q.51 - T.14	83
Antônio da Silva Prado		Q.29 - T.2	84
Arnaldo Vieira de Carvalho		R.28 - T.11	85
Bernardino de Campos	Capela em granito e águia, em mármore e bronze, de autoria de Júlio Starace.	R. 35 - T.11/12	86
Caio da Silva Prado Júnior		R. 37 - T.10	87
Carlos Alberto Alves Carvalho Pinto		Q.44 - T.136	88
Carlos de Campos	Pátria e República, em granito, de autoria de Celso Antônio de Menezes	R.37 - T.21	89
Casper Libero e Nelson Libero		R.40 - T. 42	90
Cícero Pompeu de Toledo		R. 4 - T. 35	91
Francisco Franco da Rocha		Q. 32 a - T. 16	93
Francisco Schmidt		Q. 48 - T. 116	95
Francisco Matarazzo Sobrinho		Q. 75 - T. 12/13	96
Geraldo Horácio de Paula Souza		Q. 51 - T. 15	97
Geremia Lunardelli		Q. 49 - T. 48	98
Padre Gregório Westrupp		R. 20 - T. 31	99 ←
José Bonifácio de Andrada e Silva		R. 7 - T.58	100

RELAÇÃO DOS TÚMULOS DO CEMITÉRIO DA CONSOLAÇÃO

(P)

Nome da família ou titular	Grupo Escultórico	Localização	
Guiomar Novaes		Q. 12 - T.5	101
Itália Fausta	Coluna quebrada, em granito e mármore, de autoria desconhecida.	Q. 56 - T. 36	102
João Mendes de Almeida Júnior	O jazigo, em mármore, apresenta uma figura do patriarca, em destaque e uma mulher sentada, encima o grupo escultórico	R. 18 - T.30a	103
José Carlos de Macedo Soares		Q. 13ª - T. 33	104
José Maria Lisboa	Mármore	Q.29 - T.10/11	106
José Maria Whitaker e Firmino Antônio Whitaker Filho	Bronze e mármore	Q. 83 - T.40/41	107
Júlio de Mesquita Filho e Francisco Mesquita		R.28 - T. 11/11a	109
Lucas Nogueira Garcez		R. 17 - T.14	110
Luiz Gama		R. 12 - T.17	111
Luiz Pereira Barreto		R.12 - T.46	113
Marcelo Tupinambá (Fernando Lobo)		Q.36 - T.8	115
Maria Judith de Barros		R.26 - T.40	116
Paulo Machado de Carvalho	Cristo crucificado, em bronze, de autoria de Brizzolara	R.11 - T.8	117
Rodolpho Von Ihering		Q.29 - T. 13/14	118 ←
Washington Luiz Pereira de Souza	Oração, em mármore e bronze, de autoria desconhecida	Q.22ª - T.1ª/1b	120
Família Klaczko (Maria Eleonora)	De autoria de Francisco Leopoldo e Silva	Q.83 - T.11/12	121
Armando Alvares Penteadó	De autoria desconhecida, o túmulo possui o mesmo aspecto de sua casa. Merece atenção o mármore, importado da França, muito rico em mica.	R.37 - T.10a	122
Família Nestor Rangel Pestana (jornalista), Synésio Rangel Pestana (médico)		R.9 - T.23	124
Paolo Mazoldi	Busto do sindicalista, em mármore e bronze, de autoria desconhecida.		125
Armando Bogus	Cristo, de mármore e bronze, de autoria desconhecida		126
Américo Samarone	Via Sacra, em mármore, de autoria desconhecida		127
Família Fortunato	Cristo, em mármore, de autoria desconhecida		128
Família Salim Taufi Maluf	Lamento, de bronze e mármore, de autoria desconhecida.		129
Cândida de Aurora Figueiredo	Mulher em prantos, em bronze e granito, de autoria desconhecida.	Q.78 - T. 1/2	131
Afonso Celso Garcia		R. 24 - T. 15	132
João Jorge de Miranda	Mulher debruçada, em bronze, de autoria desconhecida.	Q.56 - T. 57	133

RELAÇÃO DOS TÚMULOS DO CEMITÉRIO DA CONSOLAÇÃO

Nome da família ou titular	Grupo Escultórico	Localização
Família Byington		
Loja Maçônica Piratininga		
Carlota Pereira de Queiroz		R.23 - T.4
Vicente Cômodo	Capela jazigo, de uma influência típica da arte tumular italiana.	Q. 55
João Mendes	Mulher/busto, em mármore, de autoria desconhecida.	R. 7 - T. (?)
Conselheiro Furtado	Casal, em granito, de autoria desconhecida	
Giacomo Giglio	Capela jazigo de uma influência típica da arte tumular italiana.	
Dr. D. J. Capote Valente		
Família Rodrigues Dias	"Não vejo, não falo, não escuto", ou "As Três Graças" em bronze, de autoria de Victor Brecheret.	Q. 32 - T. 8
Joaquim Roberto de Azevedo Marques		R. 11 - T.43
Rui e Antero Bloem	Crucifixo, em ferro, proveniente da Fábrica de Ferro Ipanema, localizada na cidade de Sorocaba	Q.78 - T.16
Família Marzorati	Alegoria da mulher picada pela serpente, em mármore.	Q. 76 - T. 30
Carlos Rusca	Mausoléu em mármore e bronze, com detalhes de contaminações do estilo mourisco, de autoria desconhecida.	R. 7 - T. (?)
Família Ferreira Mesquita	Esfinge com motivos egípcios confeccionada com areia, pó preto e cola, no próprio local, de autoria desconhecida.	R.24 - T.18
Coronel Luís Antônio de Anhaia Melo e Luis Inácio Romeiro de Anhaia Melo	O jazigo tem um tear esculpido, em mármore de carrara, de autoria desconhecida.	Q. 64 - T. 32
Carlos Alberto Alves Carvalho Pinto.		Q. 48 - T.136
Prudente Meirelles de Moraes	Trem blindado, em bronze, por Armando Zago.	Q.44 - T.134
José Vieira Couto de Magalhães	Mulher Art Nouveau, de autoria de Nicolina Vaz de Assis, em mármore de carrara.	Q.36, T.1/2
Roberto Costa de Abreu Sodré		Q.80ª - T.6
Família Joaquim dos Santos	O Adeus, em mármore travertino, de autoria de Galileo Emendabili	Q. 20 - T.7
Família Império	Mulher com seu anjo, em bronze, de autoria de Enrico Bianchi.	R. 37 - T.29
Júlio Starace	Mausoléu em alvenaria marcado pelo estilo arquitetônico russo, de autoria de Ramos de Azevedo	R.35 - T.15/19

134

135

136

137

138 ←

RELAÇÃO DOS TÚMULOS DO CEMITÉRIO DA CONSOLAÇÃO

Nome da família ou titular	Grupo Escultórico	Localização	
Família Teophilo Estefino	Cenas de Cristo, em bronze, de autoria de Antelo Del Debbio.		
Família Argante Fanucchi	Via sacra, em granito polido e bronze, de autoria de Antelo Del Debbio.		
Família Kalil Dib	Saudade, em granito polido e bronze, de autoria de Antelo Del Debbio		160
Família Antônio S. Noschese	Cenas de Cristo, em granito polido e bronze, de autoria de Antelo Del Debbio		161
Família Riskallah	Pietá, em granito polido e bronze, de autoria de Antelo Del Debbio.		162
Família Daud Constantino Cury	Vitória, em granito polido e bronze, de autoria de Antelo del Debbio.		163
Família Marcelino de Carvalho	Cristo e Três Marias, em granito e bronze, de autoria de Luigi Brizzolara.	R.11 - T8	164
Mário Salles	Anjo da Guarda, em mármore, de autoria de Achille Canessa.		165
Família Cibella	Grande jazigo em forma de capela, que possui esculturas de mármore de Cecarelli, vindas de Firenze.	Q. 2ª - T.11	166
Família João Batista Raia	Cristo, em bronze e granito, de autoria de Galileu Emendabili	Q. 25 a - T.18 (?)	167
Família Marsicano	Cristo, em bronze, de autoria de Elio de Giusto.		176
Abílio Aurélio da Silva Marques	Anjo, pirâmide e cartela em mármore.	R. 20 - T.9	
Abílio Pereira de Almeida		Q.22 - T.10	
Abraão Ribeiro		Q.60 - T.32	
Acácio Nogueira		R.10 - 17	
Adolfo Carlos Lindemberg		Q.45 - 61	
Adriana Torres de Miranda (2ª. Baronesa do Bananal)		R.20 - T.16	

RELAÇÃO DOS TÚMULOS DO CEMITÉRIO DA CONSOLAÇÃO

Nome da família ou titular	Grupo Escultórico	Localização
Afonso d'Escagnole Taunay		Q. 13 a - T.2
Afonso de Freitas		R.19 - T.18
Agenor Couto de Magalhães		Q.71 - T.11
Alcebiades e Lamartine Delamare Nogueira da Gama		R. 20 - T.32
Alexandre Albuquerque		Q. 37 - T.85
Alexandre Brodowsky		Q. 9 - T.5
Alexandre Correia		Q.2 - T.23
Alexandre e Henrique Luís Levy		R.23 - T.22/22a
Alexandre Marcondes Machado (Juó Bananere)		
Alfredo Ellis e Alfredo Ellis Júnior		R.37 - T.17
Alfredo Issa		Q.32 ^A - T.41
Alfredo Maia		R.9. - T.30
Alfredo Mesquita		Q.45 - T.15/16
Alfredo Pujol		Q.59. - T.1
Altino Arantes Marques		Q.25 ^A - T.8
Álvaro da Veiga Coimbra		Q.22 - T.5
Álvaro Gomes da Rocha Azevedo		R.35 - T.22
Amadeu de Queirós		Q.75 - T.7
Amélia Cândida Luz de Oliveira e Stanislau José de Oliveira (2 ^a . Baronesa e 2 ^o Barão de Araraquara)		Q.17 - T.6/6a
América de Toledo Almeida Valim (Baronesa de Almeida Valim) e Luciano José de Almeida Valim (Barão de Valim)		Q.58 - T.41
Américo Brasiliense de Almeida Melo		R.8 - T.3
Américo Brasília de Campos		R.11 - T.9
Américo Marco Antônio		R.1- T. 8
Ana Flora Vieira Barbosa de Melo e Oliveira e Luís José de Melo e Oliveira (Baronesa e Barão de Melo e Oliveira)		R. 30 - T. 28
Ana Paulina Lacerda Alvares Penteado (Condessa Alvares Penteado)		R.22 - T.1/2a
Conde Andrea Matarazzo		Q.33 - T.8
Annie Alvares Penteado		R.37 - T.21
Antero Bloem		R.78 - T.16
Antônio Aguiar de Barros (Marques de Itu) e Antônia de Aguiar Barros (Marquesa de Itu)		R.17 - T.12
Antônia da Rocha Cintra (Baronesa de Jaguara), Antônio Pinheiro Cintra (Barão de Jaguara.		R.17 - T.20
Antônia dos Santos Silva Prates e Guilherme Prates (Condessa e conde de Prates)		Q.13 - T.29

RELAÇÃO DOS TÚMULOS DO CEMITÉRIO DA CONSOLAÇÃO

Nome da família ou titular	Grupo Escultórico	Localização
Antônia Eufrosina Vergueiro de Sousa Queirós e Francisco Antônio de Sousa Queirós (Baronesa e Barão de Sousa Queirós)	Grupo escultórico em mármore	R.20 - T.10
Antônio Agu		Q.16 - T.15
Antônio Augusto Covelo		Q.28 - T.37
Coronel Antônio Batista da Luz		Q. 32ª t.18
Antônio Bento de Sousa e Castro	Placa em alto-relevo, bronze por Fanucchi	Q.27 - T.2/7
Antônio Carlos Cardoso		R.14 - T.18
Antônio Carlos Pacheco e Silva		R.40 - T.32
Antônio da Silva Prado (Barão de Iguape) e Maria Cândida de Moura Prado (Baronesa de Iguape)		R.7 - T.22
Antônio de Almeida Prado		Q.39 - T.18
Antônio de Oliveira		Q.73 - T.14
Antônio de Pádua Sales		Q.29 - T.29
Antônio Egdio Martins		Q.3 - T.11
Antônio Francisco de Paula Sousa		R.17 - T.27/28
Antônio Gonçalves da Silva Baturia		R.11 - T.37
Antônio Paes de Barros (1o. Barão de Piracicaba)		R.9 - T.15
Antônio e Delfino Pinheiro de Ulhôa Cintra		R.17 - T.20
Antônio Pinto do Rego Freitas		R.26 - T.4
Antônio Prado Júnior		R.37 - T.3a
Antônio Proost Rodovalho Júnior		Q.14 - T.4
Antônio Silvio Cunha Bueno		R.40 - T.40
Aristeu Seixas		Q.44 - T.14
Armando Bellardi		Q.48b - T.23
Armando de Arruda Pereira		R.8 - T.7
Armando Del Debbio		Q.35 - T.8
Armando Pedroso Horta e Oscar Pedroso Horta		Q.14ª - T.10
Arnaldo Vieira de Carvalho		R.28 - T.11/11a
Conde Asdrúbal Augusto do Nascimento		R.19 - T.6
Asilo do Bom Pastor		Q.36 - T.40
Associação das Enfermeiras Francesas da 1ª Grande Guerra Mundial		Q.65 - T.39
Association des Anciens Combattants et Volontaires Français de L'Etat de S. Paulo		R.15 - T.1/2

RELAÇÃO DOS TÚMULOS DO CEMITÉRIO DA CONSOLAÇÃO

Nome da família ou titular	Grupo Escultórico	Localização
Madre Assunta Marchetti e Padre José Marchett		R.22 - T.19
Augusto César de Miranda Azevedo		R.20 - T.12
Basílio Jafet		R.7 - T.35/36
General Bento Augusto de Almeida Bicudo		R.33 - T.13
Bento de Abreu Sampaio Vidal		R.40 - T.9
Bento Pinto do Rego Freitas		R.47 - T.75
Brigadeiro Bernardo José Pinto Gavião Peixoto		R.5 - T.8
Brás de Sousa Aranha		Q.56 - T.52
Brasílio Rodrigues dos Santos		Q.7 - T.6
Bráulio Joaquim Gomes		R.18 - T.15
Cândida Lopes Chaves (2ª Baronesa de Jacarei)		R.39 - T.2
Cândido Fontoura		R.38 - T.12
Cândido Mota		Q.28 - T.16
Cândido Ribeiro dos Santos (cirurgião)		R.9 - T.10
Cantídio Moura Campos		R.24 - T.23/24
Canuto Saraiva		R.20 - T.4
Carlos Augusto Pereira Guimarães		Q.20 - T.15
Carlos Cirilo Júnior		Q.37 - T.16
Carlos José Botelho		Q.58 - T.22
Carlos Leôncio de Magalhães		R.9 - T.14/15
Carlos Magalhães e Madalena Lebeis		R.15 - T.14
Carlos Petit		R.29 - T.25
Carlos Vasconcelos de Almeida Prado		Q.1 - T.2/4
Carolina Leopoldina de Almeida Guedes (Baronesa de Pirapitingui)		R.35 - T.4/5
Carolina Ribeiro		Q.8 - T.3
Celestino Bourroul		Q.44 - T.115
César Lacerda de Vergueiro		Q.14ª - T.2
Cesário Mota Júnior		R.34 - T.13
Clemente Ferreira		Q.48 E - T.1
Clementino de Sousa e Castro	Figura em bronze, por Zago	Q.29 - T.15

RELAÇÃO DOS TÚMULOS DO CEMITÉRIO DA CONSOLAÇÃO

Nome da família ou titular	Grupo Escultórico	Localização
Clóvis Ribeiro		Q.48 ^A - T.9
Colette Pujol		Q.79 - T.5
Congregação das Irmãs de Santa Catarina		Q.43 - T.25/26
Corina de Sousa Castro (Baronesa de Tatui, antes Baronesa de Itapetininga)		R.35 - T.34
Cristiano Altenfelder Silva		R.32 ^a - T.20
Cristiano Stockler das Neves e Samuel Augusto das Neves		Q.16 - T.3
Danton Vampré		Q.45 - T.58
Major Diogo Antônio de Barros		R.17 - T.28
Diogo Teixeira de Faria		R.9 - T.24/25
Domingos Correia de Morais		Q.2 - T.9/2
Major Domingos Sertório		R.6 - T.10
Durval Vilalva		Q.27 - T.6
Edgar Egídio de Sousa		R.20 - T.3
Eduardo da Silva Prates (conde Prates)		R.35 - T.34
Eduardo Pacheco e Chaves		Q.13 - T.12
Elias Antônio Pacheco e Chaves		Q.13 - T.14
Elias Fausto Pacheco Jordão		R.22 - T.7
Eloy de Miranda Chaves		Q.44 - T.159
Emílio Ribas		Q.1 a - T.8
Enjobras Vampré		Q.63 - T.2
Ernesto de Moraes Leme		Q.39 - T.17
Ernesto de Sousa Campos		R.11 - T.4
Escolástica Bonifácia de Toledo Ribas (1 ^a Viscondessa de Castro)		R. 1 - T.4
Estanislau José de Oliveira (2 ^o Barão de Araraquara)		Q.17- T.6
Estevão de Almeida		R.25 - T1c
Estevão Leão Bourroul		R.23 - T.20
Estevão Ribeiro de Resende (Barão de Lorena)		R.10 - T.13
Eugênio Augusto de Melo		Q.48 - T.107
Eugênio Egas		Q.40 - T.1
Eurípedes Simões de Paula		Q.64 - T.21
Ezequiel de Paula Ramos Júnior		R.21 - T.22
Conde Adriano Crespi, Conde Rodolfo Crespi, Fábio da Silva Prado e Renata Crespi Prado		R.9 - T.4/5

RELAÇÃO DOS TÚMULOS DO CEMITÉRIO DA CONSOLAÇÃO

Nome da família ou titular	Grupo Escultórico	Localização
Felisberto Ranzini	Medalhão em bronze, por Ranzini	R.30 - T.27
Fernando de Almeida Nobre		R.30 - T.10
Fernando de Azevedo		Q.48 - T.99
Firmiano de Moraes Pinto		Q.13 - T.31
Vicente de Sousa Queirós (Barão de Limeira) Francisca de Paula Sousa Queirós (Baronesa de Limeira)		R.8 - T.38
Francisca Miquelina de Toledo Ferraz (Baronesa de Porto Feliz) e Carlos Ekman		R.10 - T.18
Francisco Antônio de Sousa Queirós Filho		Q.3 - T.15/21
Francisco de Assis Carvalho Franco		Q.57 - T.74
Francisco de Assis Peixoto Gomide		R.22 - T.13
Francisco de Castro Canto e Melo		R.1 - T.5
Francisco de Paula Ramos de Azevedo	Escultura em mármore por Zani	R.24 - T.15 ^a /15b
Francisco de Paula Vicente de Azevedo (Barão de Bocaína) e Rosa Bueno Lopes de Azevedo (Baronesa de Bocaína)		R.1 - T.39
Francisco de Paula Xavier de Toledo		R.32 - T.1
Francisco de Sales Vicente de Azevedo		Q.15 - T.12
Francisco de Salles Oliveira Júnior		Q.8 - T.10
Francisco Leopoldo e Silva		R.23 - T.28
Francisco Maria de Sousa Furtado de Mendonça		Q.24 - T.30
Francisco Rangel Pestana		Q.22 - T.1
Francisco Xavier Paes de Barros (Barão de Tatui)		Q.47 - T.2/3
Franco Zampari		R.5 - T.10
Frederico Abranches		Q.29 - T.22
Frederico de Barros Brotero		R.7 - T.31
Fúlvio Pennachi		R.25 - T.31
Gabriel Mange		R.8 - T.21
Gaspar Ricardo		R.26 - T.26
Gastão Vidigal		R.9 - T.43
George Street		
Geremia Lunardelli		Q.49 - T.48
Giulio Michelli	De autoria de Rodolpho Bernadelli	Q.82 - T.1/2
Giulio Pignatari		Q.82 - T.25
Gofredo Teixeira da Silva Teles		Q.25 - T.16
Helena Bourroul Sangirardi		Q.16- T.28
Helena Silveira		Q.59 - T.17
Hipólito José Soares de Sousa		R.2 - T.3
Horácio Belfort Sabino		Q.63 - T.3
Horácio de Carvalho		R.19 - T.20

RELAÇÃO DOS TÚMULOS DO CEMITÉRIO DA CONSOLAÇÃO

Nome da família ou titular	Grupo Escultórico	Localização
Cônego Ildefonso Xavier Ferreira		R.2 – T.17
Inácio Wallace da Gama Cochrane		Q.15 – T.15
Iria Alves Ferreira	Cristo a caminho do calvário, em bronze, por Starace	Q.69 – T.13
Jaime Carlos da Silva Teles		Q.48e – T.22
João Adolfo Schristmeyer		R.7 – T.39
João Alves de Lima		R.40 – T.14
João Augusto de Pádua Fleury		R.10 – T.26
João Brás de Oliveira Arruda		Q.56 – T.52
João Briccola		R.35 – T.4
João Crispiano Soares		R.9 – T.13
João Dabney de Avelar Brotero		R.2 – T.16
João Fernando de Almeida Prado (Yan de Almeida Prado)		Q.6 – T.1
Maestro João Gomes de Araújo		Q.21 – T.30
João Gomes de Araújo Júnior		R.23 – T.42
João Mendes de Almeida		R.7 – T.33
João Paulino Pinto Nazário		Q.14 – T.21
João Pedro Cardoso		R.35 – T.37
João Pereira Monteiro	Figura em mármore, medalhão em bronze, de autoria de Petrucci.	R.3 – T.10
Joaquim de Almeida Leite Morais		R.17 – T.16
Joaquim de Toledo Piza e Almeida		R.22 – T.1/2
Joaquim Floriano de Toledo		R.7 – T.52
Joaquim José Ramalho (Barão de Ramalho)		R.23 – T.1c/1f
Joaquim José Vieira de Carvalho		R.11 – T.6
Joaquim Lopes Chaves		R.24 – T.29
Joaquim Lopes Lebre (Conde de São Joaquim)		R.22 – T.1i
Marechal Joaquim Mariano Galvão de Moura Lacerda e Brigadeiro José Pedro Galvão de Moura Lacerda		R.3 – T.2
Jorge Americano		R.27 – T.36
Jorge Seckler		R.9 – T.2
Jorge Tibiriçá		R.20 – T.20
José Adriano Marrey Júnior	Anjo em mármore, pela marmoraria Maia	Q.37 – T.37
Brigadeiro João Antônio da Fonseca Galvão		R.2 – T.7
José Brant de Carvalho		Q.51 – T.13
José Cardoso de Almeida		R.9 – T.25/27
José Carlos de Ataliba Nogueira		R.20 – T.6

RELAÇÃO DOS TÚMULOS DO CEMITÉRIO DA CONSOLAÇÃO

Nome da família ou titular	Grupo Escultórico	Localização
José Carlos de Macedo Soares		Q.13 a – T.33
José Cássio de Macedo Soares		R.8 – T.22
José Cucé		Q.11 – T.30
José Augusto de Barros Martins		R.16 – T.4
José de Freitas Vale		R.23 – T.1H
José Eduardo de Macedo Soares		Q.6 – T.8
Coronel José Eusébio da Cunha		R.17 – T.4
José Guedes de Sousa (Barão de Pirapitingüi)		R.35 – T.4/5
José Joaquim Cardoso de Melo		R.11 – T.3
Joaquim Cardoso de Melo Neto		R.11 – T.3
José Lemos Monteiro		R.38 – T.22
José Luís de Almeida Nogueira		R.35 – T.13
José Manuel da Fonseca		R.8 – T.11
José Manuel da Silva (Barão de Tietê) e Maria Reducinda da Cunha e Silva (Baronesa do Tietê)		R.3 – T.6
José Manuel de Azevedo Marques		R.24 – T.38
José Maria de Avelar Brotero		R.8 – T.41
José Marques Campão		R.14 – T.11
José Marques da Cruz		Q.30 – T.13
Tenente Coronel José Pedro de Oliveira		Q.35 – T.32
José Soares de Melo		Q.74 – T.17
José Tavares de Miranda		Q.3 – T.6
Cônego José Valois de Castro		R.8 – T.40
José Vasconcelos de Almeida Prado		R.17 – T.15
José Vicente de Azevedo Sobrinho		R.21 – T.29
Brigadeiro José Vieira Couto de Magalhães		R.36 – T.1/2
Júlio César Ferreira de Mesquita		Q.45 – T.15/16
Júlio de Mesquita Filho		R.35 – T.15/19
Stanislau Herculano de Freitas		Q.42 – T.35 ^a
Lamartine Delamare Nogueira da Gama		R.20 – T.32
Laurindo Abelardo de Brito		R.14 – T.15
Leonor Mendes de Barros		R.7 – T.56
Lineu Prestes		R.30 – T.19
Loja América		R.24 – T.32
Loja Capitular Amizade Benemerita		Q.56 – T.11/13
Loja Capitular Comércio e Ciências		Q.48 – T.16/17
Loja Maçônica Val da Tabatinguera		Q.56 – T.3/4
Loja Piratininga Sociedade Maçônica		R.23 – T1c/f

RELAÇÃO DOS TÚMULOS DO CEMITÉRIO DA CONSOLAÇÃO

Nome da família ou titular	Grupo Escultórico	Localização
Lourival dos Santos		R.23 - T.7
Lucas Monteiro de Barros		Q.20 - T.1
Luciano Gualberto		Q.48 - T.58
Lúcio Manoel dos Santos Cepello		R.8 - T.40
Luis Antônio de Sousa Barros		R.15 - T.29
Luis de Resende Puech		Q.46 - T.6
Luis de Sousa Leite (Barão do Socorro)		Q.14 - T.9
Luis de Toledo Piza e Almeida		R.8 - T.33
Luis Gama		R.12 - T.17
Luis Rodolfo Miranda e Rodolfo Nogueira da Rocha Miranda		Q.75 - T.6
Luis Washington Vita		Q.54 - T.13
Manuel Carlos Aranha (Barão de Anhumas)		R.26 - T.30
Manuel da Costa Manso		Q.82 - T.30
Manuel de Aguiar Vallim (Barão de Aguiar Vallim)		Q.11 - T.27
Manuel Dias de Abreu	Cristo em granito, por De Giusto	R.18 - T.51
Manuel Dias de Toledo		R.8 - T.15
Manuel Elpidio Pereira de Queirós		R.20 - T.8
Manuel Ferreira Garcia Redondo		R.35 - T.36
Manuel Joaquim de Albuquerque Lins		R.15 - T.12
Capitão Manuel Joaquim de Toledo		R.9 - T.20
Padre Manuel Joaquim do Amaral Gurgel		R.2 - T.15
Major Nunes Quedinho		R.20 - T.26
Manuel Pedro Vilaboim		Q.44 - T.164
Manuel Rodrigues Jordão		R.17 - T.27
Maria Angélica Sousa Queirós de Barros		R.20 - T.6
Maria Augusta Saraiva		Q.47 - T.59/60
Maria da Gloria Aguiar Vallim (Baronesa de Aguiar Vallim)		Q.11 - T.27
Maria da Trindade Pereira de Barros (Baronesa de Pereira de Barros)		Q.50 - T.8
Maria Dalmácia de Lacerda (2ª Baronesa de Arari)		Q.18 - T.39/40
Maria Hipólita dos Santos Silva (Marquesa de Três Rios)		R.27 - T.8
Maria Joaquina de Oliveira Barros (2ª Baronesa de Piracicaba)		Q.1ª - T.1/3
Maria José Fleury Monteiro Dupré (senhora Leandro Dupré)		R.31 - T.10
Maria Luísa Ferraz Americano de Caldas		R.29 - T.5

RELAÇÃO DOS TÚMULOS DO CEMITÉRIO DA CONSOLAÇÃO

Nome da família ou titular	Grupo Escultórico	Localização
Maria Reducinda da Cunha e Silva (Baronesa do Tietê)		R.3 – T.6
Maria Teresa Nogueira de Azevedo		R.4 – T.30
Mário Guimarães		Q.29 – T.4
Mário Masagão		Q.54 – T.6
Mário Pinto Serva, Maria Edul Tapajós e Maria Antonieta Pinto Serva		R.21 – T.18
Mário Raul de Moraes Andrade e Paulo Lauro (prefeito da cidade de São Paulo)		R.17. – T.1
Martim Francisco Ribeiro de Andrada		R.8 – T.4
Martim Francisco Ribeiro de Andrada III		R.37 – T.22a
Martininho da Silva Prado		R.21 – T.23/24
Martininho Prado Júnior		Q.3 – T.3
Matias Valadão		Q.44 – T.2a
Maximiliano Hehl		Q.1ª – T.4
Miguel Arco e Flexa		
Militão Augusto de Azevedo		R.14 – T.29
Moacir do Amaral Santos		Q.60 – T.25
Mosteiro de São Bento		Q.35 – T.39a e T.39b
Nelson Líbero		R.4
Nicolau de Moraes Barros		Q.27 – T.1
Noé Ribeiro		Q.148 – t.31
Noemi da Silveira Rudolfer		Q.53 – T.51
Luma de Oliveira	Alto-relevo em bronze, por Amélia Sabino	Q.63 – T.1/2
Oduvaldo Pacheco e Silva		Q.25 – T.4
Olga de Paiva Meira		Q.44 – T.5a
Oscar Americano de Caldas Filho		R.29 – T.4
Oscar Monteiro de Barros		Q.54 – T.24
Oscar Thompson		Q.43 – T.2b
Otaviano Augusto Alves de Lima		Q.49 – T.21a
Otávio Gabus Mendes		Q.48 – T.27
Otávio Mendes		Q.83 – T.17
Ovidio Pires de Campos		Q.3 – T.8
Paulo Cursino de Moura		Q.60 – T.24f
Paulo da Silva Prado		Q.29 – T.1
Paulo Emilio Salles Gomes		Q.78 – T.11
Paulo Lauro		R.17 – T.1
Paulo Nogueira Filho		Q.17 – T.31
Paulo Vergueiro Lopes de Leão		Q.64 – T.41

RELAÇÃO DOS TÚMULOS DO CEMITÉRIO DA CONSOLAÇÃO

Nome da família ou titular	Grupo Escultórico	Localização
Pedro Antônio de Oliveira Ribeiro Neto e Dario Sebastião de Oliveira Ribeiro		Q.3 - T.6
Pedro Arbues Rodrigues Xavier		R.6 - T.5
Pedro Augusto Gomes Cardim		R.11 - T.11
Pedro França Pinto, Coronel		R.7 - T.39
Pedro Rodovalho Marcondes Chaves		Q.29 - T.7
Pedro Vicente de Azevedo		R.4 - T.33
Pedro Voss		R.10 - T.12
Pérola Ellis Byngton		R.26 - T.27
Plínio Correia de Oliveira		R.1 - T.36
Quirino Avelino Pinto de Andrade, coronel		R.13 - T.36
Rafael Aguiar Paes de Barros		R.17 - T.24
Rafael Correia de Sampaio		Q.71 - T.2
Rafael de Abreu Sampaio Vidal		R.12 - T.36
Rafael Tobias de Barros (2º Barão de Piracicaba)		Q.1ª - T.1/3
Raimundo Duprat (Barão de Duprat)		Q.22ª - T.22
Reinaldo Porchat		R.9 - T.32
Renato da Costa Bonfim		Q.70 - T.3
René Thiollie		Q.62 - T.25/26
Ricardo Gumbleton Daunt		Q.52 - T.11
Ricardo Mends Gonçalves		R.8 - T.19
Ricardo Severo		R.29 - T.21
Rita Rodovalho (Condessa de São Joaquim)		R.22 - T.1j
Roberto dos Santos Moreira		R.15 - T.28
Roberto Maria de Azevedo Marques		R.17. T.3
Roque De Mingo		Q.68 - T.6
Sebastião de Oliveira Ribeiro		Q.3 - T.6
Sebastião José Pereira		R.17 - T.26
Sebastião Pais de Almeida		R.34 - T.9
Sebastião Soares de Faria		Q.48 - T.148
Sergio de Paiva Meira		Q.34 - T.28/29
Conde Silvio Penteado		Q.1ª - T.2, 4, 5
Tarsila do Amaral		Q.36 - T.46
Teodoro Bayama		Q. 54 - T.82/83
Tirso Martins		R.26 - T.1
Ulisses de Freitas Paranhos		R.10 - T.15
Valdomiro Silveira		Q.47 - T.62
Valério Vieira		Q.27 - T.6

RELAÇÃO DOS TÚMULOS DO CEMITÉRIO DA CONSOLAÇÃO

Nome da família ou titular	Grupo Escultórico	Localização
Venceslau de Queirós		R. 10 – T.22
Veridiana Valéria da Silva Prado		Q.13 – T.2
Vicente de Paula Vicente de Azevedo		Q.27 – T.1
Vicente de Paulo Dale Coutinho, general		R.16 – T.29
Vicente Larocca		Q.35 – T.11
Vicente Mamede de Freitas		R.21 – T.21
Vitorino Carmilo		R.21 – T.19
Waldemar Martins Ferreira		Q.56 – T.43
Walter Gerhard Forster		Q.22 ^a – T.10
Walter Seng		Q.29 – T.10/11
Washington Osório de Oliveira		Q.49 – T.36
William Braga Lee		Q.12 – T.1
Zalina Rolim		Q.67 – T.67
Zeferino Alves do Amaral		R.8 – T.29
Zeferino Vaz		R.38 – T.1
Não identificado	Capela em mármore, por Clerici	R. 2 – T.8
Não identificado	Coluna em mármore, século XIX	R. 2 – T.4
Não identificado	Capela em alvenaria, com anjo	R. 2 – T.19/23
Não identificado	Busto em mármore, por Tavolaro	R. 3 – T.16
Não identificado	Cristo e Virgem Maria em bronze, por Larocca	R. 4 – T. 27
Não identificado	Figuras em bronze, por Larocca	R. 4 – T.?
Não identificado	Anjo e globo terrestre em mármore, por Frangeschi	R. 5 – T. 40
Não identificado	Capela em mármore, pela Casa Tomagnini	R. 5 – T. 3/4
Não identificado	Figura em bronze, por R. de Mingo	R. 6 – T. 18/19
Não identificado	Cristo em bronze, por De Giusto	R. 7 – T. 6
Não identificado	Capela em granito, estilo Manoelino	R. 7 – T. 54
Não identificado	Figuras em bronze, por Emendabili	R. 8 – R. 6 ^a /6b
Não identificado	Baixo-relevo, por Fanucchi	R. 8 – T. 42
Não identificado	Figura em bronze, por Vogele	R. 9 – T. 18
Não identificado	Grupo escultórico e medalhão em bronze, por Zadig e Del Debbio	R. 9 – T. 45 ^a /45
Não identificado	Grupo escultórico, por Emendabili	R. 9 – T. 6 ^a /6b
Não identificado	Cristo e os legionários, relevo em bronze, por Zorlini	R. 10 – T. 20
Não identificado	Cristo carregando a cruz, bronze, por Frick	R. 10 – T. 35

RELAÇÃO DOS TÚMULOS DO CEMITÉRIO DA CONSOLAÇÃO

Nome da família ou titular	Grupo Escultórico	Localização
Não identificado	Figura em mármore, túmulo em granito	R. 11 – T. 17
Não identificado	Capela Art Nouveau	R. 17 – T. 31
Não identificado	Figuras em bronze, por Prati	R. 18 – T. 26
Não identificado	Medalhão em mármore, por F. Martinelli	R. 19 – T. 1
Não identificado	Criança e Anjo da Guarda em mármore, por Canessa	R. 19 – T. 25
Não identificado	Alto relevo em granito, por Ferri	R. 19 – T. 15
Não identificado	Figuras em mármore (Anjo, Sono Eterno, L'Offerta)	R. 19 – T. 21
Gelasio Pimenta, Vitoria Serva Pimenta e Alice Serva		R. 21 – T. 17
Não identificado	Túmulo em granito, por Lambert	R. 24 – T. 21/23
Não identificado	Cristo em bronze, por De Giusto	R. 25 – T. 14
Não identificado	Túmulo em mármore, pela Casa Martinelli	R. 25 – T. 3
Não identificado	Túmulo em mármore, pela Casa Martinelli	R. 25 – T. 4
Não identificado	Bandeira brasileira em granito (Revolução de 1932)	R. 26 – T.1a
Não identificado	Cristo em bronze, por De Giusto	R. 26 – T. 38
Congregação das Irmãs de São José (Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo)		R. 28 – T.23
Não identificado	Busto e pedestal com alto-relevo, em mármore	R. 28 – T.12/13
Zuleika de Almeida Camargo		R. 29 – T. 1a
Não identificado	Conjunto escultórico em bronze, por Bianchi e R. De Mingo	R. 29 – T.29
Não identificado	Cristo morto em granito, por Leite e Silva	R. 29 – T.9
Estevão de Souza Barros (conde de Barros) e Leonor de Souza Barros (Condessa de Barros)		R. 30 – T. 1/2/3
Não identificado	Cristo em bronze, por Giribaldi	R. 30 – R. 29
Não identificado	Cruz, figura e dossel em mármore	R. 31 – T. 12
Não identificado	Anjo em mármore, por Tomagnini	R. 34 – T. 26/27
Não identificado	São Francisco em bronze, por Zago	R. 34 – T. 135
Não identificado	Túmulo em granito, por Emendabili	R. 35 – T. 4
Não identificado	Figura em mármore	R. 35 – T. 11
Não identificado	Figura em mármore, medalhão em bronze, por Massa	R. 35 – T.26
Não identificado	Anjo e cruz em mármore, figura em mármore por Larocca	R. 35 – T. 32
Manoel Ernesto da Conceição (conde de Serra Negra) e Maria Justina de Resende (Condessa de Serra Negra)		R. 36 – T. 28
Não identificado	Miniatura de catedral néo-gótica, em mármore, montada pela Mamoraria Savóia	R. 37 – T. 1/2

RELAÇÃO DOS TÚMULOS DO CEMITÉRIO DA CONSOLAÇÃO

Nome da família ou titular	Grupo Escultórico	Localização
Não identificado	Figuras e pedestal em mármore, por Seyases e Wielkorski	R. 37 – T. 5ª/5b
Não identificado	Capela com grupo escultórico em bronze, por Starace	R. 37 – T. 7
Não identificado	Grupo escultórico em bronze, por Del Debbio	R. 37 – T. 13
Não identificado	Capela em granito e figuras em bronze, por Starace	R. 37 – T. 15
Não identificado	Capela em granito, alto relevo e figuras em bronze, por Zago	R. 37 – T. 15a
Não identificado	Capela com figuras e friso em bronze, por Starace. Figura e medalhão em bronze, por Zago	R. 37 – T. 15b
Não identificado	Cristo na Cruz, em bronze, por Zani	R. 37 – T. 18
Não identificado	Túmulo em mármore, por Tamagnini	R. 37 – T. 20
Não identificado	Grupo escultórico em bronze, por Larocca	R. 37 – T. 22b
Não identificado	Capela em granito, por Oliani	R. 37 – T. 23a
Álvaro de Salles Oliveira		R. 37 – T. 27
Não identificado	Figuras em bronze, por Bianchi e de Mingo	R. 37 – T. 28
Não identificado	Figuras em medalhão em bronze, por Pinto do Couto	R. 38 – T. 4/4a
Não identificado	Figura em bronze, por Bianchi	R. 38 – T. 17
Não identificado	Pietá em bronze, por Bianchi	R. 38 – T. 19/20
Não identificado	Figuras em bronze, por Del Debbio	R. 38 – T. 27/28
Não identificado	Túmulo em mármore, por Peragallo	R. 38 – T. 1
José Alves Barreto (Visconde de Nova Granada) e Ana Miquelina Alves Barreto (Viscondessa de Nova Granada)		R. 39 – T. 3
Não identificado	Figura em bronze, por Bussaca	R. 40 – T. 20
Não identificado	Velas e livro aberto, em granito por Prati	Q. 1 – T. 26
Ana Vicenzio Prado Pereira Pinto (Condessa Pereira Pinto)		Q. 1 – T. 14/16
Não identificado	Anjo e coluna em mármore	Q. 2 – T. 13
Domingos Corrêa de Moraes		Q. 2 – T. 19/20
Não identificado	Túmulo com anjo e Cruz, em mármore	Q. 2a – T. 15/16
Não identificado	Capela, imagem e cruz em mármore, pela Marmoraria Blanes	Q. 2ª – T. 15
Não identificado	Anjo, coluna e pira em mármore.	Q. 2ª - T. 2
Olavo Egydio de Souza Aranha		Q. 3 – T. 19
Não identificado	Busto em mármore	Q. 5ª – T. 3
Não identificado	Cristo em bronze, por De Giusto	Q. 6 – T. 11
Não identificado	Figura em mármore, por Graziozi	Q. 6 – T. 5

RELAÇÃO DOS TÚMULOS DO CEMITÉRIO DA CONSOLAÇÃO

Nome da família ou titular	Grupo Escultórico	Localização
Não identificado	Figura em bronze, por De Mingo	Q. 8 – T. 12
Não identificado	Figura em medalhão em bronze, pela Marmoraria Tomagnini	Q. 9 – T. 4a
Não identificado	Medalhão em bronze, por Zani	Q. 13 a – T. 10
Não identificado	Capela em granito, por Emendabili	Q. 14 ^a – T. 7
Hermann Burchard		Q. 16 – T. 26/27
	Imagem e alto-relevo em bronze, por Galvez	Q. 17 – T. 30
Não identificado	Túmulo e imagens, em mármore	Q. 21 – T. 4
Jules Martim Victor André	Efígie em bronze, por Zani	Q. 22 – T. 12
Não identificado	Alto-relevo e medalhão em mármore, por Zani	Q. 22 ^a – T. 13/14
João Alberto Sales		Q. 24 – T. 1
Não identificado	Capela Art Nouveau em mármore com anjos em alto-relevo	Q. 25 – T. 32/33
Não identificado	Capela em granito. Sagrada Família em bronze, por Del Debbio	Q. 25 a – T. 01
Não identificado	Figura em bronze, por Pavone	Q. 25 a – T. 5
Não identificado	Capela em granito, anjos em bronze, por Del Debbio	Q. 25 a – T. 16
Não identificado	Túmulo em granito, por Emendabili	Q. 28 – T. 3
Não identificado	Descida da Cruz, em bronze, por Del Debbio	Q. 31 – T. 3
Não identificado	Descida da Cruz, em bronze, por Zago	Q. 32 – T. 9
Não identificado	Pietá, em mármore, medalhões em bronze, por Carnellosso	Q. 32 – T. 11 ^a /11c
Não identificado	Mulher deitada sobre um caixão, em mármore	Q. 32 ^a – T. 42
Não identificado	Figura em bronze, por Del Debbio	Q. 33 – T. 7
Não identificado	Anjo tocando sino, em bronze	Q. 33 – T. 10
Congregação das Irmãs de São José		Q. 34 – T. 10
Não identificado	Anjo em mármore, por Tomagnini	Q. 34 – T. 26/27
João Bricola		Q. 35 – T. 4
Não identificado	Esculturas em mármore, Marmoraria Savóia	Q. 37 – T. 64/65
Não identificado	Alto-relevo em mármore, por Larocca	Q. 38 – T. 26
Maria da Cunha		Q. 39 – T. 1
Olival Costa		Q. 39 – T. 5
Não identificado	Figura em mármore, por Peragallo	Q. 39 – T. 10
Não identificado	Busto em bronze, por Zani	Q. 39 – T. 14a
Não identificado	Escultura em mármore, autoria não determinada	Q. 40 – T. 4/5
Congregação das Irmãs de São José		Q. 40 – T. 12
Congregação das Religiosas de Sion		Q. 42 – T. 19/20 ^a

RELAÇÃO DOS TÚMULOS DO CEMITÉRIO DA CONSOLAÇÃO

Nome da família ou titular	Grupo Escultórico	Localização
Dames de Saint Augustin de la Congregation de Notre Dame		Q. 43 - T. 1/2
Não identificado	Figura e cruz em mármore	Q. 44 - T. 4/5
Igreja Presbiteriana		Q. 44 - T. 86
Congregação das Religiosas do Sion		Q. 44 - T. 139
Não identificado	Escultura em bronze, de Prati	Q. 45 - T. 39
Não identificado	Escultura em bronze, de Starace	Q. 45 - T. 48
Túmulo de família japonesa, não identificada	Em granito, com ornatos, pela Marmoraria Paulo	Q. 46 - T. 41 a
Ministro Luís Roberto de Rezende Puech	Cristo em bronze, por Del Debbio	Q. 46 - T. 41a
Jorge Street		Q. 48 - T. 38
Não identificado	Figura em mármore, por J. Pucci	Q. 48 - T. 82/83
Não identificado	Medalhão em bronze, por Fanucchi	Q. 48 - T. 48
Não identificado	Figura em mármore, de autoria não determinada	Q. 48 - T. 19/20
Não identificado	Figura em mármore, por Larocca	Q. 48 - T. 5a
Não identificado	Medalhões em bronze, por Rocco	Q. 48 - T. 10
Não identificado	Capela com anjos em bronze, por Cucé e Zani	Q. 48 - T. 1/3
Não identificado	Túmulo em bronze, por Zampol	Q. 48 - T. 135
Não identificado	Capela em granito, com anjos e ornatos em bronze, por Ochieri & Barrieri	Q. 48c - T. 4/7
Não identificado	Capela em granito, com Cristo, por Starace	Q. 49 - T. 39
Não identificado	Figura, medalhão e alto-relevo em bronze, por Zago	Q. 49 - T. 42
Não identificado	Pietá e anjos em bronze, por Zago	Q. 50 - T. 9a
Não identificado	Túmulo em mármore, pela Marmoraria J. Pucci	Q. 50 - T. 29
Não identificado	Pietá, em bronze, por Galvez	Q. 50 - T. 38
Não identificado	São José e Menino Jesus, em mármore	Q. 50 - T. 118/120
Não identificado	Capela com medalhão, Cristo e anjos em bronze, por Zani	Q. 52 ^a - T. 1/2
Não identificado	Cristo no Calvário, em bronze, por Zani	Q. 52 a - T. 7
Não identificado	Capela em mármore pela marmoraria Itália	Q. 52 a - T. 33/34
Não identificado	Pietá em bronze, por Galvez	Q. 52a - T. 38
Congregação das Irmãs de São José		Q. 52a - T. 118/120
Não identificado	Capela com alto-relevo em bronze, por Prati	Q. 52 ^a - T. 103
Não identificado	Figura em mármore, por Starace	Q. 53 - T. 41
Não identificado	Anjo em mármore, por Francesconi	Q. 55 - T. 38
Jacomo Stavale		Q. 55 - T. 42
Não identificado	Túmulo com dossel, em mármore	Q. 55 - T. 49/50
Não identificado	Cristo crucificado em anjo, em mármore, pela Marmoraria Carrara	Q. 55 - T. 65

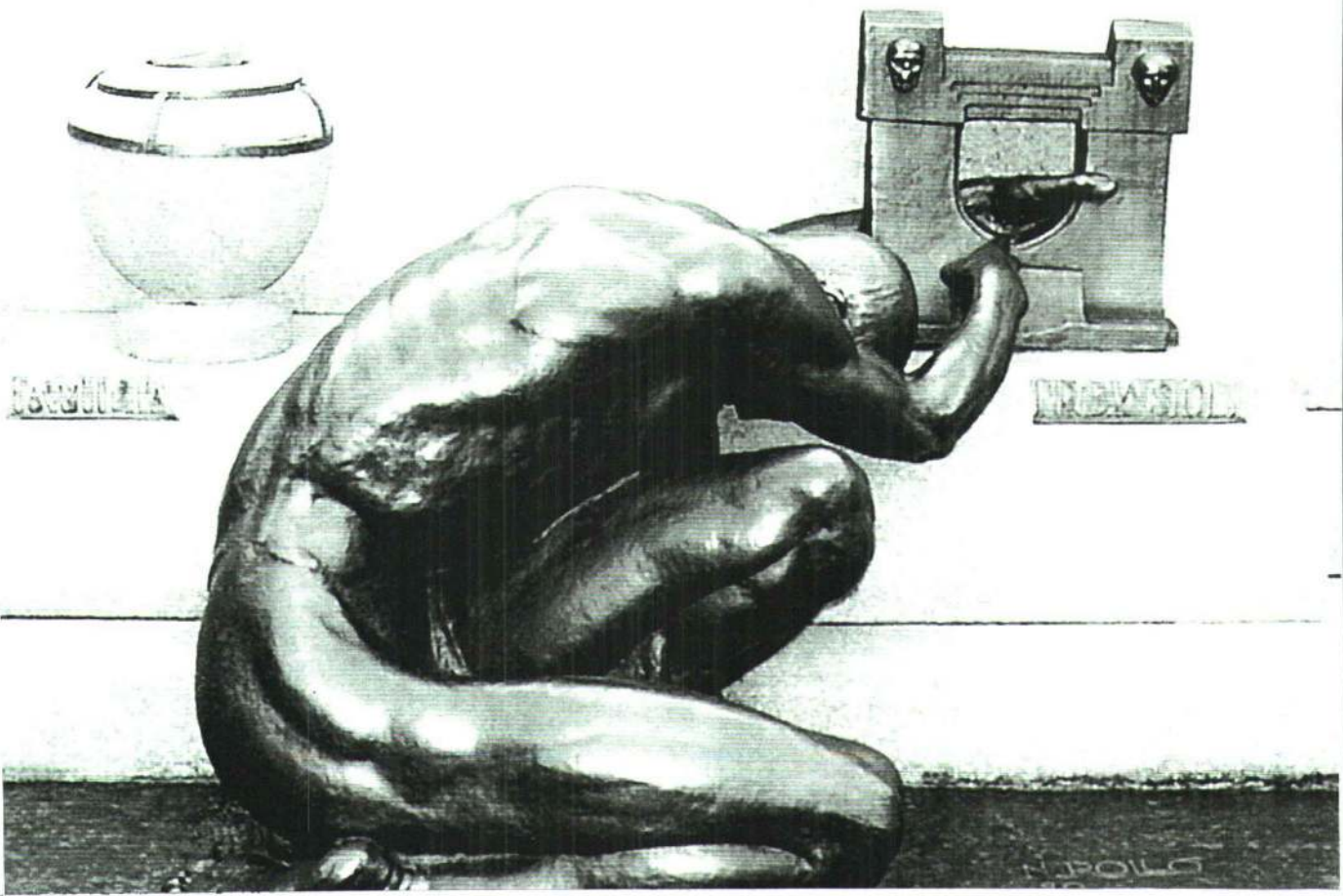
RELAÇÃO DOS TÚMULOS DO CEMITÉRIO DA CONSOLAÇÃO

Nome da família ou titular	Grupo Escultórico	Localização
Não identificado	Anjo em mármore, por Pucci	Q. 56 - T. 33
Não identificado	Cristo crucificado, em mármore, pela Marmoraria Carrara	Q. 56 - T. 65
Não identificado	Anjos em mármore, capela com dossel, por Emendabili	Q. 56 - T. 67
Afrodísio Formiga de Camargo Xavier		Q. 59 - T. 24
Não identificado	Alto-relevo em mármore, por Larocca	Q. 59 - T. 29
Samuel Ribeiro		Q. 60 - T. 23
Plínio Marques da Silva Ayrosa		Q. 62 - T. 30
Não identificado	Capela e anjo em mármore, por J. Pucci	Q. 63 - T. 11
Não identificado	Capela em mármore, por Galante	Q. 63 - T. 25
Antônio Paulino de Almeida		Q. 63 - T. 49
Não identificado	Anjo em mármore	Q. 64 - T. 15
Não identificado	Esculturas em bronze, por Busacca	Q. 64 - T. 28
Não identificado	Mãe e filho, em mármore, por Starace	Q. 65 - T. 28
Não identificado	Medalhão e alto-relevo em bronze, por Busacca	Q. 67 - T. 10
Pedro Ferraz do Amaral		Q. 76 - T. 28
Não identificado	Cristo em bronze, de autoria desconhecida	Q. 76 - T. 62
Não identificado	Capela, medalhão em bronze, por Fosca	Q. 77 - T. 1/2
Não identificado	Cristo na Cruz, em bronze, por Peragallo	Q. 79 - T. 1
Não identificado	Alto-relevo em bronze, por Frick	Q. 81 - T. 14d
Não identificado	Anjo e alto-relevo em bronze, por Carsoni	Q. 82 - T. 15
Franklin de Toledo Piza		Q. 82 - T. 16
Não identificado	Anjo, figuras e cabeça de mulher em bronze, por Starace	Q. 83 - T. 46

Folheto de Visitação
Pública do Cemitério da
Consolação, Serviço
Funerário do Município de
São Paulo

O Cemitério dos Imortais

A arte no Cemitério da Consolação



Folheto de visitação pública do Cemitério da Consolação, Serviço Funerário do Município de São Paulo



UM PASSEIO PELA VIDA DOS QUE FIZERAM HISTÓRIA

Em sua imensa extensão territorial, a cidade de São Paulo abriga inúmeras obras de arte nos locais mais inusitados. Um deles é o Cemitério da Consolação, fundado em 1858, com uma área de 76.340 m².

O paulistano pode encontrar ali cerca de 300 obras de artistas renomados como Victor Brecheret, Bruno Giorgi, entre outros, além de poder visitar os túmulos de centenas de personalidades que fizeram a história de nosso País, como Washington Luís, Monteiro Lobato e Tarsila do Amaral.

Belíssimas esculturas de anjos e figuras sacras transformam os jazigos em um registro da história da capital paulistana, desde os tempos dos barões do café e dos grandes industriais, que tiveram como morada templos feitos em autêntico mármore de carrara, bronze e granito.

Uma tradição no exterior, a visita a cemitérios é roteiro turístico quase obrigatório em cidades como Paris, Washington, Buenos Aires, entre outras, justamente pelas magníficas esculturas encontradas em túmulos de personagens que fizeram história.



Fotografias: Joaquim Duarte

Aberto à visitação pública diariamente, das 7 às 18h.
Rua da Consolação, 1660
Fone: (11) 3256-5919
Visitas monitoradas: (11) 3107-6449



800

MAPA DAS OBRAS



- 1 Rodolpho Bernardelli (Q. 82, T. 1/2)
- 2 Francisco Leopoldo e Silva (Q. 83, T. 11/12)
- 3 Nicola Rollo (Q. 83, T. 29/33)
- 4 Celso Antônio de Menezes (R. 38, T. 2)
- 5 Enrico Bianchi (R. 38, T. 19-A)
- 6 Celso Antônio de Menezes (R. 38, T. 30)
- 7 Galileo Emendabili (Q. 11, T. 16)
- 8 Amadeu Zani (Q. 13, T. 5)
- 9 Elio de Giusto (R. 7, T. 6)
- 10 Luigi Brizzolara (R. 7, T. 9/10)
- 11 Eugênio Prati (Q. 45, T. 39)
- 12 Marmoraria Savoia (R. 37, T. 1/2)
- 13 Materno Giribaldi (R. 37, T. 11/12)

- 14 Celso Antônio de Menezes (R. 37, T. 21)
- 15 Enrico Bianchi (R. 37, T. 28)
- 16 Eugênio Prati (Q. 52-A, T. 103)
- 17 Bruno Giorgio (Q. 17, T. 9)
- 18 Francisco Leopoldo e Silva (R. 30, T. 17)
- 19 Nicola Rollo (R. 11, T. 36)
- 20 Galileo Emendabili (R. 8, T. 6-A/B)
- 21 Nicolina Vaz de Assis Pinto Couto (Q. 36, T. 1/2)
- 22 Victor Brecheret (Q. 44, T. 150)
- 23 Elio de Giusto (R. 18, T. 51)
- 24 Victor Brecheret (R. 35, T. 1/2)
- 25 Jean Marie Joseph Magrou (R. 12, T. 19/20)

TÚMULOS DE PERSONALIDADES:

- 26 Marquesa de Santos (Domitília de Castro Canto e Melo)
1797/1867 - Benemérita
- 27 Tarsila do Amaral
1886/1973 Pintora (Q.36, T. 46)
- 28 José Bento Monteiro Lobato
1892/1948 Escritor (Q. 28, T. 1/2)
- 29 Mário de Andrade
1893/1945 Escritor (R. 17, T. 1)
- 30 Conde Francisco Matarazzo
1854/1937 Empresário (Q. 82, T. 4/12)



801



Serviço Funerário do Município de São Paulo - Viaduto Dona Paulina, s/nº - Centro - Tel. (11) 3247-7000 - fmpress@ig.com.br

PREFEITURA DA CIDADE DE

São Paulo



GOVERNO DA RECONSTRUÇÃO

Folheto de visitação pública do Cemitério da Consolação, Serviço Funerário do Município de São Paulo